



clássicos
em **HQ**



clássicos
em HQ

Apresentação

O volume que você tem em mãos reúne trechos de álbuns da coleção *Clássicos em HQ*, textos sobre as obras literárias quadrinizadas e seus autores, testemunhos dos artistas envolvidos, além de entrevistas com os quadrinistas e roteiristas, feitas especialmente para esta edição. Criada em 2005, com a adaptação de Caco Galhardo para o clássico de Cervantes *O engenhoso fidalgo D. Quixote de la mancha* (1605), a coleção vem conquistando leitores jovens e experientes, de quadrinhos e da literatura, em espaços formais e informais de educação.

Com dez títulos já publicados e cinco a caminho, essa empreitada em que tantos se aventuraram juntos é conduzida por alguns princípios norteadores surgidos da experiência editorial. O primeiro deles é o de que os artistas que se aventuram nas traduções para quadrinhos são leitores apaixonados pela obra clássica escolhida para adaptar, ou recriar, ou traduzir, ou tudo isso junto. A ideia da coleção é apresentar ao público uma leitura possível da obra, e não, logicamente, a única – mas ela deve ser a leitura de um leitor sagaz. O segundo critério é que se mantenham nos quadrinhos, em seus balões ou recordatórios, apenas textos originários da obra literária matriz – daí a escolha de traduções consagradas em língua portuguesa de obras em outros idiomas, o terceiro princípio da coleção.

Além de se deparar com grandes mitos literários e episódios antológicos da literatura universal, o leitor encontrará neste volume três artigos teóricos, que possibilitam conhecer conceitos que têm inspirado essa construção cole-

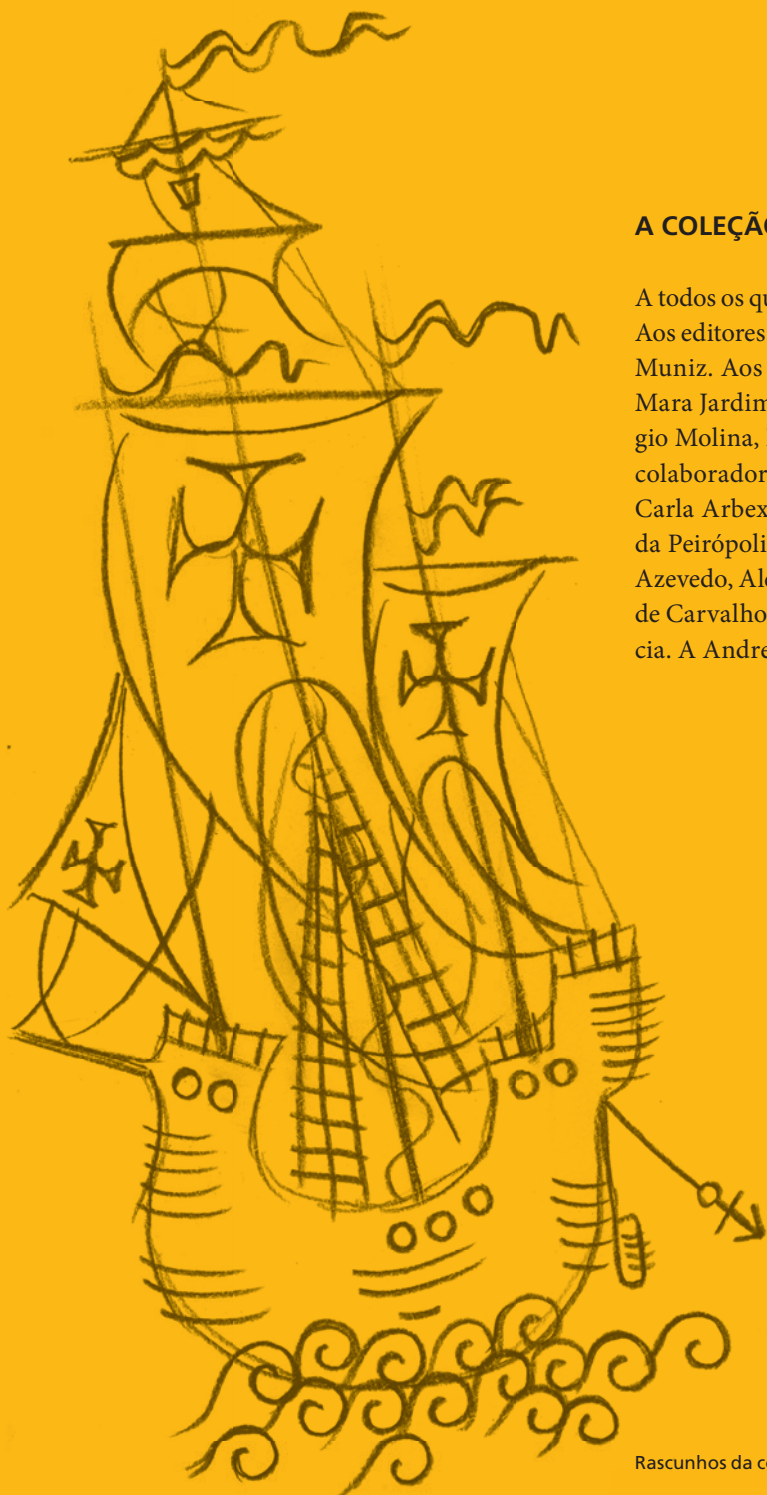
tiva: “por que ler os clássicos?”, “a história da quadrinização de clássicos no Brasil”, e, por fim, “o conceito de HQ como tradução do texto literário”, em que se pescam as imagens a partir de uma rede textual plena de significados.

Nessa aventura pelo cânone literário de cada cultura, nação e idioma, a equipe da Peirópolis, editores e consultores convidados, tem crescido muito, encontrado várias outras naus e, especialmente, várias mensagens enviadas de portos seguros e terras firmes. Os quadrinhos ganham novo público, dentro e fora da sala de aula, e passam a ser reconhecidos não apenas pela sua função comunicadora e sua capacidade de oferecer apoio pedagógico para a leitura e a escrita, para as artes e para a história. Passam a ser revalorizados por sua poética que integra imagem e texto em quadros sequenciais separados por um corte gráfico, chamado “calhau”, lugar próprio da linguagem dos quadrinhos onde reside toda a magia do tempo e a imaginação do leitor.

Agradecemos a todos os quadrinistas, roteiristas, consultores, editores, profissionais do livro e colaboradores amigos, pela companhia neste catálogo. E especialmente a Denyse Cantuária, Luciana Tonelli e Mauricio Muniz, editores convidados da coleção em períodos distintos. Os direitos de todas as imagens e textos aqui contidos foram gentilmente cedidos por seus autores para uma tiragem limitada de 1.500 exemplares com distribuição gratuita.

RENATA FARHAT BORGES

Editora



A COLEÇÃO CLÁSSICOS EM HQ AGRADECE:

A todos os quadrinistas, coloristas e roteiristas aqui citados. Aos editores Denyse Cantuária, Luciana Tonelli e Maurício Muniz. Aos consultores literários Maria Teresa Arrigoni, Mara Jardim e Maurício Soares Filho. Aos tradutores Sérgio Molina, Boris Schaiderman e Mário de Carvalho. Aos colaboradores Susana Ventura, Cassiano Elek Machado, Carla Arbex, Helena Salgado e Tereza Kikuchi. A equipe da Peirópolis em agosto de 2013: Lilian Scutti, Conceição Azevedo, Alexandra Abdala, Izabel Mohor, César Eduardo de Carvalho, Rhuan Pereira, Márcia Araujo e Murilo Garcia. A Andrea Funk, Luci Mello e sua equipe.

Sumário

9	Por que ler os clássicos?
13	Quadrinizar a literatura ou literaturizar o quadrinho?
23	HQ como tradução
31	ÁLBUNS PUBLICADOS
33	<i>Dom Quixote em quadrinhos</i>
47	<i>Os Lusíadas em quadrinhos</i>
61	<i>O corvo em quadrinhos</i>
75	<i>Demônios em quadrinhos</i>
89	<i>Auto da barca do inferno em quadrinhos</i>
103	<i>Conto de escola em quadrinhos</i>
117	<i>A Divina Comédia em quadrinhos</i>
131	<i>Frankenstein em quadrinhos</i>
145	<i>I-Juca Pirama em quadrinhos</i>
159	<i>Eu, Fernando Pessoa em quadrinhos</i>
175	<i>A mão e a luva em quadrinhos</i>
191	<i>Dom Quixote em quadrinhos – volume 2</i>
205	ÁLBUNS EM PRODUÇÃO
206	<i>Odisseia</i>
216	<i>A morte de Ivan Ilitch</i>
226	<i>Fausto</i>
234	<i>Os sofrimentos do jovem Werther</i>
236	<i>Édipo Rei</i>
238	<i>Orlando</i>
240	Leitura complementar
243	Classics in comics

DE COMO CHEGARAM À BARCELONA E SE HOSPEDARAM NA CASA DE D. ANTONIO MORENO.



Por que ler os clássicos?

Wilton José Marques*

De maneira geral, pensar em literatura, por prazer ou mesmo por profissão, também tem lá os seus riscos, tanto que existem algumas perguntas que, com o passar dos tempos, sempre teimam em reaparecer na ordem do dia, ansiando novas respostas a velhos dilemas. Acredita-se que, por conta dos momentos diferentes, as respostas talvez possam ser diferentes. De todo modo, a inexistência de respostas prontas é, ao mesmo tempo, a melhor explicação para o eterno retorno das perguntas. Aliás, diga-se de passagem, que tanto em literatura quanto no exercício da crítica literária, respostas sedimentadas e únicas não costumam durar muito. Entretanto, antes de se conjecturar que isso possa significar um aparente beco sem saída, não custa lembrar que a ausência de respostas, ao contrário do que parece, é sempre algo interessante, pela razão óbvia de abrir novamente a possibilidade de se pensar na pergunta. E é aí que está toda a graça da brincadeira. Assim, entra ano, sai ano, e uma dessas, que inevitavelmente volta à baila, é a seguinte: *por que ler os clássicos?*

De saída, a primeira dificuldade que assombra tal pergunta é a de justamente tentar definir o que diabo é um clássico literário. A despeito de a própria “elasticidade” do termo comportar várias definições, a obra clássica pode ser pensada como aquela que, ao longo do tempo, acaba por se tornar um referencial fundante para a literatura, seja em termos locais, seja em termos universais. Ou ainda, para usar uma das dezesseis possibilidades de definição do dicionário Aurélio – que, aliás, é um clássico –, “diz-se de ou obra ou autor que, por sua originalidade, pureza de expressão e forma irrepreensível, constitui modelo digno de imitação”. Em resumo, é possível associar à ideia de obra clássica tanto a necessi-

dade de certo reconhecimento ao longo do tempo, quanto a verdade de que, fatalmente, ela se tornará um modelo para outros autores. Ambos, obviamente, chancelados por leitores e críticos.

De fato, tempo e modelo são dois pontos de partida interessantes. Ainda que se possa dizer que algumas obras sejam clássicas de nascença, a maturação do tempo costuma ser a prova dos nove de uma obra literária, permitindo que olhares críticos dos mais diversos matizes se debruçam sobre ela, confirmando ou não o seu estatuto. Sem maiores dificuldades, é perceptível que várias obras literárias transcendem seu próprio tempo histórico e, a cada nova leitura, continuam a suscitar discussões, ampliando o alcance do debate estético em torno delas. E mesmo hoje, quando quase tudo se torna descartável e leva, erroneamente, alguns leitores e críticos a acharem que o diálogo necessário com a história, e consequentemente com a tradição, não serve para nada em literatura, não é possível fugir dessa simples verdade, isto é, a de que o indício de perenidade de uma obra só vem mesmo com o tempo.

Em outras palavras, bem lido, o texto clássico tem o poder (talvez secreto?) de entranhar inquietações na alma do leitor, sobretudo quando tematizam problemas e situações que, no limite, preocupam-se – a todo o momento – em lembrar ao ser humano que este não pode se esquecer de sua própria humanidade.

* Texto publicado primeiramente em *Cândido*. Curitiba: Biblioteca Pública do Paraná, n. 20, março de 2013, p. 32 -35



Ilustração de *Dom Quixote em quadrinhos* (volume 1), por Caco Galhardo

Já quanto à noção de modelo (e modelo deve ser aqui pensado de maneira mais ampla e não apenas no sentido aristotélico do termo consagrado pela crítica), é preciso levar sempre em conta que algumas obras, construídas a partir de premissas estéticas algo datadas, transformam-se em modelos não apenas em função do comprometimento exemplar de seus autores para com tais premissas, mas porque, na verdade, elas trazem em si algo a mais,

algo que, se compreendido, amplia, e muito, a capacidade de o leitor sentir e entender o mundo e suas inerentes contradições. Em outras palavras, bem lido, o texto clássico tem o poder (talvez secreto?) de entranhar inquietações na alma do leitor, sobretudo quando tematizam problemas e situações que, no limite, preocupam-se – a todo o momento – em lembrar ao ser humano que este não pode se esquecer de sua própria humanidade. Nessa mesma direção, o crítico Antonio Candido, discutindo o direito universal à fruição da arte, observa com a lucidez de sempre que a literatura “desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade, o semelhante”. E nos dias de hoje, regidos pela lógica do individualismo e do sucesso a qualquer preço, a lembrança de humanidade é absolutamente necessária.

A leitura de um clássico, no entanto, pode apresentar eventuais dificuldades. Às vezes, a própria palavra “clássico” cria no leitor um anteparo de medo que não apenas o constrange mas, o que é pior, afasta-o do livro. Mas, como se sabe, o conhecimento não é algo dado assim de graça, é preciso buscá-lo. Com um pouco de esforço, já que os percalços intelectuais também legitimam o saber, o leitor poderá conhecer mundos e personagens que são paradigmas fundamentais da própria cultura universal. Afinal de contas, a experiência de ler obras, por exemplo, como as de Homero, Shakespeare, Cervantes, Machado de Assis, Graciliano Ramos, Guimarães Rosa, é um convite per-

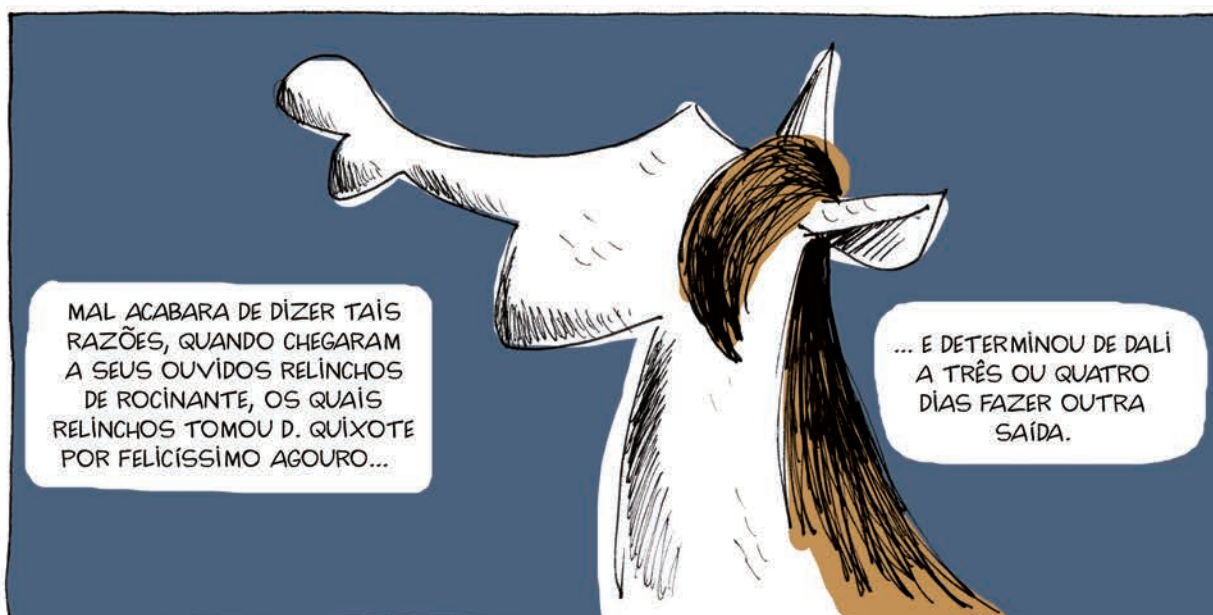


Ilustração de *Dom Quixote em quadrinhos volume 2*, por Caco Galhardo

manente à reflexão, seja sobre o mundo, seja sobre o indivíduo. Um grande texto nunca se esgota na primeira leitura, sempre existe alguma coisa a ser percebida ou algum segredo a ser decifrado. Aliás, talvez por causa dessa mesma percepção é que o escritor italiano Ítalo Calvino, em livro famoso, cujo título é o mesmo deste artigo, tenha observado com todas as letras que “clássicos são aqueles livros dos quais, em geral, se ouve dizer: estou relendo e nunca estou lendo”.

De todo modo, lendo ou relendo, o que de fato importa é que a leitura de um clássico é antes de qualquer coisa um passaporte seguro que pode muito bem conduzir o leitor a um saber reflexivo e (por que não?) ao prazer. E, no caso brasileiro, cuja democratização universal ao acesso à cultura letrada, a despeito dos progressos, ainda está por vir, ela é ainda mais necessária. País justo é o que prima pela educação e disseminar livros (clássicos ou não) já é um bom começo. Então é preciso sempre ler pela primeira ou enésima vez, já que a literatura e os clássicos de modo geral são igualmente formas especiais de conhecimento que aju-

dam o leitor, ainda segundo mestre Candido, a não apenas “conhecer os sentimentos e a sociedade”, mas, sobretudo, “a tomar posição em face deles”. Ou seja, ter uma posição crítica sobre o mundo passa inevitavelmente pela reflexão sobre ele, e os clássicos estão aí para serem lidos.

Enfim, para citar um clássico brasileiro, se “viver é”, de fato, “muito perigoso”, ler um clássico é, nesse sentido, igualmente um risco, já que, na maioria das vezes, existe a real possibilidade de o leitor (ainda que desprevenido) sair do livro um pouco melhor do que quando entrou nele, o que, de todo modo, já um ganho significativo. Ou então, para rematar o problema, e recorrendo outra vez a Ítalo Calvino, nada como a velha e boa obviedade: “a única razão que se pode apresentar é que ler os clássicos é melhor do que não ler os clássicos”. Quem ler, verá...

WILTON JOSÉ MARQUES – Professor de Literatura Brasileira e Teoria Literária da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) e autor de *Gonçalves Dias: o poeta na contramão* (2010) (Prêmio Jabuti/2011).

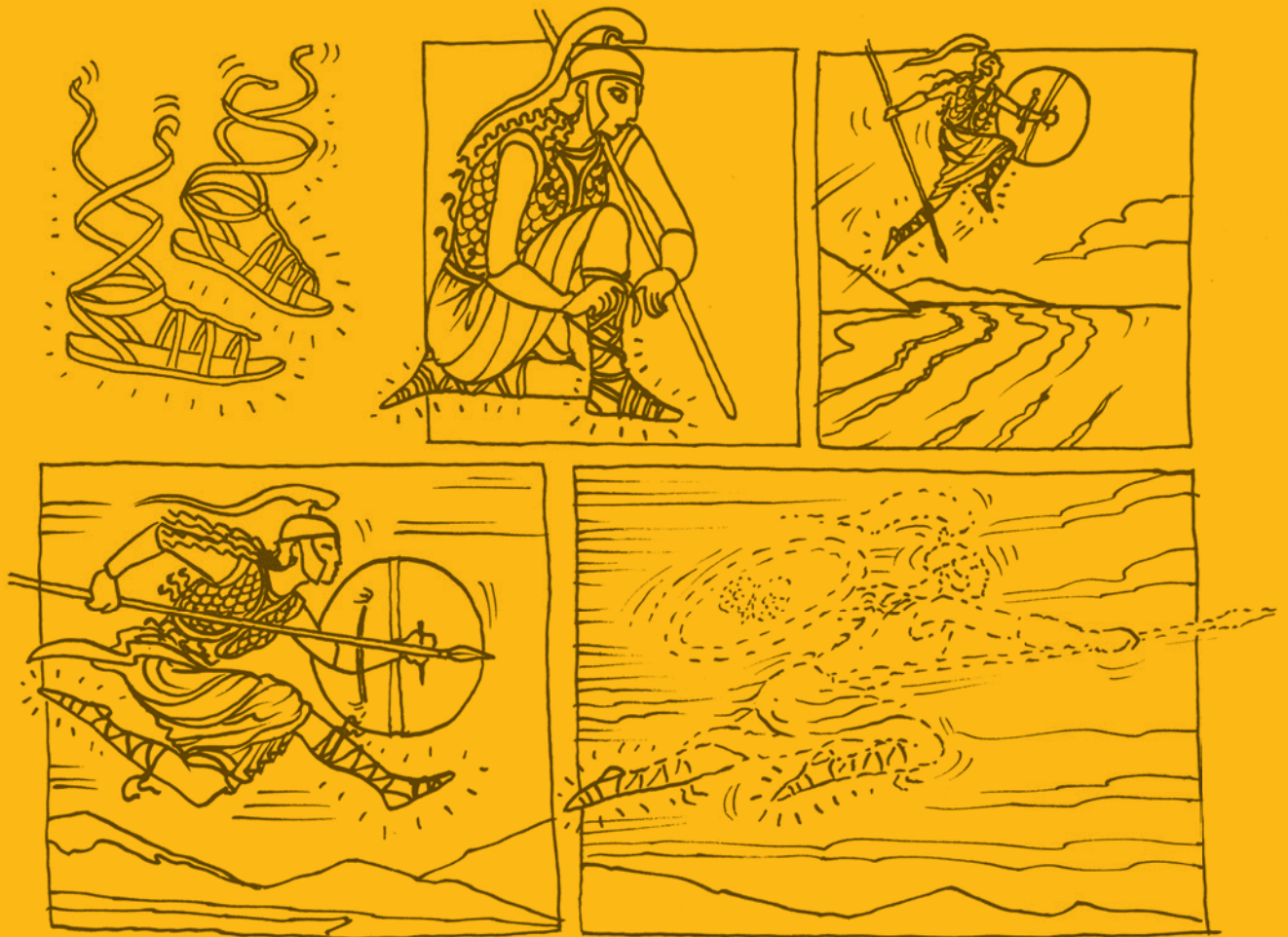


Ilustração de Piero Bagnariol, publicada no ensaio de Andreza Caetano. "Retórica das imagens" in: *Pescando imagens com rede textual: HQ como tradução*.

Quadrinizar a literatura ou literaturizar o quadrinho?

Fabiano Azevedo Barroso*

A LINGUAGEM DOS QUADRINHOS

Discorrer sobre a história em quadrinhos como uma tradução entre linguagens, como abordamos neste estudo, é uma ideia, para nós, fascinante porque traz à tona e revigora (recicla, renova) o discurso de alguns dos mais brilhantes teóricos da HQ, como Moacyr Cirne e Paulo Ramos.

Embora este último seja mais conhecido atualmente, especialmente por seu trabalho como webjornalista, a parca produção (referimo-nos a uma produção de qualidade reflexiva) de trabalhos acadêmicos a respeito da linguagem dos quadrinhos é pouco conhecida e, principalmente, pouco usufruída.

Os quadrinhos sempre foram um tema de discussão acadêmica; todavia, estiveram alocados muito mais no âmbito de um produto gerado e desenvolvido pela indústria cultural que floresce a partir do advento e da massificação da imprensa do que dentro da perspectiva de obra única, irreproduzível e quiçá como um manuscrito autógrafa valioso e reservado para poucos.

O fenômeno quadrinístico do século XX, qual seja a criação e o avanço de uma manifestação gráfico-literária desenhada, impressa e reproduzida em grande escala, lida e popularizada por milhões de leitores das mais diversas classes sociais, é, por um lado, algo que já foi abordado e estudado à exaustão. Que o digam Umberto Eco¹, Ariel

Dorfman e Armand Mattelart², Sonia Bibe Luyten³ e outros. Por outro lado, pensar os quadrinhos como manifestação artística, nivelá-los com a literatura e inseri-los dentro da própria história da arte e, ainda, encontrar e definir suas escolas, seus gêneros e sua poetização, bem como suas relações com as outras manifestações artísticas, são tarefas ainda por serem feitas. A hipótese de nivelá-los chega mesmo a ser polêmica. Todavia, os pontos em comum entre essas duas artes são muitos. A história em quadrinhos é uma linguagem que pode conter uma imensa gama de simbologia, ditada pela arte, pelo ritmo, pela estrutura narrativa, pela temática e, claro, por suas especificidades, tão particulares. A principal delas, a nosso ver, é a forma como se dá o relacionamento entre autor e leitor, sendo este último não somente um leitor, um coadjuvante, mas um coautor, de forma muito mais decisiva e participativa do que em outras manifestações artísticas. Digamos que os quadrinhos maximizam uma característica já muito presente em Machado de Assis, com suas frequentes “interpelações ao leitor”, lançando hipóteses, dúvidas, premissas. Se Machado as faz com relativa frequência, os quadrinhos utilizam-se delas como regra. O que se mostra relevante, no entanto, é a utilização de uma mesma estratégia de comunicação entre leitor e autor.

* Este ensaio faz parte do livro *Pescando imagens com rede textuais: HQ como tradução* (São Paulo, Peirópolis, 2013).

1 Em sua obra *Apocalípticos e integrados*, na qual, pela primeira vez, um estudioso aplica a semiótica à linguagem dos quadrinhos, propondo uma “gramática do enquadramento”. ECO, Umberto. *Apocalípticos e integrados*. São Paulo: Perspectiva, 1974.

2 Em *Para ler o Pato Donald*, em que os autores relacionam a leitura da obra de Walt Disney em quadrinhos como forma de dominação cultural por parte dos EUA. DORFMAN, Ariel; MATTELART, Armand. *Para ler o Pato Donald – Comunicação de massa e colonialismo*. São Paulo: Paz e Terra, 1977.

3 Em *Mangá – o poder dos quadrinhos japoneses*, a pesquisadora, além de contar a história do quadrinho no Japão, analisa a força e a influência dos gibis no dia a dia daquele país. LUYTEN, Sonia M. Bibe. *Mangá – o poder dos quadrinhos japoneses*. São Paulo: Estação Liberdade, 1991.

O leitor é figura recorrente e fundamental na ficção machadiana. Uma figura com a qual os narradores machadianos estão em constante “tuteio”, termo que Augusto Meyer usou para se referir ao fenômeno da frequente interpelação do leitor. Esse tuteio (do verbo tutear, tratar como tu), muito evidente nas *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, perpassa toda a produção ficcional de Machado de Assis, e é parte importante do processo narrativo desde *Ressurreição*, o primeiro romance, de 1872, até o *Memorial de Aires*, de 1908.⁴

Destarte, podemos entender que as HQs levam à frente um estratagema literário que, segundo Cirne, acaba por produzir “uma narrativa gráfico-visual, impulsionada por cortes que agenciam imagens rabiscadas, pintadas ou desenhadas. O lugar significativo do corte – que chamaremos de corte gráfico – será sempre o lugar de um corte espaço-temporal, a ser preenchido pelo imaginário do leitor”⁵. É neste corte, tão próprio dos quadrinhos, chamado por Moacy Cirne de “corte gráfico”, mas que já foi denominado, por professores e teóricos da HQ, sarjeta⁶, entrequadro ou entorno⁷, que reside boa parte da participação do leitor, criando e definindo tudo aquilo que se passa (e como se passa), ou o que pode se passar, entre um quadro e outro, dimensionando o tempo e o ritmo à sua maneira. O corte gráfico – como a *interpellatio* (interrupção/interpelação) na literatura – incentiva, interpela, acalma, fustiga ou, simplesmente, influencia o receptor.

Deste modo, Machado de Assis provoca seu leitor ao cortar sua narrativa no espaço da leitura e no tempo (um foi o tempo de produção, outro o de recepção) e permitir que a qualquer momento o leitor possa produzir uma nova narrativa:

A minha ideia, depois de tantas cabriolas, constituir-se-ia ideia fixa. Deus te livre, leitor, de uma ideia fixa; antes um argueiro, antes uma trave no olho. (...) Era fixa a minha ideia, fixa como... Não me ocorre nada que seja assaz fixo

nesse mundo: talvez a lua, talvez as pirâmides do Egito, talvez a finada dieta germânica. Veja o leitor a comparação que melhor lhe quadrar, veja-a e não esteja daí a torcer-me o nariz, só porque ainda não chegamos à parte narrativa destas memórias.⁸

Assim também, nas HQs o espaço entre um quadro e outro incita o leitor a criar momentos da história que não estão desenhados, mas estão implícitos, “escondidos” entre dois quadrinhos. Ao autor, toca dominar a linguagem, mas não só: é preciso, também, compreender este jogo a distância, esta relação que envolve, também, certa experiência prévia com a leitura de imagens. O quadrinista e estudioso norte-americano Scott McCloud define, de maneira sintética, a forma como se dá esse jogo: “Nada é visto entre dois quadros, mas a experiência indica que deve ter alguma coisa lá. (...) Os quadros das histórias fragmentam o tempo e o espaço, oferecendo um ritmo recortado de momentos dissociados. Mas a conclusão nos permite conectar esses momentos e concluir mentalmente uma realidade contínua e unificada”⁹. Esta artimanha autoral talvez seja a “grande jogada” para instaurar o gosto pela literatura nos iniciantes da leitura.

Interpelar o leitor, interagir com ele dentro das variedades desconhecidas dos múltiplos leitores nos leva a pensar nessas linguagens – literária e quadrinística – como o que melhor sintetiza a “obra aberta” sugerida por Umberto Eco, ou, numa visão mais poética (ou literária) a “obra inacabada” que Borges propõe, brilhantemente, em “Pierre Menard, autor do Quixote” e outros textos não menos inventivos. No conto mencionado, a tradução se dá no ato de leitura quando Menard se torna ele mesmo “autor” do Quixote: “Menard (talvez sem querer) enriqueceu mediante uma técnica nova a arte detida e rudimentar da leitura: a técnica do anacronismo deliberado e das atribuições errôneas”¹⁰.

Se uma (boa) história em quadrinhos é, por força de suas características de linguagem, uma eterna obra aberta – como de resto é possível a toda obra de arte –, na qual o receptor deve inserir algo de *seu* para concretizar a leitura,

4 GUIMARÃES, Hélio de Seixas. A precariedade do leitor e da leitura nas *Memórias Póstumas de Brás Cubas*. In: II Congresso da História do Livro e da Leitura no Brasil, 2003, Campinas. 14º Congresso de Leitura do Brasil. Campinas: Associação de Leitura do Brasil, 2003. Disponível em: <alb.com.br/arquivo-morto/edicoes_anteriores/anais14/.../H051.doc>.

5 CIRNE, Moacy. *Quadrinhos, sedução e paixão*. Petrópolis: Vozes, 2000, p. 23.

6 McCLOUD, Scott. *Desvendando os quadrinhos*. São Paulo: Makron Books, 1995.

7 ANDRADE, Carlos; ALEXANDRE, Silvio (org.) *Prática de escrita: histórias em quadrinhos*. São Paulo: Terracota, 2008.

8 ASSIS, Joaquim Maria Machado de. *Mémórias póstumas de Brás Cubas*. Disponível em: <http://machado.mec.gov.br/images/stories/pdf/romance/marm05.pdf>.

9 McCLOUD, Scott. *Desvendando os quadrinhos*. São Paulo: Makron Books, 1995, p. 67.

10 BORGES, Jorge Luis. Pierre Menard, autor do *Quixote*. In: *Ficções*. Tradução de Davi Arrigucci Jr. São Paulo: Companhia das Letras, 2007, p. 34-45. O trecho citado está na p. 44.

o que pensar do ato de leitura que pretende transpor a obra literária para os quadrinhos? É viável pensar a HQ como “tradução”, sugerindo, por conseguinte, que estamos falando de “idiomas” diferentes?

Pensamos que sim, na medida em que teremos, então, duas obras abertas – o texto em sua língua original e sua releitura na forma gráfico-visual dos quadrinhos – e na medida em que ambas possam, naturalmente, ser objeto de reflexão, estudo ou poetização, por parte do receptor, do autor e do tradutor. Mas no momento em que se escreve este texto, vive-se um *boom* editorial – provocado por medidas estatais em relação aos quadrinhos e ao processo educativo – no mercado nacional com as adaptações literárias para a linguagem dos quadrinhos. Questionar o resultado destas adaptações não será nosso escopo. Todavia, pretendemos oferecer em panorama a trajetória deste percurso, revisitando, de forma sintética, a história destas recuperações do texto literário por meio de HQs no Brasil.

HISTÓRICO DA LITERATURA EM QUADRINHOS NO BRASIL

A primeira metade do século XX não foi prolífera no que diz respeito a este tipo de produção no Brasil. Isso não significou, porém, que o país não fosse consumidor de quadrinhos naquele período; de fato, os brasileiros leram muito as histórias em quadrinhos; todavia, carece ter em mente que a grande maioria das histórias lidas em nosso território nacional até meados da década de 1950 é formada de material estrangeiro, sobretudo dos Estados Unidos.

A primeira adaptação¹¹ literária publicada no país foi *Tarzan*, história em quadrinhos realizada pelo norte-americano Hal Foster a partir do livro homônimo de Edgar Rice Burroughs. *Tarzan* saiu em capítulos, a partir de 1934, no Suplemento Infantil, caderno editado pelo jornalista Adolfo Aizen que vinha encartado no periódico fluminense *A Nação*. Reproduziram-se os desenhos, manteve-se o texto integral, traduzido do inglês para o português, que vinha na forma de legendas abaixo dos quadros. Entretanto, os objetivos dessa adaptação diferem daqueles que veremos nas adaptações que se seguem; os propósitos do editor ao apresentar a história de *Tarzan* em quadrinhos

não abrangeram intenções pedagógicas, nem intentaram popularizar o texto original; ao contrário, foi precisamente a grande popularidade do texto (publicado na forma de *pulps* ou edições de bolso vendidas a preços populares a partir de 1914) que incentivou suas adaptações – tanto para o cinema quanto para o quadrinho. Trata-se, aqui, portanto, de um caso de licenciamento: a obra é vista como a matriz de produtos a serem aproveitados em diferentes mídias e segmentos da indústria, algo bastante corriqueiro nos dias de hoje, enfim.

O Brasil deu o pontapé inicial e a versão de textos, sobretudo os clássicos, para o idioma gráfico dos quadrinhos teve início de forma significativa, a partir de 1941, nos EUA – então o maior produtor e exportador de quadrinhos mundial. Neste ano estreia a série *Classics Comics* (depois chamada de *Classics Illustrated*), trazendo obras da literatura mundial – os “clássicos” – transposta para os quadrinhos.

A medida, porém, resultou em histórias pouco ousadas, que procuravam manter a mais estreita relação formal e estrutural com o livro original; apesar de os títulos fazerem referência aos “clássicos”, eram adaptados, geralmente, folhetins e romances voltados para o público juvenil, como as obras de Júlio Verne e as novelas de Alexandre Dumas. O aspecto mais importante daquelas adaptações não era a história em quadrinhos em si, mas a obra de que se originavam: as capas, por exemplo, não destacavam o nome do autor da adaptação, apenas o nome do escritor do livro. Mesmo assim, a série foi ilustrada por alguns dos quadrinistas mais importantes da época, como Jack Kirby, Reed Crandall e John Severin.

A EBAL, a maior editora nesta época de quadrinhos no Brasil, em sintonia como mercado, passa a traduzir e publicar a série *Classics Illustrated* no ano de 1948. Adolfo Aizen, agora diretor da EBAL, deu à versão brasileira da série o nome de *Edição Maravilhosa*. No número 1 da série, intitulado *Os três mosqueteiros* e publicado em julho de 1948, seu editorial registra o seguinte aviso aos leitores: “A ideia nasceu assim: se o leitor gosta de histórias em quadrinhos, é sinal de que as gosta completas; muito mais as gostará se, ao invés de uma história de seis a dez capítulos, encontrar um romance, um romance completo com 60 páginas!”¹² Efetivamente, a partir dessas palavras, pode-se perceber que o editorial refletia parte de uma exaustiva campanha, feita por Aizen, em defesa das histórias em quadrinhos – vistas por muitos setores, desde o surgimento da

11 O termo “adaptação” é a forma como vêm sendo tratadas todas as reescritas da literatura em quadrinhos até os dias de hoje no Brasil. Mantivemos assim essa terminologia, utilizamos para nossas propostas a nomenclatura “tradução” como uma marca para o que julgamos ser distinto do que se vem fazendo até então.

12 *Edição Maravilhosa* n. 01, Rio de Janeiro: EBAL, julho de 1948, p. 3.



EBAL, como algo potencialmente nocivo e capaz de levar as crianças à “preguiça mental”.

No contexto brasileiro, importa dizer que um dos principais motivos das críticas aos quadrinhos deveu-se ao fato de estarmos diante de uma massiva publicação de material estrangeiro e demorou ainda mais dois anos para que a EBAL publicasse a primeira adaptação de um clássico da literatura brasileira.

Em junho de 1950, o número 24 de *Edição Maravilhosa* trazia para o público o romance *O Guarani*, de José de Alencar, em quadrinização do haitiano radicado no Brasil André Leblanc. Foi o primeiro título a trazer o nome do autor da adaptação na capa – o que estranhamente se repetiu apenas quando o próprio Leblanc era o autor. A *Edição Maravilhosa* continuaria publicando obras de autores americanos, mas, uma vez ao ano pelo menos, saíam obras nacionais: a *O Guarani* se seguiriam *Iracema*, em janeiro de 1951, *O tronco de ipê*, em março de 1952, e *Ubirajara*, em outubro do mesmo ano. Sempre obras de José de Alencar, que apareciam quadrinizadas sempre por André Leblanc.

Em 1953 temos, enfim, novos autores: chegam então *A moreninha*, de Joaquim Manuel de Macedo, em quadrinização de Gutemberg Monteiro, e *Cabocla*, de Ribeiro Couto, adaptado por José Geraldo. A partir daí, as adaptações de obras brasileiras se tornaram mais frequentes. Além dos escritores citados, autores como José Lins do Rêgo, Bernardo Guimarães, Raul Pompéia, entre muitos

outros, foram adaptados para os quadrinhos da *Edição Maravilhosa*.

Se o nome dominante, entre os autores brasileiros quadrinizados pela EBAL, foi José de Alencar, há que se salientar também o tema e o estilo literário preferidos pela editora: a História do Brasil e o Romantismo. Isso, de certa forma, reflete não só os anseios do público leitor no momento, como também revela os anseios da escola brasileira, preocupada, então, em valorizar, de forma ufanista, grandes acontecimentos e personagens da história do país. Os expoentes da prosa realista, ou seja, escritores que exploravam situações cotidianas, cronistas do homem comum e ácidos críticos da sociedade, como Machado de Assis e Lima Barreto, não tinham, para os adaptadores da época, aquilo que podemos considerar “apelo quadrinístico”, sendo, portanto, ignorados pela *Edição Maravilhosa*. Machado de Assis, o escritor mais venerado e reconhecido no Brasil hoje, não teve nem uma obra sequer adaptada pela série americana no Brasil, malgrado a *Edição Maravilhosa* ter durado até 1961, com mais de 200 edições publicadas.

Depois disso, a EBAL republicou, por diversas vezes, alguns dos álbuns de maior sucesso desta coleção e, eventualmente, investiu em álbuns inéditos e esparsos, como uma imponente adaptação de *Os Lusíadas*, feita por Nico Rosso. A mesma EBAL, durante praticamente todo o período em que publicou obras literárias em quadrinhos, enfatizou explicitamente a importância de se ler a obra original; no final das edições, no rodapé da última página, havia o seguinte letrero: “As adaptações de romances ou obras clássicas para a *Edição Maravilhosa* são apenas um ‘aperitivo’, um deleite para o leitor. Se você gostou, procure ler o próprio livro, adquirindo-o em qualquer livraria. E organize sua biblioteca – que uma boa biblioteca é sinal de cultura e bom-gosto”.¹³ Percebe-se facilmente que, mais do que uma orientação ideológica, esta parecia ser, mais uma vez, outra defesa de Adolfo Aizen contra os orquestrados ataques feitos aos quadrinhos, por professores, setores da Igreja Católica, jornalistas e escritores. Tanto é que, em certo número de *Edição Maravilhosa*, na tradicional *Conversa do Diretor*, espécie de prefácio de diversas revistas da EBAL, leem-se trechos de uma carta enviada por um leitor, fazendo referência a um célebre artigo assinado pelo Dr. Frederick Wertham e publicado aqui pelas *Seleções do Reader Digest*: “Imagine o prezado diretor que o escritor [do artigo] é norte-americano e cita casos em que as his-

13 *Edição Maravilhosa*, n. 24, Rio de Janeiro: EBAL, junho de 1950, p. 3.

tórias em quadrinhos transformaram jovens em malfeitores. Diz também que nenhum menino que leu um clássico em quadrinhos se interessou, mais tarde, em ler o próprio romance. Eu acho que o autor desse artigo pode estar certo lá no Estados Unidos, mas aqui no Brasil as boas histórias em quadrinhos desenvolvem o interesse pela leitura e até pelos estudos”.¹⁴

Além, da iniciativa da EBAL, há muito pouco a ser dito em matéria de adaptações literárias em quadrinhos no Brasil, ao menos antes do período atual que, ao que nos parece, iniciou a partir de 2006, quando observamos uma retomada editorial dos quadrinhos nacionais. Entre as poucas adaptações podemos registrar a empreitada da Rio Gráfica Editora, outra importante editora de quadrinhos no Brasil, que, em 1977, passa a publicar a revista *Sítio do Picapau Amarelo*. Os personagens da obra de Monteiro Lobato foram trazidos a público em um estilo mais cartunesco e simplificado, próximo aos desenhos da *Turma da Mônica* ou do universo de Walt Disney. As histórias eram sempre curtas, e, apesar de trazerem diversos dos elementos próprios da obra original, não seguiam à risca o texto de Monteiro Lobato. Pode-se dizer que tais reescritas configuravam, realmente, o que se costuma chamar de adaptação de obras literárias para os quadrinhos. Certamente não as nomearíamos de traduções em imagens, visto que sua recuperação em figuras era bastante livre. Como se pegássemos os personagens da *Ilíada* e os transformássemos em super-heróis dos quadrinhos – o que, de resto, já deve ter sido feito.

A revista *Sítio do Picapau Amarelo* durou até 1987. Em 2005, a Editora Globo – herdeira da RGE – passou a publicar novas histórias com os personagens de Monteiro Lobato, muito mais em razão do sucesso da série de TV do *Sítio do Picapau Amarelo* do que tentando adaptar a obra literária.

As décadas de 1980 e 1990 refletiram em relação à abordagem de reescrever a literatura em quadrinhos, ao menos no Brasil, o que foi o período para a produção de quadrinhos como um todo. Publicações esparsas pulularam ao longo do período, sem grande relevância artística ou comercial. Entre estas, podemos destacar – ainda que de forma negativa – a adaptação, em quadrinhos, de obras de Paulo Coelho (*O Alquimista* e *O diário de um mago*), feita pelos artistas Dagomir Marquezi e Marcos Wagner. Essas obras foram divulgadas como “adaptações oficiais”, supervisionadas pelo próprio Coelho e publicadas pela editora da

qual ele era contratado, a Record. Os quadrinhos, porém, não tiveram tanto sucesso quanto os livros. Além dessas, a editora Press – que editava, essencialmente, quadrinhos eróticos – publicou, em 1986, alguns trechos do *Decamerão*, de Bocaccio, em quadrinhos, em realização de Rodval Matias.

De resto, vale a menção, no período, à série *Classics Illustrated* (homônima àquela dos anos 1940, mas não a mesma), publicada no Brasil pela editora Abril. Nela foram publicadas obras como *Moby Dick* (em quadrinização soberba de Bill Sienkiewicz), *A Queda da Casa de Usher* e *Tom Sawyer*, entre outros, todas elas, mais uma vez, material da indústria americana de quadrinhos.

Os anos 2000 trouxeram nova luz às adaptações literárias em quadrinhos. Isso se deve, provavelmente, a dois motivos preponderantes: a sugestão de inclusão dos quadrinhos nos Parâmetros Curriculares Nacionais, como complementação didática ao ensino escolar, e a inclusão, a partir de 2006, de revistas e álbuns de quadrinhos nas listas de livros do PNBE, o programa do MEC de compra e distribuição de livros às escolas públicas do país.

Poderíamos arriscar um terceiro motivo, muito mais no campo da subjetividade do que os dois primeiros. No contexto da produção quadrinística nacional, há, historicamente, certa deficiência – técnica e numérica – em matéria de roteiros para HQ. A ausência de uma indústria brasileira de quadrinhos, à maneira do que ocorre com os bem-estruturados mercados europeu, norte-americano e japonês, pode ser apontada como o principal motivo impulsionador dessa deficiência. Isso porque os desenhistas brasileiros, ainda que não publiquem quadrinhos com frequência, podem continuar desenvolvendo trabalhos em campos paralelos, como a ilustração para livros infantis ou para a publicidade. Já os roteiristas devem, por força de sua especificidade, exercer suas atividades no campo específico dos quadrinhos.

Deste modo surgem, como alternativas de roteiro já consagrado, as obras clássicas da literatura, que, apesar de necessitarem de cortes e simplificações de todo tipo para “funcionarem” no veículo quadrinhos, ainda assim podem ser consideradas “roteiros prontos” – muitas vezes, elas se encontram em condição de domínio público, o que torna ainda mais atraente, do ponto de vista do desenhista, a sua adaptação. Não por acaso, o primeiro livro de quadrinhos desta nova “leva” de adaptações literárias foi um pequeno álbum independente, significativamente chamado de “Domínio Público”, em que vários autores deram suas versões em quadrinhos para histórias e contos clássicos da literatura que já caíram, justamente, em domínio público.

14 *Edição Maravilhosa*, n. 95, Rio de Janeiro: EBAL, novembro de 1954, p. 3.

A experiência teve duas edições, sendo que a segunda foi um dos álbuns escolhidos pelo Ministério da Cultura para constar em sua primeira lista a contar com quadrinhos, no ano de 2006.

Tal opção gerou verdadeira reviravolta na pequena produção nacional. Afinal, álbuns de quadrinhos, editados a muito custo por pequenas e resistentes editoras, muitas vezes com tiragens que não ultrapassavam os mil exemplares e cuja distribuição é lenta e igualmente precária, ao serem selecionados pelo Ministério da Educação ganham reedições com tiragens várias vezes maior. E, de 2006 a 2012, o mercado de quadrinhos brasileiro encheu-se de adaptações literárias. Diferentemente do que se observou no passado, sobretudo com as adaptações da EBAL, cujo estilo e grafismo refletiam aquele momento histórico – não nos esqueçamos, os quadrinhos eram intensamente questionados –, agora observamos grande diversidade gráfica, bem como certa liberdade estilística e narrativa. As editoras Ática, Agir, Peirópolis, Escala Educacional, Companhia das Letras, L&PM, para citar somente algumas, investem neste gênero, não raro visando ao mercado didático e paradidático de livros. São adaptadas obras nacionais e estrangeiras: de *Dom Quixote* (adaptação de Galhardo para a Peirópolis) a *A Relíquia*, de Eça de Queirós, em adaptação de Marcatti para a Boitempo, temos obras de relevante apelo gráfico, inventividade e refinada pesquisa, como *Os Demônios*, de Guazzelli (adaptando Aluísio de Azevedo, em edição da Peirópolis), *A Divina Comédia*, de Piero Baguariol, também pela Peirópolis, e *O Alienista* de Machado de Assis, em adaptação realizada pelos irmãos Fábio Moon e Gabriel Bá. Este livro, a propósito, rompeu certas barreiras, ao tornar-se o primeiro álbum de quadrinhos ganhador do Prêmio Jabuti, na categoria Livro Paradidático Infantojuvenil, em 2009. Machado de Assis, por sinal – e de novo refletindo o momento histórico –, é o autor mais procurado pelas adaptações em quadrinhos da atualidade. Somam-se a *O Alienista* (que teve outras três adaptações, além do premiado álbum dos irmãos Fábio e Gabriel), *Memórias póstumas de Brás Cubas*, *Dom Casmurro*, *Conto de escola*. Merece menção também a adaptação de *O cortiço* de Aluísio de Azevedo com roteiro de Ronaldo Antonelli e desenhos de Francisco Vilachã. Até o momento, esta proposta de entender a transposição de textos literários como “tradução por imagens em quadrinhos” não foi cogitada nestas obras referidas; neste sentido, o trabalho de pesquisa do grupo que compõe parte desta obra é inovador.

Está surgindo, sem dúvida, uma tendência diferente no cenário. A transformação de obras literárias em histórias em quadrinhos ocupa, indubitavelmente, posição

importante no mercado editorial – o número de editoras empenhadas em lançar novos títulos é suficiente para corroborar tal informação. A movimentação editorial ao redor das adaptações em quadrinhos atualmente não tem, como vimos, as mesmas motivações do período em que a EBAL publicava sua *Edição Maravilhosa*. Se, nas décadas de 1940 e 50, reverenciava-se, especialmente, o escritor e o cânone literário, hoje em dia, quando a própria HQ alcança outro *status* como linguagem gráfica, é dada atenção à atividade autoral do quadrinista: sua originalidade em transpor linguagens, sua força expressiva, sua capacidade de se relacionar de forma criativa com a obra original, oferecendo um novo olhar e propondo uma nova leitura poética.

Além do aspecto formal, há também – e de forma imprescindível – o escopo. Se antes a iniciativa da EBAL visava à popularização das obras clássicas, além de, engenhosamente, buscar melhorar a imagem da HQ com a contribuição da literatura, hoje o objetivo dos editores é, claramente, voltado para o mercado educativo. O livro paradidático é parte consolidada da maioria das políticas públicas no campo da Educação, sejam elas em âmbito municipal, estadual ou federal. A predileção pelas adaptações, por parte dos programas públicos de aquisição de livros, é a mola que impulsiona decisivamente os editores e os quadrinistas a realizar, cada vez mais, trabalhos deste gênero. O fenômeno pode levar a uma queda de qualidade; a hipótese de pensar HQ como tradução vem na direção de valorizar as duas artes e em nossa opinião, é muito bem-vinda.

PERSPECTIVAS

O impulso de retomar a literatura priorizando a imagem se dá por muitos artifícios. O cinema traduz, à sua maneira, a literatura, e o faz amiúde. A premiação mais conhecida da indústria do filme tem, entre seus troféus, o de “Roteiro adaptado”.

Stanley Kubrick, brilhante diretor do cinema norte-americano, traduziu diversas obras literárias para a linguagem cinematográfica. Curiosamente, jamais o fez com um clássico literário: ao contrário, fez escritores ficarem conhecidos mundialmente com seus filmes. E fez, também, que alguns escritores ficassem revoltados com a forma como releu seus livros.

Kubrick – e apenas para ficar em um exemplo – é um autor, e seus filmes são reflexo da sua visão de mundo, com toda a poesia e engenhosidade que lhe cabem. Continuando no mesmo exemplo, *Laranja mecânica* é um filme no qual o diretor expressou toda a sua genialidade, incorporando

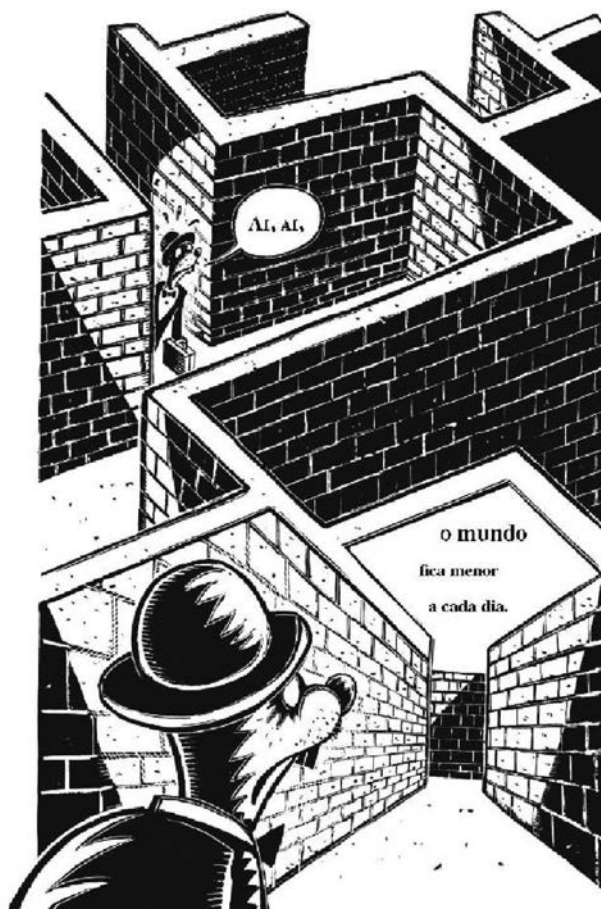
à obra original elementos cinematográficos que entraram para a história da arte e são celebrados até hoje. A excelência de sua “adaptação” de certa forma obnubilou o texto fonte e, para a grande maioria dos espectadores da sétima arte, nem sequer consta que a obra seja devedora de uma outra de Anthony Burgess (o autor do livro homônimo, adaptado pelo realizador em 1971).

Observando a trajetória das HQs, percebe-se que elas não conquistaram o mesmo estatuto autoral como se deu no cinema, talvez em respeito e reverência à literatura dos grandes autores. O quadrinista, até bem pouco tempo (ao menos no Brasil), não era nem sequer citado nos créditos da revista. Apesar de uma adaptação literária para os quadrinhos ser, antes de mais nada, uma história em quadrinhos, no paratexto os editores insistiam em mantê-la como devedora de uma obra literária, e seu autor continuava sendo o autor da obra original. Parece-nos que o indicador se dá pela qualidade. Adaptações pouco criativas não facilitam, não agradam nem contribuem para a meta governamental.

De maneira diversa, quando os roteiristas e quadrinistas captam e rescrevem o estilo original dialogando e negociando recursos artísticos com um autor do passado, eles se fazem notar e garantem sua participação na história da arte. Por conseguinte, desponta a estrela da marca autoral de um Leo Durañona, argentino herdeiro da grande escola latina do *chiaroscuro*, que traduz a obra de Kafka com um trabalho meticuloso, riquíssimo em detalhes, quase barroco. Durañona brilha juntamente com o tcheco de outrora. Ao mesmo tempo, temos no americano Peter Kuper um mesmo Kafka, mas diametralmente oposto, visto que Kuper é expoente de uma escola surgida e desenvolvida nos anos 1970, a do *underground*, com elementos que remetem ao *graffiti* e à *street art* das estações de metrô de Nova Iorque. Cito as imagens para o próprio leitor conferir.

Ambos os autores traduziram (e, no caso, cabe o termo) um gigante da literatura, cada um a seu modo, cada um com suas particularidades, cada um arrancando dos quadrinhos elementos próprios. O universo kafkiano de Durañona não é o mesmo de Kuper, mas ambos são, igual e paradoxalmente, kafkianos. Como assim?

Apropriando-se da alusão de Scott McCloud, Kafka foi, para estes autores, um jarro a ser preenchido.¹⁵ Cada um verteu o líquido que lhe aprouve. Por um lado, o americano Kuper realizou “improvisações visuais”, nas palavras



Acima, “Uma pequena fábula”, de Kafka, adaptação de Peter Kuper. A quadrinização – ou a transformação do pequeno texto de Kafka em imagens sequenciadas – poetiza a obra original, conferindo-lhe ritmo e clima próprios, talvez diferentes daqueles que se observa quando se lê o texto escrito. *Desista e outras histórias de Franz Kafka*. Peter Kuper. São Paulo: Conrad, 2004.

de Jules Feiffer no prefácio da edição brasileira do livro,¹⁶ transformando o clima opressivo e sombrio da Europa kafkiana em coisa lúdica, gráfica, no mais fiel estilo *pop art*, à maneira de artistas como Andy Warhol e Keith Haring. Já o argentino Durañona preferiu, talvez, tratar Kafka com deferência, procurando respeitavelmente formas gráficas para descrever, de maneira fiel, aquilo que o texto sugere por meio de palavras.

Ambas as obras, por mais diferentes que sejam uma da outra, nos dizem algo em comum, de fundamental impor-

15 McCLOUD, Scott. *Desvendando os quadrinhos*. São Paulo: Makron Books, 1995.

16 KUPER, Peter. *Desista e outras histórias de Franz Kafka*. Peter Kuper. São Paulo: Conrad, 2004.



"Diante da lei", texto de Kafka contido em seu livro *O processo*, aqui adaptado para os quadrinhos por Leo Durañona. *Kafka em quadrinhos*. Leo Durañona. Rio de Janeiro: Press Editorial, 1987.

tância para compreender as adaptações em quadrinhos, ou aquilo que meus colegas escritores deste livro chamam de “traduções” (poderíamos, ainda, utilizar um termo mais atraente: as “transcrições”, no falar de Haroldo de Campos), visto que a empreitada do grupo visa à tradução linguística propriamente dita e à tradução estilístico-retórica. Tanto o Kafka de Durañona, europeu, fiel ao clima literário do autor tcheco, quanto o Kafka de Kuper, sintético, cartunesco, nos indicam que a obra original continua constantemente aberta às interpretações. A obra original continua, portanto, sendo reescrita, retrabalhada, traduzida e retraduzida, de acordo com o olhar, as impressões, as características, virtudes e limitações de seu quadrinista, que, ao revisita-la, amplia suas possibilidades de leitura.

Podemos ir além: o quadrinista que lê, interpreta, traduz e adapta uma obra literária promove um “encontro” com o autor da obra, como em uma “jam session” do jazz (porém sem a improvisação irrecuperável que ocorre no som retirado para o instante de uma execução única). A música, como a literatura, está, sem dúvida, sempre aberta a reinterpretações, rearranjos, regravações, reescritas, retraduzidas...

Para além das críticas acerca da “leitura facilitadora” aplicada às HQs, que pode (e pode mesmo) fazer que o livro, o clássico, seja dispensado e substituído por uma leitura mais rápida, menos exigente e quiçá desmotivadora (pois pode ocorrer de ser a adaptação de baixa qualidade, interferindo, inclusive, na imagem da obra fonte), nota-se que as adaptações em quadrinhos, se inseridas da forma devida e correta dentro do ambiente escolar, funcionam como uma porta de entrada para o universo da obra literária, que não se resume e não se encerra na obra em si.

O autor-artista de quadrinhos, ao pensar sua tarefa, ao planejar retomar a obra original para a linguagem dos quadrinhos, adentra este universo duplo – literário e quadrinizado –, e dele emerge com uma série de elementos inerentes à obra que ele vai abordar.

DEPOIMENTOS AUTORAIS DE UM QUADRINISTA

Finalmente, encerrando nosso panorama sobre a revisitação da literatura por quadrinistas no Brasil, daremos nosso depoimento pessoal. Em *Brincadeira*, de Tchevov¹⁷, planejei recuperar tanto o período histórico quanto a geografia do autor. Desejei, também, me apropriar de elementos gráficos que remetessem à arte e à cultura russa

do momento e enriquecer a leitura, dando a ela múltiplas camadas e elementos que podem, ou não, ser identificados pelos leitores e, por este processo, penso que consegui manter uma parceria amigável com o autor. Dentro desta perspectiva, o que fiz foi oferecer a minha visão específica acerca de um “camarada” russo, meu amigo Tchevov, e desenhá-la em quadrinhos. O desejo de mostrar a minha impressão (sensorial: auditiva, visual, cinética...) sobre determinada obra que foi de meu agrado, estendendo a sua compreensão – e também o seu alcance – para além do livro escrito, me impeliu. Fazendo uma analogia com os tempos modernos, é como se o autor desse um *retweet* em um *link* interessante, para que todos aqueles que o seguem (ou seja, aqueles que gostam de quadrinhos) possam conhecer, se inteirar e adentrar a obra *linkada*.

Um aparte: não li russo para quadrinizar Tchevov. Portanto, minha interpretação se pautou por uma tradução em português do original russo, realizada de maneira brilhante pela escritora Tatiana Belinky¹⁸. A tradução linguística antecedeu minha visualização do texto de Tchevov que, naturalmente, passou pela visão de Belinky. O mesmo procedimento se aplica a quase toda a produção de adaptações em quadrinhos de obras estrangeiras no Brasil. Exceção louvável é o que foi feito pelo grupo de pesquisa que aqui se apresenta e que traduz a *Iliada* diretamente do grego e a *Divina Comédia* diretamente do italiano (embora utilizando-se de traduções consagradas de tradutores notáveis).

Acredito, inclusive, que o tenha “traduzido” – e não adaptado – para os brasileiros; a conclusão, porém, é do leitor.

Em termos mais amplos, deixando para trás o depoimento pessoal, após os resultados obtidos na empreitada quadrinística em parceria com Tchevov, sentimo-nos obrigados a discordar, ao menos parcialmente, de Jules Feiffer, em seu prefácio de *Desista*. Feiffer afirma que:

No caso de autores como Melville, Tolstói e Dostoiévski, converter suas obras em “clássicos ilustrados” não significa torná-los mais acessíveis, mas emudecê-los. Significa subverter o intuito do autor de estabelecer uma cumplicidade apaixonada com o leitor, uma atividade de foro privado que se desenvolve na forma de um duplo monólogo.¹⁹

18 TCHECOV, Anton. *O Malfeitor e outros contos da velha Rússia*. Tradução de Tatiana Belinky. Rio de Janeiro: Ediouro, sd.

19 Jules Feiffer, in: *Desista! e outras histórias de Franz Kafka*. Peter Kuper. São Paulo: Conrad, 2004, p. 5.

17 *Graffiti 76% Quadrinhos*, ed. 22, 2011.



Brincadeira, HQ de oito páginas, adaptação gráfica de Fabiano Barroso para um conto de Tchecov. O autor da adaptação pode se permitir inserir elementos visuais que estejam além do universo (físico, literário, imagético, histórico, espiritual) do autor original.

Feiffer, devemos esclarecer, ataca as adaptações literárias em quadrinhos, para depois defender esta que prefacia, feita por Peter Kuper sobre a obra de Kafka. Ora, se a história em quadrinhos oferece tantas possibilidades gráficas, tantas alternativas de leitura, tanta abertura para a interpretação do leitor, como poderia ela “emudecer” um autor ao transportar sua obra para esta linguagem? Voltamos ao ponto-chave: a qualidade. A mera adaptação de um enredo pode silenciar a beleza e afastar os leitores

do original – neste aspecto Feiffer tem razão; mas que se diga a verdade, se há compreensão plena do estilo do texto fonte, ocorre justamente o contrário: a obra original adquire novos contornos, descortinam-se caminhos diferentes e – por que não? – nascem caminhos que talvez não fossem vislumbrados/desejados antes pelo autor original.

FABIANO AZEVEDO BARROSO

HQ como tradução

Andréia Guerini e
Tereza Virgínia Ribeiro Barbosa*

Para Platão, filósofo grego nascido na cidade de Atenas, no século IV a.C., a técnica de fazer as coisas que hoje classificamos como “arte” é, na verdade, uma simples “fabricação de imagens”, em grego: *eidolopoíesis/ ειδωλοποιήσις*¹. Estas imagens, nomeadas como visões, à sua época, seriam produzidas pela (e na) poesia, pintura, escultura, música e dança e teriam, já naquela ocasião, o poder de manifestar, ao mesmo tempo, uma presença real e uma irremediável ausência daquilo que se pretendeu representar².

Naquele tempo, para essa fabricação de imagens, o alicerce sobre o qual se assentariam as estruturas de um texto, ou em outros termos, a terra em que se plantavam palavras para fazer brotar imagens poéticas era a metáfora compreendida como uma manobra da linguagem e do pensamento que definia um objeto (pessoa, animal ou situação) por uma palavra que designava outro objeto (outra pessoa, animal ou situação). Assim, praticando esse artifício, podemos dizer que uma mulher é uma guerreira sem estar pensando efetivamente que ela viva vestida de capacete, escudo e armas. O ser guerreira da mulher está em um outro contexto que nos faz entender – e mesmo conhecer – um atributo invisível dessa mulher.

Outro filósofo antigo também do século IV a. C., Aristóteles (*Retórica*, 1410b), em um livro dedicado à eloquência, pondera que este modo de falar por meio de metáforas é, para todos, natural e agradável, pois tem a serventia de, antes de qualquer outra coisa, ensinar de maneira visual,

rápida, eficaz e, ainda mais, sem obviedade, guardando a sensação de estranhamento. Mais à frente, nessa mesma obra, *Retórica*, 1412a, o filósofo de Estagira esclarece que “é forçoso que as metáforas provenham de coisas apropriadas, mas não óbvias, tal como na filosofia é próprio do espírito sagaz estabelecer a semelhança com entidades muito diferentes”³; por esta mecânica o poeta insere no discurso o elemento surpresa, que, por sua vez, gera o prazer da aprendizagem. Que isso nos sirva de lição: o ensino por metáforas é sempre mais atraente.

No mesmo tratado o discípulo de Platão acrescenta que a metáfora é o estratagema de linguagem de onde derivam muitas outras formas de transferência (tradução) de sentido (*Retórica*, 1412a). Assim, o sentido pode surgir de muitos modos: como uma imagem reduzida ou ampliada; como uma oposição a um outro sentido, em sintonia, em paralelismo etc. Quando formulada de maneira reduzida, a metáfora pode vir a ser nomeada metonímia e algumas vezes sinédoque (na qual o objeto é visto como uma parte somente); quando ampliada, na forma de uma comparação alargada, ela poderá surgir no formato de um símile (e o objeto é visto como uma sucessão de ações ou situações) ou de uma analogia. Importante para nós, ao pensarmos em nosso tema de pesquisa, a Literatura e a HQ, é que para Aristóteles a metáfora serve para “dispor ‘o objeto diante dos olhos’ (*Retórica*, 1411b)” de muitos modos, de substanciação, de processo e de resultado. Ele explica⁴:

* Este ensaio faz parte do livro *Pescando imagens com rede textuais: HQ como tradução* (São Paulo, Peirópolis, 2013).

1 PLATÃO. *A república*. Tradução e notas de M. H. da Rocha Pereira. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1983. O trecho a que nos referimos é *República*, 599a7; a ideia se repete no diálogo *Sofista*, 265b1.

2 Cf. VERNANT, J-P. “The birth of images”. In: ZEITLIN, Froma I. (org.) *Mortals and Immortal*. Princeton: University Press, 1991, p. 164-185. A passagem a que nos referimos está na p. 168.

3 ARISTÓTELES. *Retórica*. Tradução e notas de Manuel Alexandre Júnior; Paulo Farmhouse Alberto; Abel do Nascimento Pena.

Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1998. Texto grego da Aristotle. *Ars Rhetorica*. W. D. Ross (ed.) Oxford: Clarendon Press, 1959: δεῖ δὲ μεταφέρειν, καθάπερ εἴρηται πρότερον, ἀπὸ οἰκείων καὶ μὴ φανερῶν, οἷον καὶ ἐν φιλοσοφίᾳ τὸ ὅμοιον καὶ ἐν πολὺ διέχουσι θεωρεῖν εὐστόχου.

4 ARISTÓTELES. *Retórica*. Tradução e notas de Manuel Alexandre Júnior; Paulo Farmhouse Alberto; Abel do Nascimento Pena.

na verdade, chamo “pôr diante dos olhos” aquilo que representa uma ação. Por exemplo, dizer que “um homem de bem é um quadrado” é uma metáfora (pois ambos significam uma coisa perfeita), mas não representa uma ação. Mas a frase “deter o auge da vida em flor” é uma ação, e “tu, como um animal solto” é uma “representação de ação”, e “<dali>, pois, gregos, lançando-vos com os seus pés”, “lançando-vos” exprime uma ação além de ser uma metáfora, pois significa “velocidade”.

Se Platão, e mais tarde Aristóteles, reúne as artes vigentes em seu tempo e coloca-as sob a égide das “imagens imaginadas” em substanciação e processo, Gotthold Ephraim Lessing, tradutor intersemiótico *avant la lettre*, escreverá em 1876 toda uma obra para analisar as diferenças e semelhanças entre a pintura e a poesia e acabará por sugerir que “[a] linguagem da poesia seria justamente a linguagem imagética”⁵. E se, nos dizeres de Márcio Seligmann-Silva apresentando a obra de Lessing, “a pintura teria a aparente vantagem de mostrar as suas imagens ‘de uma vez’, ‘auf einmal’ (...)”, as “pinturas da poesia” indicariam como se deve olhar as coisas parte a parte com reflexão e racionalmente. Através delas o poeta visaria criar a sua ilusão utilizando-se das vantagens de seu meio linear e “pedagogicamente mais direto” e só assim ele atingiria a *evidentia*, ou seja, a expressão pictória da poesia⁶.

A afirmação do teórico alemão, as ponderações dos filósofos gregos e as reflexões do estudioso brasileiro nos levam a pensar que, talvez, as diferenças e semelhanças entre a Literatura e a HQ se desfaçam – de forma virtual – na poesia, lugar onde se podem acolher (escolher e colher) imagens concomitantemente visíveis e ausentes. Essas imagens, nascidas do som, dos esquemas sintáticos e das letras escritas que se tornam volantes, arredias, impressionantes e fugitivas, essas imagens são também (e felizmente) suscetíveis de captura, concretização e materialização visíveis.

Roman Jakobson confirma a interação entre os nossos conceitos gramaticais e a nossa imagética habitual (de natureza mitológica e poética), entre elas, sobretudo, essas figuras que chamamos de metáfora. Para falar do metafórico e comprovar que até mesmo o discurso técnico não pode prescindir dessa figura de linguagem, Jakobson cita um renomado pupilo de Albert Einstein, o filósofo da ciência Ernest Hutten, e, consoante a ele, afirma que “o discurso técnico não pode dispensar a linguagem metafórica”; neste sentido, termos figurativos tais como “campo” e “onda” são paradigmáticos, qualquer um sabe que eles deixaram uma impressão sensível e memorável no pensamento da física⁷.

Haroldo de Campos, refletindo sobre a operação tradutória na poesia – sem se propor a empreendê-la –, acaba por corroborar as ideias dos antigos e ainda dos autores que mencionamos em sua teoria sobre a iconicidade do signo estético. Deste modo, para Campos, traduzir a iconicidade do signo implica recriar-lhe a “fiscalidade”, a “materialidade mesma” e isso se torna possível através do poder imaginativo e criativo da linguagem, ela própria, e do tradutor⁸.

Em razão destas leituras e por causa de alguns muitos diálogos que tivemos com autores que conhecemos somente por livros, pareceu-nos impositivo que, à maneira de Cícero, o escritor latino, traduzíssemos Homero – e qualquer outro tipo de expressão poética – não como intérpretes à cata de um significado literal, mas como estudiosos de retórica⁹, isto é, como pescadores que fischem imagens com a rede do texto. Deste modo, descobrimos uma via de leitura para a qual foi mais pertinente recuperar sistematicamente as figuras [retóricas] para, por meio delas e com elas, narrar histórias. Em razão de seguir tal caminho, pusemo-nos na trilha de Walter Benjamin e nos fizemos à caça de compreender a maneira como o poeta reapresentou as coisas que o comoveram, o modo como ele disse, como ele encenou, como ele representou um significado. Por isso foi urgente distinguir na fala poética o *que se quis dizer como se quis dizer*. Em outros termos, buscamos saber como a grande obra fonte tomou a forma que afinal adquiriu nas

Texto grego da Aristotle. *Ars Rhetorica*: λέγω δὴ πρὸ ὁμμάτων ταῦτα ποιεῖν ὅσα ἐνεργοῦντα σημαίνει, οἷον τὸν ἀγαθὸν ἄνδρα φάναι εἶναι τετράγωνον μεταφορά, (ἄμφο γὰρ τέλεια), ἀλλ’ οὐ σημαίνει ἐνέργειαν: ἀλλὰ τὸ “ἀνθοῦσαν ἔχοντος τὴν ἀκμὴν” ἐνέργεια, καὶ τὸ “σὲ δ’ ὥσπερ ἄφετον” ἐλεύθερον ἐνέργεια, καὶ “τοῦντεῦθεν οὖν Ἕλληνες ἄξαντες ποσίν:” τὸ ἄξαντες ἐνέργεια καὶ μεταφορά: ταχὺ γὰρ λέγει.

5 LESSING, Gotthold Ephraim. *Laocoonte ou Sobre as fronteiras da pintura e da poesia*. Introdução, tradução e notas de Márcio Seligmann-Silva. São Paulo: Iluminuras, 1998, p. 27.

6 SELIGMANN-SILVA, Márcio. Introdução a *Laocoonte ou Sobre as fronteiras da pintura e da poesia*, p. 29-30.

7 JAKOBSON, Roman. *Linguística, poética, cinema*. Tradução de J. Guinsburg, F. Achcar et alii. São Paulo: Perspectiva, 1979, p. 17.

8 CAMPOS, Haroldo. Da transcrição: poética e semiótica da operação tradutória. In: OLIVEIRA, A.; SANTAELLA, L. (orgs.) *Semiótica da Literatura*. São Paulo: Educ, 1987, p. 53-74.

9 Essa nossa frase recupera uma outra, de Cícero, citada por Rita Copeland em *Rhetoric, Hermeneutics, and Translation in the Middle Ages*. Cambridge: Cambridge University Press, 2003, p. 2: “Não traduzo como um intérprete, traduzo como um orador.” (I did not translate them as an interpreter but as an orator).

mãos do artista, enfim, tentamos reproduzir o seu modo-de-querer-dizer¹⁰.

Sem dúvida o caminho é bem distinto daquele outro traçado pela gramática. Trata-se de entender o texto de partida como um tecido bordado pelas linhas do convencimento e da sedução a partir do desenho das figuras nascidas da imaginação.

Observe-se, portanto, que, quando falamos de figuras na literatura, referimo-nos às figuras de linguagem e de pensamento, imagens que brotam do léxico, da frase e da própria sintaxe que gera, nela mesma, estratégias de deslocamento e movimento para alçarem voo e se tornarem objetos alados que podem ser capturados por uma cor, um movimento, um gesto. Na transposição de um lugar (a literatura) para o outro (a HQ) torna-se imperativo conseguir no texto-alvo aquilo que se realizou imagética e poeticamente no texto de partida. Veja-se que em princípio, ao falar de HQ como “tradução”, estamos admitindo que HQ é um texto que se equipara à fonte. Evidentemente ela não é construída somente por “*literas, letras*”, ela não faz uso apenas do alfa e do beta, mas utiliza-se de outros signos para construir a narrativa. Como?

Pois bem, para conceber a HQ como tradução, bastou-nos considerar o significado como um fato semiótico com afinidade mais profunda do que aquela definida na semelhança linguística – superficial e vaga – de duas obras poéticas produzidas em línguas diferentes. Assim, utilizamos tanto as ferramentas dos teóricos da tradução quanto as dos oradores. Neste capítulo, os leitores perceberão algumas das teorizações acerca da prática da tradução interlingual e também da tradução aplicadas às figuras e imagens poéticas esculpidas pelos artesãos das palavras.

Igualmente, ao assumirmos a tradução pelas funções retóricas criamos um novo contexto que privilegia não “o quê”, mas o “como” a história é narrada. Trata-se de um desocultamento das estratégias textuais de persuasão e convencimento além daquelas outras de natureza linguística, lexical e morfológica para reproduzi-las, todas, de forma imagística. A tradução nesses moldes torna-se uma *mímesis*, uma criação, um produto único que surge do desmonte dos elementos do texto para pô-los na linguagem, seja ela feita de palavras, imagens, corpos, gestos ou sons. Assim, conforme observa Octavio Paz:

[...] a atividade do tradutor é parecida com a do leitor e a do crítico: cada leitura é uma tradução, e cada crítica é, ou começa a ser, uma interpretação. Entretanto, a leitura é uma tradução dentro do mesmo idioma, e a crítica é uma versão livre do poema, ou, mais exatamente, uma transposição. Para o crítico, o poema é um ponto de partida para outro texto, o seu, enquanto que o tradutor, em outra linguagem e com signos diferentes, deve compor um poema análogo ao original.¹¹

Ora, se ao tradutor cabe compor um poema análogo ao original em outra linguagem e com signos diferentes, isso é factível com a transposição da linguagem literária para a HQ. Todavia, essa tradução é fruto de um exercício sofisticado, que propõe recuperar os grandes clássicos e deles gerar imagens, e não somente em uma tarefa que se limite a reproduzir sentidos e enredos de forma linear e descritiva, relatando-os de maneira direta e sem obstáculos e fazendo o leitor perceber as semelhanças entre um texto e outro. Não, nesse nosso processo de transpor a literatura para HQ a norma é nunca narrar conteúdos de forma reduzida e ilustrada para facilitar a tarefa do receptor, pois isso é ofendê-lo em sua inteligência.

O que se sugere é uma empreitada/tarefa crítica, refletida e estudada no sentido de detectar uma “configuração verbal subliminar”¹², a partir da estrutura fonológica e gramatical que “desenha” o objeto, o processo e a situação. Pretende-se, pois, extrair do texto o que lhe é mais característico e o que foi alcançado

[...] por correspondências complexas e elaboradas que são criadas, efetivadas e manejadas através de gerações, sem qualquer conhecimento das regras que governam a intrincada tessitura. O reconhecimento imediato e espontâneo dos efeitos, sem a dedução racional dos procedimentos pelos quais são obtidos, não sucede apenas na tradição oral e a seus transmissores. A intuição pode atuar como principal ou, ocasionalmente, única responsável pela arquitetura das complicadas estruturas fonológicas e gramaticais na obra dos poetas individuais.¹³

10 BENJAMIN, Walter. *A tarefa do tradutor de Walter Benjamin: quatro traduções para o português*. BRANCO, Lúcia Castell. (org.) Belo Horizonte: Fale-UFMG, 2008, p. 29; p. 56; p. 69 e p. 88.

11 PAZ, Octavio. *Tradução, literatura e literalidade*. Tradução de Doralice A. de Queiroz. In: *Cadernos Viva Voz*. Belo Horizonte: Fale-UFMG, 2009, p. 25 e 27.

12 JAKOBSON, Roman. Configuração verbal subliminar em poesia. In: JAKOBSON, Roman. *Linguística. Poética. Cinema*. Tradução de Cláudia Guimarães de Lemos. São Paulo: Perspectiva, 1970, p. 81-92.

13 JAKOBSON, Roman. Configuração verbal subliminar em poesia, p. 92.

E tudo isso acontece porque, no nosso ponto de vista (que por sua vez reproduz o de Octavio Paz), todos nascemos capacitados para traduzir, pois “[a]prender a falar é aprender a traduzir” e, além disso, porque “a própria linguagem em sua essência já é uma tradução: primeiro, do mundo não verbal e, depois, porque cada signo e cada frase é a tradução de outro signo e de outra frase.”¹⁴ Não obstante, “[o] sol que canta o poema asteca é diferente do sol do hino egípcio, mesmo que o astro seja o mesmo”¹⁵ e cada poeta em sua terra canta o sol de um modo diferente, pois “em um extremo o mundo se apresenta para nós como uma coleção de heterogeneidades; no outro, como uma superposição de textos, cada um ligeiramente distinto do anterior: traduções de traduções de traduções”¹⁶.

Por isso, acreditamos que o melhor caminho seria evitar recontar a história num enredo repetido e simplificado ou por um exercício gramatical de correspondências sintáticas, léxicas. Assim, tal como o título metafórico que utilizamos, acreditamos que seja possível privilegiar-se o “pescar” – através da rede textual – as estratégias retóricas na produção – pela palavra – de um mundo não verbal. Isso é possível e a razão para tal é que não é somente a matéria verbal que brota da palavra, mas também figuração, já que “[o]s significados conotativos (sugeridos) podem se preservar se o poeta-tradutor consegue reproduzir a situação verbal, o contexto poético em que se inserem”¹⁷. Octavio Paz prescreve a fórmula para o encantamento. Ele a percebe (e tenta traduzir) em um poema de Wallace Stevens que descreve uma paisagem admirável. Neste poema, diz o poeta mexicano:

A linguagem torna-se paisagem e esta paisagem, por sua vez, é uma invenção, a metáfora de uma nação ou de um indivíduo. Topografia verbal em que tudo se comunica, tudo é tradução: as frases são uma cadeia de montanhas, e as montanhas são os signos, os ideogramas de uma civilização.¹⁸

Se tivermos em mente este escopo, se buscarmos as correspondências de sons e disposições gramaticais, as formas construídas, as texturas, as cores, os movimentos, será quase imediata a tradução da palavra poética em ima-

gem. Com isto remontamos a Aristóteles (*Poética*, 1451b, 7) e acreditamos que ele está certo: a experiência poética é universal, agradável e gera conhecimento¹⁹.

E já que voltamos para os antigos, lembremo-nos que entre eles se dizia que os ouvintes são espectadores de palavras. De Homero ao teatro clássico, na tragédia ou na comédia, de Platão, com a *alegoria da caverna*, aos romancistas do período helenístico, a palavra poética – falada ou escrita – é capaz de fazer o ouvinte-leitor “ver” o que é narrado. A hipótese é antiga; textos sobre o assunto abundam²⁰. Helen Morales, apoiada no ocularcentrismo dos helênicos, indica elementos abundantes para confirmar a hipótese do poder da visão tanto na épica quanto na prosa de Heródoto. Na literatura, tudo é um “espanto para se ver (*thaûma idésthai*)”²¹.

Ocorre, então, que elevado número de teóricos admite a supremacia da visão nos textos e também na cultura antiga; todavia, acreditamos que essa supremacia (que para nós é parceria) pode ser encontrada, na verdade, no produto literário de todas as épocas. Afinal, a literatura se expressa com ferramentas que a retórica chamou de *figuras de linguagens e pensamento* (as metáforas, metonímias, paradoxos, oxímoros etc), em grego, *schêma tês léxeos*²².

Nesse sentido e considerando todos os teóricos mencionados, podemos entender, sem dúvida, que a expressão *schêma tês léxeos* hipotetiza que a linguagem tem uma forma, um desenho; que a palavra e o pensamento efetivamente grafam no ar (se a palavra é para ser ouvida) ou no suporte concreto (papiro, pergaminho, papel) se a palavra

14 PAZ, Octavio. *Tradução, literatura e literalidade*, p. 9 e 13-15, respectivamente. Disponível em: <<http://www.lettras.ufmg.br/vivavoz/data1/arquivos/traducao2ed-site.pdf>>.

15 PAZ, Octavio. *Tradução, literatura e literalidade*. p. 13.

16 PAZ, Octavio. *Tradução, literatura e literalidade*. p. 13.

17 PAZ, Octavio. *Tradução, literatura e literalidade*. p. 17.

18 PAZ, Octavio. *Tradução, literatura e literalidade*. p. 19.

19 Aristóteles. *Poética*. Tradução e comentários de Ana Maria Valente. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2007.

20 MAUREEN, Alden. *Homer Beside Himself: Para-Narratives in the Iliad*. Oxford: Oxford University Press, 2005; FOWLER, Don. P. Narrate and Describe: The Problem of Ekphrasis. *Journal of Roman Studies* 81, 1991, p. 25-35, reimpresso em *Roman Constructions: Studies in Postmodern Latin*. Oxford: Oxford University Press, 2000; KRAUS, Chris; GOLDHILL, Simon; FOLEY, Helene P.; ELSNER, Jas. *Visualizing the Tragic: Drama, Myth, and Ritual in Greek Art and Literature*. Oxford: Oxford University Press, 2007; RUTTER, N. K.; SPARKES, Brian A. *Word and image in ancient Greece*. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2006; JONG, I. J. F. de. *Narrators and Focalizers: The Presentation of the Story in the Iliad*. Amsterdam: Brill, 2004; TAPLIN, O. P. The Shield of Achilles within the *Iliad*. In D. L. Cairns, *Oxford Readings in Homer's Iliad*. Oxford: Oxford University Press, 2002, nomes que arrolamos somente para mostrar o interesse sobre o tema.

21 MORALES, Helen. *Vision and narrative in Achilles Tatius' Leucippe and Clitophon*. Cambridge: Cambridge University Press, 2004, p. 8-10

22 A palavra grega *schêma* significa “forma, figura, aparência, aspecto”.

deve ser lida. Isso ocorreu desde sempre e continua a acontecer. E não se trata somente de desenho gráfico com letras, mas, sobretudo, de imagens pensadas e materializadas em linguagem para que se façam sentir – porque provocaram um desvio daquilo que fosse o esperado e pelo estranhamento chamaram nossa atenção – no ponto de vista sintático e/ou linguístico (no âmbito cultural), no pragmático (na sua função comunicativa) e também no semântico e/ou estético (na sua função literária). Pelas figuras nosso olhar foi dirigido para o “realçado”.

Dada, portanto, a grande utilização das figuras de linguagem no fabrico/construto poético, basta tomar consciência de sua utilização e, em sua transladação, em termos práticos, procurar eliminar a língua para guardar a figura. Temos então o ler por imagens, técnica antiga que motivou, por exemplo, os primeiros cristãos a decorarem suas igrejas com vitrais de cenas bíblicas.

O efeito de tudo isso é o mesmo que consegue o poeta quando, no nível fonológico e gramatical, fabrica a beleza audível (que não se limita ao audível porque é também um fato semiótico): incitar a sensibilidade do ouvinte-leitor-aprendiz para a percepção do texto literário com a sensibilidade necessária e pertinente para auferir dele sabor e prazer por meio do despertar de imagens interiores.

Na prática, trata-se de escolher, no repertório da narrativa original, as imagens-sons e as disposições sintáticas estruturadoras de movimentos, pensamentos conturbados ou desalinhados e articulações poéticas correspondentes ao original que se estiver traduzindo. Nesse processo, o que se faz nada mais é que buscar experiências inaugurais, aquelas do tempo de infância quando

os “textos”, as “palavras”, as “letras” daquele contexto se encarnavam [também] no assobio do vento, nas nuvens do céu, nas suas cores, nos seus movimentos; na cor das folhagens, na forma das folhas, no cheiro das flores – das rosas, dos jasmims –, no corpo das árvores, na casca dos frutos. Na tonalidade diferente de cores de um mesmo fruto em momentos distintos...²³

No tempo da descoberta, quando não se leem letras, o vocabulário e a gramática específicos das línguas são preenchidos pela experiência do encantamento auditivo e visual sempre novo, estranho e fascinante. Como na tradução língua a língua, na *HQ como tradução* buscar-se-iam formas,

23 FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler: em três artigos que se completam*. São Paulo: Autores Associados/Cortez, 1982, p. 13.

traços, movimentos, cores que contam a história no ponto de vista do autor escolhido.

Mas, se estamos garimpando formas e figuras no texto literário de modo a traduzi-las em quadrinhos, oportuno seria recorrer outra vez a Walter Benjamin e compreender também que a tradução, por ela mesma, é já uma forma. Para o filósofo,

a tradução é uma forma. Para a apreender enquanto tal, é necessário regressar ao original, pois nele reside a lei da tradução, contida na sua tradutibilidade.²⁴ (BENJAMIN, 2008, p. 83)

Tendo aceitado isso, a saber, que a tradução é uma configuração outra dada a um original que guarda nele mesmo uma lei que se aplica à nova configuração, podemos dar um passo à frente. Segundo pensamos, a decodificação em HQ da *Divina Comédia* de Dante²⁵, por exemplo, ainda que produzida como obra autônoma e que possa com esse feito constituir-se por anos como o único contato possível de alguém com o vate italiano, ainda assim, a decodificação da *Divina Comédia* em HQ poderá, de antemão, não só recuperar o texto de Dante, mas em alguns aspectos até levar vantagens sobre as traduções interlinguais do italiano para o português e tornar-se uma tradução única. É que as HQs poderão preencher lacunas, imagens perdidas que são possíveis somente no italiano e no desenho e por este recurso ampliar a leitura do texto.

Vejamos um exemplo, Dante, *Inferno*, XIII, 25-30; 33-35. O exemplo será em italiano e os leitores verão que será pouco o esforço exigido para entendê-lo:

Cred' ò ch'ei credette ch'io credesse
che tante voci uscisser, tra quei bronchi,
da gente che per noi si nascondesse.

Però disse 'l maestro: “Se tu tronchi
qualche fraschetta d'una d'este piante,
li pensier c'hai si faran tutti monchi”.²⁶

24 Em tradução de João Barrento. A tarefa do tradutor. In: CASTELO BRANCO, Lúcia. *A tarefa do tradutor de Walter Benjamin: quatro traduções para o português*. Cadernos VivaVoz. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2008, p. 82-98. Disponível em: <<http://www.letras.ufmg.br/labeled/vivavoz.html>>.

25 ALIGHIERI, Dante. *A Divina Comédia em quadrinhos* por BAGNARIOL, Giuseppe e BAGNARIOL, Piero. Tradução de Jorge Wanderley, Henriqueta Lisboa e Haroldo de Campos. São Paulo: Peirópolis, 2011.

26 ALIGHIERI, Dante. *La Divina Commedia. Inferno*. A cura di

Que nosso raciocínio seja acompanhado pelo de vocês. No primeiro verso do excerto, observem os negritos. Eles formam um encontro consonantal de uma plosiva ('c') com uma vibrante ('r') que se repete. Isto é uma figura retórica, a anáfora. Este som é o mesmo que temos na onomatopeia da língua portuguesa 'cre[k]' que tem relação objetiva com o ato sonoro de "partir, quebrar" algo seco. Esta é uma imagem sonora da ruptura que se consolida nas dentais que se seguem a cada 'cr', marcadas com um sublinhado. Na sequência o poeta vai mudá-la e transformá-la em br, tr, fr, tudo gerando a sensação e visualização de fracionamento de muitas formas. A estes *clusters*, sucedem três 'k' compostos com em 'i', 'chi', que por sua vez foram antecipados nas formas 'ch'ei' e 'ch'io'. O curioso é que o texto trata do mesmo assunto e, assim, desenha muitos tipos de truncagens sonoro-visuais: troncos, trepas, truncaduras que são quebrados da mesma forma que se podem quebrar pessoas, pensamentos, letras e sons. Quebrar, portanto, é a imagem. As imagens de troncos, galhos robustos; de gravetos, galhos secos delicados; de trepas, galhos de árvore sobre os quais é possível subir concorrem para o efeito de mutilagem, truncadura e para o movimento fechamento-abertura-som-cortante que provoca as formas 'ch'ei'; 'ch'io', *bronchi-tronchi-monchi*.

Agora vamos tentar ler o texto com uma tradução intermediária, tradução que não seja nem português nem italiano:

Eu cri, que ele cresse que eu cria
que tantas vozes nasciam daqueles broncos,
troncos-gente que de nós se 'scondiam.

Mas disse o mestre: se tronchas
um graveto d'alguma destas plantas,
todos os pensares em ti se farão mancos.

Mas ainda é bom notar que a rima difícil, em italiano de *bronchi-tronchi-monchi*, leva do som de quebra a um som de grito agudo, coisa que não conseguimos recuperar na tradução. A cena para se ver qual é? São árvores-gente que serão partidas; seus pensamentos – tutano intraduzível –, mutilados. Na mutilação, um grito: "i". Nos versos seguintes veremos o cerne dos troncos escorrer, surge então a imagem do sangue.

Em italiano:

e 'l tronco suo gridò: "Perché mi schiante?"
Da che fatto fu poi di sangue bruno,
ricominciò a dir: "Perché mi scerpi?"

e o tronco seu gritou: por que me contristas?
E de fato pelo sangue escuro,
se pôs a dizer: "por que me feres?"

Ora, esse trecho de Dante é, por si, um roteiro de HQ com extraordinário poder de visualização. Em HQ a visualização dos versos citados funcionaria como uma aplicação extratexto da estratégia que Haroldo de Campos, de acordo com Schnaiderman, costumava chamar de "lei das compensações em poesia": "Quer dizer, se eu não consigo reproduzir todos os processos construtivos de um poeta, em todas as passagens em que eles aparecem, devo acrescentar em outras passagens procedimentos que são inerentes ao trabalho criador no original"²⁷. Neste sentido entraremos nas discussões sobre a tradutibilidade de uma obra. Conforme Walter Benjamin:

A questão da possibilidade de tradução de uma obra tem um duplo sentido. Em primeiro lugar, importa saber se entre a totalidade dos seus leitores a obra encontrará um dia um tradutor à sua altura; depois, e com maior propriedade, se ela, de acordo com a sua essência, permite a tradução e assim – a condizer com a importância atribuída àquela forma – também a exige.²⁸ (BENJAMIN, 2008, p. 83)

E se é possível dizer que a obra pode exigir uma tradução, não deveria ser ela, de fato, traduzível, em certas delimitações? Recordemos Jorge Luis Borges, que constatou sua pobreza ao ler *Don Quijote* somente em sua língua original "devido ao exercício congênito do espanhol", língua compartilhada com Cervantes. Recordemos igualmente que ele, diante dessa miséria, concomitantemente, se admira da riqueza e esplendor de que goza por não ler Homero em grego e, por isso, abrigar em sua casa, para entendê-lo, uma verdadeira "biblioteca internacional de obras em prosa e

27 SCHNAIDERMAN, Boris. Haroldo de Campos e a transcrição da poesia russa moderna. In: *Fragmentos*, vol. 4, n. 2, 2008, p. 9-18. O trecho a que nos referimos está nas páginas 14 e 15.

28 Walter Benjamin em tradução de João Barrento. A tarefa do tradutor de Walter Benjamin: quatro traduções para o português. Cadernos VivaVoz. Belo horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2008, p. 82-98. A citação é da página 23. A edição pode ser lida também online, disponível em: <<http://www.letras.ufmg.br/labed/vivavoz.html>>.



Estudo para *A Divina Comédia* em quadrinhos por Piero Bagnariol

verso”. Recorrer a múltiplas traduções é considerar que em cada tradução diferente pode-se ver contemplada uma das mil facetas do artista²⁹. As ponderações de Borges nos permitem inferir que as HQs não eliminam a (re)visitação do texto original; aliás, a leitura do texto por imagens haverá de revelar sabores exóticos na leitura da obra para aqueles que jamais poderão acessá-la em sua forma inaugural, seja ela em italiano, grego, latim ou qualquer outra língua. Se o leitor pode fazê-lo em várias línguas, a HQ por certo há de tornar sua leitura mais rica e abrangente, já que a soma das diferentes traduções pode nos levar à “Forma”, como sugerido por Walter Benjamin.

Ocorre, porém, que as traduções variam em suas metas. Há aquelas que se contentam em transmitir o conteúdo da obra sem seus excessos estéticos e por isso deixam a ilusão de que o texto é mais simples e linear. Elas domesticam o autor, sobretudo no aspecto estilístico. Há outras que tentam de algum modo preservar a beleza poética inscrita no texto e para isso elas – como um mineador em busca de ouro – ousam buscar a lei que “reside na forma original”, ainda que para isso esbarrem no problema da traduzibilidade da poesia. Mas esse problema

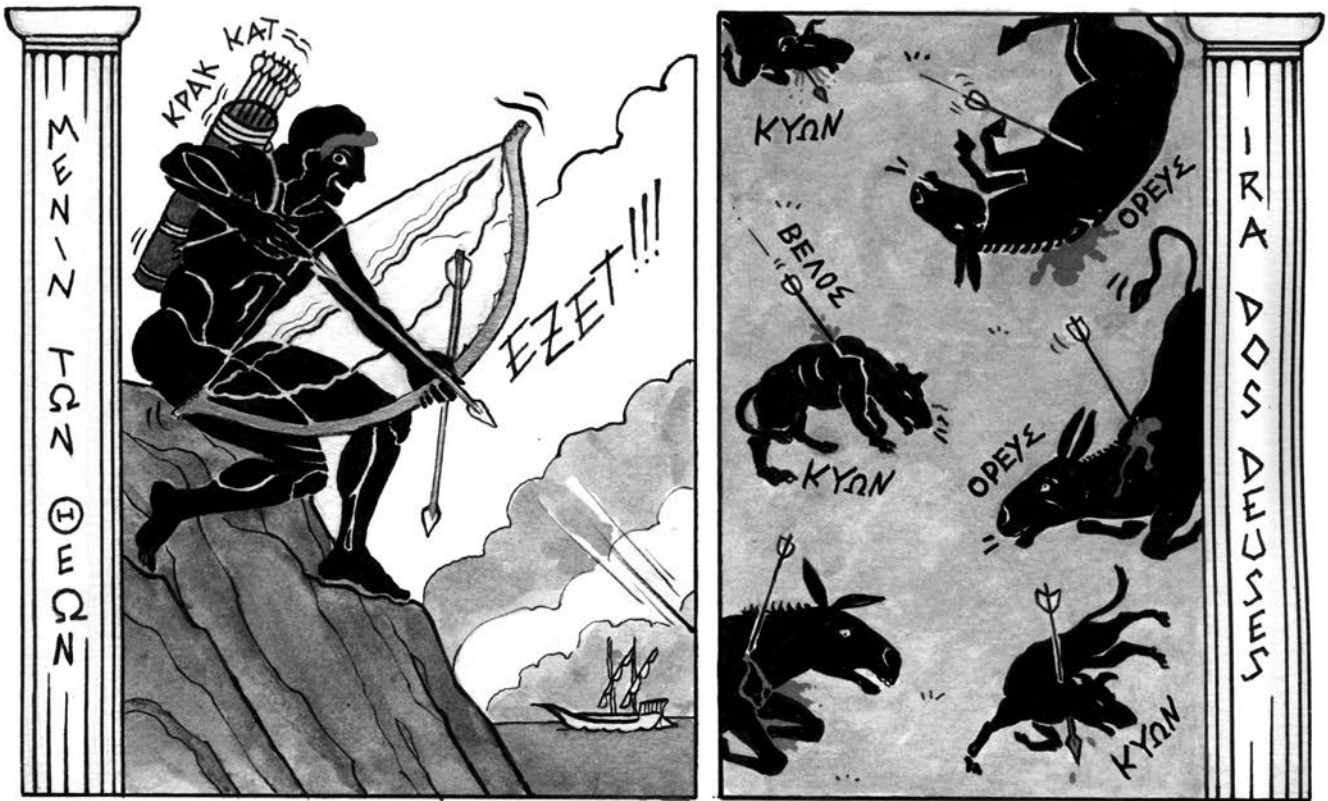
que tangencia a citação anterior resolve-se com alguns elementos da teoria da tradução.

Em razão disso utilizamos para definir o processo o termo “reconfiguração”, que nos reporta à fala do poeta e tradutor Haroldo de Campos. No entanto, nossa meta é absolutamente distinta daquela do concretista, que busca forjar sonoridades, modulações e ritmos estrangeiros na língua brasileira.

O aproveitamento que fazemos das ideias do teórico recai sobre um recorte e uma releitura de expressões sugestivas e profícuas de sua autoria; enumeramos algumas: “coreografia sintática”, “cenário de conflitos retóricos”, “voo metamórfico”, “desenho logopaico”, “topologia sintática”, “poesia da gramática”, “fotogramas icásticos roteirizados pelo olho-ouvido do rapsodo”... Estas expressões são, sem dúvida, pilares em nossa abordagem teórica. Elas nos ajudam a perceber a reescrita dos clássicos em quadrinhos não como meras adaptações, mas como as traduções transcriativas propostas por Haroldo de Campos e sustentadas pelo *Umdichter* de Stefan George e Walter Benjamin ou o *creative transposer* de Roman Jakobson (CAMPOS, 1999, p. 111)³⁰.

29 Las versiones homéricas. In *Discusión. Obras Completas*. Volumen I. Madrid: Editorial Emecé, 2001.

30 Cf. CAMPOS, Haroldo. Transcriar Homero: desafio e programa. In: de CAMPOS, Haroldo e MENDES, Odorico. *Os nomes e os navios: Homero, Iliada II*. São Paulo: Sette Letras, 1999, p. 111-155.



Estudo para *Apolo* de Piero Bagnariol

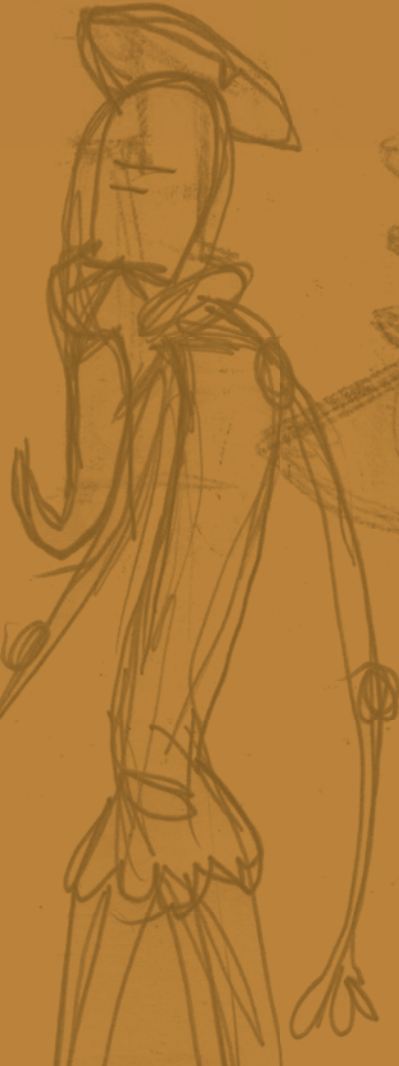
O detalhamento das expressões não será aqui plenamente desenvolvido, mas damos uma breve amostragem: a *coreografia sintática* – que poderá ser vista no capítulo “Tradução por imagens de clássicos da literatura: um retorno à iconografia antiga e medieval”, do livro *Pescando imagens com rede textual: HQ como tradução*, em que Piero Bagnariol visualizará, em desenho, um quiasma; o desenho logopaico define os versos de Dante aqui comentados. A anáfora discutida é desenho sonoro, é quebra de *cluster*, como se observou. A expressão *voo metamórfico* pode ser entendida na produção da transformação (meta-

morfose) que se dá nos símiles. Para exemplificação observem a cena de Apolo flecheiro, que ri ao matar. O deus produz um barulho terrível com seu riso, que se funde com o som das flechas que fazem vibrar o arco e zunem no ar de maneira a simular um eco das gargalhadas cruéis do filho de Zeus a dizimar cães, cavalos e guerreiros gregos.

Enfim, todo esse procedimento se resume em pescar imagens poéticas com a rede textual, nada mais.

ANDRÉIA GUERINI
TEREZA VIRGÍNIA RIBEIRO BARBOSA

Álbuns Publicados

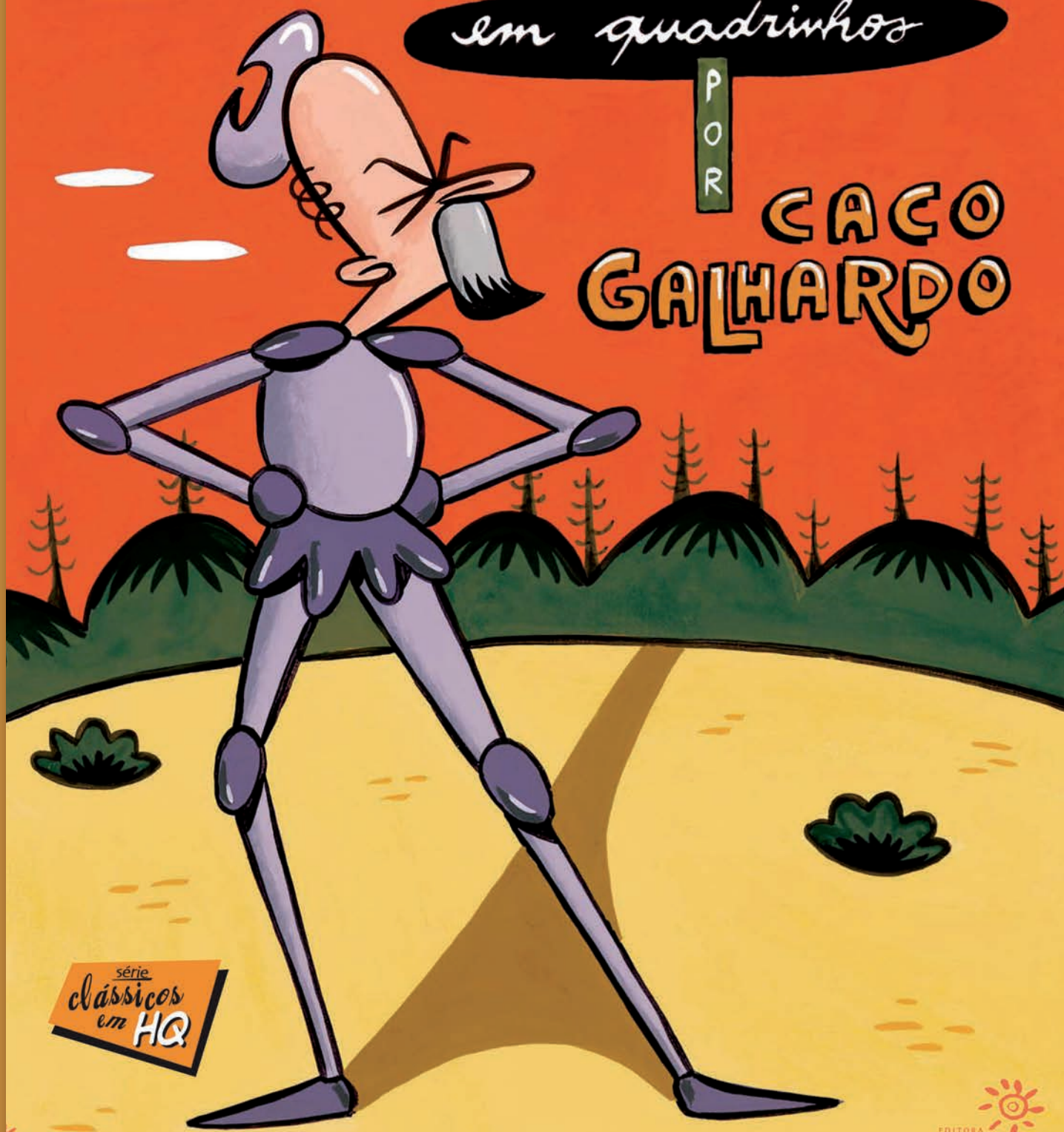


DOM QUIXOTE

em quadrinhos

P
O
R

CACO
GALHARDO



série
clássicos
em HQ

EDITORA
Peirópolis

Dom Quixote

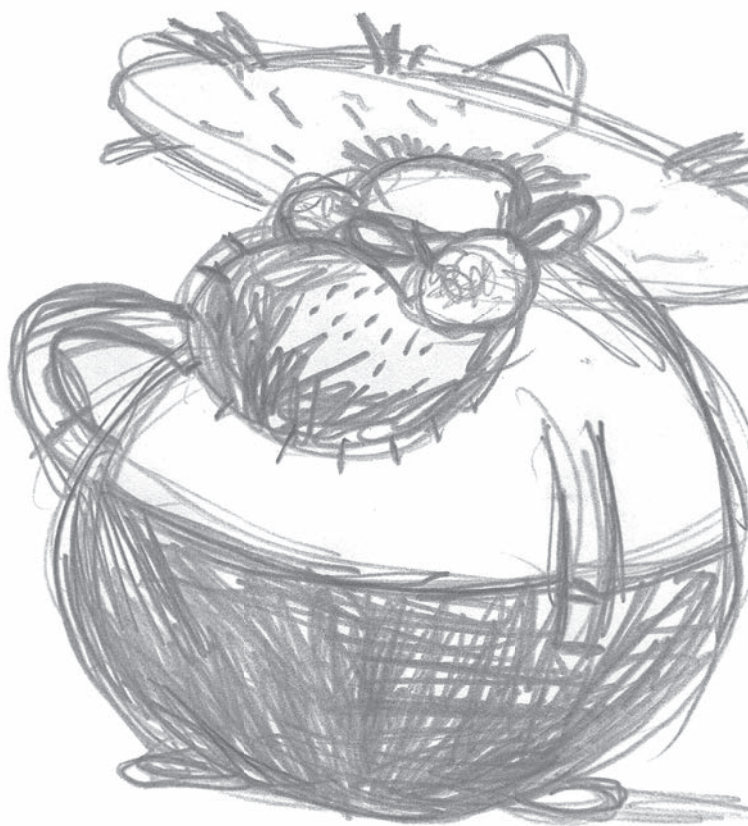
A sedução de tantos leitores pela grande viagem utópica de Miguel de Cervantes para dentro da leitura é partilhada por Caco Galhardo nesta adaptação para HQ de *O engenhoso fidalgo Dom Quixote de La Mancha* (1605), o fabuloso texto que completou quatrocentos anos de sua primeira edição em 2005 e inaugurou a série de clássicos em quadrinhos da Peirópolis.

Nos traços bem-humorados de Caco Galhardo, o leitor poderá visitar as passagens mais significativas do clássico de Cervantes, desde as reflexões iniciais que remetem à transformação do pacato fidalgo no visionário cavaleiro andante, herói cujas aventuras atravessaram os séculos, até as grandes batalhas, com destaque para a famosa luta com os moinhos de vento, que ocupa dez páginas desta adaptação em HQ.

Permeando essas aventuras, os antológicos diálogos entre o cavaleiro e seu escudeiro e um longo monólogo de Dom Quixote, em que ele expõe suas razões sobre a importância da cavalaria andante. Além de ser considerado fundador do romance moderno, o clássico de Cervantes inspira e simboliza o poder subversivo da leitura.

Anti-herói que enlouquece de tantas leituras e inventa sua própria novela de cavalaria, o personagem de Cervantes é tão excêntrico que se transforma num personagem de si mesmo.

A figura de Dom Quixote foi desenhada por inúmeros ilustradores e desenhistas nesses quatrocentos anos e agora aparece, sempre cindido entre o mundo real e o imaginário, no traço bem-humorado de um dos mais atuantes cartunistas brasileiros.



Miguel de Cervantes



Miguel de Cervantes Saavedra é considerado o mais influente escritor da língua espanhola. Nascido em 1547, teve uma infância muito pobre, da qual tentava fugir através da leitura. Por volta de 1570, enquanto tentava uma carreira como escritor, se alistou no exército e participou da Batalha de Lepanto, contra o Império Otomano, na qual foi seriamente ferido. Enquanto tentava voltar para casa, em 1575, foi capturado pelos turcos e passou cinco anos como prisioneiro e escravo em diversos navios. Diversas vezes tentou fugir, mas só conseguiu a liberdade quando sua família pagou um resgate por ele. De volta à Espanha, publicou seu primeiro romance, *La Galatea*, em 1585. O sucesso, porém, só chegou com *O engenhoso fidalgo D. Quixote de La Mancha*, lançado em 1605. Considerado o precursor do romance moderno, esta sátira aos cavaleiros andantes finalmente trouxe fama e fortuna ao escritor. O segundo volume de *D. Quixote* foi publicado em 1615, um ano antes da morte de Cervantes.

Foi essa certeza e a de que uma adaptação para quadrinhos poderia muito bem servir como um portal de entrada para a obra original que me fizeram molhar o pincel no tubinho de nanquim.

Caco Galhardo

Caco Galhardo



Caco Galhardo (1967)

Cartunista, roteirista e ilustrador, Caco Galhardo publica sua tira diária na *Folha de S.Paulo* desde 1996. Paulista, iniciou sua carreira na década de 1980, publicando quadrinhos em fanzines. Seu traço certo e irreverente já passou pela MTV e Cartoon Network e mereceu até uma citação de José Saramago em *Cadernos de Lanzarote II*. Mais sobre seu trabalho pode ser acompanhado no site dentro da estação de humor do UOL: <www.cacogalhardo.com.br>.

Fiz esta adaptação em cima do primeiro volume de *O engenhoso fidalgo D. Quixote de La Mancha*, que na verdade é composto por dois volumes. O texto do Cervantes é tão perfeito e a tradução de Sérgio Molina tão certa, que cuidei de transpô-los do jeitinho que estão no livro. Até o final do encontro entre Dom Quixote, Sancho e os cabreiros, o que se lê nesta adaptação, tirando uma interferência ou outra, são trechos retirados diretamente da tradução do original. Dali pra frente, já não meto minha mão no fogo, ou melhor, já comecei a meter minha mão no texto. Só o primeiro volume é um catatau de mais de 700 páginas, então, na hora de adaptar, escolhi os momentos que mais me tocaram e que julguei mais significativos para compor esta narrativa em quadrinhos. Basicamente é a transformação do fidalgo em cavaleiro andante, suas primeiras aventuras, a relação dele com Sancho, o discurso em que ele revela suas razões e o retorno à casa. Obviamente, no livro há muito, muito mais; mas acho que consegui fisgar a essência.

A forma, que é o extraordinário texto de Cervantes, está aí, e o fidalgo, que opta por seguir o destino heróico, e consequentemente trágico, também. Nestes tempos em que todo mundo quer ser fidalgo e viver no bem-bom, como cai bem um Dom Quixote! E para que a justiça seja feita, faz-se mister agradecer a tão formosas donzelas e tão gentis cavaleiros que me acolheram durante esta valorosa jornada: à Denyse, pela invenção, ao Sérgio, pela mão, à Renata, pelas portas abertas, e a Vossa Mercê, nobre leitor, pela atenção.



Entrevista

Por que, entre tantas possibilidades, você escolheu trabalhar sobre D. Quixote?

O Fidalgo que toma um destino heroico. De cara, foi o que me pegou no Quixote. Um fidalgo que não se preocupa somente em “garantir o seu” já seria alguma coisa. O que dizer então deste, que decide ganhar o mundo, combater as injustiças, defender as donzelas e socorrer os necessitados? Para completar: de peito aberto, sem medos, no mais profundo delírio.

Uma viagem, não foi?

Fui até o panteão mais alto das realizações humanas, veja bem, como turista, e ali só encontrei tragédias: gregas, inglesas, portuguesas, italianas, suecas, russas. De repente, então, abriu-se um vão, pombas saíram esvoaçando, uma luz intensa, harpas, trombetas, e era ele, o texto satírico por excelência. O grande representante do humor no panteão humano: *O engenhoso fidalgo D. Quixote de la Mancha*. Além de toda a genialidade do escritor espanhol Miguel de Cervantes, do mais completo raio X da nossa existência, do estilo, da fantasia, de tudo, o livro também é muito engraçado.

E como foi o processo de trabalho no álbum?

Embarquei no sofazão do estúdio para essa viagem de mais de 700 páginas pela Mancha do século XVI. E as imagens começaram a pipocar. Sim, pipoca. É um dos grandes baratos do livro: as imagens aparecem na nossa cabeça. Estouram, uma atrás da outra. Não à toa, o Quixote foi tão desenhado. De Picasso a Portinari, passando pelo mestre Gustave Doré, desenhista francês, o mais importante ilustrador de livros do

século XIX. Todo artista que leu o livro fez ao menos um rabisco do D. Quixote. É uma dessas coisas inevitáveis da vida.

Adaptar uma obra tão trabalhada, uma referência, deve ter sido um desafio e tanto... é um personagem que todos conhecem, mas poucos leem a obra literária...

Eu conhecia o Quixote desde criancinha. Ao ler o livro descobri – entre tantas descobertas – que *achava* que conhecia o Quixote. E que, para conhecer mesmo, é preciso ler o livro. Somente nele se consegue embarcar no delírio do personagem e na lucidez de Cervantes. Foi essa certeza e a de que uma adaptação para quadrinhos poderia muito bem servir como um portal de entrada para a obra original que me fizeram molhar o pincel no tubinho de nanquim.

Qual foi, para você, o resultado do trabalho?

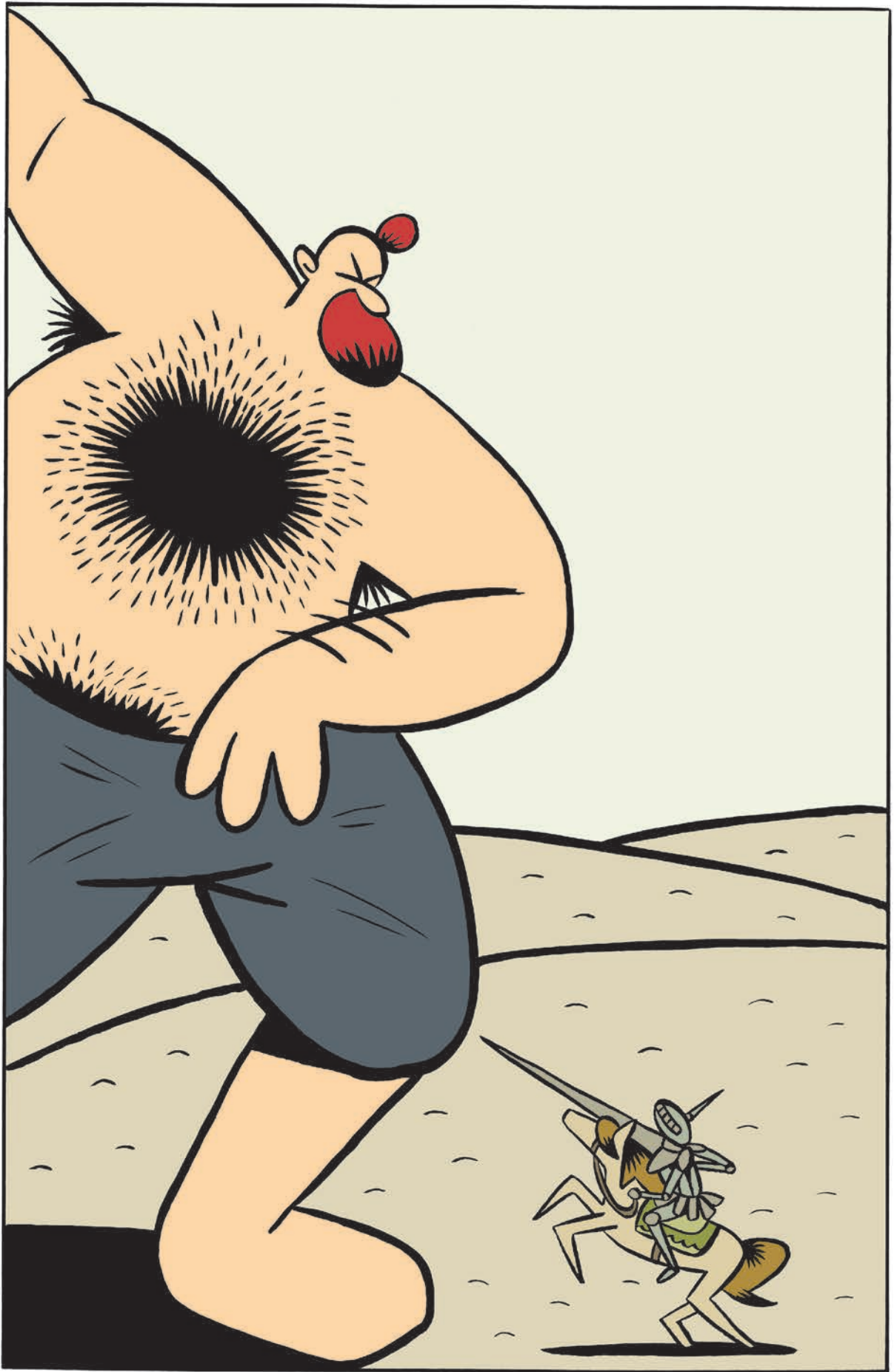
Minha adaptação é uma colagem. Com sua estrutura novelesca, o Quixote permite essa colagem de trechos distintos sem que se perca o fio da meada. Para mim, era importante manter o texto original, já que toda a beleza estava no estilo literário. Então fui colando uma frase aqui, outra ali, e uma nova narrativa, curta, com os personagens principais, foi saindo. No final, tinha uma história em quadrinhos que me deixou bastante satisfeito.

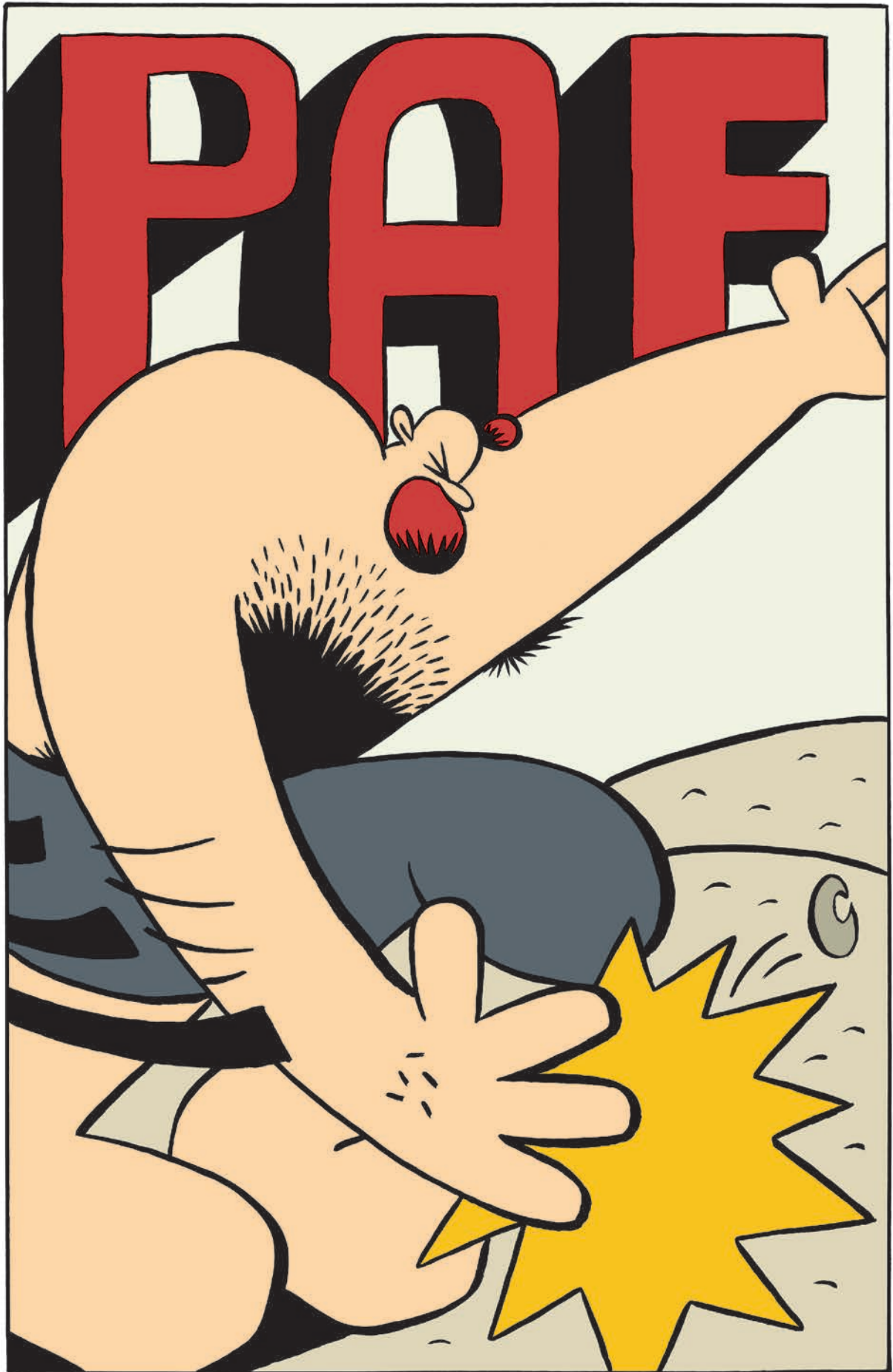
O que você espera do seu leitor?

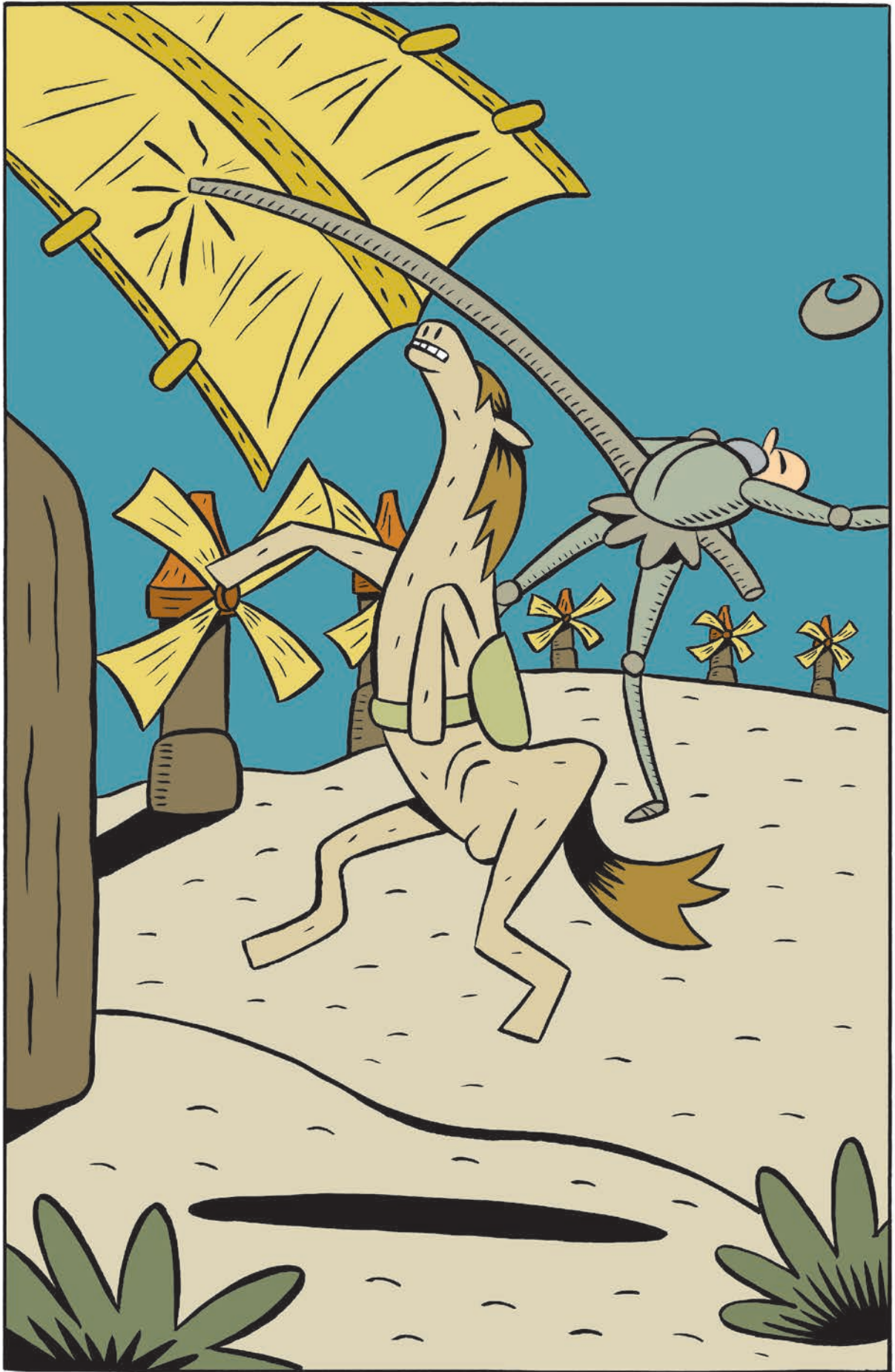
Se consegui ou não fisgar a essência da obra do Cervantes nessa obra, minha meta, não compete a mim dizer, mas ao leitor.

CACO GALHARDO



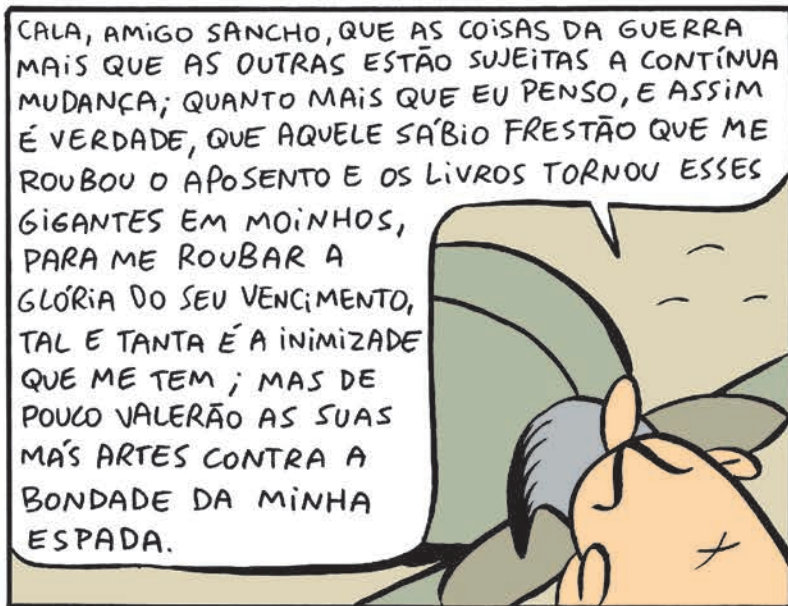








VALHA-ME DEUS! EU NÃO DISSE A VOSSA MERCÊ QUE VISSE BEM O QUE FAZIA, QUE NÃO ERAM SENÃO MOINHOS DE VENTO, E SÓ O PODIA IGNORAR QUEM TIVESSE OUTROS NA CABEÇA?



CALA, AMIGO SANCHO, QUE AS COISAS DA GUERRA MAIS QUE AS OUTRAS ESTÃO SUJEITAS A CONTÍNUA MUDANÇA; QUANTO MAIS QUE EU PENSO, E ASSIM É VERDADE, QUE AQUELE SÁBIO FRESTÃO QUE ME ROUBOU O APOSENTO E OS LIVROS TORNOU ESSES GIGANTES EM MOINHOS, PARA ME ROUBAR A GLÓRIA DO SEU VENCIMENTO, TAL E TANTA É A INIMIZADE QUE ME TEM; MAS DE POUCO VALERÃO AS SUAS MÁ'S ARTES CONTRA A BONDADDE DA MINHA ESPADA.



SANCHO, AJUDANDO-O A LEVANTAR, TORNOU A MONTÁ-LO SOBRE ROCINANTE. E, FALANDO DA PASSADA AVENTURA, TOMARAM O CAMINHO PARA PUERTO LA PICE, POIS DIZIA DOM QUIXOTE NÃO SER POSSÍVEL DEIXAR DE ENCONTRAR ALI MUITAS E DIVERSAS AVENTURAS.



SEJA COMO DEUS QUISER. EU ACREDITO EM TUDO QUE VOSSA MERCÊ ME DIZ; MAS SE APRUME UM POUCO, QUE PARECE IR MEIO DE LADO, E DEVE DE SER POR CAUSA DO TOMBO.

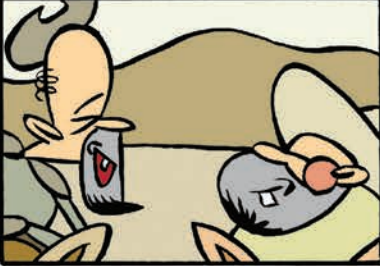


É VERDADE, E, SE NÃO ME QUEIXO DA DOR, É PORQUE NÃO É DADO AOS CAVALEIROS ANDANTES QUEIXAR-SE DE FERIDA ALGUMA, AINDA QUE POR ELA LHE SAIAM AS TRIPAS.



SE É ASSIM, NÃO TENHO O QUE DISCUTIR; MAS SABE DEUS O QUANTO EU FOLGARIA QUE VOSSA MERCÊ SE QUEIXASSE DAS SUAS DORES. DE MIM SEI DIZER QUE VOU ME QUEIXAR DA MAIS MÍNIMA DOR QUE SENTIR, SE É QUE NÃO VALE TAMBÉM PARA OS ESCUDEIROS DOS CAVALEIROS ANDANTES ISSO DO NÃO SE QUEIXAR.

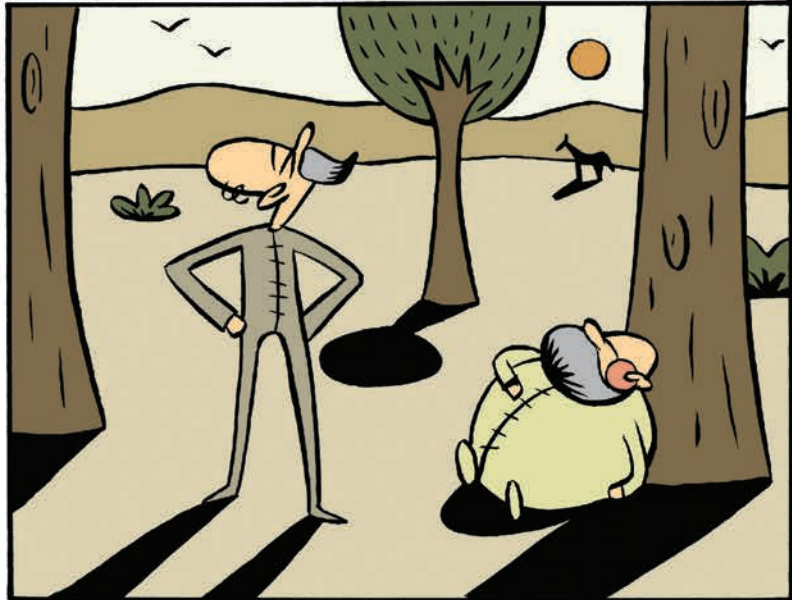
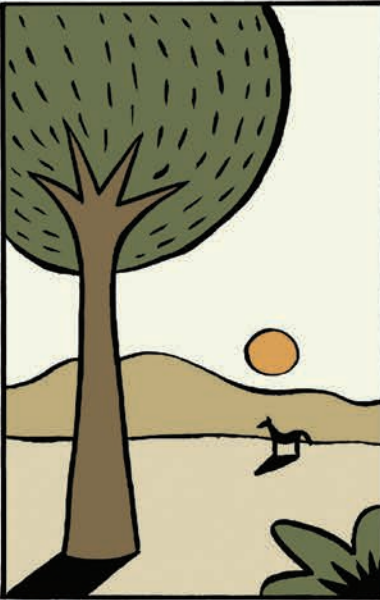
NÃO DEIXOU DE SE RIR DOM QUIXOTE DA SIMPLICIDADE DO SEU ESCUDEIRO; E, ASSIM, DECLAROU QUE ELE PODIA MUITO BEM SE QUEIXAR COMO E QUANDO QUISESSE, POIS NUNCA LERA NADA EM CONTRÁRIA À ORDEM DA CAVALARIA.



PASSARAM AQUELA NOITE ENTRE UMAS ÁRVORES, E DE UMA DELAS ARRANCOU DOM QUIXOTE UM RAMO SECO QUE QUASE LHE PODIA SERVIR DE LANÇA, E NELE ENCAIXOU A PONTA QUE TIROU DAQUELA QUE SE LHE QUEBRARA.



TODA A NOITE NÃO DORMIU DOM QUIXOTE, PENSANDO NA SUA SENHORA DULCINEIA, POR IMITAR O QUE TINHA LIDO EM SEUS LIVROS, QUANDO OS CAVALEIROS PASSAVAM MUITAS NOITES SEM DORMIR EM BOSQUES E DESPOVADOS, ENTRETIDOS NA MEMÓRIA DE SUAS SENHORAS.



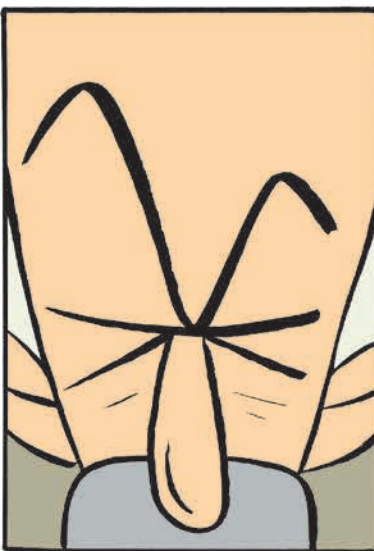
AQUI PODEMOS, IRMÃO SANCHO PANÇA, METER AS MÃOS ATÉ OS COTOVELOS NESTA MASSA QUE CHAMAM AVENTURA, MAS ATENTA QUE NÃO HÁS DE ARRANCAR A ESPADA PARA ME DEFENDER, ISTO SE NÃO VIRES QUE QUEM ME OFENDE É CANALHA E GENTE BAIXA, POIS NESTE CASO PODERÁS ME AJUDAR; MAS SE FOREM CAVALEIROS, DE MODO ALGUM TE É LÍCITO NEM CONCEDIDO PELAS LEIS DA CAVALARIA QUE ME AJUDES.



TENHA POR CERTO, SENHOR, QUE VOSSA MERCÊ SERÁ MUITO BEM OBEDECIDONISTO, E MAIS, SAIBA QUE SOU POR NATUREZA PACÍFICO E INIMIGO DE ME METER EM CONFUSÕES. É VERDADE QUE, NO QUE TOCA A DEFENDER MINHA PESSOA, NÃO TEREI MUITA CONTA DESSAS LEIS, POIS AS DIVINAS E HUMANAS PERMITEM QUE CADA QUAL SE DEFENDA DE QUEM O QUISER AGRAVAR.



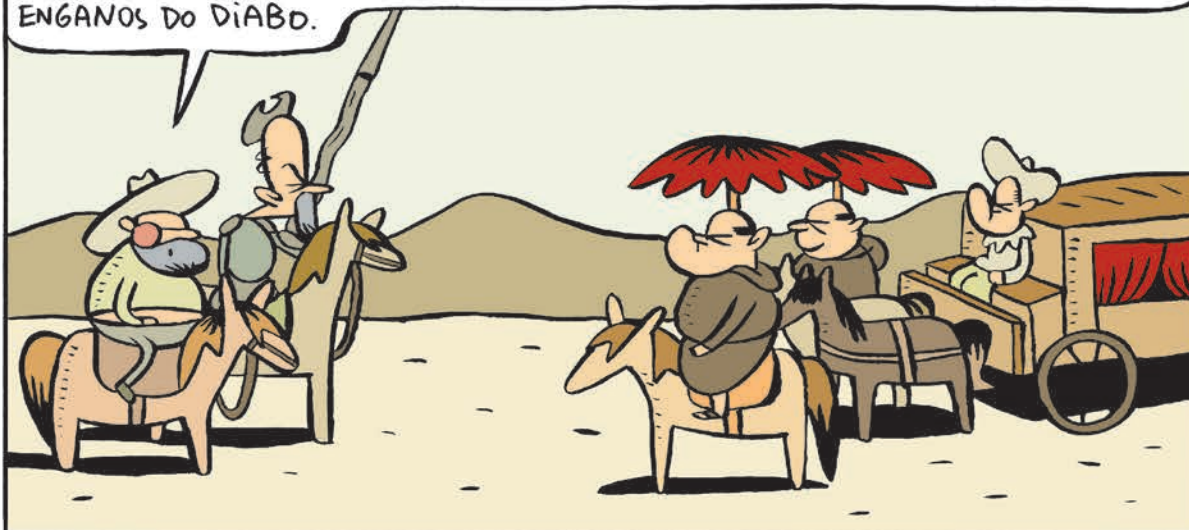
NÃO DIGO MENOS DISSO, MAS, QUANTO A ME AJUDARES CONTRA CAVALEIROS, HÁ DE REFREAR TEUS NATURAIS ÍMPETOS.



OU MUITO ME ENGAÑO, OU ESTA SERÁ A MAIS FAMOSA AVENTURA QUE JÁ SE VIU, POIS AQUELES VULTOS NEGROS QUE AÍ APARECEM DEVEM DE SER E OSÃO SEM DÚVIDA ALGUNS ENCANTADORES LEVANDO NAQUELE COCHE ALGUMA FURTADA PRINCESA, E É MISTER DESFAZER ESTE TORTO COM TODO MEU PODERIO.



PIOR SERÁ ISTO QUE OS MOINHOS DE VENTO. VEJA, SENHOR, QUE AQUELES SÃO FRADES DE SÃO BENTO, E O COCHE DEVE SER DE ALGUMA GENTE PASSAGEIRA. VEJA QUE ESTOU DIZENDO QUE VEJA BEM O QUE FAZ PARA NÃO CAIR EM ENGANOS DO DIABO.



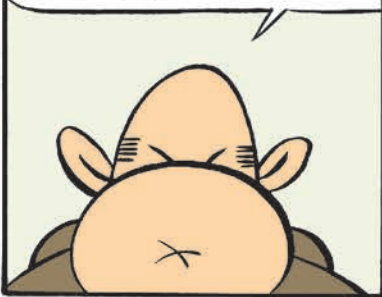
JÁ TE DISSE, SANCHO, QUE POUCO SABES EM MATÉRIA DE AVENTURAS: O QUE DIGO É VERDADE, E AGORA O VERA'S.



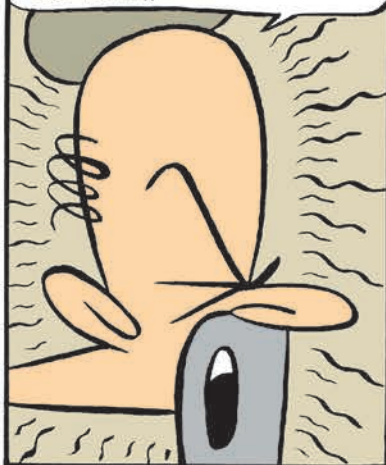
GENTE ENDIABRADA E DESCOMUNAL, DEIXAI AGORA E SEM DETENÇA AS ALTAS PRINCESAS QUE NESSE COCHE LEVAIS FORÇADAS; SE NÃO, PREPARAI-VOS PARA RECEBER PRONTA MORTE, COMO JUSTO CASTIGO PELAS VOSSAS MA'S OBRAS.



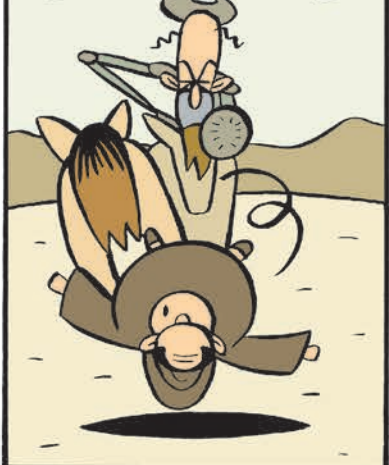
SENHOR CAVALEIRO, NÓS NÃO SOMOS ENDIABRADOS NEM DESCOMUNAIS, E SIM DOIS RELIGIOSOS DE SÃO BENTO SEGUINDO O NOSSO CAMINHO, E NÃO SABEMOS SE NESSE COCHE VEM OU NÃO QUALQUER FORÇADA PRINCESA.



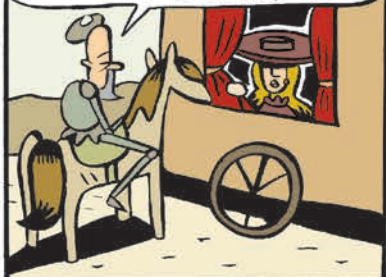
COMIGO NÃO VALEM PALAVRAS MANSAS, POIS JÁ VOS CONHEÇO, FEMENTIDA CANALHA!



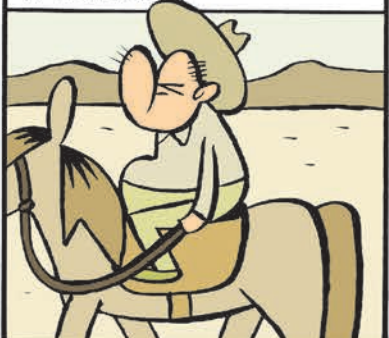
TOMP



A VOSSA FERMOSSURA, SENHORA MINHA, PODE FAZER DA SUA PESSOA O QUE MAIS É MELHOR LHE APROUVER, PORQUE JÁ A SOBERBA DOS VOSSOS RAPTORES JAZ POR TERRA, DERRIBADA POR ESTE MEU FORTE BRAÇO.



TUDO ISSO ERA OUVIDO POR UM ESCUDEIRO DOS QUE ACOMPANHAVAM O COCHE, QUE ERA BISCAINHO, O QUAL, VENDO QUE DOM QUIXOTE NÃO QUERIA DAR PASSAGEM AO COCHE, FOI ATÉ ELE.

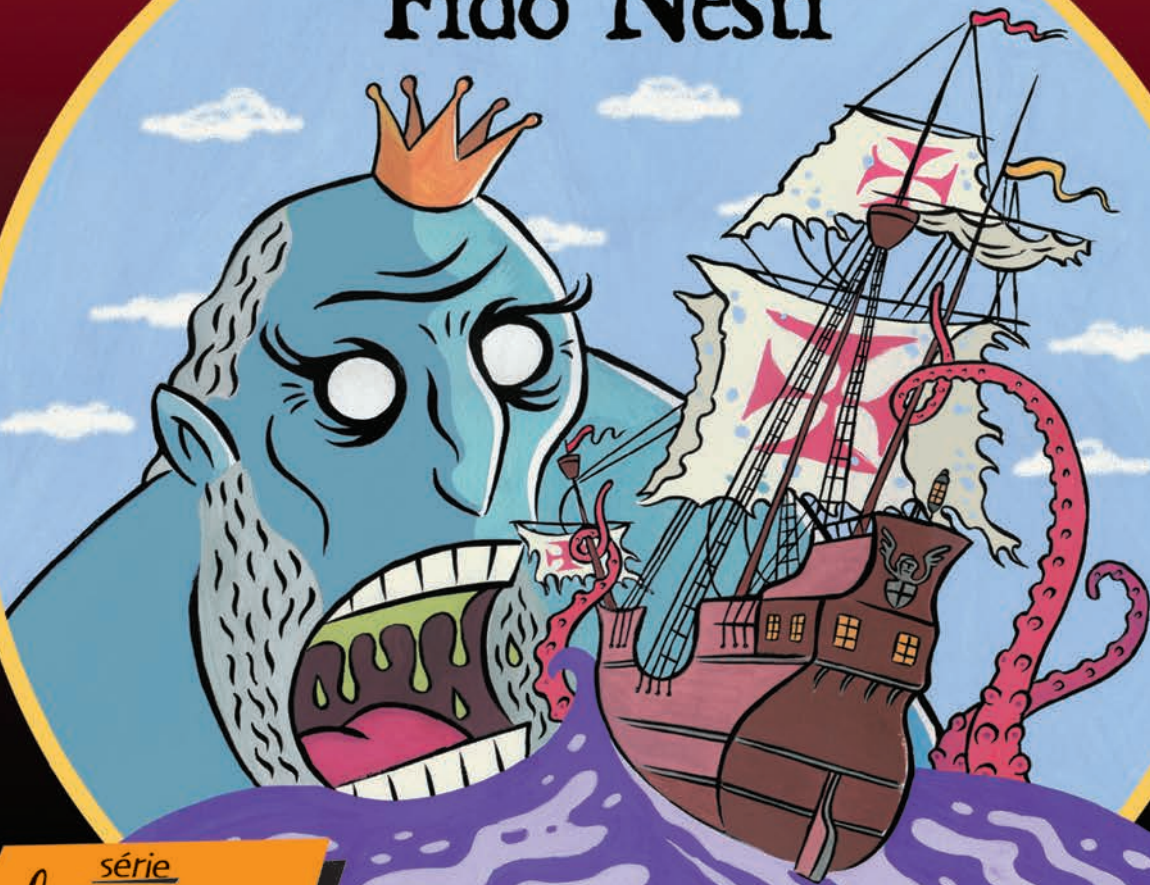




Os Lusíadas

em quadrinhos
por

Fido Nesti



série
clássicos
em HQ

Cultura
Peirópolis

Os Lusíadas

Um mapa dos episódios mais marcantes da obra *Os Lusíadas*, de Luís de Camões, abre a rota de leitura deste livro de Fido Nesti. Uma rota permeada de caminhos inusitados, que se inicia com o próprio autor, criado personagem pelo desenhista, a dar as boas-vindas aos marinheiros de primeira viagem que visitam essa obra em versos, reconhecidamente a mais importante da língua portuguesa.

Em “Inês de Castro”, as cores fortes dominam parte do cenário fúnebre, ao passo que uma interdição amorosa resulta na morte da personagem pelas mãos do carrasco real. No “Gigante Adamastor”, Fido nos remete a obras como *Moby Dick* e à construção das imagens em quadrinhos antigos, como a leitura em negativo que se repete nos quadros com os espectros. “O Velho do Restelo” e “A ilha dos amores” fazem referências, entre outras tantas leituras, à filosofia e à mitologia, respectivamente.

Camões viveu intensamente as grandes transformações do seu tempo; um artista europeu durante o período renascentista, na Europa assolada pelo ímpeto das conquistas marítimas, descobridora de novos continentes e culturas, mas também um aventureiro de biografia curiosa, que não deixou de fazer refletir em sua obra a paixão pelo encontro com outros hábitos e modos exóticos, na linha sempre tênue entre apogeu e glória, aventura e tragédia.



Luís de Camões



Luís Vaz de Camões é considerado um dos maiores poetas da língua portuguesa e uma das maiores expressões da literatura épica universal. Sua biografia é obscura e não se sabe se nasceu em Lisboa ou em Coimbra, entre 1517 e 1525. Viveu intensamente as grandes transformações do período renascentista na Europa assolada pelo ímpeto das conquistas marítimas, descobridora de novos continentes e culturas. Morreu em 1580 na mais completa miséria.

“Na minha cabeça um clássico conta uma história que nunca envelhece e que, por isso, não conhece barreiras. Dessa maneira, toca pessoas de todas as partes do mundo em todos os tempos.”

Fido Nesti

Fido Nesti



Fido Nesti (1971)

Fido Nesti nasceu em São Paulo e começou a desenhar bem cedo – primeiro sobre as paredes de seu quarto –, com total consentimento de seus pais, ambos artistas.

No final da década de 1980, iniciou sua carreira desenvolvendo animações para comerciais de TV. Depois de alguns anos trabalhando em agências de publicidade e tocando na noite com sua banda de *rock'n'roll*, decidiu seguir como ilustrador, colaborando em vários livros e revistas. É colaborador frequente do jornal *Folha de S.Paulo* e da revista *The New Yorker*, entre outras. Seus trabalhos podem ser vistos em seu site: <www.fidonesti.com.br>.

Difícil esquecer aquela mal dormida noite em que meu cérebro tentava memorizar trechos e mais trechos de Camões para a prova de literatura do dia seguinte. Isso já foi há muitos anos, e eu nunca poderia imaginar, nem em meus sonhos mais insanos, que um dia fosse assinar uma adaptação d’*Os Lusíadas* para os quadrinhos.

Quando recebi esta hercúlea tarefa desliguei o telefone num misto de excitação e temor. Sabia que estava prestes a chafurdar em águas por mim nunca “dantes” navegadas. Mas como recusar tamanho presente? Logo me vi rodeado de livros embolorados, pincéis esfolados, unhas cobertas de nanquim e novas dores na coluna cervical.

Extraí, dos dez cantos (8.816 versos), os trechos que julguei mais relevantes e populares: a trágica história de Inês de Castro, as experientes palavras do Velho do Restelo, o dramático encontro com o Gigante Adamastor e os suspiros lascivos da Ilha dos Amores. Um dos maiores desafios foi criar imagens respeitando a métrica rítmica de Camões, cuidando para que a narrativa visual fluísse naturalmente. Gosto de usar referências do cinema, literatura e até de outros quadrinhos em meus trabalhos, e aqui o leitor atento poderá encontrar “cenas” de filmes como *O gabinete do Dr. Caligari*, *O Barão de Munchausen* e *Moby Dick*. O pequeno topete de Camões e a sisuda barba de Vasco da Gama foram inspirados em Tintin e Capitão Haddock, de Hergé. O texto foi extraído do confronto entre edições portuguesas, edições críticas brasileiras e institutos de pesquisa camonianos.

Não poderia deixar de agradecer a Denyse, Renata e todos os demais tripulantes da Editora Peirópolis, que tão bem me receberam, à Tatiana, minha musa inspiradora, a Adão e Zed pelos incontáveis conselhos, ao Angeli pela eterna inspiração, e ao Galhardo pela valiosa indicação que me fez mergulhar neste projeto.



Entrevista

Qual a sua relação com os clássicos da literatura ocidental? (Além de seu álbum *Os Lusíadas em quadrinhos*, você, por exemplo, realizou um trabalho de capa para uma obra de Jane Austen e ainda tem outras “reflexões” por imagens a partir de contos de Grimm, não é?)

Depois de *Os Lusíadas em quadrinhos*, participei de uma coletânea de contos dos Irmãos Grimm (*Irmãos Grimm em quadrinhos*, editora Desiderata, 2007). Fiquei encarregado de adaptar *A Gata Borralheira*. Foi um trabalho muito interessante, já que a versão extremamente popular é aquela dos estúdios Disney – *Cinderela* – que bebeu livremente dessa fonte original, com a diferença de que, a princípio, o conto originalmente publicado era cruelmente pesado.

O que é um clássico para você?

Na minha cabeça um clássico conta uma história que nunca envelhece e que, por isso, não conhece barreiras. Dessa maneira, toca pessoas de todas as partes do mundo em todos os tempos.

Você sentiu algo como “o peso da tradição” ao adaptar *Camões*?

Achei importante manter o respeito para com o texto original. Assim, fiz questão de não alterar nenhuma vírgula, deixando minha imaginação correr solta com as imagens. Acho, aliás, que este foi o grande trunfo da minha adaptação. Uma vez que decidi por este caminho, ficou fácil de lidar com esse “peso da tradição”.

Poderia nos contar um pouco sobre seu processo de criação de *Os Lusíadas em quadrinhos*?

Para começar puxei da memória aqueles cantos que mais me marcaram quando estudei a obra, no ensino médio, cerca de 25 anos atrás. Reli esses e vários outros cantos de *Os Lusíadas*, já imaginando personagens, cenários e sequências que poderiam render uma boa narrativa na linguagem dos quadrinhos.

E qual a sua contribuição pessoal para a obra de *Camões*?

Tive a ideia de transformar Luís de Camões em um personagem atuante. Imaginei Camões introduzindo e concluindo o livro. Uma vez que os cantos estavam definidos, o maior desafio foi mesmo dividir os versos nos limites físicos dos quadrinhos, com a intenção de não quebrar suas rimas e não interferir nos significados.

O que, em *Os Lusíadas*, fisgou você?

Acho que foi exatamente o desafio de transformar essa obra clássica que é tão familiar por fazer parte do currículo escolar brasileiro, em algo diferente, acessível. Fico contente quando professores e alunos me falam que, de alguma forma, com o álbum, ajudei a despertar neles o interesse por Camões.

Como você vê o álbum *Os Lusíadas em quadrinhos* em relação ao conjunto de sua obra até o momento?

Foi uma obra muito importante para mim, realmente. *Os Lusíadas em quadrinhos* abriu muitas portas em um momento decisivo, no qual eu ainda lutava com dúvidas em relação à ideia de seguir trabalhando com quadrinhos.

FIDO NESTI

Sumário



Introdução



As ARMAS E OS BARÕES ASSINALADOS QUE, DA OCIDENTAL PRAIA LUSITANA, POR MARES NUNCA DE ANTES NAVEGADOS PASSARAM AINDA ALÉM DA TAPROBANA,

EM PERIGOS E GUERRAS ESFORÇADOS, MAIS DO QUE PROMETIA A FORÇA HUMANA, E ENTRE GENTE REMOTA EDIFICARAM NOVO REINO, QUE TANTO SUBLIMARAM;

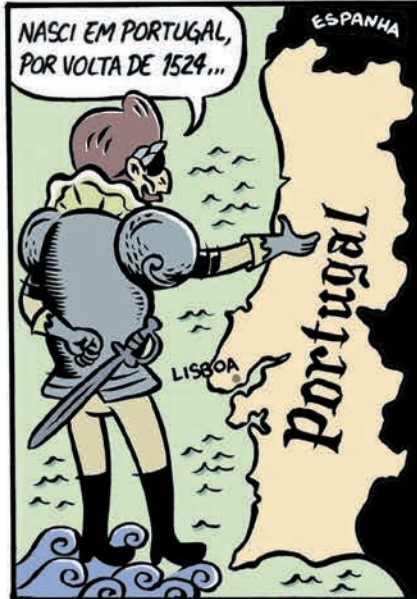


E TAMBÉM AS MEMÓRIAS GLORIOSAS DAQUELES REIS QUE FORAM DILATANDO A FÉ, O IMPÉRIO, E AS TERRAS VICIOSAS DE ÁFRICA E DE ÁSIA ANDARAM DEVASTANDO, E AQUELES QUE POR OBRAS VALEROSAS SE VÃO DA LEI DA MORTE LIBERTANDO: CANTANDO ESPALHAREI POR TODA PARTE, SE A TANTO ME AJUDAR O ENGENHO E ARTE.

ASSIM DEVERIA ESTA OBRA INICIAR, MAS VAMOS COM CALMA, MEU CARO LEITOR...



MEU NOME É LUÍS. LUÍS VAZ DE CAMOËS!



NASCI EM PORTUGAL, POR VOLTA DE 1524...

E VOU LHE CONTA UM POUQU DE MINHA EMPREITADA...



NUMA MÃO SEMPRE A PENA... NOUTRA A ESPADA!

MINHA FAMÍLIA ERA POBRE
PORÉM NOBRE...



DE MODO QUE TIVE AULAS DE
LATIM, FILOSOFIA E LETRAS VIVAS
NO MOSTEIRO DE SANTA CRUZ,
EM COIMBRA...



E MAIS TARDE FREQUENTEI OS
SERÕES DA CORTE, EM LISBOA,
ONDE DANÇEI COM MUITAS DAMAS
E DONZELAS.



FUI ENTÃO COMBATER OS MOUROS AO NORTE DA ÁFRICA, COMO
SOLDADO DA COROA. NUMA SANGUINOLENTA ESCARAMUÇA PERDI
UM DOS OLHOS ...



DE VOLTA A PORTUGAL ME METI
EM LENÇÓIS AINDA MAIS SUJOS...
APÓS FERIR UM JOVEM NUMA
BRIGA, FUI
JOGADO NO
CALABOUÇO...



OBTIVE PERDÃO COM O
PAGAMENTO DE QUATRO MIL-RÉIS.

COM FAMA DE ARRUACEIRO E
SEDUTOR BARATO, ARRANJEI
INIMIGOS ENTRE OS
FIDALGOS...



SHHHHHHHH...

BUUUUUUM!



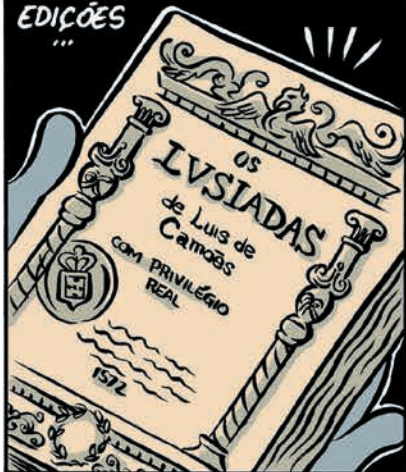
POR ISSO DECIDIRAM ME ENVIAR
PARA BEM LONGE, E ASSIM
FUI PARAR NO ORIENTE...

DEPOIS DE UM TEMPO NA ÍNDIA,
CONSEGUI UM EMPREGO NA
CHINA, COMO PROVIDOR-MOR
DOS DEFUNTOS E
AUSENTES.





EM 1572, A OBRA FOI FINALMENTE PUBLICADA. FEZ TANTO SUCESSO QUE LOGO GANHOU VÁRIAS EDIÇÕES ...



E COM O TEMPO FOI CAINDO NO GOSTO POPULAR ...

CESSEM DO SÁBIO GREGO E DO TROIANO AS NAVEGAÇÕES GRANDES QUE FIZERAM; CALE-SE DE ALEXANDRO E DE TRAJANO A FAMA DAS VITÓRIAS QUE TIVERAM;



QUE EU CANTO O PEITO ILUSTRE LUSITANO, A QUEM NEPTUNO E MARTE OBEDECERAM. CESSE TUDO O QUE A MUSA ANTIGA CANTA, QUE OUTRO VALOR MAIS ALTO SE ALEVANTA!



NO ENTANTO, A TENÇA PROMETIDA PELO REI ERA PEQUENA E PAGA IRREGULARMENTE...



FORÇANDO-ME A VIVER OS ÚLTIMOS DIAS DE FORMA MISERÁVEL ...



VIM A FALECER NO DIA 10 DE JUNHO DE 1580, SENDO ENTERRADO EM COVA RASA NA IGREJA DE UM CONVENTO DE FREIRAS.



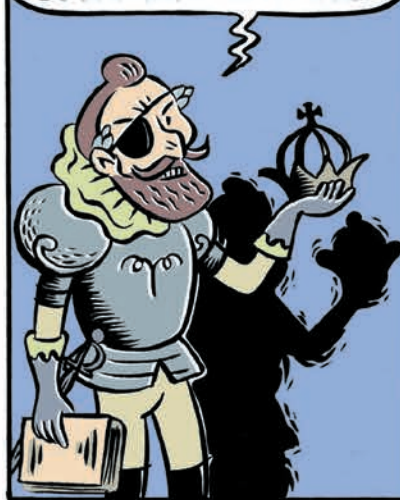
ECONOMIZAI VOSSAS LÁGRIMAS, CARO LEITOR...



POIS, DAS PÁGINAS DE MEU LIVRO, CONTAR-VOS-EI AGORA UM CASO MAIS TRISTE AINDA...



"ACONTECEU DA MISERA E MESQUINHA QUE DESPOIS DE SER MORTA FOI RAINHA!..."



Inês de Castro



TU SÓ, TU, PURO AMOR, COM FORÇA CRUA,
QUE OS CORAÇÕES HUMANOS TANTO OBRIGA,
DESTE CAUSA À MOLESTA MORTE SUA,
COMO SE FORA PÉRFIDA INIMIGA.

SE DIZEM, FERRO AMOR, QUE A SEDE TUA
NEM COM LÁGRIMAS TRISTES SE MITIGA,
É PORQUE QUERES, ÁSPERO E TIRANO,
TUAS ARAS BANHAR EM SANGUE
HUMANO.



ESTAVAS, LINDA INÊS, POSTA EM SOSSEGO,
DE TEUS ANOS COLHENDO DOCE FRUITO,
NAQUELE ENGAÑO DA ALMA, LEDO E CEGO,
QUE A FORTUNA NÃO DEIXA DURAR MUITO.



NOS SAUDOSOS CAMPOS DO MONDEGO,
DE TEUS FERMOLOS OLHOS NUNCA ENXUITO,
AOS MONTES ENSINANDO E ÀS ERVINHAS
O NOME QUE NO PEITO ESCRITO TINHAS.



DO TEU PRÍNCIPE ALI TE RESPONDIAM
AS LEMBRANÇAS QUE NA ALMA LHE MORAVAM,
QUE SEMPRE ANTE SEUS OLHOS TE TRAZIAM,
QUANDO DOS TEUS FERMOLOS SE APARTAVAM.



DE NOITE, EM DOCES SONHOS QUE MENTIAM,
DE DIA, EM PENSAMENTOS QUE VOAVAM;
E QUANTO, ENFIM, CUIDAVA E QUANTO VIA
ERAM TUDO MEMÓRIAS DE ALEGRIA.

DE OUTRAS BELAS SENHORAS E PRINCESAS
OS DESEJADOS TÁLAMOS ENJEITA,
QUE TUDO, ENFIM, TU, PURO AMOR, DESPREZAS
QUANDO UM GESTO SUAVE TE SUJEITA.



VENDO ESTAS NAMORADAS ESTRANHEZAS,
O VELHO PAI SESUDO, QUE RESPEITA
O MURMURAR DO POVO E A FANTASIA
DO FILHO, QUE CASAR-SE NÃO QUERIA,

TIRAR INÊS AO MUNDO DETERMINA,
POR LHE TIRAR O FILHO QUE TEM PRESO,
CRENDO CO'O SANGUE SÓ DA MORTE INDINA
MATAR DO FIRME AMOR O FOGO ACESO.



QUE FUROR CONSENTIU QUE A ESPADA FINA
QUE PÔDE SUSTENTAR O GRANDE PESO
DO FUROR MAURO, FOSSE ALEVANTADA
CONTRA U'A FRACA DAMA DELICADA?



TRAZIAM-NÁ OS HORRÍFICOS ALGOZES
ANTE O REI, JÁ MOVIDO A PIEDADE,
MAS O POVO, COM FALSAS E FEROSAS
RAZÕES, A MORTE CRUA O PERSUADE.



ELA, COM TRISTES E PIEDOSAS VOZES,
SAIDAS SÓ DA MÁGOA E SAUDADE
DO SEU PRÍNCIPE E FILHOS, QUE DEIXAVA,
QUE MAIS QUE A PRÓPRIA MORTE
A MÁGOAVA,

PERA O CÉU CRISTALINO ALEVANTANDO,
COM LÁGRIMAS, OS OLHOS PIEDOSOS
(OS OLHOS, PORQUE AS MÃOS LHE ESTAVA
ATANDO UM DOS DUROS MINISTROS
RIGOROSOS),

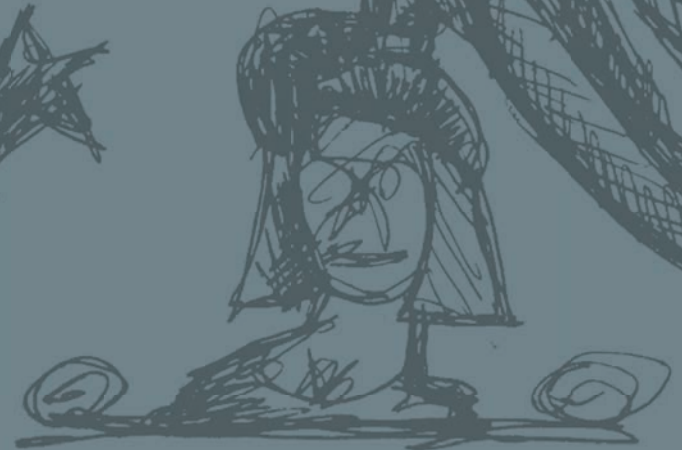
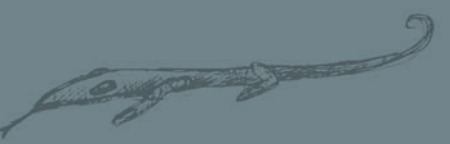
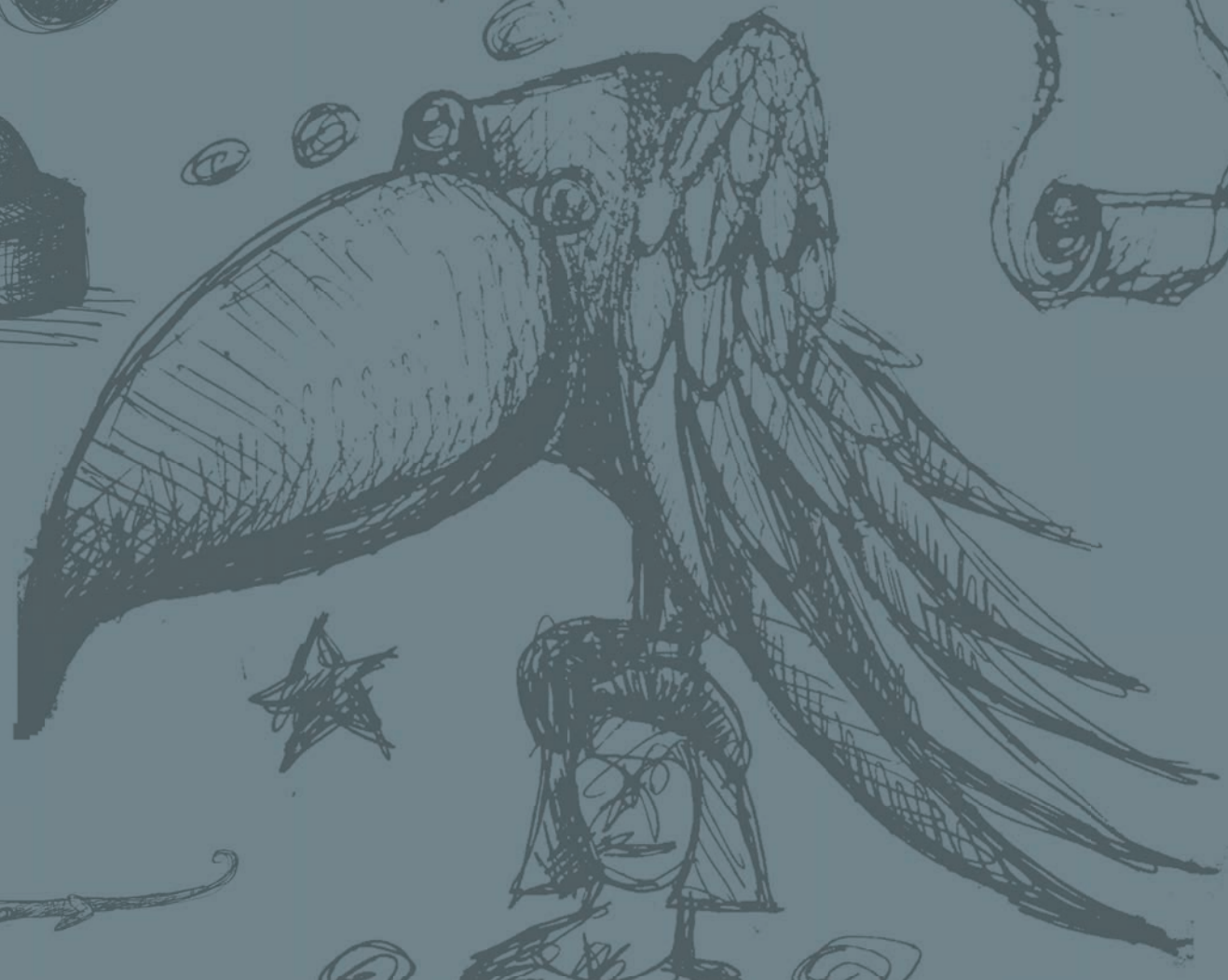
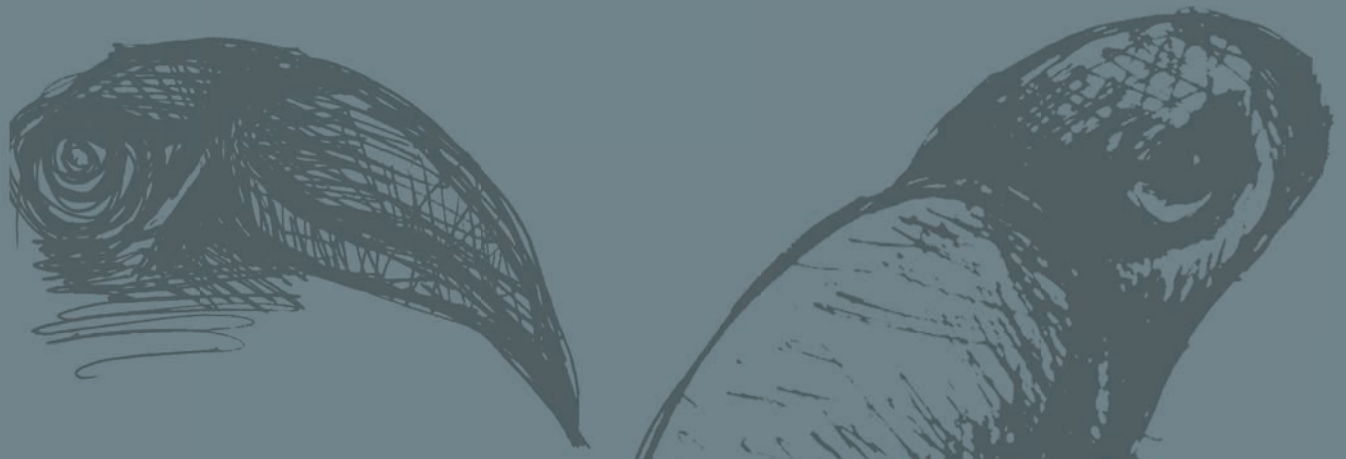


E DESPOIS, NOS MININOS ATENDANDO,
QUE TÃO QUERIDOS TINHA E TÃO MIMOSOS,
CUJA ORFINDADE COMO MÃE TEMIA,

PERA O AVÔ CRUEL ASSI DIZIA:

SE JÁ NAS BRUTAS FERAS, CUJA MENTE
NATURA FEZ CRUEL DE NASCIMENTO,
E NAS AVES AGRESTES, QUE SOMENTE
NAS RAPINAS AÉREAS TÊM O INTENTO,
COM PEQUENAS CRIANÇAS VIU A GENTE
TEREM TÃO PIADOSO SENTIMENTO,
COMO CO'A MÃE DE NINO JÁ MOSTRARAM,
E CO'OS IRMÃOS QUE ROMA EDIFICARAM;

Ó TU, QUE TENS DE HUMANO O GESTO E O PEITO
(SE DE HUMANO É MATAR ÛA DONZELA,
FRACA E SEM FORÇA, SÓ POR TER SUJEITO
O CORAÇÃO A QUEM SOUBE VENCÊ-LA),
A ESTAS CRIANCINHAS TEM RESPEITO,
POIS O NÃO TENS À MORTE ESCURA DELA;
MOVA-TE A PIEDADE SUA E MINHA,
POIS TE NÃO MOVE A CULPA QUE NÃO TINHA.



O CORVO

EM QUADRINHOS

POR
LUCIANO
IRRTHUM.

EDGAR ALLAN POE
EM TRADUÇÃO DE
MACHADO DE ASSIS

série
clássicos
em HQ

EDITORA
Peirópolis



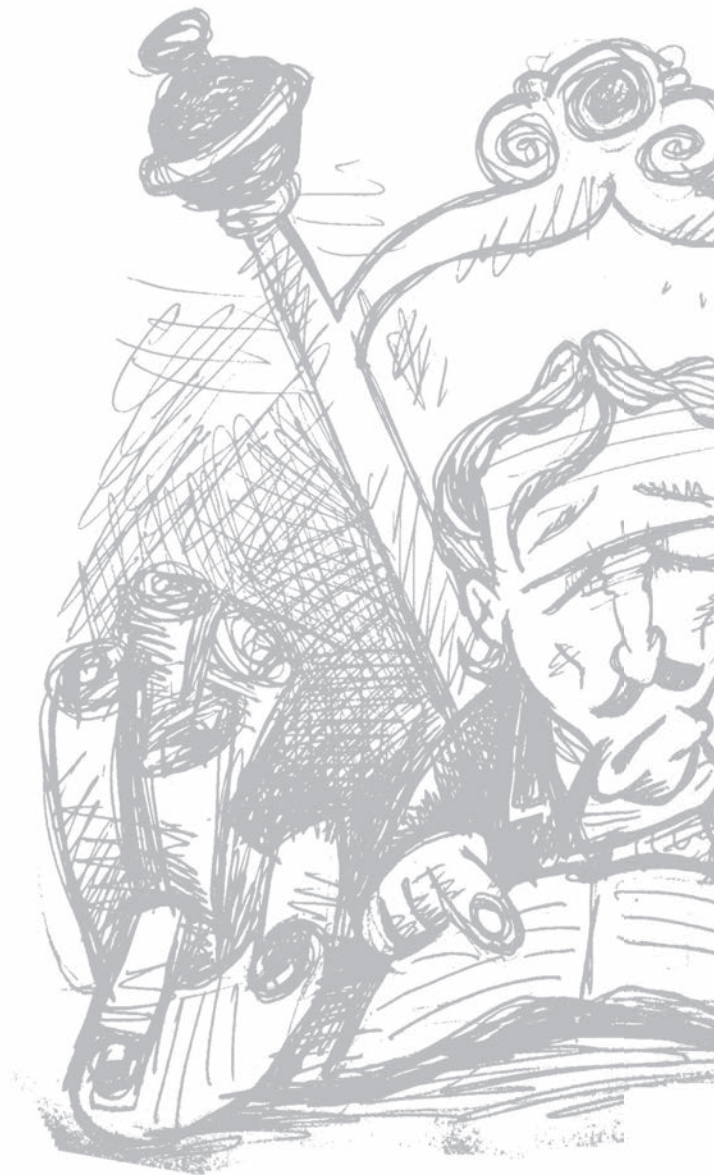
O CORVO

Luciano Irrthum ganhou do avô um livro antigo do mestre do terror e do mistério, o americano Edgar Allan Poe (1809-1849). Ao abrir aquele exemplar enebado encontrou, no meio das páginas amareladas, um recorte de jornal que narrava um fato curioso sobre o túmulo do escritor, cujo centenário de nascimento é comemorado em 2009: todos os anos, uma garrafa de conhaque e três rosas são deixadas sobre sua lápide no dia de sua morte.

A notícia intrigou para sempre o jovem Irrthum. Depois de ler todos os contos de Poe, que inspirou a alma e a obra dos poetas mais elevados de todos os tempos, ele decidiu adaptar para os quadrinhos o poema mais conhecido do clássico escritor americano, “O corvo” (The raven).

O corvo em quadrinhos é a terceira versão do artista para essa adaptação. Tinha mesmo que realizá-la, pois já na primeira, um fanzine publicado pelo amigo Peter Baiestorf, foi premiado com “A Melhor HQ de 1995”. Aqui está, na íntegra, a versão que o autor reconhece como definitiva: o poema em quadrinhos de Irrthum, escondendo referências às primeiras leituras que fez de contos de Poe, que certamente irão deliciar os leitores que conhecem a obra desse autor mais a fundo.

A opção, entre tantas ilustres, pela tradução de Machado de Assis busca promover o encontro de Machado com um de seus escritores favoritos no ano do bicentenário de Poe, em que se comemora também o centenário de morte do brasileiro.



Edgar Allan Poe



Edgar Allan Poe (1809-1849) é reconhecido mundialmente como um dos precursores da literatura de ficção científica e fantástica. Nasceu em Boston, de pai e mãe atores, mas foi criado pela abastada família Allan depois do falecimento da mãe. Poe escreveu poemas, contos e novelas e influenciou autores como Baudelaire, Maupassant e Dostoiévski. Considerado uma obra-prima, o poema "O corvo" deu a Poe a fama que ele cultivava escrevendo prosa e atravessou dois séculos inspirando a admiração de grandes nomes da literatura.



Luciano Irrthum



Luciano Irrthum (1972)

Nasceu em João Monlevade, Minas Gerais. Formado em design gráfico pela Fundação Mineira de Arte Aleijadinho (Fuma), escola superior de comunicação visual que hoje integra a Universidade Estadual de Minas Gerais (UEMG), vive hoje em Belo Horizonte, onde trabalha como ilustrador, quadrinista e artista plástico. Publica seus quadrinhos e desenhos em revistas independentes como a *Solar*, a *Quantum* e a *Graffiti 76% Quadrinhos*. Em 2009, publicou HQs na edição da revista *Peiote*, dedicada ao gênero fantástico, e no fanzine ecológico *Celacanto*, de Portugal. Participou de várias exposições coletivas no Brasil e no exterior. É autor do álbum *A comadre do Zé*, da *Graffiti* (2008).

O ano era 1994, os fanzines borbulhavam pelo país e eu fazia parte do núcleo de quadrinhos da Fuma. Tinha acabado de ganhar um livro de presente do meu avô, de um autor até então desconhecido para mim. Fiquei muito impressionado com seus contos e poemas. O nome dele era Edgar Allan Poe.

Enquanto Poe começava a fazer parte das minhas leituras, comecei a fazer parte do mundo dos fanzines. Fiz amizade com muitos “zineiros”, entre eles o Peter Baiestorf, da Canibal Produções. Trocamos várias cartas, eu em Belo Horizonte, ele em Palmitos, no interior de Santa Catarina, e conversamos sobre vários autores... A “corja impura”, como carinhosamente chamávamos os que gozavam da nossa mais alta estima: Augusto dos Anjos, Baudelaire, Bukowski, Kafka, Crumb e, como não poderia faltar, Poe...

Logo surgiu a ideia de fazermos uma HQ com o poema “O corvo”. Naqueles tempos “antigos”, pré-advento do e-mail, trocamos outro monte de cartas, até sair um “zine” em xerox com dezesseis páginas, formato meio-ofício, na coleção Clássicos Canibal. Acabamos ganhando o Prêmio Nova – Melhor HQ de 1995.

Passaram-se quinze anos. Paralelamente ao redemoinho de acontecimentos desses anos velozes, continuei desenhando HQ. Em 2008, o pessoal da *Graffiti 76% Quadrinhos* lançou, dentro de seu projeto editorial de álbuns autorais, minha história “A comadre do Zé”. Foi minha primeira HQ mais longa, uma grande experiência para mim.

Quando esse álbum foi parar na Peirópolis, surgindo daí o convite para fazer novamente “O corvo”, eu estava preparado: há anos sonhava em refazer essa adaptação na íntegra. Ainda assim, foram muitos dias e muitas noites na prancheta, com direito a estranhos fenômenos protagonizados pelo computador nos últimos minutos do segundo tempo. Quando tudo terminou, tive uma sensação engraçada: pareceu-me que o corvo estava ali, bem em cima do computador, olhando para mim...



Entrevista

O que é um clássico para você?

Para mim, independente de ser uma obra literária, um clássico é um trabalho que resiste ao tempo, por ser original.

Você tinha lido "O corvo" antes do trabalho com o álbum. Qual sua impressão do texto na primeira vez em que o leu?

Li em 1994. Estava num livro que ganhei de presente do meu avô, que adorava o Poe. Nossa, nunca tinha lido nada do Poe, e quando li os contos fiquei impressionado com a narrativa dele e o desenrolar das histórias.

Como foi trabalhar com um poema de Poe?

O interessante em passar para os quadrinhos "O corvo" foi ter de me aprofundar mesmo na história, incorporar mesmo o ambiente, o personagem. Para mim, que lido com a imagem, foi um desafio também, já que todo o poema se passa num único ambiente e isso poderia ficar meio chato numa HQ, ficar repetitivo demais, monótono. Espero ter conseguido, por meio dos desenhos e do humor, quebrar isso.

Poderia nos contar um pouco sobre seu processo de criação deste álbum?

Para mim foi bem tranquilo. Eu li o poema um tanto de vezes antes de começar a desenhar. Pesquisei, então, o significado de algumas palavras que não entendia direito e fui desenhando... a parte mais complicada foi a revisão. Cada trabalho é um novo desafio e uma alegria diferente vem depois de ver tudo concluído, então, aparece um vazio de novo até pintar um novo projeto.

O que nesta obra de Edgar Allan Poe mais intrigou você?

Acho que foi o momento do fim da realização do meu próprio álbum e uma questão que eu resolvi: dentro daquele livro que ganhei do meu avô em 94 veio um recorte de jornal com a notícia de um estranho visitante que, na época, e há mais de 20 anos, visitava o túmulo do Poe. Deixava lá uma garrafa de conhaque e umas rosas no dia do aniversário do poeta. Anos depois, quando trabalhava em *O corvo em quadrinhos* para a Peirópolis, eu estava procurando referências visuais do túmulo de Poe na internet e deparei com uma notícia que dizia que o filho daquele visitante antigo continuava com o "ritual"!

Que coincidência surpreendente...

Até me arrepiei quando li aquilo, e resolvi então colocar a garrafa de conhaque e as rosas na última página do álbum... Mas não comentei nada com ninguém sobre o motivo disso, até agora.

Como você vê *O corvo em quadrinhos* em relação ao conjunto de sua obra até o momento?

Eu já tinha feito "O corvo" em quadrinhos antes, duas vezes em *fanzines*, com restrição de páginas, cortando trechos do poema, e em preto em branco. Sempre quis refazer este poema na íntegra e com um acabamento melhor. Quando surgiu a oportunidade dessa edição, coincidindo com o bicentenário do nascimento de Edgar Allan Poe, foi o fechamento de um processo. Foi um grande prazer para mim ter publicado esse trabalho e fazer parte da coleção Clássicos em HQ da Peirópolis, ao lado de ótimos autores que admiro muito.

LUCIANO IRRTHUM



E O ECO, QUE TE OUVIU,
MURMUROU-TE NO ESPAÇO;



FOI ISSO APENAS,
NADA MAIS.









ABRO A JANELA E, DE REPENTE,
VEJO TUMULTUOSAMENTE
UM NOBRE CORVO ENTRAR.

DIGNO DE ANTIGOS DIAS.









DEMÔNIOS



EM QUADRINHOS

ALUISIO AZEVEDO
POR

GUZZELLI.:



série
clássicos
em HQ



EDITORA
Peirópolis

Demônios

Esta adaptação à HQ do conto fantástico “Demônios”, de Aluísio Azevedo (1857-1913) – um dos mais importantes escritores brasileiros, reconhecido como o precursor do naturalismo no Brasil –, reflete toda a ambiguidade e riqueza da obra original.

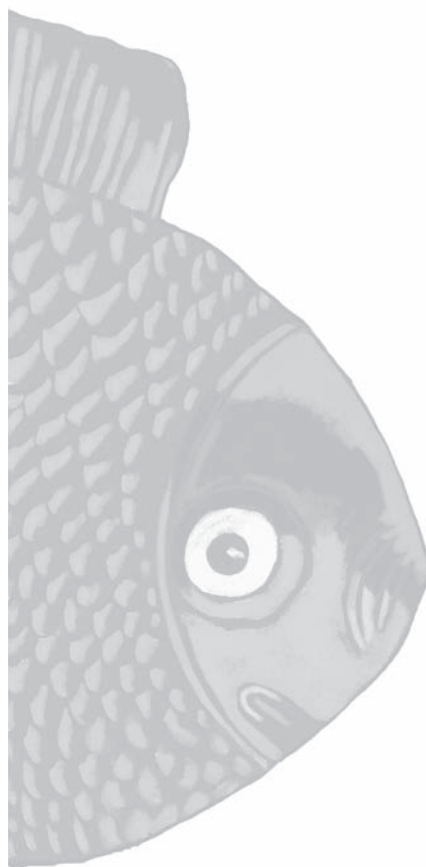
Praticamente desconhecido, o conto é uma das mais precoces manifestações do fantástico na literatura brasileira e a única peça do gênero do escritor maranhense, autor da trilogia canônica composta por *O mulato* (1881), *Casa de pensão* (1884) e *O cortiço* (1890).

Pelo traço do quadrinista Guazzelli, o leitor é conduzido, junto com o personagem narrador, pelos caminhos abismais dessa narrativa, que se inicia com uma pequena e sutil alteração do ritmo natural das coisas. De um estado de hesitação diante do que vê, quando acorda à noite em meio ao silêncio absoluto, o personagem é vencido pelo torpor e pelo estranhamento, atirado ao medo, à escuridão e ao lodo, entregue ao mistério do processo de criação, ao seu aprisionamento e terror.

Para além da pura manifestação do fantástico, Guazzelli ilustrou não apenas a riqueza imagética do conto em seu voo quase cego em direção ao caos e à escuridão. Leitor atento e artista que convive intimamente com as agruras do processo criativo, Guazzelli soube também captar do conto as características mais recônditas, como a consagração do amor romântico e sua premissa de isolamento. Na busca do personagem pela resposta para o torpor instaurado, Guazzelli encontra a experiência quase mítica de Adão e Eva, que,

enxotados do paraíso, mergulham na incerteza e se fazem permanentes, partes da natureza.

A reflexão sobre a literatura em si mesma, sobre a vida e sobre a arte, aparece em cada quadro desse mundo singular, num convite irrecusável para um mergulho na obra de Aluísio Azevedo.



Aluísio de Azevedo

O escritor **Aluísio Azevedo** nasceu em São Luís do Maranhão, em 14 de abril de 1857, e morreu em Buenos Aires, Argentina, em 21 de janeiro de 1913. Reconhecido no cânone da literatura brasileira como precursor do Naturalismo, foi um dos mais importantes escritores brasileiros da segunda metade do século XIX.

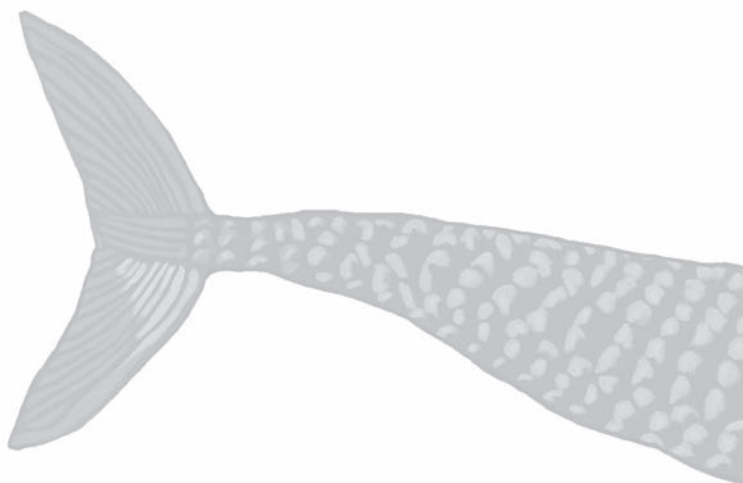
Irmão do dramaturgo e jornalista Arthur Azevedo, dedicou-se ao desenho, à pintura e à caricatura antes de enveredar pela escrita. Sua vida no Rio de Janeiro começou em 1876, quando se transferiu para a capital para estudar Belas Artes. A partir daquele momento, passou a ganhar seu sustento como desenhista, trabalhando em periódicos cariocas.

Sua carreira literária começa no Maranhão, quando retorna, em 1878, devido à morte de seu pai. Um ano depois, lança sua primeira novela, *Uma lágrima de mulher*, de tom fortemente romântico. Dois anos depois ele publica *O mulato*, obra que chocou a sociedade reacionária da época, uma vez que o autor já era abolicionista convicto. O sucesso alcançado com *O mulato* leva-o de volta ao Rio de Janeiro, onde passa a viver exclusivamente da literatura, escrevendo novelas, contos, crônicas e peças teatrais.

Com *O mulato*, Aluísio Azevedo é considerado o precursor da estética naturalista no Brasil. Depois vieram *Casa de pensão* (1884) e *O cortiço* (1890), os três romances que formam a sua célebre “trilogia naturalista”. Hoje, a crítica literária começa a reconhecer outras vertentes de sua obra, como aquela expressa no livro de contos *Demônios*. O grande talento e a criatividade fizeram de Aluísio um escritor múltiplo, levando-o a navegar por tantas diferentes águas. Outro motivo que o levou à produção diversa foi, certamente, a necessidade de viver do ofício. Aluísio foi um dos poucos escritores brasileiros que, durante grande parte da sua vida, viveu exclusivamente da escrita literária e do jornalismo.

Após se tornar conhecido como escritor, Aluísio fez concurso para a carreira diplomática. Ao ser admitido, em 1895, acabou por abandonar a literatura. Serviu na Espanha, Itália, Inglaterra, Japão e Argentina.

Aluísio Azevedo é o fundador da cadeira número quatro da Academia Brasileira de Letras.



Eloar Guazelli



Eloar Guazelli (1962)

Gaúcho de Vacaria, é admirador do fantástico desde a adolescência. Guazelli é ilustrador, quadrinista, diretor de arte para animação e *wap designer*. Mestre em comunicação pela Escola de Comunicações e Artes (ECA-USP), foi premiado no importante *Yomiuri International Cartoon Contest* (1991), no Japão. Além desse, recebeu inúmeros outros prêmios em festivais de cinema, salões de humor e bienais de quadrinhos dentro e fora do Brasil. Participou de exposições em diversas partes do mundo, publicou em revistas e ilustrou o livro *El Arroyo de Élisée Reclus*, publicado pela editora espanhola Media Vaca em 2001.

Eu tive a sorte de passar a infância num ambiente cheio de livros e na companhia de irmãos mais velhos. A literatura foi a grande parceira do guri esquisito que fui. Foi meu irmão mais velho que me apresentou essa pequena relíquia: o conto “Demônios”. Ele chamou minha atenção justamente para o enorme potencial imagético desse texto numa época em que eu ainda não fazia quadrinhos, mas essa impressão ficou gravada no meu inconsciente. Muitos anos depois, quando comecei a me aventurar nessa linguagem, sempre me vinha a ideia de um dia – quem sabe quando tudo mudasse e fosse possível fazer álbuns no Brasil (cada um com suas utopias...) – ilustrar essa narrativa. E não é que veio esse estranho século de improbabilidades que se realizam?

Quando ganhei de presente da Peirópolis a oportunidade de realizar um álbum, não tive dúvida em escolher “Demônios”. Esse conto desenrola-se sobre um dos pilares da narrativa de horror: a súbita alteração da ordem natural das coisas; e, mais ainda, traz à tona um dos maiores fenômenos da psicologia humana, que vem desde a mais remota infância: os terrores noturnos. Quem nunca despertou no meio da madrugada desorientado e com uma angústia no peito? Eu sim, na mesma casa onde passei a infância cercado de livros. Muitas vezes despertei em plena madrugada, imerso num terrível silêncio. Antes das tempestades, muito comuns próximo ao Lago Guaíba, tudo ficava em suspensão numa atmosfera carregada, extremamente tensa. Quando comecei a desenhar, foi pra essas noites que viajei em busca desse clima, e foi numa ambientação de sonho que procurei construir minha tradução. Deixei que a própria estrutura dos quadrinhos fosse contaminada pelo caos da narrativa e desenhei as páginas como se eu também fosse um solitário desenhista que despertou no meio da noite em um mundo morto, tendo pela frente somente o exercício do seu ofício, muitas horas antes de uma improvável aurora.



Entrevista

Qual a sua relação com os clássicos da literatura?

Cresci num ambiente que dava grande valor ao conhecimento e às artes, onde a literatura sempre ocupou um lugar de destaque. A biblioteca dos meus pais foi o lugar mais importante da minha infância e o fato de ter irmãos bem mais velhos me ajudou a ampliar os universos e gêneros literários. Os livros acompanharam meu desenvolvimento pessoal, foram meu norte. Aos meus pais devo o aprendizado da melhor forma de estimular o amor pela literatura, através do simples exercício do exemplo.

Por isso, me sinto realizado em dar continuidade a um processo mágico que veio lá da minha infância, quando percorria com o olhar fascinado as várias estantes da casa paterna e descobria maravilhado que os livros eram a “casa” de ilustrações fantásticas, tão poderosas, muitas vezes, quanto a magia dos textos que as haviam inspirado. Numa enciclopédia chamada *Trópico*, descobri a Guerra de Troia, meu tema favorito aos sete anos. Também mergulhei nas selvas de Tazan, viajei no Oriente com as aventuras de Karl May e até voei com Júlio Verne. E, através do gênio de Monteiro Lobato, encontrei meu próprio país. Pouco depois descobri Gustave Doré! Nunca mais o mundo seria o mesmo. Os autores se sucederam, e alguns marcaram determinados períodos. Mas hoje já tenho meus clássicos, aqueles recorrentes que sobrevivem ao grande crítico que é o tempo: Dostoiévski, Babel, Maupassant, Eça, Borges... A maior descoberta pra mim foi entender os autores que mais me tocaram como verdadeiros amigos, posto que a literatura na minha vida tem sido apoio indispensável nos momentos difíceis, quando tudo parece confuso e sem perspectiva. Nessas horas,

alguns livros são o lastros que me mantêm no prumo em plena tempestade. Por outro lado, se não fosse sua poderosa força como motor de propulsão da criatividade, sinto que minha vida seria pequena, limitada como uma pequena habitação. Como um quarto fechado e sem livros nas paredes...

Qual sua relação com o conto “Demônios”, de Aluísio Azevedo?

Desde meu primeiro contato com esse conto, ainda na adolescência, fiquei impressionado com sua capacidade de evocar imagens, o percurso do protagonista em meio às trevas, a absurda sensação de despertar no meio da noite em meio ao maior dos silêncios, o terror absoluto gerado pelo próprio silêncio. Aluísio percebeu com clareza (não sei se intuitivamente ou não) a raiz mais profunda da narrativa de terror, uma sutil alteração na normalidade. Nada pode ser mais aterrozante que uma pequena mudança no ritmo natural das coisas, uma alteração na ordem física, um descompasso, o silêncio totalizante de uma madrugada. Devo essa descoberta ao meu irmão mais velho César, um aficionado da literatura fantástica. Comecei pelo mestre Poe e segui por uma trilha admirável, onde pude me deleitar com as fantasmagorias de Lovecraft, Maupassant, Quiroga, Borges, Cortázar, Potoki, Simões Lopes Neto, entre tantos outros de que não me lembro. Na verdade eu lia sem me prender a nenhuma ordem ou classificação. Acredito que toda literatura no fundo é fantástica porque transcende os limites do real. Realmente as histórias em quadrinhos constituem um território onde as narrativas fantásticas encontram enorme potencial de expansão.

GUAZZELLI



QUASE NUNCA TRABALHAVA À NOITE...

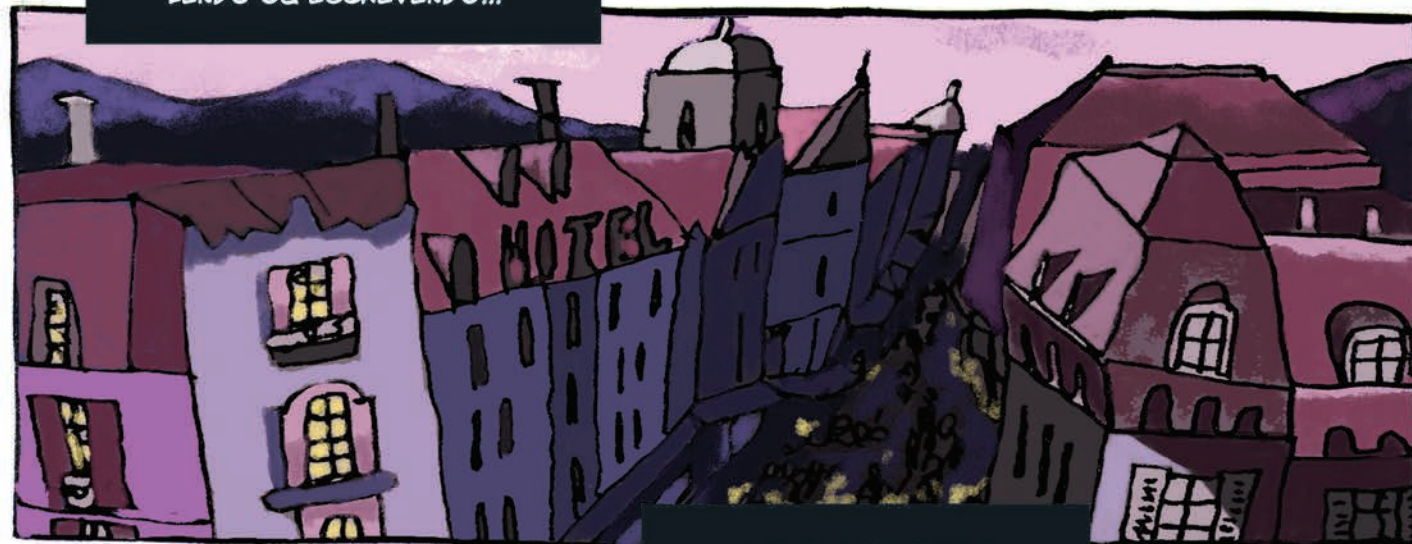


ÀS VEZES, PORÉM, QUANDO ME SUCEDEIA
ACORDAR FORA DE HORA, SEM VONTADE DE
CONTINUAR A DORMIR...





IA PARA A MESA E ESPERAVA,
LENDO OU ESCRREVENDO...



... QUE AMANHECESSE.



LIMA OCASIÃO ACORDEI ASSIM...

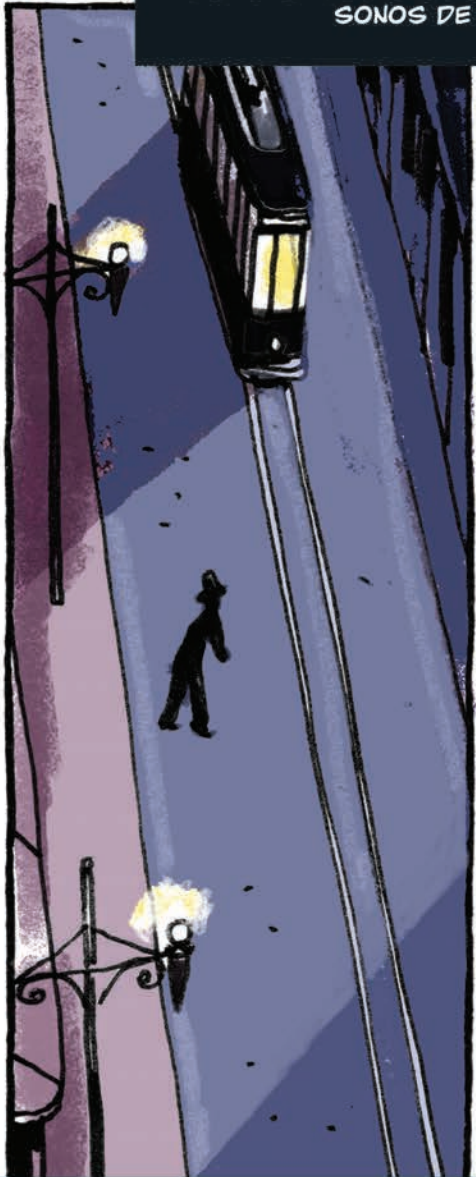


MAS SEM CONSCIÊNCIA DE NADA,





COMO SE VIÉSSE DE UM DESSER LONGOS
SONOS DE DOENTE...



OLHEI EM TORNO DE MIM, ADMIRADO DO LONGO ESPAÇO QUE ME
SEPARAVA DA VIDA E, LOGO QUE ME SENTI MAIS SENHOR DAS
MINHAS FACULDADES, ESTRANHEI NÃO PERCEBER O DIA ATRAVÉS
DAS CORTINAS DO QUARTO...
ENTRETANTO, COISA SINGULAR! PARECIA-ME TER DORMIDO EM
DEMÁSIA, SENTIA-ME ESTRANHAMENTE FARTO DE SONO...



... TINHA A IMPRESSÃO LASSA DE QUEM PASSOU DA SUA HORA DE ACORDAR E FOI ENTRANDO, A DORMIR PELO DIA E PELA TARDE...

QUAL NÃO FOI, PORÉM, A MINHA DECEPÇÃO QUANDO, INTERROGANDO O NASCENTE, DEI COM ELE AINDA COMPLETAMENTE FECHADO E NEGRO.

SINGULAR!
MUITO SINGULAR!





ACENDI A VELA E CORRI AO MEU RELÓGIO DE ALGIBEIRA. MARCAVA MEIA-NOITE. LEVEI-O AO OUVIDO... JÁ NÃO PULSAVA: TINHA ESGOTADO TODA A CORDA. FI-LO COMEÇAR A TRABALHAR DE NOVO, MAS AS SUAS PULSAÇÕES ERAM TÃO FRACAS, QUE EU, SÓ COM EXTREMA DIFICULDADE, CONSEGUIA DISTINGUI-LA.



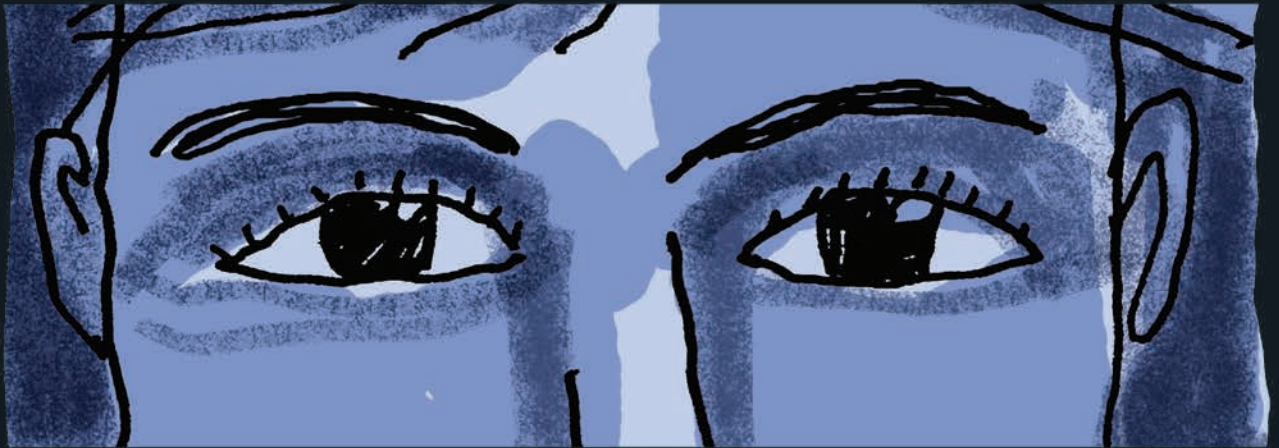
-É SINGULAR! MUITO SINGULAR! REPETIA, CALCULANDO QUE, SE O RELÓGIO ESGOTARA TODA A CORDA, ERA PORQUE EU NÃO HAVIA DORMIDO MUITO MAIS AINDA DO QUE SUPUNHA! ENTÃO ATRAVESSARA UM DIA INTEIRO SEM ACORDAR E ENTRARIA DO MESMO MODO PELA NOITE SEGUINTE.



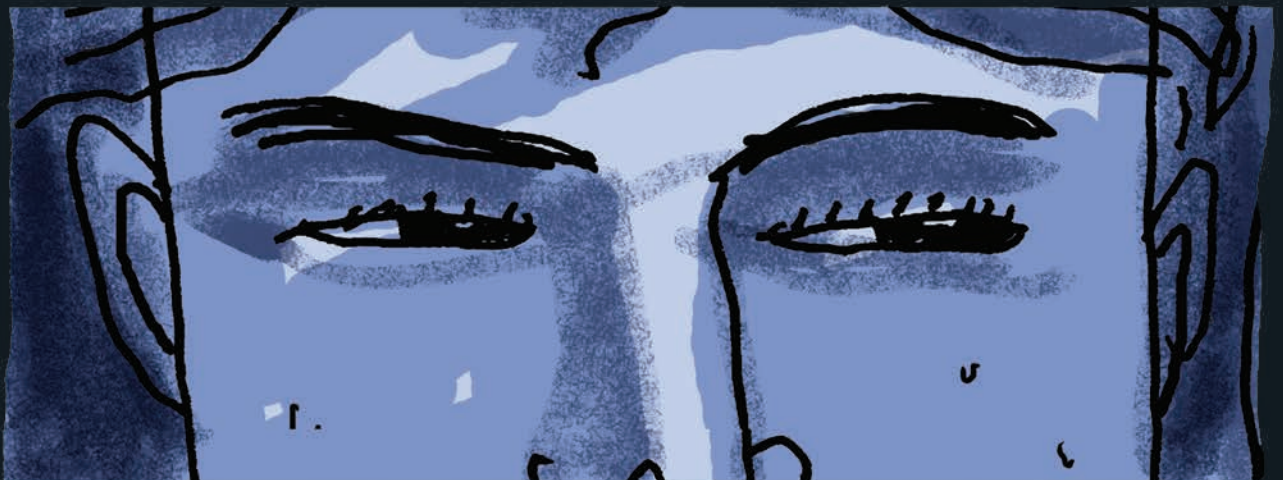
MAS, AFINAL, QUE HORAS SERIAM?



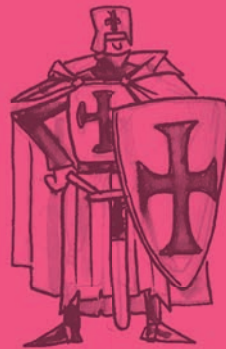
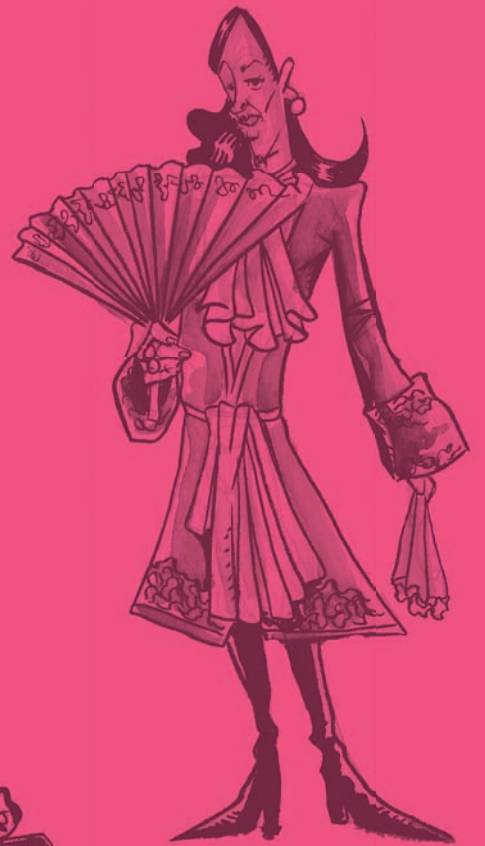
TORNEI À VARANDA, PARA CONSULTAR DE NOVO AQUELA ESTRANHA NOITE, EM QUE AS ESTRELAS DESMAIAVAM ANTES DE CHEGAR A AURORA. E A NOITE NADA ME RESPONDEU, FECHADA NO SEU EGOÍSMO SURDO E TENEBROSO. QUE HORAS SERIAM?



E VEIO-ME A DÚVIDA DE QUE EU TIVESSE FICADO SURDO DURANTE AQUELE MALDITO SONO DE TANTAS HORAS; E, FULMINADO POR ESTA IDEIA, PRECIPITEI-ME SOBRE O TÍMPANO DA MESA E VIBREI-O COM TODA A FORÇA. O SOM FEZ-SE, PORÉM, ABAFADO E LENTO...



E SÓ ENTÃO NOTEI QUE A LUZ DA VELA, À SEMELHANÇA DO SOM DO TÍMPANO, TAMBÉM NÃO ERA INTENSA E CLARA COMO DE ORDINÁRIO E PARECIA OPRIMIDA POR UMA ATMOSFERA DE CATACUMBA. QUE SIGNIFICARIA ISTO?... QUE ESTRANHO CATACLISMO ABALARIA O MUNDO?



AUTO DA BARCA DO INFERNO

DE GIL VICENTE

POR LAUDO FERREIRA

CORES POR OMAR VIÑOLE



série
clássicos
em HQ

texto integral

EDITORA
Peirópolis

Auto da barca do inferno

São duas barcas atracadas num remoto cais: uma vai para o paraíso, a outra para o inferno. Os viajantes chegam desorientados, pois são todos defuntos recentes. Encontram um barqueiro elegante e sarcástico que os convida para subir a bordo: é o diabo em pessoa. Depois de descobrirem o destino daquela embarcação, tentam subir na barca da glória, onde encontram um anjo difícil de ser convencido – ao contrário do diabo, anfitrião sedutor.

Diabo e Anjo são personagens alegóricos do *Auto da barca do inferno*, peça do dramaturgo português Gil Vicente que data de 1517. Escrita no apagar das trevas da Idade Média, a peça fornece ao leitor algo como uma olhada pelo buraco da fechadura, com revelações dos costumes da vida privada e um conseqüente julgamento moral. Ao lê-lo, o leitor contemporâneo tem acesso ao contexto da sociedade portuguesa nos primeiros anos da colonização brasileira.

Nem todo o humor cáustico do autor é capaz de abalar outra de suas características, o fervor católico. Gil Vicente trata de mandar para os infernos uma cafetina e quase deixa a ver navios um judeu, recusado até mesmo pelo Diabo. Por outro lado, o autor não teme fidalgos,

homens do judiciário e padres luxuriosos, embarcando-os em más companhias. Já para a barca da glória, são poucos os escolhidos.

Ao verter o *Auto da barca do inferno* para os quadrinhos, Laudo Ferreira nos fornece a sua interpretação dos personagens – nascida de anos de convívio com o texto no teatro –, imprimindo-lhes uma estranha atualidade, e tornando a leitura imagética uma grande aliada do leitor que precisa ou deseja enfrentar a língua portuguesa em seu nascedouro.



Gil Vicente

Estima-se que **Gil Vicente** tenha nascido por volta de 1466, mas sua estreia como dramaturgo e também ator se deu em 1502, com o *Monólogo do vaqueiro*, apresentado nos aposentos de D. Maria, esposa de D. Manuel, por ocasião do nascimento daquele que seria o rei D. João III. Não demorou para que caísse nas graças do monarca e se transformasse num funcionário da coroa. Compôs cerca de cinquenta peças espantosamente atuais, normalmente para ocasiões festivas na corte, tendo retratado personagens das mais diferentes classes sociais. Morreu em data próxima à estreia de *Floresta de enganos*, sua última peça, de 1536.



Laudo Ferreira



Laudo Ferreira (1964)

Laudo Ferreira começou a publicar seus primeiros quadrinhos no início dos anos 1980. Ganhou o Troféu HQMix pelo álbum *À meia-noite levarei a sua alma* (1997) e pela minissérie *Depois da meia-noite* (2008, em parceria com o artefinalista Omar Viñole) e o Troféu Ângelo Agostini de melhor desenhista (2008 e 2009) e de melhor roteirista (2010). *Histórias do Clube da Esquina*, a série da personagem Tianinha e a trilogia de álbuns *Yeshuah* são alguns de seus trabalhos mais conhecidos. Além da produção autoral, Laudo atua também como ilustrador para o mercado publicitário, editorial e de eventos, e mantém o seu estúdio Banda Desenhada em parceria com o colorista e arte-finalista Omar Viñole.

Além de desenhar e fazer histórias em quadrinhos, costumo flertar com outras expressões artísticas, entre elas o teatro. Há anos crio cenários, artes para cartazes e figurinos para peças teatrais, criações que me dão muito prazer. Não por acaso me casei com uma atriz, Romana Vasconcellos.

Também não foi um acaso trabalhar na transposição para os quadrinhos desse maravilhoso texto do Gil Vicente. Romana encenou, durante muitos anos, o *Auto da barca do inferno*, interpretando personagens como o Anjo e a Brísida Vaz, na montagem dirigida por Paschoal da Conceição e encenada pelo Grupo Dragão 7. Foi quando tomei contato com esse texto incrível, conhecendo suas métricas e rimas, admirando seu humor, mergulhando em suas intenções. Esse auto nos apresenta um grupo de personagens que, mesmo passados 500 anos da escrita do texto, ainda estão presentes, vivos e atuantes em nossa sociedade: temos o agiota, o padre em pecado contra seus próprios dogmas, a alcoviteira e cafetina, o nobre que menospreza as castas mais baixas, o juiz corrupto e aquele que morre em nome de outro, acreditando ir para o paraíso celestial.

Mais que abrigar um texto dramático em páginas de HQ, tomei Gil Vicente como um parceiro: dei liberdade aos devaneios visuais para criar uma figura muito mais que sarcástica de um diabo, meio bufão, meio *enfant terrible*, que o tempo todo brinca, se diverte, debocha da corja que vai aparecendo num indeterminado caos – pronta para a derradeira viagem às terras infernais, como diz o protagonista do auto, mas crente que o destino é outro. O diabo ri e se diverte com isso, assim como nós, leitores.

Trabalhar com o *Auto da barca do inferno* me fez aprender um pouco mais sobre os múltiplos caminhos da criação e suas exigências, tão bem contempladas nos versos de Gil Vicente, em sua expressão atenta do gênero humano.

Entrevista

Como foi sua relação com os clássicos da literatura?

Meu pai desde muito cedo despertou o interesse pela leitura em mim, comprando, claro, muitos gibis e muitos livros também. Lembro-me da coleção “Clássicos da Literatura Juvenil” publicada pela editora Abril no início dos anos 70, que meu pai sagradamente me comprava. Foi nessa coleção que tive meu primeiro contato com a literatura, e os grandes clássicos como *Ilha do tesouro*, *Corcunda de Notre Dame*, *Robinson Crusóe*, várias obras do Júlio Verne, do qual sou muito fã, e obras que ainda são de certa forma desconhecidas de uma boa maioria, como Zane Grey. Também li muita coisa do Monteiro Lobato. O curioso era que meu pai nunca foi um típico “intelectual”, devorador de livros, mas era um homem de conhecimento, discernimento, e ligado nas coisas. Acredito que trouxe muito dele. Depois, já com meus quinze, dezesseis anos, fui descobrindo outros autores: Dostoiévski, Tolstói, muita poesia, muito Drummond, Manuel Bandeira, entre outros, além de Mário de Andrade – sou fãzinha de sua obra maravilhosa. Durante um grande período de minha juventude, o texto foi muito mais forte, muito mais latente que o desenho. Acredito que essas bases estão na gênese do meu senso criador, e, arrisco dizer, mais que o desenho em si.

O que é um clássico para você?

O clássico é uma matriz, uma coisa básica, uma fonte, e algo que nunca irá se repetir, pois caso isso aconteça, terá bebido da fonte, então não vale. O clássico é isso. O clássico não tem época, é atemporal, e está sempre presente, grandiloquente ou moderado, vestido de forma

moderna, *high-tech* ou antiga. Sua mensagem, seu canto, sempre será transmitido, e aí vem a mística. Sempre irá embalar os novos e os velhos, os que já conhecem e os que desconhecem. O clássico não é antigo; é eternamente renovado como num infinito ciclo.

Qual a sua história pessoal com o *Auto da barca do inferno*, de Gil Vicente?

Meu primeiro contato foi ao assistir à montagem teatral feita pelo grupo Dragão 7, reconhecida no Brasil, em Portugal e na Espanha como uma de suas melhores e mais criativas versões. Embora se mantivesse fidelíssima ao texto original, a encenação tinha concepção moderna, alegre e crítica ao mesmo tempo. Figurinos carnavalescos misturavam-se a roupas dos 1500, e a linguagem *pop* temperava tudo com uma trilha sonora que ia de peças clássicas a Pink Floyd e Gretchen.

E como nasceu o projeto do álbum *Auto da barca do inferno em quadrinhos*?

Durante um bom tempo alimentei a ideia de adaptar a obra para os quadrinhos, pois o texto tem uma abordagem satírica e o artista pode exercitar seu olhar crítico sobre a sociedade da qual faz parte. Apresentei a proposta à Editora Peirópolis, contando com a participação de Maurício Soares Filho, bacharel em Letras e Interpretação pela Unicamp e conhecedor da obra de Gil Vicente. Nossas conversas foram primordiais para a adaptação e a concepção do visual dos personagens. Concordamos que seria usado o texto original, e na íntegra, principalmente por fidelidade à obra e por se tratar de um texto razoavelmente curto. Mais que uma adaptação, é uma transposição para HQ.

LAUDO FERREIRA

UM DELES PASSA PERA
A GLÓRIA, OUTRO PERA
O PURGATÓRIO.

É DIVIDIDA EM
TRÊS PARTES; ESTA QUE
LHES APRESENTO AGORA
É A PRIMEIRA:
A DA VIAGEM PERA
O INFERNO!

À BARCA!!!
À BARCA,
OULÁ!!

ORA VENHA
O CARRO A RÉ!
QUE TEMOS
GENTIL MARÉ!

FEITO!
FEITO!!



1. em muito mã hora

2. estique a corda de virar a vela e afrouxe a de levantar



ESTA BARCA ONDE VAI ORA, QUE ASSI ESTÁ APERCEBIDA?

VAI PERA A ILHA PERDIDA E HÁ DE PARTIR LOGO ESSORA.

PERA LÁ VAI A SENHORA?

SENHOR, A VOSSO SERVIÇO.

O Fidalgo



PARECE-ME ISSO CORTIÇO.

PORQUE A VEDES DE FORA.



PORÉM, A QUE TERRA PASSAIS?

PERA O INFERNO, SENHOR.

TERRA É BEM SEM SABOR.



QUÊ? E TAMBÉM CÃ ZOMBAIS?

E PASSAGEIROS ACHAIŠ PERA TAL HABITAÇÃO?



VEJO-VOS EU EM FEIÇÃO PERA IR AO NOSSO CAIS...



PARECE-TE A TI ASSI?

EM QUE ESPERAS TER GUARIDA?

QUE LEIXO NA OUTRA VIDA QUEM REZE SEMPRE POR MI.



QUEM REZE SEMPRE POR TI...

HI!HI!HI!
HI!HI!HI!
HI!HI!

E TU VIVESTE A TEU PRAZER, CUIDANDO CÃ GUARECER PORQUE REZEM LÃ POR TI!



EMBARCAI! HOU! EMBARCAI!!!
QUE HAVEIS DE IR Ã DERRADEIRA.
MANDAI METER A CADEIRA QUE
ASSI PASSOU VOSSO PAI!

QUÊ? QUÊ? QUÊ?
ASSI LHE VAI?

POIS QUE JÃ A MORTE
PASSASTES
HAVÊS DE
PASSAR O RIO.

VAI OU VEM,
EMBARCAI PRÊSTES!
SEGUNDO LÃ
ESCOLHESTES,
ASSI CÃ VOS
CONTENTAI.



NÃO HÃ AQUI
OUTRO NAVIO?

NÃO, SENHOR,
QUE ESTE
FRÊTASTES, E
PRIMEIRO QUE
EXPIRASTES
ME DESTES LOGO
SINAL.

QUE SINAL FOI ESSE TAL?

DO QUE VÓS VOS CONTENTASTES.

A ESTOUTRA BARCA ME VOU.

HOU DA BARCA! PARA ONDE IS? AH, BARQUEIROS! NÃO ME OUVIS? RESPONDÊ-ME!

HOULÂ!! HOU!! PAR DEUS, AVIADO ESTOU! QUANT'A ISTO É JÁ PIOR. QUE GIRILOCINS, SALVANOR*! CUIDAM QUE SÃO EU GROU?

QUE QUERÊS?



QUE ME DIGAIS, POIS PARTI TÃO SEM AVISO, SE A BARCA DO PARAÍSO É ESTA EM QUE NAVEGAIS.

ESTA É. QUE ME DEMANDAIS?

QUE ME LEIXÊS EMBARCAR. SÔ FIDALGO DE SOLAR É BEM QUE ME RECOLHAIS.

* girilocins: gericos, jumentos; salvarnor: com o devido respeito




NÃO SE EMBARCA
TIRANIA NESTE
BATEL DIVINAL.


NÃO SEI PORQUE HAVEMOS
POR MAL QUE ENTRAR
MINHA SENHORIA.




PERA VOSSA
FANTESIA MUI
ESTREITA É
ESTA BARCA.




PERA SENHOR DE TAL
MARCA NÃO HÁ AQUI
MAIS CORTESIA?
VENHA PRANCHA E
ATAVIO! LEVAI-ME
DESTA RIBEIRA!



NÃO VINDES VÓS
DE MANEIRA PERA
IR NESTE NAVIO.
ESSOUTRO VAI
MAIS VAZIO:



A CADEIRA ENTRARÁ
E O RABO CABERÁ
E TODO VOSSO
SENHORIO.



VÓS IRÉIS MAIS ESPAÇOSO COM
FUMOSA SENHORIA, CUIDANDO
NA TIRANIA DO POBRE POVO
QUEIXOSO. E PORQUE, DE
GENEROSO, DESPREZASTES
OS PEQUENOS, ACHAR-VOS-ÉIS
TANTO MENOS QUANTO MAIS
FOSTES FUMOSO.

À BARCA, À BARCA,
SENHORES!!
OH, QUE MARÉ TÃO DE
PRATA!
UM VENTEZINHO QUE MATA
E VALENTES REMADORES!!

"VOS ME VENIRÉS
A LA MANO, A LA MANO
ME VENIREDES.
Y VOS VEREDES
PEIXES NAS REDES."

AO INFERNO TODAVIA!
INFERNO HÁ I PERA MI?
OH, TRISTE! ENQUANTO
VIVI NÃO CUIDEI QUE
O I HAVIA.

TIVE QUE ERA
FANTESIA;
FOLGAVA SER
ADORADO;

CONFIEI EM MEU
ESTADO E NÃO
VI QUE ME PERDIA.

VENHA ESSA
PRANCHA!
VEREMOS ESTA
BARCA DE
TRISTURA.

EMBARQU'A VOSSA DOÇURA,
QUE CÂ NOS ENTENDEREMOS...
TOMARÊS UM PAR DE REMOS,
VEREMOS COMO REMAIS,
E, CHEGANDO AO NOSSO
CAIS, TODOS BEM VOS
SERVIREMOS.

ESPERAR-ME-ÊS VÓS
AQUI, TORNAREI À
OUTRA VIDA VER
MINHA DAMA
QUERIDA QUE SE
QUER MATAR POR
MI.

QUE SE
QUER
MATAR
POR TI?

ISTO BEM
CERTO O
SEI EU.

Ó NAMORADO
SANDEU, O
MAIOR QUE
NUNCA VI.



COMO PODERÁ ISTO SER, QUE M'ESCRIVIA MIL DIAS?

QUANTAS MENTIRAS QUE LIAS E TU...

MORTO DE PRAZER!

PERA QUE É ESCARNECER, QUE NÃO HAVIA MAIS NO BEM?



ASSI VIVAS TU, AMEN, COMO TE TINHA QUERER.

ISTO QUANTO AO QUE EU CONHEÇO...

POIS, ESTANDO TU EXPIRANDO, SE ESTAVA ELA REQUEBRANDO COM OUTRO DE MENOS PREÇO.



DÁ-ME LICENÇA, TE PEÇO, QUE VÁ VER MINHA MOLHER.



E ELA, POR NÃO TE VER, DESPENHAR-S'-A DUM CABEÇO.

QUANTO ELA HOJE REZOU, ANTE SEUS GRITOS E GRITAS, FOI DAR GRACIAS INFINITAS A QUEM A DESASSOMBROU.



QUANTO ELA BEM CHOROU!

NÃO HÁ I CHORO DE ALEGRIA?

E AS LÁSTIMAS QUE DEZIA?

SUA MÃE LHAS ENSINOU.



ENTRAI! ENTRAI! ENTRAI! EI-LA PRANCHA, PONDE O PÉ!

ENTREMOS, POIS QUE ASSI É...





Conto de escola

EM QUADRINHOS

MACHADO DE
ASSIS

POR
SILVINO



série
clássicos
em HQ

texto integral



EDITORA
Peirópolis

Conto de escola

O crítico literário norte-americano Harold Bloom definiu Machado de Assis como um verdadeiro “milagre” das letras brasileiras. Afinal, era mesmo muito difícil imaginar que o menino mulato nascido num morro carioca em 1839, em pleno período da escravidão, conseguiria alcançar o respeito e a credibilidade que atingiu na vida adulta. Joaquim Maria Machado de Assis – poeta, dramaturgo, crítico literário, romancista e contista – impressiona ainda hoje leitores de todos os lugares do mundo com o poder surpreendente de revelar a profundidade psicológica de seus personagens.

Neste álbum, a Editora Peirópolis apresenta uma transposição de Machado de Assis para os quadrinhos. O texto escolhido foi “Conto de escola”, integrante do livro *Várias histórias*, de 1896, obra de um escritor já maduro e em pleno domínio de suas armas, exercitando a forma breve após terminar um romance – *Quincas Borba*, em 1891 – e guardando fôlego para a obra que o consagraria mundialmente: *Dom Casmurro*, em 1899. Trata-se de um belíssimo exemplar da sagacidade de Machado.

Conto de escola em quadrinhos traz o texto integral envolvido na leitura imagética do quadrinista Silvino, grande admirador de Machado de Assis. Silvino mostrou-se um excelente leitor, valendo-se da elegância e da sagacidade do escritor para realizar sua tradução em imagens. No conto quadrinizado, ele abraça características importantes da obra de Machado para conduzir o leitor pelos caminhos da memória do personagem Pilar no banco de escola.



Machado de Assis



Machado de Assis nasceu no Rio de Janeiro ainda no período da escravidão. Filho de mãe escrava, Machado trabalhou como tipógrafo e, mais tarde, como revisor até alcançar um lugar social que ele almejava: o de funcionário público. Em 1873, entra para o Ministério da Agricultura, onde trabalha até a aposentadoria, poucos anos antes da sua morte. Cultivou quase todos os gêneros literários, destacando-se como ficcionista. *Memórias póstumas de Brás Cubas* (1881), publicado inicialmente em folhetins, é considerado o marco inicial do realismo brasileiro. Sua obra mais conhecida é *Dom Casmurro*.

Machado de Assis é meu escritor preferido, foi o primeiro que aprendi a gostar e sempre me imaginei desenhando algum texto dele. Quando tive a oportunidade e a coragem de quadrinizar alguma história clássica não pensei duas vezes ao escolher uma do Machado.

Silvino

Silvino



Silvino (1987)

Nasceu em Recife, cursou Geografia e, após viajar por várias áreas exóticas do país, resolveu se dedicar à ilustração e aos quadrinhos, trocando assim a liberdade das paisagens pelas quatro paredes de seu estúdio. Desde esse dia ilustrou para alguns jornais em Pernambuco e, atualmente, para alguns jornais de outras regiões do Nordeste; também ilustra e faz quadrinhos com frequência para revistas de circulação nacional e livros infantis, juvenis e didáticos. Publica no site: <www.laertesilvino.com.br>.

Quando resolvi quadrinizar o “Conto de escola”, sabia que não seria apenas uma aventura literária ao lado do meu escritor preferido em língua portuguesa, o Machado de Assis. Seria também um mergulho nas lembranças do meu próprio tempo de escola. Acredito que, antes de tudo, o livro trate disso, de lembranças. Por isso cuidei das memórias do seu Pilar como se fossem minhas, com o maior cuidado e conservando os mínimos detalhes.

Fiquei espantado ao encontrar, no texto, situações parecidas com algumas que vivi quando estava na escola. Também estudei em um sobradinho, também tive um professor que arrastava suas chinelas de couro pela sala, professor que inspirou essa minha versão do Policarpo. A diferença é que o meu se chamava Jorge e, na maioria das vezes, não era tão bravo como o personagem. O mais legal é que me identifico muito com o seu Pilar: como ele, sou filho de um militar e também rabiscava caricaturas dos professores ou qualquer outra coisa que convinha, cabulava muitas aulas e passava cola aos colegas. Ou seja, em outros tempos eu não escaparia da palmatória. Todas essas coincidências beneficiaram o processo criativo, fazendo que fluísse calmamente, tornando-o mais divertido que trabalhoso.

Apreendi, com esta obra, que não se pode fazer muito esforço para ilustrar um texto do Machado de Assis. Está tudo lá, não há como fugir, ele nos serve com todas as imagens, restando-nos apenas desenhá-las.



Entrevista

Qual a sua relação com os clássicos da literatura?

Minha relação foi um pouco tardia. comecei a ler realmente os clássicos quando deparei com o vestibular. Fui uma daquelas crianças que acreditavam que todos os clássicos eram sinônimo de literatura chata. Apesar de ser apaixonado pelos livros, só sentia prazer em ler livros juvenis e histórias em quadrinhos. Quando li meu primeiro clássico, *Memórias póstumas de Brás Cubas*, quebrei toda a visão preconceituosa que tinha sobre eles e passei a olhá-los com muita curiosidade, passando a ler sempre, um atrás do outro.

Pelo tamanho do conto, foi possível usar a obra de maneira integral – o que isso significa para você enquanto quadrinista?

Quando enviei o primeiro projeto, umas cinco páginas do que seria o livro, propus para a editora usarmos o texto integral. Não havia necessidade de adaptar, o texto estava totalmente pronto e não ousaria pôr palavras na boca de Machado. A editora achou ótimo, pois dessa forma as crianças estariam lendo tudo, e não um resumo do que era o conto, e, assim, o acompanhamento dentro da sala de aula seria mais proveitoso; os quadrinhos serviriam como um mero condutor das palavras do autor.

E a participação do quadrinista?

Como quadrinista foi ótimo, pois o que não estava descrito na história, mas eu sabia que estava nas entrelinhas, podia ser mostrado por meio do recurso visual. O desfile da Banda, a tarde na praia, a perseguição atrás do Curvelo; tudo isso foi tocado mais profundamente utilizando o recurso dos quadrinhos. Já outras

partes do livro, como a introdução e o final, foram modificados até acharmos uma solução que agradasse a toda a equipe de criação. Resolvemos deixar uma questão: seria a moeda do final do álbum a mesma que ele ganha do Raimundo quando criança, e o professor joga pela janela? No final do livro, Pilar resolve guardar no bolso essa moeda. Será que ele fez isso por que realmente era a mesma moeda? Ou será que guardá-la foi uma forma de manter consigo aquela lembrança da infância? Nada disso tem resposta, cabe a cada leitor tirar suas próprias conclusões.

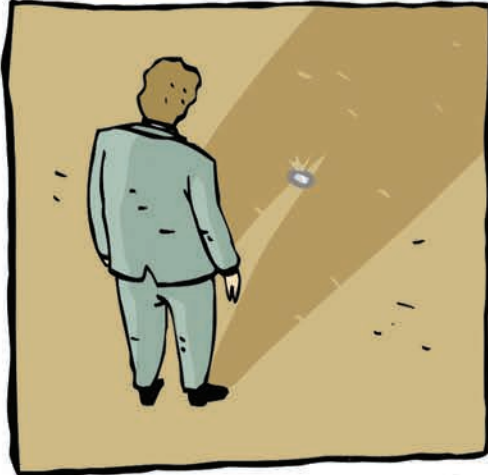
Uma das grandes sacadas de *Conto de escola em quadrinhos* é trazer a materialidade deste final de século XIX, começo do século XX, para o jovem de hoje. O século XIX ficou tão longe da garotada de hoje, não é?

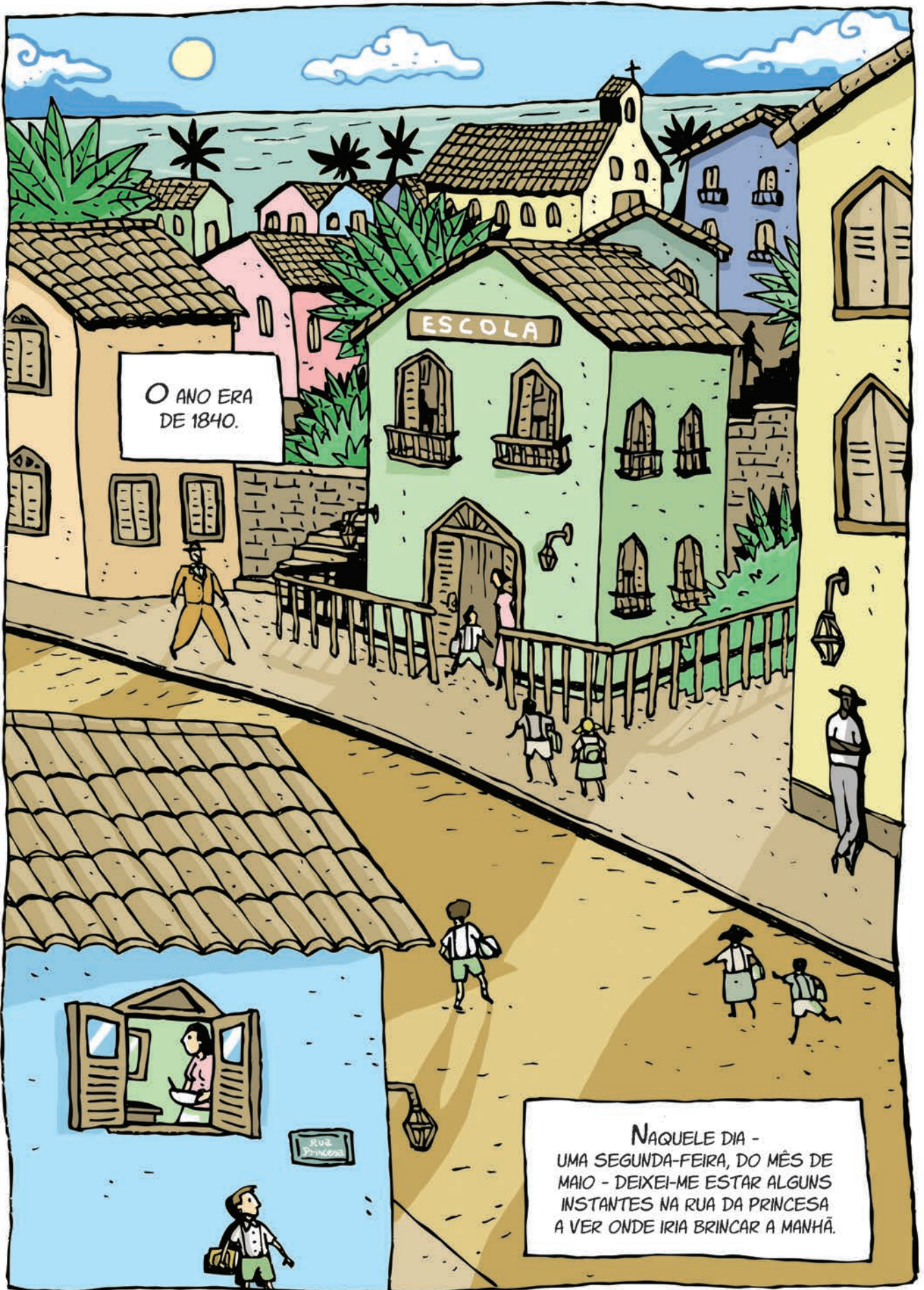
Acho legal para que as crianças de hoje em dia conheçam como eram as escolas daquele tempo. Acredito que a escola fosse um ambiente tenso, de educação na marra. A forma como Machado descreve os personagens e os cenários nos leva ao passado; só tive a tarefa de reproduzir em imagens.

Qual o principal desafio da adaptação de Machado de Assis para os quadrinhos?

Acredito que o maior desafio foi o de preservar a essência da história, os climas aos quais o texto nos remete. Manter o realismo que o Machado nos apresenta tão bem, reproduzir os personagens fielmente aos perfis psicológicos tão bem traçados. Passar despercebido ao leitor e fazer que ele acreditasse que estava lendo um verdadeiro Machado de Assis.

SILVINO





O ANO ERA
DE 1840.

ESCOLA

RUA
PRINCESA

NAQUELE DIA -
UMA SEGUNDA-FEIRA, DO MÊS DE
MAIO - DEIXEI-ME ESTAR ALGUNS
INSTANTES NA RUA DA PRINCESA
A VER ONDE IRIA BRINCAR A MANHÃ.

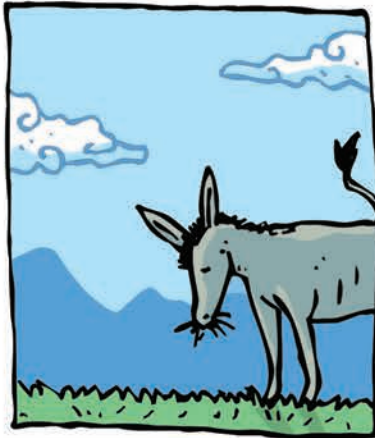


HESITAVA ENTRE O MORRO DE S. DIOGO



E O CAMPO DE SANT'ANA.

QUE NÃO ERA ENTÃO ESSE PARQUE ATUAL, CONSTRUÇÃO DE GENTLEMAN, MAS UM ESPAÇO RÚSTICO, MAIS OU MENOS INFINITO.



ALASTRADO DE LAVADEIRAS, CAPIM E BURROS SOLTOS.



MORRO OU CAMPO? TAL ERA O PROBLEMA.



DE REPENTE DISSE COMIGO QUE O MELHOR ERA A ESCOLA. E GUIEI PARA A ESCOLA. AQUI VAI A RAZÃO.



NA SEMANA ANTERIOR TINHA FEITO DOIS SUETOS, E, DESCOBERTO O CASO, RECEBI O PAGAMENTO DAS MÃOS DE MEU PAI, QUE ME DEU UMA SOVA DE VARA DE MARMELEIRO.

AS SOVAS DE MEU PAI DOÍAM POR MUITO TEMPO.



ERA UM VELHO EMPREGADO DO ARSENAL DE GUERRA, RÍSPIDO E INTOLERANTE. SONHAVA PARA MIM UMA GRANDE POSIÇÃO COMERCIAL, E TINHA ÂNSIA DE ME VER COM OS ELEMENTOS MERCANTIS, LER, ESCREVER E CONTAR, PARA ME METER DE CAIXEIRO.



FULANO...
SICRANO...
BELTRANO...
DE TAL...

CITAVA-ME NOMES DE CAPITALISTAS QUE TINHAM COMEÇADO AO BALCÃO.

ORA, FOI A LEMBRANÇA DO ÚLTIMO CASTIGO QUE ME LEVOU NAQUELA MANHÃ PARA O COLÉGIO.
NÃO ERA UM MENINO DE VIRTUDES.



ENTROU COM O
ANDAR MANSO DE
COSTUME.



EM CHINELAS DE
CORDOVÃO



JAQUETA DE BRIM
LAVADA E DESBOTADA



CALÇA BRANCA E TESA



E GRANDE
COLARINHO CAÍDO.

CHAMAVA-SE
POLICARPO E
TINHA PERTO DE
CINQUENTA ANOS
OU MAIS.



OS MENINOS, QUE
SE CONSERVARAM
DE PÉ DURANTE
A ENTRADA DELE,
TORNARAM A
SENTAR-SE.



UMA VEZ SENTADO, EXTRAIU DA
JAQUETA A BOCETA DE RAPÉ E
O LENÇO VERMELHO, PÔ-LOS NA
GAVETA; DEPOIS RELANCEOU
OS OLHOS PELA SALA.



TUDO ESTAVA
EM ORDEM;
COMEÇARAM OS
TRABALHOS.





CHAMAVA-SE RAIMUNDO ESTE PEQUENO, E ERA MOLE, APLICADO, INTELIGÊNCIA TARDA. RAIMUNDO GASTAVA DUAS HORAS EM RETER AQUILO QUE A OUTROS LEVAVA APENAS TRINTA OU CINQUENTA MINUTOS; VENCIA COM O TEMPO O QUE NÃO PODIA FAZER LOGO COM O CÉREBRO.



REUNIA A ISSO UM GRANDE MEDO AO PAI. ERA UMA CRIANÇA FINA, PÁLIDA, CARA DOENTE; RARAMENTE ESTAVA ALEGRE.

ENTRAVA NA ESCOLA DEPOIS DO PAI E RETIRAVA-SE ANTES DELE.

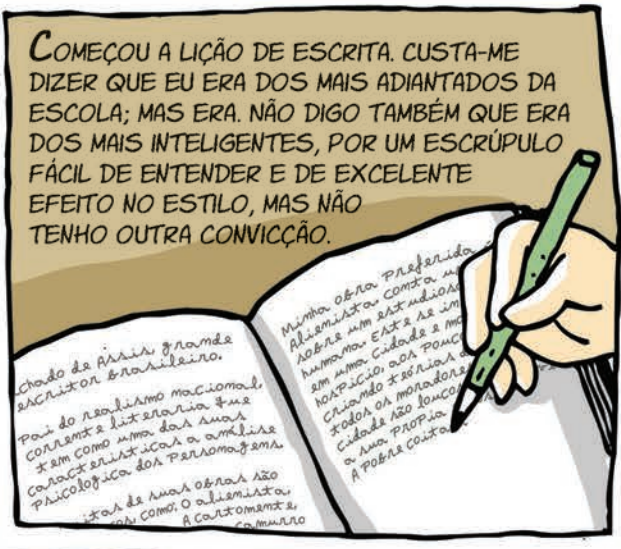




O QUE É QUE VOCÊ QUER?

LOGO...

RESPONDEU ELE COM VOZ TRÊMULA.



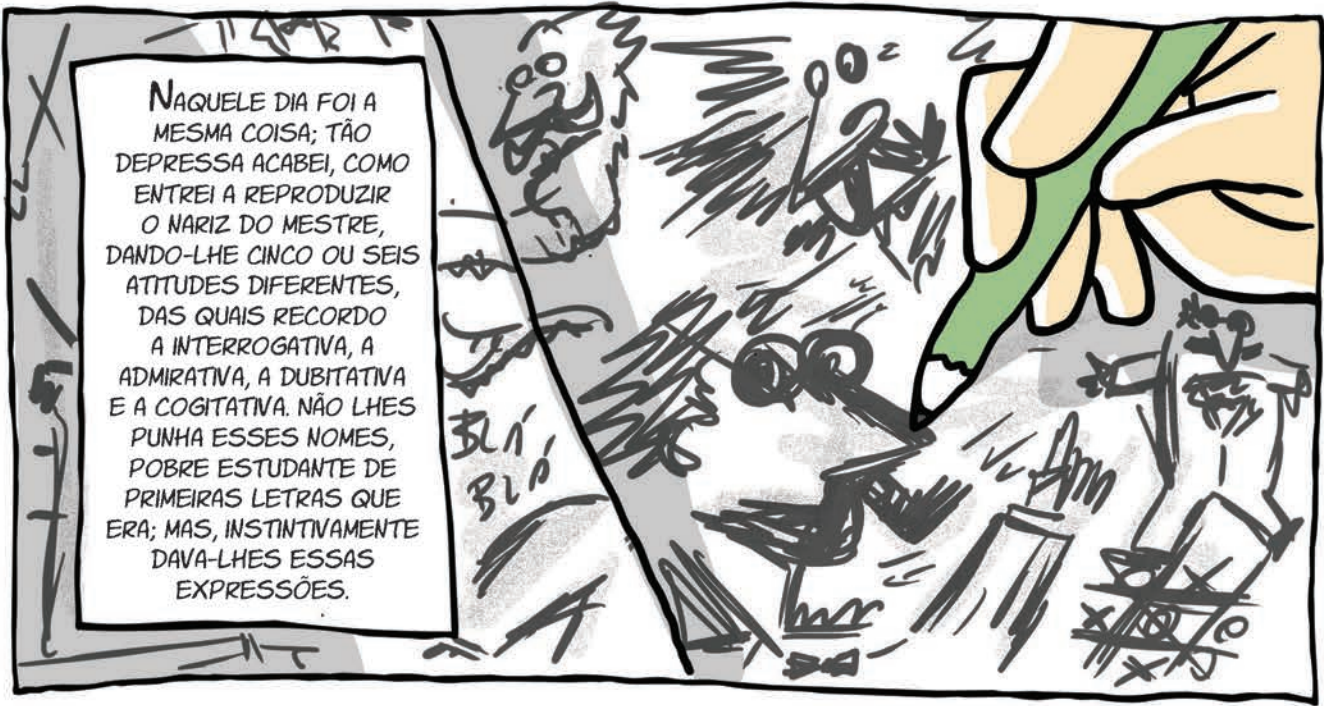
COMEÇOU A LIÇÃO DE ESCRITA. CUSTA-ME DIZER QUE EU ERA DOS MAIS ADIANTADOS DA ESCOLA; MAS ERA. NÃO DIGO TAMBÉM QUE ERA DOS MAIS INTELIGENTES, POR UM ESCRÚPULO FÁCIL DE ENTENDER E DE EXCELENTE EFEITO NO ESTILO, MAS NÃO TENHO OUTRA CONVICÇÃO.



NOTE-SE QUE NÃO ERA PÁLIDO NEM MOFINO: TINHA BOAS CORES E MÚSCULOS DE FERRO.



NA LIÇÃO DE ESCRITA, POR EXEMPLO, ACABAVA SEMPRE ANTES DE TODOS, MAS DEIXAVA-ME ESTAR A DESENHAR NARIZES NO PAPEL OU NA TÁBUA, OCUPAÇÃO SEM NOBREZA NEM ESPÍRITO, MAS EM TODO CASO INGÊNUA.



NAQUELE DIA FOI A MESMA COISA; TÃO DEPRESSA ACABEI, COMO ENTREI A REPRODUZIR O NARIZ DO MESTRE, DANDO-LHE CINCO OU SEIS ATITUDES DIFERENTES, DAS QUAIS RECORDO A INTERROGATIVA, A ADMIRATIVA, A DUBITATIVA E A COGITATIVA. NÃO LHES PUNHA ESSES NOMES, POBRE ESTUDANTE DE PRIMEIRAS LETRAS QUE ERA; MAS, INSTINTIVAMENTE DAVA-LHES ESSAS EXPRESSÕES.



A Divina Comédia

em quadrinhos

por Piero e
Giuseppe Bagnariol

Dante Alighieri
em Tradução de
Jorge Wanderley
Henriqueta Lisboa
Haroldo de Campos



série
clássicos
em HQ

EDITORA
Peirópolis

STYLO

A Divina Comédia

Lida, relida e traduzida ao longo dos séculos, *A Divina Comédia* guarda um mistério que encanta leitores das mais variadas feições. Leituras públicas – entre elas as de Roberto Benigni, disponíveis em DVD –, ao lado de livros e filmes inspirados no universo dantesco, ou que fazem de Dante Alighieri um personagem, atestam a vitalidade desse clássico de quase setecentos anos. Até no videogame Dante encontra-se presente, alcançando espaços que nem mesmo sua incrível imaginação criativa poderia sondar.

Com *A Divina Comédia em quadrinhos*, a Editora Peirópolis apresenta uma nova leitura desse grande poema épico, com trechos selecionados de traduções feitas do italiano, entremeados por alguns quadrinhos com texto dos próprios autores. Uma construção artesanal que busca a síntese, mas sem perder a densidade da linguagem dantesca. A viagem de Dante em companhia de Virgílio, autor da *Eneida*, pelos três reinos do além-túmulo, surge renovada nas aquarelas de Piero Bagnariol, que se esmerou na tradução em imagens da obra reconhecida como a mais rica fonte da cosmovisão medieval, retratada por mestres como Botticelli, Doré e Dalí. Seu pai, Giuseppe Bagnariol, dividiu com ele a escolha dos trechos a serem quadrinizados e a elaboração dos textos dos quadrinhos originais.

Todo esse trabalho contou com o suporte de Maria Teresa Arrigoni, estudiosa da obra dantesca, que também escolheu as traduções – Jorge Wanderley para o Inferno e Haroldo de Campos para o Paraíso. Entre eles, a tradução do Purgatório feita por Henriqueta Lisboa, autora que tem na Peirópolis sua casa, completa o trio

e reforça o simbolismo do número três, que marca toda a estrutura do poema. São três partes, cada uma com 33 cantos, cada canto composto por tercetos; e três personagens principais: Virgílio, símbolo da razão; Beatriz, símbolo da fé; e o próprio Dante, que personifica o homem. No total são cem cantos, um deles introdutório.

A estrutura aqui apresentada busca a concisão da linguagem dos quadrinhos, ao mesmo tempo que procura manter viva a palavra de Dante Alighieri. Dessa forma, deseja contribuir para que esse autor, tão intenso na vivência da sua própria época, encontre eco também na juventude brasileira de hoje.



Dante Alighieri

Dante Alighieri (Florença, 1265 – Ravena, 1321) nasceu em família de pequena nobreza italiana. Sua primeira obra de repercussão foi *Vita Nuova*, dedicada à sua paixão de infância, Beatriz, mais tarde personagem da *Comédia*. Teve uma vida pública bastante intensa que resultou no exílio, período em que escreveu *De Vulgari Eloquentia*, em latim, em que defende a utilização da nascente língua italiana, e *Convívio*, em *volgare* italiano, um compêndio do conhecimento da época. Presume-se que tenha dado início à redação da *Comédia* a partir de 1306-1307. Mais tarde (1313-1314), escreveu outro tratado em latim: *Monarchia*, no qual defendia a total separação entre Igreja e Estado. A *Comédia* consumiu cerca de 14 anos da sua vida, até sua morte.



Piero Bagnariol



Piero Bagnariol (1972)

Nasceu na Itália e veio para o Brasil com vinte anos, em 1992. Quadrinista e grafiteiro, é um dos fundadores da revista *Graffiti 76% Quadrinhos*, que edita desde 1995, e autor do álbum *Um dia uma morte*, com roteiro de Fabiano Barroso. Com Barroso e outros autores publicou também o *Guia ilustrado de graffiti e quadrinhos*. Em parceria com seu pai, o médico Giuseppe Bagnariol, grande conhecedor de *A Divina Comédia*, abraçou o desafio de transpor a obra de Dante para a HQ.

Realizar a transposição de *A Divina Comédia* para os quadrinhos significou, para mim, um reencontro com o passado da terra que deixei há quase vinte anos, como migrante, para vir para o Brasil. Significou também um reencontro com meu passado pessoal, principalmente com meu pai, que foi meu verdadeiro guia nesta viagem.

O manuscrito Holkham, Giotto, Botticelli e Doré foram as principais referências iconográficas desta trilha entre Inferno, Purgatório e Paraíso, que poderia ser considerada o arquétipo de todas as histórias ou uma metáfora do percurso espiritual do ser humano.

Após quinze anos dedicados à produção independente com a revista *Graffiti 76% Quadrinhos*, este é também um encontro com a produção editorial brasileira e com a Peirópolis, à qual agradeço pelo convite maravilhoso e pela coragem em investir na produção nacional de quadrinhos.



Entrevista

Qual a sua relação com os clássicos da literatura?

Comecei a cultivar a paixão tanto pelos clássicos, quanto pelos quadrinhos, na adolescência. Na época, curti principalmente literatura russa e francesa e devorava romances de escritores como Bulgakov e Hesse. A relação com os autores italianos era menos livre e condicionada à escola, mas acabou sendo mais duradoura. Do lado dos quadrinhos foi a revista *Corto Maltese*, que trazia obras de Pratt, Manara, Paziienza e Bourgeon, dentre outros, que me fez escolher este caminho.

O que é um clássico para você?

Uma obra que consegue sacudir o leitor em épocas e lugares diferentes. Acredito que a capacidade de expor os movimentos do pensamento humano seja diretamente proporcional ao percurso interior do autor, ao seu desenvolvimento como indivíduo.

Sua relação com *A Divina Comédia* é antiga, vem de família, não? Pode nos falar um pouco a respeito?

Como todo jovem italiano, sempre fiquei fascinado com os versos de Dante: impossível esquecer as palavras gravadas na porta do inferno, bem como muitas outras passagens emblemáticas. Infelizmente poucos adentram esta selva literária aparentemente inextricável, obscurecida por intermináveis notas de rodapé. Eu só percebi a acessibilidade da *Comédia* – pelo menos até um certo nível de leitura – muito depois, quando decidi ler a obra sem intermediários: apenas Dante, do começo ao fim. A decisão de encarar o texto está ligada, em parte, ao fato de meu pai citar com frequência passagens e passagens da *Comédia*: seja para

alfinetar, como Dante, a sociedade italiana, seus costumes e contradições, seja para sublimar determinados aspectos daquela terra. Assim, apesar de hermética e misteriosa, *A Divina Comédia* sempre teve um quê de familiar para mim.

Quais os principais desafios da adaptação para os quadrinhos?

No caso da *Comédia*, manter a riqueza de citações, referências, anedotas, reflexões filosóficas e teológicas. As imagens têm uma grande capacidade de síntese, mas queríamos também preservar o texto e, por quanto possível, o ritmo dos versos. A participação de uma expert em Dante, a professora Teresa Arrigoni, foi preciosa para a escolha das traduções do Inferno e do Paraíso de Jorge Wanderley e Haroldo de Campos, respectivamente, para acompanhar a versão de Henriqueta Lisboa do Purgatório, indicada pela editora.

Qual o significado do álbum para o conjunto de sua obra até agora?

Quando saí da Itália em 92, abri mão de tentar uma carreira no sólido mercado de quadrinhos daquele país para adentrar o incerto horizonte das HQs brasileiras. Fiquei uns quinze anos produzindo a revista *Graffiti 76% Quadrinhos*, e acabei por atuar mais como editor, fomentador da produção nacional. De certa forma, *A Divina Comédia em quadrinhos* marca minha estreia profissional: acho curioso ter ocorrido com a quadrinização da principal obra do meu país de origem! Mergulhei em setecentos anos de iconografia dantesca, procurei combinar o roteiro do meu pai com as traduções. O processo todo durou mais de um ano.

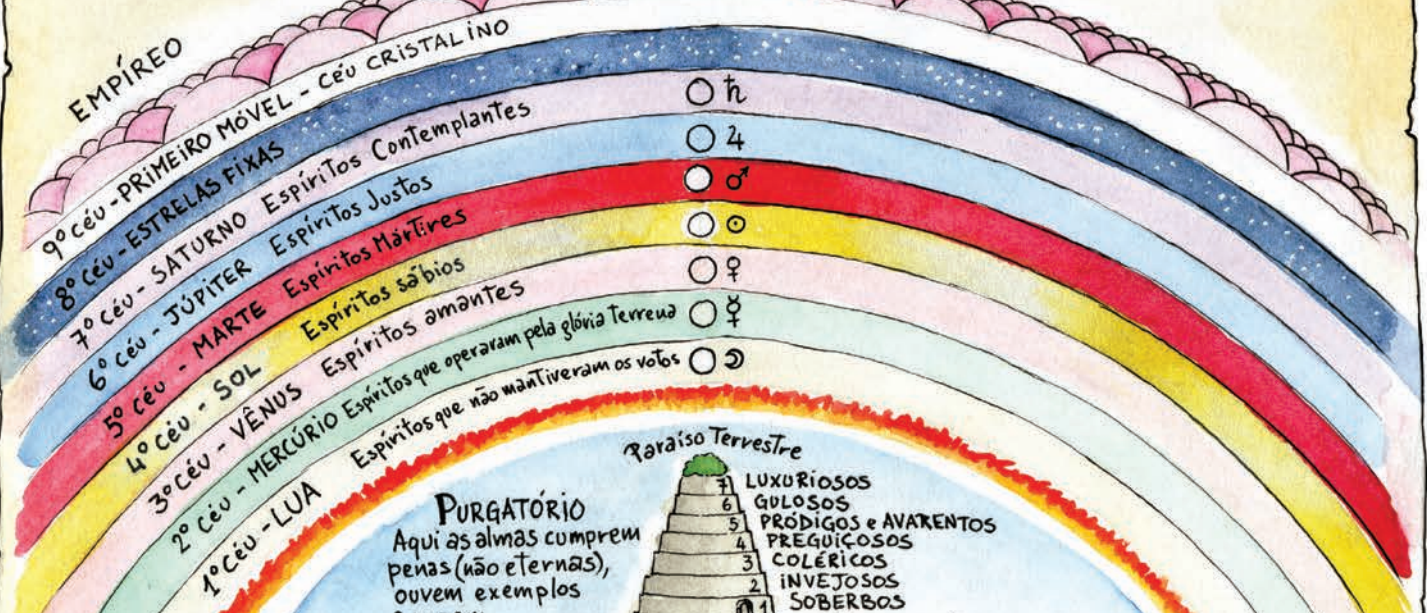
PIERO BAGNARIOL

AVIAGEM DE DANTE

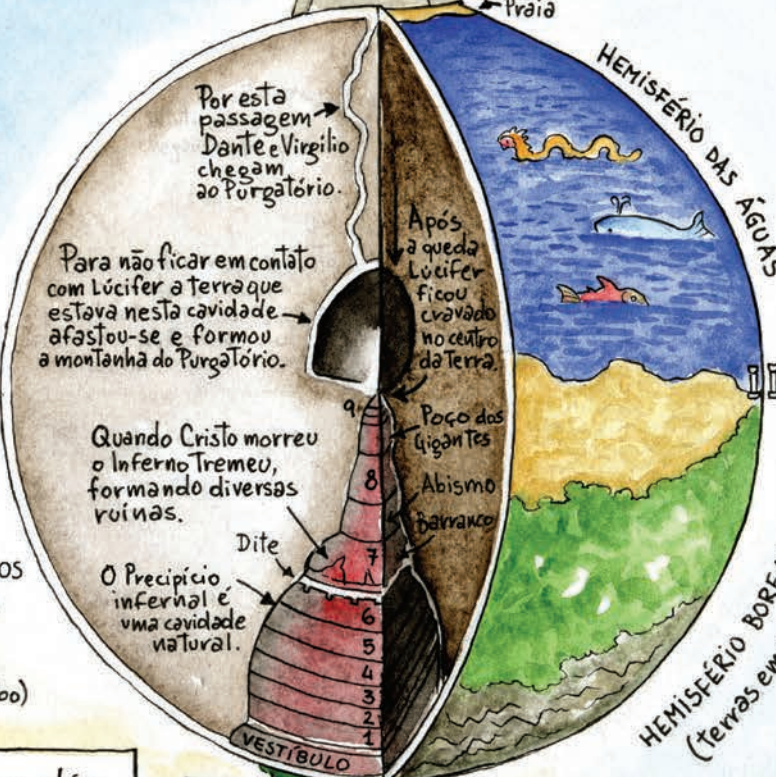
PARAÍSO
 é dividido em 10 céus, cada um
 regido por uma das 9 hierarquias
 angélicas ao redor de Deus:
 Serafins, Querubins, Tronos,
 Dominações, Virtudes, Potestades,
 Principados, Arcanjos e Anjos.



Cândida Rosa
 Bem-aventurados



PURGATÓRIO
 Aqui as almas cumprem
 penas (não eternas),
 ouvem exemplos
 e rezam.



- INFERNO**
- 9º círculo - TRAIADORES
 - 8º FRAUDULENTOS
 - 7º VIOLENTOS
 - 6º HERÉTICOS
 - 5º COLÉRICOS e RANCOROSOS
 - 4º PRÓDIGOS e AVARENTOS
 - 3º GULOSOS
 - 2º LUXURIOSOS
 - 1º NÃO BATIZADOS (Limbo)

A viagem de Dante no além começa aqui, na Páscoa do ano 1300.

Floresta JERUSALÉM

ERA O MÊS DE MAIO DO ANO DO SENHOR 1303. POUCO ANTES, EM FLORENÇA, TERMINARA MISERAVELMENTE A ÚLTIMA TENTATIVA DOS GUELFOS BRANCOS DE DERRUBAR A FACÇÃO DOS GUELFOS NEGROS E RETOMAR A POSSE DA CIDADE. ENTRE OS VENCIDOS, DANTE, SOBRE O QUAL PESAVA UMA CONDENAÇÃO À MORTE, DECIDE FUGIR PARA LONGE...



SE QUISER COMER E DORMIR AQUI PRECISA ME MOSTRAR AS MOEDAS E DEIXAR-ME OUVIR O SOM DELAS.



VAMOS, BORTOLO, NÃO SEJA TÃO GROSSEIRO... GARANTO EU O ESTRANGEIRO.

QUEM FALA É BARTOLOMEU DELLA SCALA, SENHOR DE VERONA.

RECONHECI-O PELO RETRATO QUE MESTRE GIOTTO FEZ DOS PRIORES DE FLORENÇA. O SENHOR É DANTE ALIGHIERI, O POETA... SENTE-SE COMIGO.



COMO PODEREI RETRIBUIR, NOBRE SENHOR?

A NOITE É LONGA E VOCÊ É POETA... DEVE TER UMA HISTÓRIA DIGNA DE SER CONTADA ... E OUVIDA.



HÁ ALGUNS ANOS DESEJO COMPOR, EM VERSOS, A HISTÓRIA DE UMA GRANDE VIAGEM QUE PENSEI EM GUARDAR PARA MIM. MAS PARA AGRADECER A VOSSA GENEROSIDADE IREI CONTÁ-LA:



NO MEIO DO CAMINHO DESTA VIDA DESENCONTREI-ME NUMA SELVA ESCURA QUE DO RUMO DIREITO VI PERDIDA.

AH, QUANTO O DESCREVÊ-LA É EMPRESA DURA, ESTA SELVA SELVAGEM, ACRE E FORTE E QUE O PAVOR NO PENSAMENTO APURA!

TAL AMARGOR, SÓ HÁ MAIOR NA MORTE. MAS QUANTO AO BEM QUE ALI EU ENCONTREI, OUTRAS COISAS DIREI DE MINHA SORTE.

ATÉ AQUI JÁ ESTÁ PRONTA. O RESTO, EM RIMAS, VAI ESBOÇÁ-LO A MENTE QUE NÃO ERRA. - VOU VALER-ME DA MEMÓRIA QUE COMO VEM, VEM.





É UM BOM COMEÇO!

MAS O QUE QUER DIZER 'NO MEIO DO CAMINHO DESTA VIDA'?



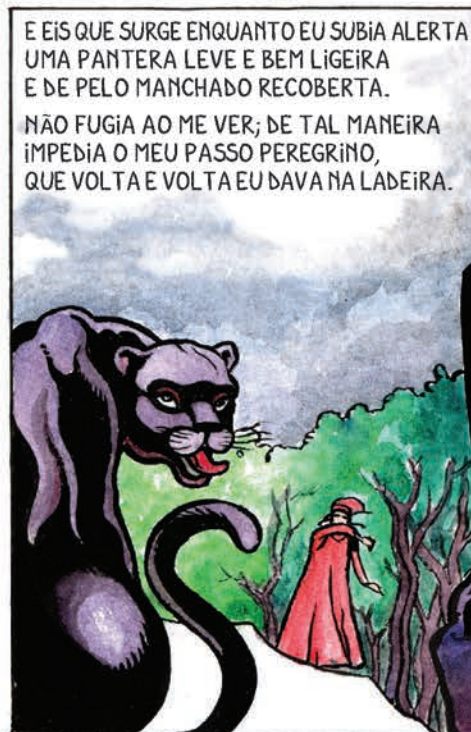
AH! ESTE É MEU IRMÃO CANGRANDE.



PRECISAM SABER QUE A VIDA IDEAL DE UM HOMEM CUMPRE-SE EM SETENTA ANOS, SE MORTE PREMATURA NÃO CHEGAR E SE TEDIOSA VELHICE NÃO A RETARDAR. MINHA MÃE, BELLA, DIZIA-ME: "FILHO, SAIBA QUE EM MAIO VOCÊ NASCEU, QUE ADORNO É DE ROSAS NA TERRA E GÊMEOS NO CÉU". DESDE ENTÃO PASSARAM-SE TRINTA E CINCO ANOS ATÉ O DIA EM QUE NA SELVA ME PERDI.

DIGA, ENTÃO, LÁ O QUE ACONTECEU?

ANDEI ATÉ CHEGAR NUMA COLINA...



E EIS QUE SURGE ENQUANTO EU SUBIA ALERTA UMA PANTERA LEVE E BEM LIGEIRA E DE PELO MANCHADO RECOBERTA. NÃO FUGIA AO ME VER; DE TAL MANEIRA IMPEDIA O MEU PASSO PEREGRINO, QUE VOLTA E VOLTA EU DAVA NA LADEIRA.

O MEDO ME TOMOU À VISTA, QUE ME VEIO, DE UM LEÃO: COMO SE CONTRA MIM ELE AVANÇOU, CABEÇA ERGUÍDA EM FÚRIA E FOME, E O FEZ TÃO FERROZMENTE, QUE O AR SE ABALOU;



E DE UMA LOBA QUE TODA AVÍDEZ CARREGAR PARECIA NA MAGRÉM, E A TANTA GENTE DESGRAÇOU DE VEZ. TANTOS PESARES EU SOFRI TAMBÉM PELO PAVOR DE VÊ-LA, QUE ESPERANÇA DE UM DIA ALÇAR-ME À ALTURA, EU PUS ALÉM.



E ENQUANTO EU VINHA ABAIXO, DESPENHADO, SURGE-ME UM VULTO, EM SILÊNCIO ENCOBERTO, COMO SE FOSSE ALGUÉM DA VOZ PRIVADO.

E TU, POR QUE TORNAR DA DOR AO MEIO? E NÃO GALGAR O DELEITOSO MONTE, QUE É PRINCÍPIO E RAZÃO DE TODO ENLEIO?

REPARA A FERA QUE ME FEZ VOLVER: LIVRA-ME DELA, Ó SÁBIO, AUGUSTA IMAGEM, QUE PULSO E VEIA ELA ME FAZ TREMER.

Virgílio

SEGUE UM OUTRO CAMINHO NA VIAGEM...

DISSE-ME TER SIDO ENVIADO POR UMA DAMA DO CÉU: BEATRIZ...



... PARA GUIAR-ME PELA ESTÂNCIA DO ETERNO SOFRIMENTO, ONDE CADA ALMA CLAMA POR SEGUNDA MORTE.

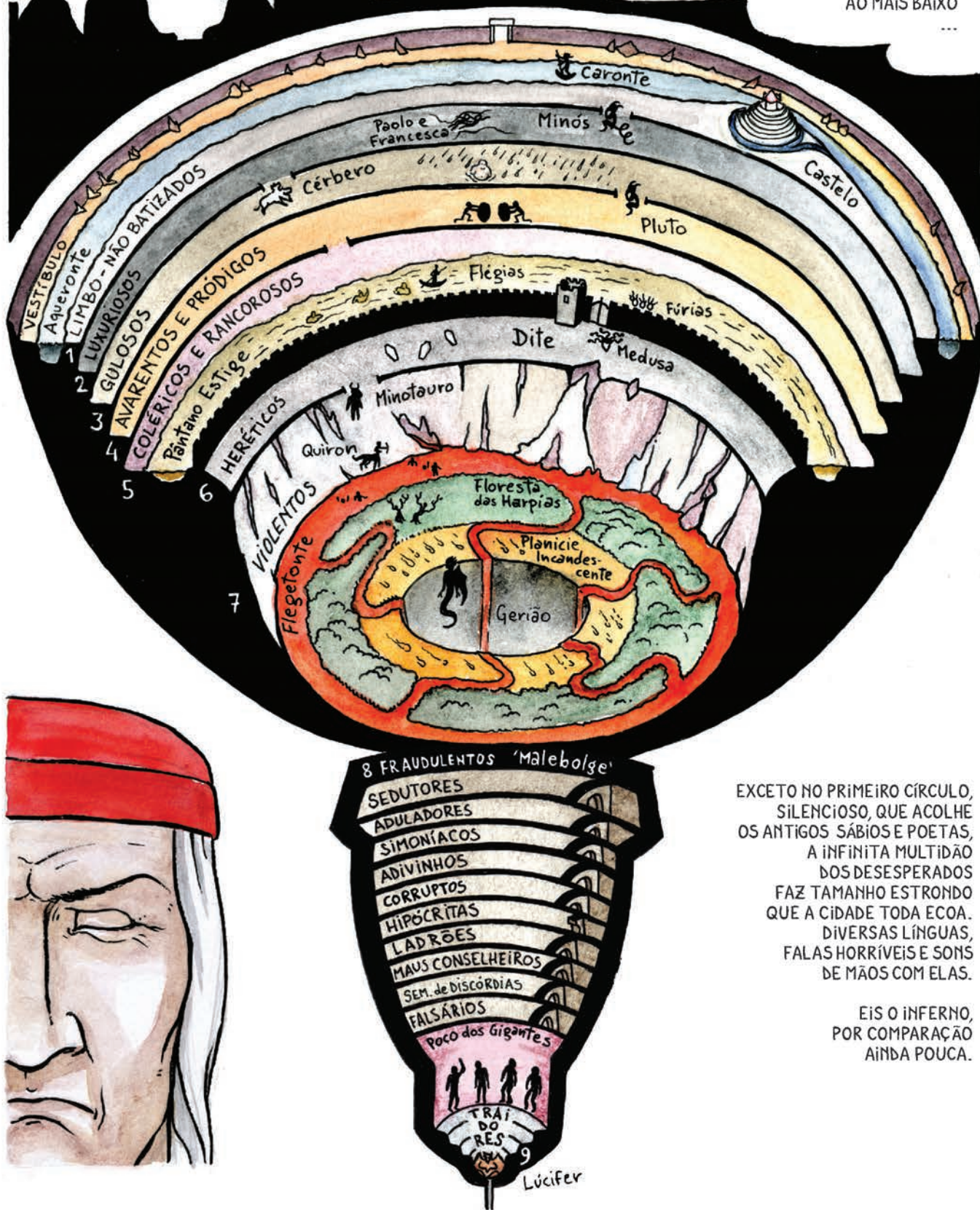
O INFERNO !?

Sim.

DEPOIS PASSAMOS PELO PURGATÓRIO E POR FIM CHEGAMOS AO REINO GLORIOSO.

SE DEMASIADO NÃO LHE DÓI
LEMBRAR, DIGA-NOS COMO É
FEITO O PRIMEIRO LUGAR.

TALVEZ CONHEÇAM UM JOGO QUE É PRATICADO
EM FLORENÇA. CHUTE É CHAMADO E ACENDE MUITAS
PAIXÕES EM QUEM ASSISTE. IMAGINEM, ENTÃO, QUE COMO
MOLDURA PARA ESTE JOGO SEJA ERGUÍDO UM ESTÁDIO CEM
VEZES MAIOR QUE O COLÍSEU E QUE SEJA CERCADO POR NOVE
CÍRCULOS QUE DIMINUEM NA LARGURA
DO MAIS ALTO
AO MAIS BAIXO
...



EXCETO NO PRIMEIRO CÍRCULO,
SILENCIOSO, QUE ACOLHE
OS ANTIGOS SÁBIOS E POETAS,
A INFINITA MULTIDÃO
DOS DESESPERADOS
FAZ TAMANHO ESTRONDO
QUE A CIDADE TODA ECOA.
DIVERSAS LÍNGUAS,
FALAS HORRÍVEIS E SONS
DE MÃOS COM ELAS.

EIS O INFERNO,
POR COMPARAÇÃO
AINDA POUCA.

AO OUVIR SOBRE A CORJA QUE OCUPA VOSSAS DEZ VALAS, PARECE AQUI REPRESENTADA A CORTE DE ALGUM PRÍNCIPE MODERNO... OU DE UM FAMOSO CHEFE DE GOVERNO!



E POR QUE NÃO DE UM PAPA, MEU SENHOR?

POR FIM, O ÚLTIMO DOS CÍRCULOS, O NONO, EM OUTRAS QUATRO REGIÕES É DIVIDIDO. ALI SE ENCONTRAM OS TRAIDORES DA PÁTRIA, DOS PARENTES, DOS HÓSPEDES E DOS BENFEITORES...



... ANTES DE ACABAREM NA BOCA DO SENHOR DAS TREVAS, LUCIFERO, E SEREM DEFECADOS PELA CLOACA.



O SENHOR DANTE PARECE CANSADO. UMA BREVE PAUSA FAZ-SE NECESSÁRIA PARA LAVAR COM VINHO UM POUCO DA INFERNAL ARDÊNCIA.



CONTE-ME ENTÃO DO QUE VIU NESSE LUGAR.



ENTRAMOS POR UMA TETRAPORTA QUE TRAZIA ESCRITAS ESTAS PALAVRAS:

INFERNO

POR MIM SE VAI PARA A CIDADE ARDENTE,
POR MIM SE VAI À SUA ETERNA DOR,
POR MIM SE VAI ENTRE A PERDIDA GENTE.



ANTES DE MIM NÃO SE CRIOU JAMAIS
O QUE NÃO FOSSE ETERNO;
- E ETERNA, EU DURO.



DEIXAI TODA ESPERANÇA
VÓS QUE ENTRAIS



SUSPIROS, PRANTOS E GRITOS
ESCUTEI RESSOANDO PELO AR
FALTO DE ESTRELAS, E ASSIM
CHORANDO LOGO ME ENCONTREI.



MESTRE, QUE PENAR SE ESCUTA,
QUEM É ESSA GENTE
QUE EM DOR
SE AMESQUINHA?



ESTA MISERA CONDUTA É DAS ALMAS SOFRIDAS E SEU CHORO,
QUE SEM ERRO OU LOUVOR EM SUA LUTA VIVERAM,
E PERDIDO O SEU DECORO FORMAM COM OS ANJOS
NUNCA REBELADOS E NEM FIÉIS A DEUS, NO MESMO CORO.



DEPOIS DE TER ALGUNS RECONHECIDO, RECONHECI TAMBÉM
SOMBRA DAQUELE QUE A RECUSA MAIOR TINHA CUMPRIDO.



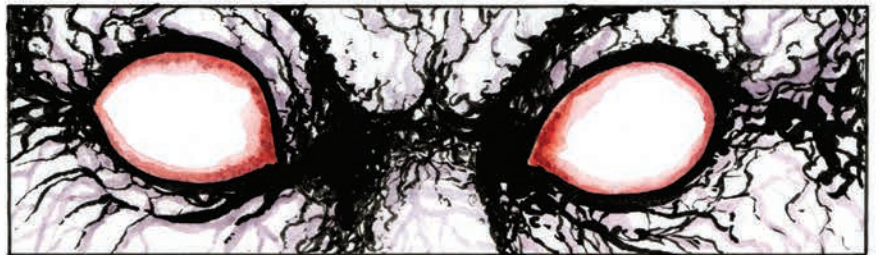
AI DE VÓS, MISEROS VASSALOS! DO MAL,
QUE AO CÉU NÃO HAVEREIS DE VÊ-LO!
VENHO POR VOS LEVAR À OUTRA MARGEM,
À SOMBRA ETERNA, ONDE É CALOR E GELO.



E TU QUE ÉS ALMA VIVA NA VIAGEM,
APARTA-TE DOS OUTROS: SÃO A MORTE.



CARONTE, ACALMA EM TI
TEU TOM, QUE ASSIM SE QUER
ONDE O DESEJO É JÁ PODER
- E A COISA ACABA AÍ.



SE POR AQUI NÃO PASSA UMA ALMA BOA,
E SE CARONTE MOSTRA A SUA SANHA CONTRA TI ...



... VÊ O QUE EM SUA FALA SOA.



E RUBRA LUZ SE ACRESCE
QUE ME VENCEU
SENTIDO E SENTIMENTOS
E CAÍ COMO UM HOMEM
QUE ADORMECE.



FRANKENSTEIN

em quadrinhos

de Mary Shelley
por Taisa Borges

tradução
Mário Martins de Carvalho

série
clássicos
em HQ

EDITORA
Peirópolis

Frankenstein

Nós, habitantes do veloz século XXI, acostumados a ver a ciência se aproximar dos mais impensáveis cenários da ficção científica, muitas vezes perdemos de vista a origem das coisas mais básicas. Que dizer, então, da gênese de uma obra de arte ou de um personagem como a criatura do Dr. Frankenstein?

A fabulosa história surgiu na mente da escritora inglesa Mary Shelley, então com apenas 19 anos, enquanto passava férias na Suíça ao lado de seu futuro marido, o poeta Percy Shelley, e de outros amigos escritores. Enfrentando um mau tempo atípico causado pela erupção de um vulcão, o grupo pôs-se a contar histórias de terror uns para os outros a convite de Lord Byron. Do encontro surgiu o embrião de *Frankenstein: ou o moderno Prometeu*, publicado dois anos depois.

O romance de Mary Shelley tornou-se extremamente popular, com inúmeras adaptações para o teatro, o cinema, a TV e a HQ. Nesta versão em quadrinhos da Editora Peirópolis, a artista plástica e ilustradora Taisa Borges apresenta seu olhar sobre a obra, buscando alcançar em imagens toda a delicadeza e profundidade dos temas que atravessam a história e que ainda hoje ecoam na cultura, como as contradições que envolvem o desenvolvimento da ciência frente aos mistérios da natureza, o desejo de realizações grandiosas em contraponto ao sossego da vida doméstica, a dificuldade de o homem exercer uma conduta acolhedora frente a um outro radicalmente diferente.

Certamente Mary Shelley ficaria feliz ao conhecer a leitura de Taisa Borges para seu grande clássico.



Mary Shelley



Mary Shelley nasceu em 1797, em Londres, e era filha de uma das precursoras do feminismo militante – Mary Woolstonecraft –, que morreu apenas dez dias após o nascimento da menina. Foi criada pelo pai, William Godwin, renomado filósofo de inspiração iluminista. Casou-se aos 19 anos com o poeta Percy Bysshe Shelley, após a mulher dele ter se suicidado. Com uma vida repleta de decepções, que incluem a perda prematura de três dos quatro filhos que teve com Shelley e do próprio marido com apenas 30 anos, sua história já seria assunto para uma grande obra romântica. Embora muito reclusa e reticente em falar de sua vida pessoal, tornou-se conhecida como escritora – logo após publicar *Frankenstein*, seu primeiro e mais famoso romance, em 1818, aos 21 anos de idade. Mary Shelley morreu de um tumor cerebral, em sua cidade natal, em 1851, aos 54 anos.

Taisa Borges



Taisa Borges (1960)

Taisa Borges é artista plástica com formação na faculdade de Belas Artes, de Paris, e no Studio Berçot – escola de pesquisa e criação em estilismo. Ilustrou para a *Folha de S. Paulo* (Caderno Ilustrada e *Revista da Folha*) e *Vogue*, entre outros. Dedicou-se a desenhos de estampas de tecidos e coordenou uma empresa de estamparia para exportação de produtos para cama e mesa, a Motivos Brasileiros. É autora dos livros de imagens *O rouxinol e o imperador*, *João e Maria*, *A borboleta* e *A bela adormecida*, de Charles Perrault, todos pela Editora Peirópolis e detentores de vários prêmios.

São Paulo, 21 de dezembro de 2011

Querida irmã,

Como vai você aí no frio da Holanda? Aqui em São Paulo faz 30 graus e chove muito. Escrevo para contar sobre uma aventura pela qual passei, um empreendimento grande, de alma. Você se lembra que a Editora Peirópolis havia me encomendado uma história em quadrinhos e sugeri que eu escolhesse a obra de uma mulher? Como você sabe, esse era um desejo acalentado há muitos anos: trabalhar com uma obra clássica escrita por mãos femininas. Assim eu pude realizar o meu sonho, desenhando o *Frankenstein* da Mary Shelley.

Ao desenhar esse conto, que é uma pérola de simplicidade e, ao mesmo tempo, de densidade incomum, pensava na jovem Mary Shelley com seus 19 anos, de férias na Suíça, escrevendo essa pequena obra-prima. Durante o trabalho, eu me perguntava se conseguiria alinhar com os meus desenhos um conto tão especial. Que desafio!

Mary era filha de uma filósofa que, como ela, não tinha educação formal, pois viviam numa época em que se acreditava que as mulheres não possuíam faculdades intelectuais por serem demasiadamente emocionais. No entanto, surpreendeu a todos ao conceber *Frankenstein: ou o moderno Prometeu*, a história do monstro inominado criado por um homem que resolveu fazer o que as mulheres fazem desde o começo dos tempos: dar à luz a uma pessoa.

Escrito por uma mulher num mundo que achava que emoção não era importante, o livro fala das coisas mais importantes desse mundo: emoção, amor, educação e do que faz um ser humano “ser humano”.

Estou entusiasmada e ao mesmo tempo ansiosa por ter feito isso que considero tão grande! Espero ter conseguido transmitir com o meu desenho toda a grandeza dessa história.

Um beijo, saudades, Taisa

Entrevista

Qual a sua relação com os clássicos da literatura?

Foi sempre uma relação muito intensa, mas ela se aprofundou quando fui estudar Artes Plásticas em Paris, na Faculdade de Belas Artes e depois no Estúdio Berçot. Nesse momento, aprendi a olhar a história da pintura nos museus que visitava e passei a ter certeza de que existiu um começo da representação, e várias opiniões e maneiras de organizar as cores, as texturas, formatos, pinceladas. Com a literatura clássica acontece igual e nos mostra uma certeza: a de que a vida é múltipla e finita.

Por que sua escolha para compor seu primeiro álbum em HQ recaiu sobre *Frankenstein*?

A Editora Peirópolis me propôs participar da coleção “Clássicos em HQ”. Minha única exigência, porém, era adaptar uma obra de autoria feminina, coisa muito rara entre os clássicos da literatura. Perguntei para minha irmã que mora na Holanda – sempre gosto de saber a opinião dela, pois somos muito próximas. Ela, então, desde logo me falou “Por que não fazer uma adaptação de *Frankenstein*!?”.

Qual sua relação com a obra até esse momento?

Eu havia assistido a diversas versões no cinema, mas nunca tinha lido uma tradução do original da Mary Shelley. Logo após a sugestão da minha irmã, fui pesquisar e me surpreendi ao saber que Mary Shelley escreveu essa obra com apenas 19 anos. Filha de uma filósofa, ela concebeu essa obra-prima num mundo em que emoção não era importante e que as mulheres não tinham educação formal. Assim sendo, pude trabalhar com uma obra clássica, mas feita por mãos

femininas e agora, no presente, relida por uma outra mulher: eu.

Poderia nos contar um pouco sobre seu processo de criação deste álbum?

Procurei algumas traduções antigas e uma amiga me emprestou essa, de 1978, de autoria do português Mário de Carvalho, e que me satisfez por completo. Com o texto na mão, foi só começar. Trabalhei com o texto integral, fazendo cortes para adaptar ao formato HQ. Em todo o processo meu pensamento passou por todos os cantos do texto de Mary Shelley traduzido por Carvalho como se lhe fizesse um afago. Minha esperança foi conseguir transmitir pelo meu desenho a grandeza dessa história imortal.

Qual o significado deste álbum para o conjunto de sua obra até agora?

Esse trabalho, assim como outros realizados a partir de clássicos, me ensinou a ser mais livre. Realizei antes do trabalho de *Frankenstein em quadrinhos* outros três livros para a Editora Peirópolis, todos eles de imagens e baseados em contos de fadas de Perrault, Grimm e Andersen: *A Bela Adormecida*, *O rouxinol* e *o imperador e João e Maria*. Com relação aos clássicos sempre penso no que nos disse o teórico italiano Umberto Eco: “é isso o que dizem todas as grandes histórias, sendo possível, em todo caso, substituir Deus pelo destino ou pelas leis inexoráveis da vida. A função das narrativas imodificáveis é justamente essa: contrariando nosso desejo de mudar o destino, nos fazem experimentar a impossibilidade de mudá-lo”. Concordo plenamente com ele e busco expressar essa ideia no meu trabalho.

TAISA BORGES



DIARIO
DE
BIRD

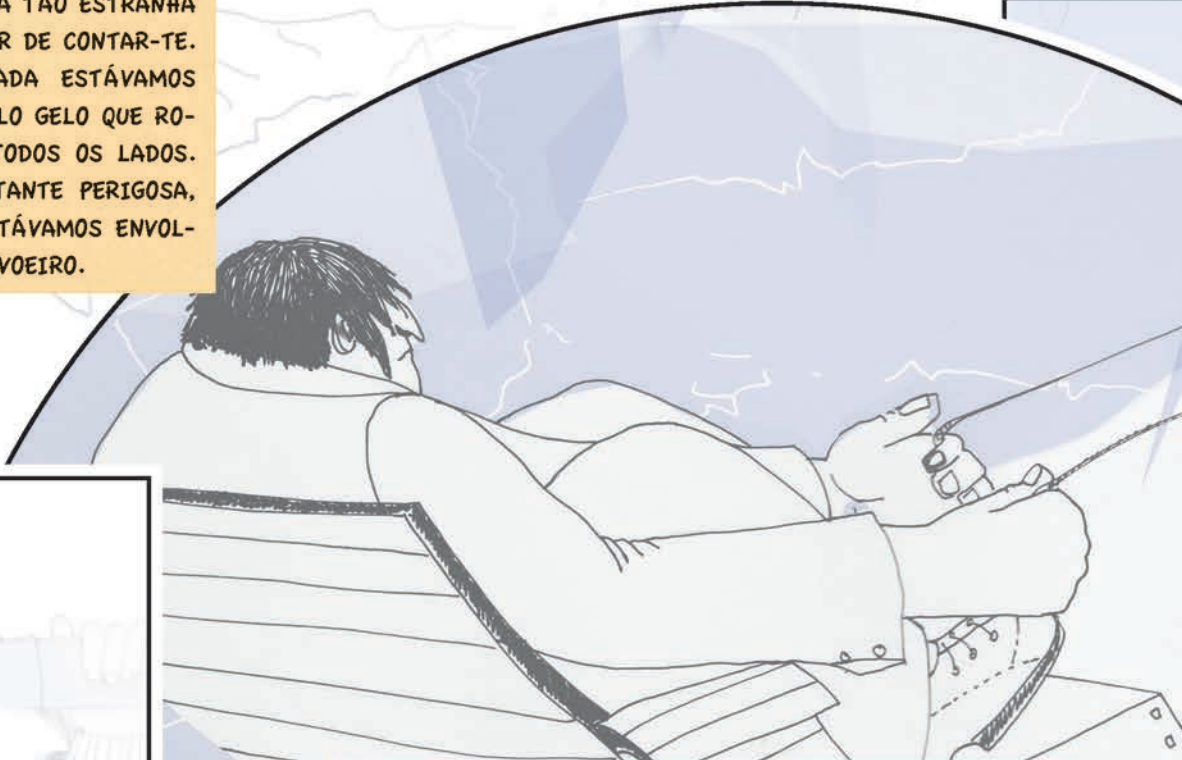
MS

DIÁRIO DE UM NAVEGADOR


À SENHORA DE SAVILLE
INGLATERRA, 7 DE JULHO DE 17...

ESCREVO-TE ALGUMAS PALAVRAS APRESSADAMENTE PARA TE DIZER QUE ESTOU EM SEGURANÇA E QUE A MINHA VIAGEM PROSEGUE. ESTA CARTA CHEGARÁ À INGLATERRA POR UM NAVIO MERCANTE QUE SEGUE VIAGEM NO REGRESSO DE ARKHANGELSK: COM MAIS FELICIDADE QUE EU, QUE TALVEZ VENHA A PASSAR ANOS SEM VER O MEU PAÍS NATAL. TODAVIA, A MINHA MORAL É BOA: OS MEUS HOMENS SÃO RESOLUTOS E OS PEDAÇOS DE GELO QUE FLUTUAM À NOSSA VOLTA, ANUNCIANDO OS PERIGOS DA REGIÃO DE QUE NOS VAMOS APROXIMANDO, NÃO PARECEM INQUIETÁ-LOS.





SUCEDEU-ME UMA COISA TÃO ESTRANHA QUE NÃO POSSO DEIXAR DE CONTAR-TE. SEGUNDA-FEIRA PASSADA ESTÁVAMOS QUASE BLOQUEADOS PELO GELO QUE RODEAVA O NAVIO POR TODOS OS LADOS. A SITUAÇÃO ERA BASTANTE PERIGOSA, POIS, ALÉM DISSO, ESTÁVAMOS ENVOLVIDOS EM ESPESSO NEVOEIRO.



HOMEM
EM DIREÇÃO
AO NORTE!

DE SÚBITO, UMA VISÃO BIZARRA DESPERTOU A NOSSA ATENÇÃO E FEZ-NOS ESQUECER AS PREOCUPAÇÕES. VISLUMBRAMOS EM DIREÇÃO AO NORTE UM TRENÓ BAIXO TIRADO POR CÃES. UM SER DE APARÊNCIA HUMANA, MAS DE ESTATURA GIGANTESCA, IA SENTADO NO TRENÓ E CONDUZIA OS CÃES.

DE MANHÃ, LOGO QUE NASCEU O SOL, SUBI AO CONVÉS. TODOS OS MARINHEIROS ESTAVAM DO MESMO BORDO DO NAVIO EM CONVERSA COM ALGUÉM QUE SE ENCONTRAVA NO MAR. ERA UM TRENÓ COMO O QUE TÍNHAMOS VISTO: DURANTE A NOITE O VENTO IMPELIRA-O NA NOSSA DIREÇÃO, SOBRE UM BANCO DE GELO.

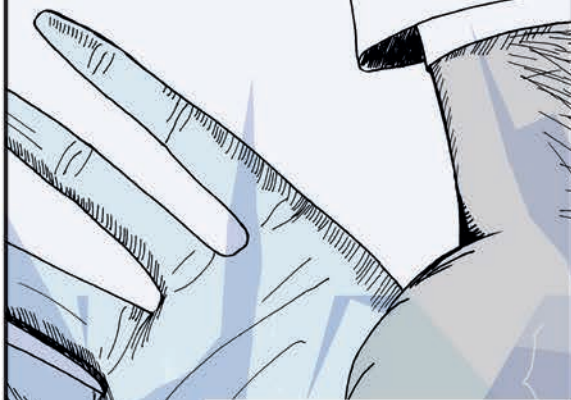
DOS ANIMAIS DE TIRO, SOBREVIVIA UM ÚNICO CÃO: MAS COM ELE ESTAVA UM SER HUMANO QUE OS NOSSOS MARINHEIROS PROCURAVAM CONVENCER A SUBIR A BORDO. NÃO ERA, COMO PARECIA SÊ-LO, O VIAJANTE DA VÉS-PERA, UM SELVAGEM HABITANTE, MAS SIM UM EUROPEU.



QUANDO APARECI NO CONVÉS,
O IMEDIATO DISSE:

CÁ ESTÁ O
NOSSO COMANDANTE,
QUE NÃO PERMITIRÁ
QUE O SENHOR MORRA
NO MAR!

PERCEU SATISFEITO E CON-
SENTIU EM SUBIR A BORDO.



AO ME VER, O ESTRANHO DIRIGIU-
-SE A MIM EM INGLÊS, EMBORA
COM UMA PRONÚNCIA ESTRANGEIRA:

ANTES DE
SUBIR A BORDO DO SEU
NAVIO, FARIA O FAVOR
DE ME DIZER EM QUE
DIREÇÃO SEGUE?

EMPRENDEMOS
UMA VIAGEM DE
DESCOBRIMENTO EM
DIREÇÃO AO
POLO NORTE.



DEUS SEJA LOUVADO! MARGARET, SE TIVESSES VISTO ESSE HOMEM, COMO FICARIAS SURPRESA! NUNCA VI UM SER EM ESTADO MAIS LASTIMOSO.

QUANDO O MEU HÓSPEDE FICOU UM TANTO RESTABELECIDO TIVE MUITA DIFICULDADE EM AFASTAR DELE OS HOMENS, QUE DESEJAVAM FAZER-LHE MIL E UMA PERGUNTAS. TODAVIA, O TENENTE PERGUNTOU-LHE PORQUE SE TINHA ELE AVENTURADO TÃO LONGE, EM DIREÇÃO AO NORTE, NUM VEÍCULO TÃO ESTRANHO. LOGO SUA FACE TOMOU UMA EXPRESSÃO PROFUNDAMENTE DOLOROSA E ELE RESPONDEU:

SUPONHO QUE O VIMOS; É QUE, NA VÉSPERA DO DIA EM QUE O RECOLHEMOS, LOBRIGAMOS UM TRENÓ NO GELO TRIPULADO POR UM HOMEM.

PARA PROCURAR ALGUÉM QUE FUGIA DE MIM.




A SAÚDE DO ESTRANGEIRO VAI MELHORANDO POUCO A POUCO, MAS ELE É MUITO CALADO E PARECE INCOMODADO QUANDO ALGUÉM ALÉM DE MIM ENTRA NO CAMAROTE. PORÉM, SUAS MANEIRAS SÃO TÃO AFÁVEIS QUE OS MARINHEIROS SE INTERESSAM POR ELE. POR MEU LADO, COMEÇO A ESTIMÁ-LO COMO IRMÃO.

DISSE-TE NUMA DAS MINHAS CARTAS, QUERIDA MARGARET, QUE NÃO ESPERAVA ENCONTRAR UM AMIGO NO DECORRER DA MINHA EXPEDIÇÃO; NO ENTANTO, ENCONTREI UM HOMEM QUE GOSTARIA DE TER COMO IRMÃO, ANTES DE A DESVENTURA O PROSTRAR.

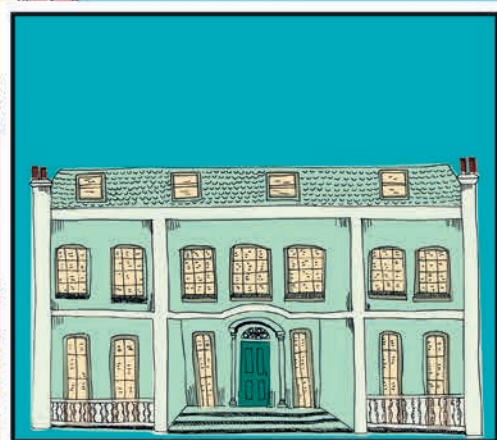
CAPITÃO WALTON, DEVE TER-SE APERCEBIDO FACILMENTE DE QUE EU SOFRI DESGRAÇAS INAUDITAS. VOCÊ PROCURA, TAL COMO EU PROCUREI, A LUZ E A SABEDORIA; ESPERO ARDENTEMENTE QUE A RECOMPENSA DOS SEUS ESFORÇOS NÃO VENHA A SER UMA SERPENTE QUE O ATAQUE – COMO ACONTECEU A MIM.

IGNORO SE O RELATO DAS MINHAS INFELICIDADES LHE SERÁ OU NÃO ÚTIL, PORÉM, JÁ QUE SEGUE A MESMA ROTA QUE EU E SE EXPÕE AOS MESMOS PERIGOS, TALVEZ POSSA SE APROVEITAR DA MINHA EXPERIÊNCIA.





SOU GENEBRINO POR NASCIMENTO E PERTENÇO A UMA DAS MAIS RESPEITADAS FAMÍLIAS DAQUELA REPÚBLICA. OS MEUS ANTEPASSADOS FORAM CONSELHEIROS E SÍNDICOS DURANTE LONGOS ANOS.



HAVIA UMA GRANDE DIFERENÇA DE IDADE ENTRE OS MEUS PAIS, MAS ISSO PARECIA AUMENTAR AINDA MAIS A SUA MÚTUA AFEIÇÃO. O MEU PAI TINHA UM SENTIDO DE JUSTIÇA QUE O IMPEDIRIA DE AMAR ANTES DE TER SENTIDO ESTIMA. HAVIA TAMBÉM ADMIRAÇÃO NO SEU APEGO À MULHER. FAZIA TUDO PARA SATISFAZER OS SEUS DESEJOS E PARA ASSEGURAR O SEU CONFORTO.

UM JARDINEIRO NÃO TOMA MAIS CUIDADO COM SUA PLANTA EXÓTICA E PRECIOSA!



I-JUCA PIRAMA

EM QUADRINHOS

GONÇALVES DIAS

POR SILVINO

série
clássicos
em HQ

EDITORA
Peirópolis

I-Juca Pirama

A história de “I-Juca Pirama” – o drama do guerreiro tupi que rompe um ritual de honra para salvar o pai, sendo depois menosprezado por ele – é uma das mais fortes expressões do indianismo romântico no Brasil.

Seu autor, Gonçalves Dias, tinha boas razões para construir uma obra em que o índio figurasse como herói: filho de mãe mestiça, consta que se orgulhava de ter em suas veias o sangue dos três povos que estiveram na gênese da nação brasileira. Se o fervor nacionalista dava o tom literário do seu tempo, a singularidade do seu nascimento pode ter contribuído para uma escrita intensa e comovente.

De fato, o poema “I-Juca Pirama” já começa em alta temperatura, com o bravo guerreiro tupi esperando para ser devorado. Ao chorar por se lembrar do pai abandonado na floresta, o guerreiro transforma seu canto de morte em canto de amor, rompendo a tradição e sendo desprezado pelo inimigo. Naquela configuração social, a covardia era a mais desprezível das qualidades.

Com este enredo, Gonçalves Dias traz à tona o questionamento de valores como honra e coragem, como também o lugar das emoções num contexto de tradições arraigadas. O quadrinista Laerte Silvino acrescenta ao poema a tonalidade e a atmosfera perfeitas, deixando fluir os versos em imagens econômicas e texto integral.

Luciana Tonelli



Gonçalves Dias



Antônio Gonçalves Dias (1823-1864) nasceu no Maranhão, filho de um comerciante português e de uma mestiça. Teve pouca convivência com sua mãe biológica, pois seu pai abandonou-a e levou-o consigo. Com a morte do pai, ele contou com sua madrastra para ajudá-lo a realizar o projeto de estudar em Coimbra. Em Portugal, precisou contar ainda com a ajuda de colegas para conseguir concluir o curso de Direito. Nessa mesma época tomou contato com a primeira geração do romantismo português, que mais tarde influenciaria seus poemas.

De volta ao Brasil, radicou-se no Rio de Janeiro, onde lecionou latim e história e participou da fundação da revista *Guanabara*. Nomeado oficial da Secretaria dos Negócios Estrangeiros, voltou para a Europa em missões de estudos e pesquisas. Em seguida, desenvolveu a mesma atividade no Brasil, como chefe da Comissão Científica de Exploração que viajou pelos rios Madeira e Negro. Dessas viagens nasceu o *Dicionário da Língua Tupi*, que atesta o seu conhecimento e envolvimento com a cultura indígena.

Da produção poética, seus *Primeiros cantos* (1847) receberam resenha elogiosa de Alexandre Herculano. “I-Juca Pirama” faz parte dos *Últimos cantos*, publicados em 1850. Sua obra chegou a ser editada na Alemanha, inclusive o dicionário tupi. Seu poema mais popular – “Canção do exílio” – foi escrito numa viagem a Coimbra em 1862. Gonçalves Dias morreu dois anos depois, aos 41 anos de idade, em um naufrágio próximo à costa maranhense.

Silvino



Silvino (1987)

Nasceu em Recife, cursou Geografia e, após viajar por várias áreas exóticas do país, resolveu se dedicar à ilustração e aos quadrinhos, trocando assim a liberdade das paisagens pelas quatro paredes de seu estúdio. Desde esse dia ilustrou para alguns jornais em Pernambuco e, atualmente, para alguns jornais de outras regiões do Nordeste; também ilustra e faz quadrinhos com frequência para revistas de circulação nacional e livros infantis, juvenis e didáticos. Publica no site: <www.laertesilvino.com.br>.

Acredito que, como eu, a maioria das pessoas tenha tido o primeiro contato com a obra de Gonçalves Dias ao ler a “Canção do exílio”. Quem nunca leu? Nem que seja um fragmento em livro didático: “Minha terra tem palmeiras / Onde canta o sabiá”.

Pois bem. Não sabia que sua obra podia ir além disso até ler “I-Juca Pirama”. O que para mim parecia ser um poema metrificado, aparentemente difícil de ler, passou a ser uma grande narrativa cheia de conflitos e reviravoltas. E para perceber isso basta ler o poema com mais calma, prestando atenção nos pequenos detalhes. Ao fazê-lo, percebi que tinha que quadrinizar essa grande obra.

Além disso, a cultura indígena sempre foi um assunto de meu interesse. Suas lendas, seus costumes, seus grafismos e a forma como cada sociedade indígena difere uma da outra sempre me chamaram a atenção. Porém, acredito que ainda a conhecemos pouco. E, se ainda hoje, atuar em prol da valorização da cultura indígena é algo desafiador, imaginem na época em que Gonçalves Dias escreveu “I-Juca Pirama”!

Não escolhi transpor “I-Juca Pirama” para os quadrinhos só por ser um belo poema: escolhi-o também por seu caráter histórico, que para mim se apresenta muito atual. Trata-se de uma obra que fala de bravura, coragem e honra. Valores que muitos consideram esquecidos, mas que ainda vejo presentes não só em muitos de nós, mas também nos índios que restaram e que seguem lutando pela sobrevivência da sua cultura.

Dedico este trabalho ao meu pai, Luiz Carlos, que, como o velho tupi do poema, me ensinou o que é ter honra e caráter, não importando de onde seja sua origem. Dedico-o também a Jaciara, minha mãe; Mirella, minha esposa; e Luiza, minha filha tão amada.

Que este livro inspire todas as tribos.



Entrevista

Já bem conhecido na nossa coleção pelo *Conto de escola em quadrinhos*, num projeto mais recente, você criou o álbum *I-Juca Pirama em quadrinhos*. Você já era um leitor de Gonçalves Dias?

Gonçalves Dias foi justamente o oposto de Machado de Assis. Enquanto li muito do Machado, do Gonçalves não tinha lido nada além dos fragmentos de “Canção do exílio” que estão sempre presentes nos livros didáticos. Há muito queria quadrinizar um poema, mas precisava de um poema narrativo, que contasse uma história com começo, meio e fim. Pensei em adaptar “O Caçador de Esmeraldas”, do Olavo Bilac, mas, apesar de gostar muito do poema, ele não me tocava. Fiz algumas pesquisas até que cheguei em “I-Juca Pirama”. Quando li as primeiras estrofes, senti que aquilo daria um belo quadrinho, não só pela temática forte do índio guerreiro que se torna um “covarde” para poder cuidar do pai cego, mas também pelo ambiente do poema. Como a cultura indígena já era um assunto de meu interesse, não foi difícil desenhar a adaptação.

Como foi mudar de conto para poesia?

A grande diferença entre um conto e uma poesia como “I-Juca Pirama” era, por se tratar de um poema decassílabo, manter a métrica, de suma importância para o desenvolvimento dos quadros. Já em um conto há mais liberdade. Quem observa os dois álbuns percebe a criação, para cada um, de uma atmosfera específica, uma escolha de paleta de cores.

Pode nos falar mais a respeito?

Sou um daqueles desenhistas que não gosta de trabalhar com apenas uma técnica ou com um só estilo de

desenho. Gosto de me ajustar ao que o texto pede, tal qual um ator que se ajusta ao estilo da peça ou filme. Para *Conto de escola* optei por um traço mais claro, feito com caneta, e mais colorido, justamente por se tratar de uma obra mais voltada para o público infantil e que tem crianças como personagens principais. Já no *I-Juca Pirama*, optei por uma técnica mais primitiva, que remetesse à pintura indígena e ao grafismo produzido pelos índios. Por esse motivo eu resolvi finalizar o *I-Juca Pirama em quadrinhos* com pincel e colorir-lo com tons mais escuros, já que a maioria do poema se passa à noite. Outra escolha que fiz foi mudar a paleta de cores de acordo com cada canto do poema, indicando dessa maneira uma passagem de tempo entre cada parte do texto.

Você pode dimensionar esses dois álbuns no conjunto de sua obra como quadrinista?

Os dois foram álbuns divisores de águas para mim. Poder lançar um álbum com apenas 23 anos e o segundo aos 25 foi um sonho realizado. Com o *Conto de escola em quadrinhos* concorremos ao Troféu HQMix de Melhor Adaptação, e com o *I-Juca Pirama em quadrinhos* estou concorrendo ao HQMix 2013 na categoria Novo Talento, como desenhista. O *Conto de escola em quadrinhos* já vai na segunda tiragem e é muito bem aceito nas escolas. Tudo isso me faz muito feliz e só me dá mais vontade de continuar fazendo quadrinhos, apesar de passar a maioria do tempo ilustrando livros infantis, e para jornais e revistas. Fazer quadrinhos é o que me dá mais prazer profissionalmente. Acho que os dois álbuns ainda são meus melhores trabalhos.

SILVINO









SÃO Rudes, SEVEROS, SEDENTOS DE GLÓRIA,
JÁ PRÉLIOS INCITAM, JÁ CANTAM VITÓRIA,
JÁ MEIGOS ATENDEM À VOZ DO CANTOR:

SÃO TODOS TIMBIRAS, GUERREIROS VALENTES!

SEU NOME LÁ VOA NA BOCA DAS GENTES,
CONDÃO DE PRODÍGIOS, DE GLÓRIA E TERROR!



AS TRIBOS VIZINHAS, SEM FORÇAS, SEM BRIO



AS ARMAS QUEBRANDO, LANÇANDO-AS AO RIO



O INCENSO ASPIRARAM DOS SEUS MARACÁS:
MEDROSOS DAS GUERRAS QUE OS FORTES ACENDEM,
CUSTOS TRIBUTOS IGNAVOS LÁ RENDEM,
AOS DUROS GUERREIROS SUJEITOS NA PAZ.





NO CENTRO DA TABA SE ESTENDE UM TERREIRO,
ONDE ORA SE ADUNA O CONCÍLIO GUERREIRO
DA TRIBO SENHORA, DAS TRIBOS SERVIS:

OS VELHOS SENTADOS PRATICAM D'OUTRORA,
E OS MOÇOS INQUIETOS, QUE A FESTA ENAMORA,
DERRAMAM-SE EM TORNO D'UM ÍNDIO INFELIZ.

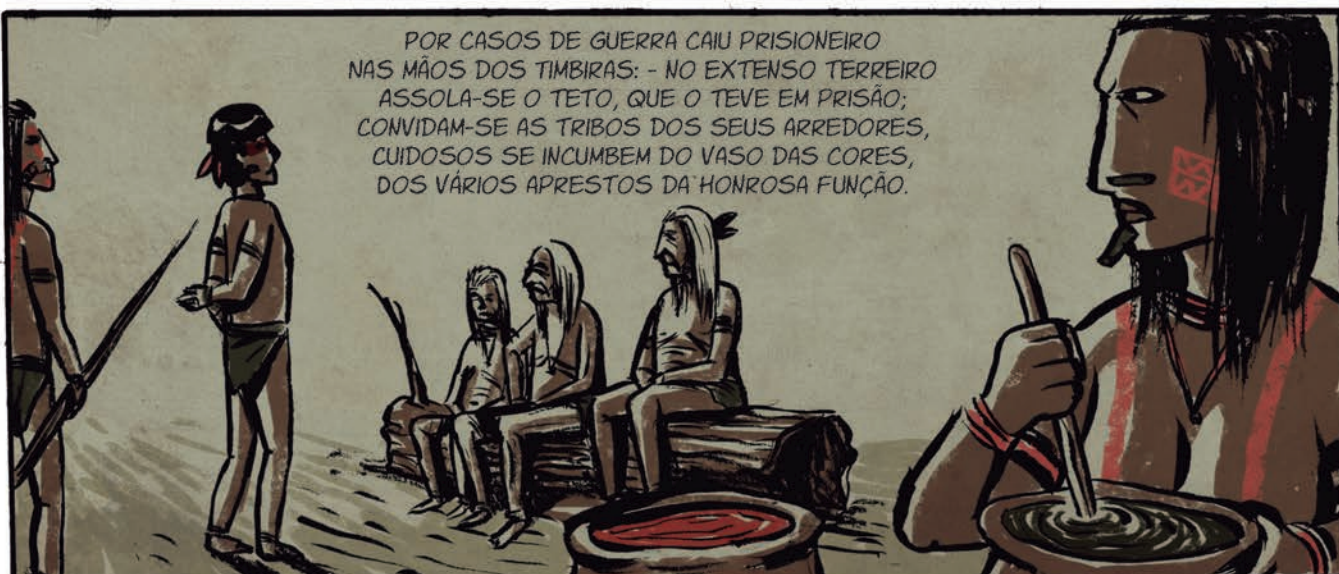


QUEM É? - NINGUÉM SABE: SEU NOME É IGNOTO,
SUA TRIBO NÃO DIZ: - DE UM POVO REMOTO
DESCENDE POR CERTO - D'UM POVO GENTIL;

ASSIM LÁ NA GRÉCIA AO ESCRAVO INSULANO
TORNAVAM DISTINTO DO VIL MUÇULMANO
AS LINHAS CORRETAS DO NOBRE PERFIL.



POR CASOS DE GUERRA CAIU PRISIONEIRO
NAS MÃOS DOS TIMBIRAS: - NO EXTENSO TERREIRO
ASSOLA-SE O TETO, QUE O TEVE EM PRISÃO;
CONVIDAM-SE AS TRIBOS DOS SEUS ARREDORES,
CUIDOSOS SE INCUMBEM DO VASO DAS CORES,
DOS VÁRIOS APRESTOS DA HONROSA FUNÇÃO.





EV. FERNANDO PESSOA

- em quadrinhos -

Susana Ventura
e
Guazzelli

A partir da
"Carta da
gênese dos
heterônimos"
e do obitúário
de Luis de
Montalvor

clássicos
em HQ

EDITORA
Peirópolis

Eu, Fernando Pessoa

Neste álbum da coleção Clássicos em HQ, Fernando Pessoa, considerado uma das mais importantes expressões da língua e da literatura portuguesa depois de Camões, é apresentado a partir de sua obra e de documentos, como a “Carta da gênese dos heterônimos”, escrita em 1935, alguns meses antes de sua morte, na qual explica ao amigo Adolfo Casais Monteiro o nascimento e vida de seus principais heterônimos: Alberto Caeiro, Ricardo Reis e Álvaro de Campos, e do semi-heterônimo Bernardo Soares.

Em dezembro daquele mesmo ano, o ponto de partida dessa narrativa, o poeta faz uma pequena mala de viagem, levando consigo *Sonetos* de Bocage e umas poucas roupas, para ir ao Hospital São Luís dos Franceses, onde viria a falecer. Na imaginação da roteirista e no traço do quadrinista, o clima lisboeta frio e chuvoso dessa cena foi pontuado pelo poema “Chuva oblíqua”, essencial na obra pessoana.

O poeta chega ao hospital e uma volta no tempo nos conduz ao mês de janeiro novamente, quando escreve ao amigo a carta sobre si mesmo e sua obra. A partir daí, os heterônimos aparecem e se apresentam, tanto nos poemas selecionados por Susana como no traço às vezes rascunhado, às vezes detalhadamente trabalhado de Guazzelli. Para completar a viagem, a notícia póstuma escrita pelo poeta Luís de Montalvor e publicada em Portugal no tradicional *Diário de Notícias*, no dia seguinte ao da morte do poeta, lembra o leitor que “se Fernando Pessoa morreu, se a matéria abandonou o corpo, o seu espírito não abandonará nunca o coração e o cérebro dos que o admiravam”.

O roteiro de Susana Ventura guia o leitor pelas imagens labirínticas do desenhista Eloar Guazzelli, que demonstra que também ele sabe se perder e se encontrar nas multifacetadas personalidades artísticas de Pessoa para reconstruir mundos com múltiplos estilos e técnicas. Diferente de uma visão fragmentada da biografia e da obra do poeta, o leitor terá aqui uma viagem completa e criativa, bem como elementos essenciais para compreender um dos maiores autores do século XX.

Fernando Pessoa



Fernando Pessoa segundo Luís de Montalvor: “A sua passagem pela vida foi um rastro de luz e de originalidade. Em 1915 [...] lançou o *Orpheu*, que tão profunda influência exerceu no nosso meio literário, e a sua personalidade foi-se depois afirmando mais e mais. Do fundo da sua ‘Tertúlia’ a uma mesa do Martinho da Arcada, Fernando Pessoa era sempre o mais novo de todos os novos que envolta dele se sentavam. Desconcertante, profundamente original e estruturalmente verdadeiro, a sua personalidade era vária, como vário o rumo da sua vida. Ele não tinha uma atividade ‘una’, uma atividade dirigida: tinha múltiplas atividades. Na poesia não era só ele, Fernando Pessoa; ele era também Álvaro de Campos e Alberto Caeiro e Ricardo Reis. E era-os profundamente, como só ele sabia ser. E na poesia como na vida. E na vida como na arte.

Espero que os leitores de Eu, Fernando Pessoa em quadrinhos cheguem ao final do álbum com a possibilidade de começar uma nova relação com o poeta e sua obra. Afinal, tomadas suas múltiplas faces, Pessoa ainda está muito longe de terminar de dizer o que tinha a nos dizer...

Susana Ventura

Eloar Guazzelli



Eloar Guazzelli (1962)

Eloar Guazzelli é ilustrador, quadrinista, diretor de arte para animação e *wap designer*. Mestre em comunicação pela Escola de Comunicações e Artes (ECA-USP), foi premiado no importante *Yomiuri International Cartoon Contest* (1991), no Japão. Além desse, recebeu inúmeros outros prêmios em festivais de cinema, salões de humor e bienais de quadrinhos dentro e fora do Brasil. Participou de exposições em diversas partes do mundo, publicou em revistas e ilustrou o livro *El Arroyo de Élisée Reclus*, publicado pela editora espanhola Media Vaca em 2001.

Eu tinha concluído um álbum em quadrinhos sobre a obra do poeta Fernando Pessoa quando descobri que a Peirópolis estava para fazer também um livro em quadrinhos sobre a obra do grande mestre português.

Ficamos igualmente frustrados: a editora porque eu já tinha feito um livro, e eu porque tinha ficado muito envolvido com o tema, morrendo de inveja de quem iria trabalhar na nova versão.

Ainda bem que a providência iluminou o povo da Peirópolis; pouco tempo depois eles me perguntaram se eu estaria disposto a encarar uma “dose dupla”.

Era tudo o que eu queria (e de que precisava). Apesar de satisfeito com o trabalho anterior, o encantamento com o universo do poeta me instigava a procurar novas soluções.

Tomado por uma empatia pelos heterônimos, desenhei quase sem esboço e mudando sutilmente o tratamento ao longo da narrativa.

A maior parte deles na casa de minha mãe, numa longa visita por conta de uma doença que a acometeu. Desenhei enquanto conversávamos sobre literatura.

Ela faleceu em julho de 2012, mas pôde ver os originais em primeira mão.

Esse álbum fiz para ela e o poeta, minha inspiração.





Entrevista

Quais os principais desafios da adaptação de um clássico para os quadrinhos?

São necessários muitos ajustes numa adaptação, não só porque temos de nos adequar ao número de páginas, mas também porque o texto não deve ser muito pesado, ao mesmo tempo que temos de ter um cuidado extremo para não violar a integridade da obra. E sempre existe o risco da “redundância”, as transcrições demasiadamente literais... E a poesia do Pessoa tem uma riqueza tão grande quanto as “armadilhas” que oferece, no desejo de traduzir todo seu universo em imagens. Fazer um livro como esse é um exercício intenso de autocontrole. Equilibrado por alguns voos mais intuitivos. Uma verdadeira gangorra.

Qual sua relação de leitura com a obra de Fernando Pessoa?

Pessoa é imenso, isso é evidente, mas o fato de ser um gigante da Língua Portuguesa é para mim fundamental, dada a reconhecida dificuldade de inserção da nossa língua no contexto mundial. Apesar de presente em vários continentes e ser representada por um país continental, ela sofreu durante muito tempo, por motivos históricos, um certo isolamento. Que hoje se rompe até por conta de um novo protagonismo, não só do Brasil, mas também de uma nação africana emergente como Angola. As peculiaridades da sua biografia e o próprio “acanhamento” da nação portuguesa

quando da construção da sua obra creio que ainda não deram o devido realce ao seu enorme talento. Isso porque não vejo como suficiente o seu sucesso entre acadêmicos e seus pares. Pessoa merecia o Nobel! São muitos os motivos para admirá-lo, mas o que eu poderia destacar nesses trabalhos foi a descoberta de uma visão mais profunda dos heterônimos. Conviver com essa personalidade multipartida, essa verdadeira multidão gerada a partir de um indivíduo, sua explosão criativa, foi o que me cativou em definitivo.

O que na obra de Fernando Pessoa fala diretamente com você hoje?

Ao longo da pesquisa percebi que a descoberta do número de heterônimos cresce a cada época, revelando uma verdadeira “arqueologia” pessoal do poeta. Seriam mais de setenta até hoje. Essa revelação de certa forma “provocou” minha propensão natural a variar de estilos, nesse caso quase uma exigência estilística.

Foi uma experiência maravilhosa e a trajetória do poeta me deu aquele “lastro”, uma segurança para brincar com o traço.

Ao longo de todos os meses de trabalho que um álbum de quadrinhos requer, pairava sobre mim a figura do Pessoa. Sempre o admirei muito, portanto tinha a exata noção também do privilégio que representava trazer para o plano das imagens seu universo.

GUAZZELLI

Susana Ventura



Susana Ventura (1968)

Doutora em Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa pela Universidade de São Paulo. Pesquisadora do Centro de Literaturas Lusófonas e Europeias da Universidade de Lisboa (Clepul) e do Centro de Pesquisas sobre os Mundos Ibéricos Contemporâneos (Crimic), da Sorbonne (Paris IV). Autora de *Convite à navegação: uma conversa sobre literatura portuguesa* e *Viagem pela Literatura Portuguesa: leituras sugeridas* (com ilustrações de Sílvia Amstalden). Dá aulas, escreve roteiros para cinema e quadrinhos e faz projetos na área de literatura e cultura.

Trabalhar com Fernando Pessoa foi um desafio. A curiosidade em torno do fantástico criador é muito grande, mas o conhecimento sobre sua obra costuma ser fragmentado, reflexo da circunstância da heteronímia e das escolhas de cada leitor. Escolhi, para compor o roteiro de *Eu, Fernando Pessoa em quadrinhos*, as palavras do próprio poeta na carta que escreveu a Adolfo Casais Monteiro, no início de 1935, na qual explica parcialmente suas escolhas com relação à sua própria obra e fala da gênese de seus heterônimos. Selecionei também poemas e trechos em prosa de Fernando Pessoa, Alberto Caeiro, Ricardo Reis, Álvaro de Campos e Bernardo Soares. Construí um roteiro de lógica cinematográfica, acreditando que os leitores têm, muito bem introjetados, os modos de lidar com o tempo que são característicos do cinema.

A narrativa começa em novembro de 1935, no momento da partida de Pessoa para o Hospital de São Luís dos Franceses, em Lisboa, onde viria a falecer. Em sua maleta – ficcional e real – o poeta levava um único livro: *Sonetos*, de Bocage. O percurso rumo ao hospital é marcado pela estética da cidade de Lisboa no inverno.

Num regresso temporal a janeiro de 1935, fiz uso da carta e destinei espaço ficcional para que dela surgissem as diversas faces de Pessoa. Estava previsto falar objetivamente da biografia de Pessoa. Novamente, foi nas palavras do passado, escritas pelo contemporâneo do poeta Luis de Montalvor num elogio póstumo publicado no dia seguinte ao da morte de Fernando Pessoa, que descobri o caminho para essa etapa do álbum.

Espero que *Eu, Fernando Pessoa em quadrinhos* possa ser ponto de partida para muitas outras leituras.



Entrevista

Como foi trabalhar com o clássico que é Fernando Pessoa?

Volto a Ítalo Calvino que, de maneira simples e genial, nos ensinou que um clássico é um livro que não acabou de dizer o que tinha para dizer. Calvino falou em livros, tendo em mente *Dom Quixote*, *Divina comédia*, *Fausto...* Meu desafio, ao ser chamada para pensar sobre a obra de Fernando Pessoa, era o caminho a tomar. Que obra escolher e qual Pessoa escolher? Fernando Pessoa, ele mesmo? Seu semi-heterônimo Bernardo Soares? As dezenas de outros “eus”, os heterônimos? Os três mais representativos, destacados pelo próprio Fernando Pessoa: Alberto Caeiro, o mestre Caeiro; o poeta das odes, Ricardo Reis; o mais inflamado e sem travas sociais, Álvaro de Campos? Que Pessoa e que obra?

Que caminho escolheu?

Depois de algumas tentativas escolhi trabalhar a partir da carta que passou à História como “Carta da gênese dos heterônimos”. Nela, Fernando Pessoa se define, se explica e, provavelmente, se inventa. Na carta, o poeta troca em miúdos alguns aspectos de si e de sua obra genial. Este foi o ponto de partida de *Eu, Fernando Pessoa em quadrinhos*. A partir da carta, criei um roteiro para que aparecessem e fossem apresentados aos leitores poemas de Fernando Pessoa, Ricardo Reis, Alberto Caeiro, Álvaro de Campos e um trecho da prosa de Bernardo Soares, possibilitando, assim, conhecer mais de um dos maiores autores do século XX.

Qual a sua relação com a obra de Fernando Pessoa? E o que a motivou como roteirista?

Como professora de literatura que sou, muitas vezes ouço frases como “Eu adoro Fernando Pessoa”, “Eu amo Fernando Pessoa” e mesmo meu mural do facebook é tomado por imagens ali colocadas por alunos e amigos com versos (ou supostos versos) pessoanos. No contexto de sala de aula, no Ensino Médio sobretudo, Fernando Pessoa aparece de maneira fragmentada. Não é “defeito” do ensino de literatura portuguesa no Brasil somente, mas consequência de várias circunstâncias históricas. A começar pela própria dinâmica de Fernando Pessoa como divulgador de sua própria obra ainda em vida e a terminar pelo espaço cada vez menor que tem a literatura portuguesa no currículo escolar brasileiro, o que faz que o aluno veja com maior ênfase alguns poucos escritores. Quando Fernando Pessoa é chamado a compor este “elenco principal de autores”, é também de maneira fragmentada: em anos recentes, no Estado de São Paulo tivemos a ênfase recaindo primeiro sobre o heterônimo Ricardo Reis e, depois, sobre Alberto Caeiro. O desafio para mim como roteirista foi o de construir um caminho de leitura de Fernando Pessoa que permitisse ao leitor do álbum ter uma visão da inteireza do poeta português que escolheu ser múltiplo.

Qual sua expectativa quanto à recepção do álbum *Eu, Fernando Pessoa em quadrinhos*?

Espero que os leitores de *Eu, Fernando Pessoa em quadrinhos* cheguem ao final do álbum com a possibilidade de começar uma nova relação com o poeta e sua obra. Afinal, tomadas suas múltiplas faces, Pessoa ainda está muito longe de terminar de dizer o que tinha a nos dizer...

SUSANA VENTURA

HOSPITAL SÃO LUÍS
DOS FRANCÊSES

HOSPITAL SÃO LUÍS
DOS FRANCÊSES





Alguns meses antes...

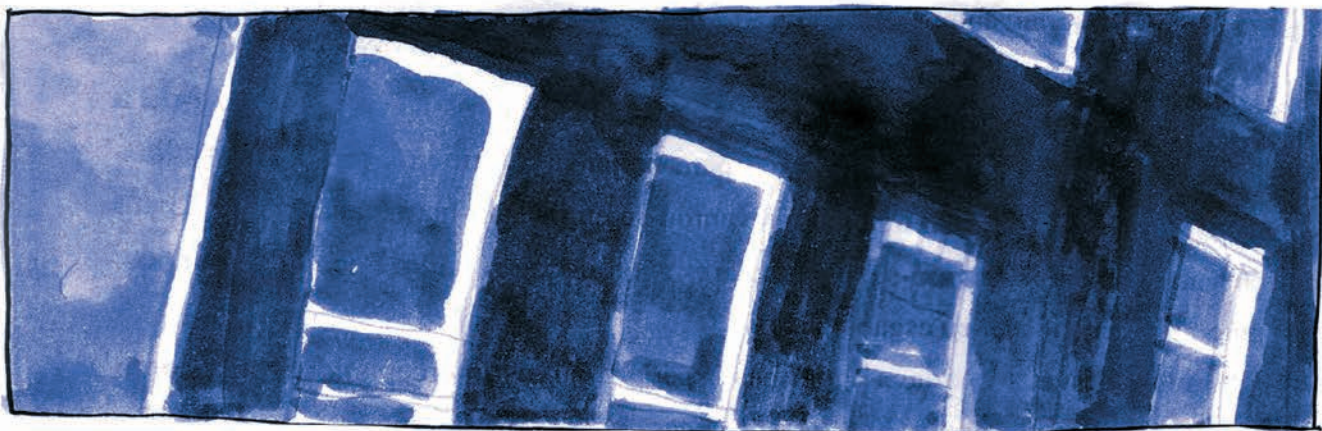
Carta a Adolfo Casais Monteiro



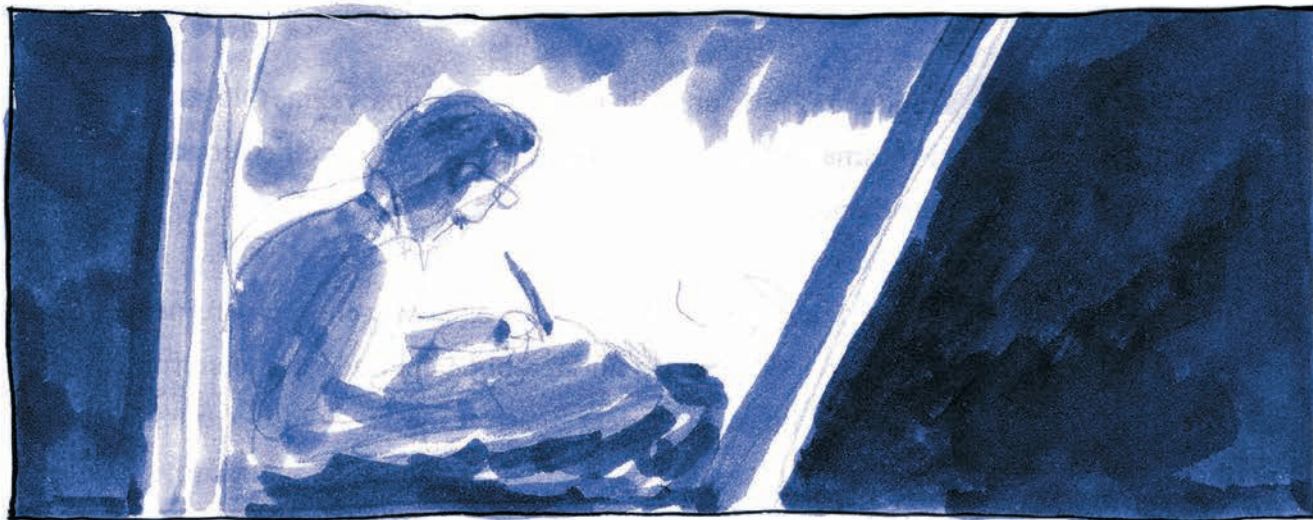
Lisboa, 13 de Janeiro de 1935.

Meu prezado Camarada:

Muito agradeço a sua carta, a que vou responder imediata e integralmente. Antes de, propriamente, começar, quero pedir-lhe desculpa de lhe escrever neste papel de cópia. Acabou-se-me o decente, é domingo, e não posso arranjar outro. Mas mais vale, creio, o mau papel que o adiamento.

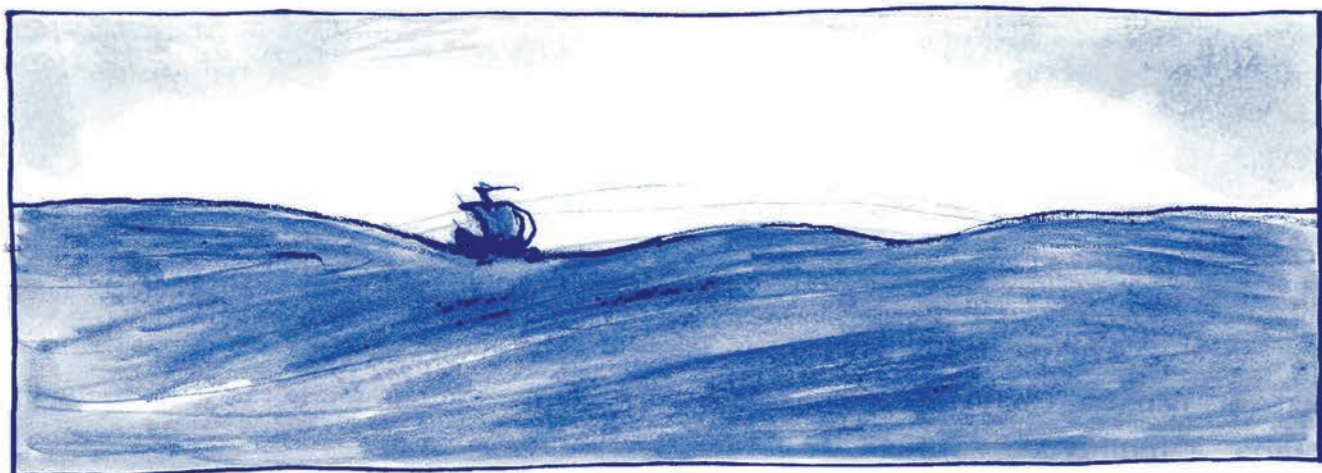


Sou um dos poucos poetas portugueses que não decretou a sua própria infalibilidade, nem toma qualquer crítica, que se lhe faça, como um ato de Iesa-divindade.

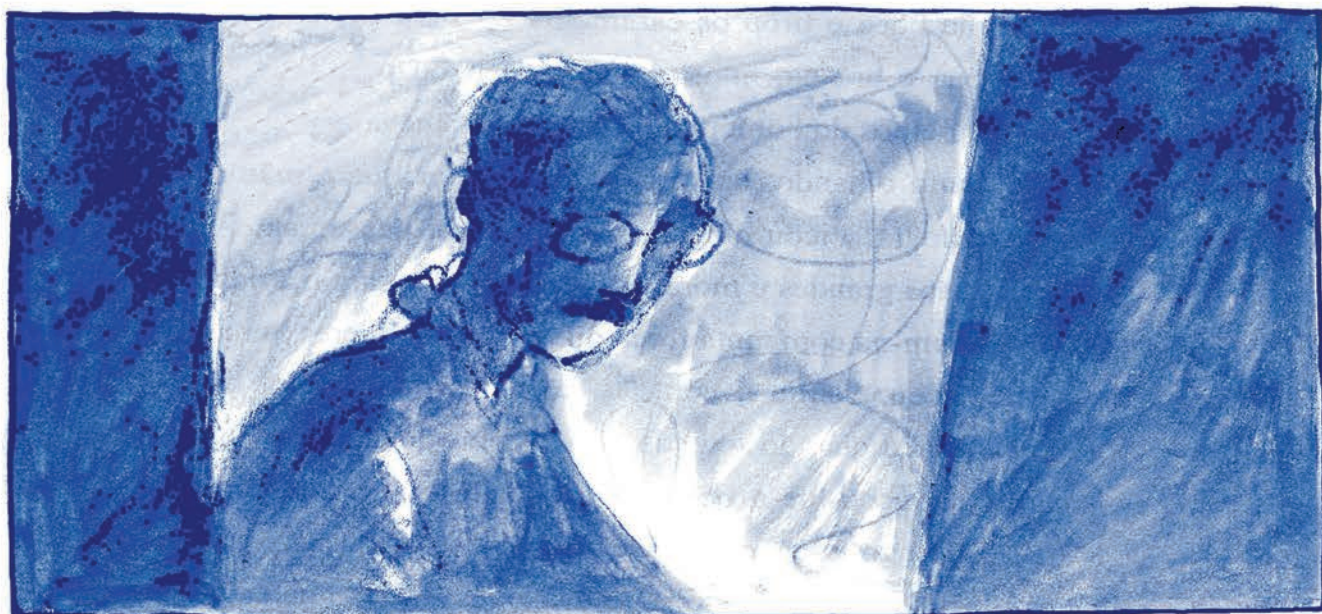


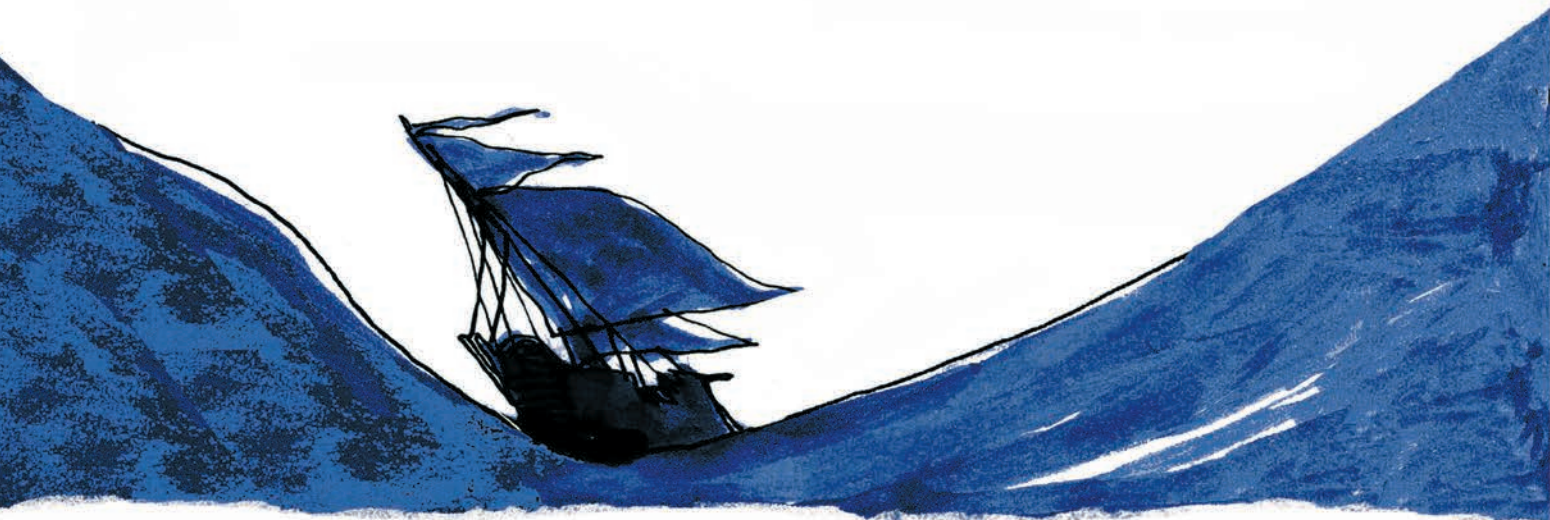


Concordo absolutamente consigo em que não foi feliz a estreia que de mim mesmo fiz com um livro da natureza de *Mensagem*. Sou, de fato, um nacionalista místico, um sebastianista racional.



Mas sou, à parte isso, e até em contradição com isso, muitas outras coisas. E essas coisas pela mesma natureza do livro, a *Mensagem* não as inclui.

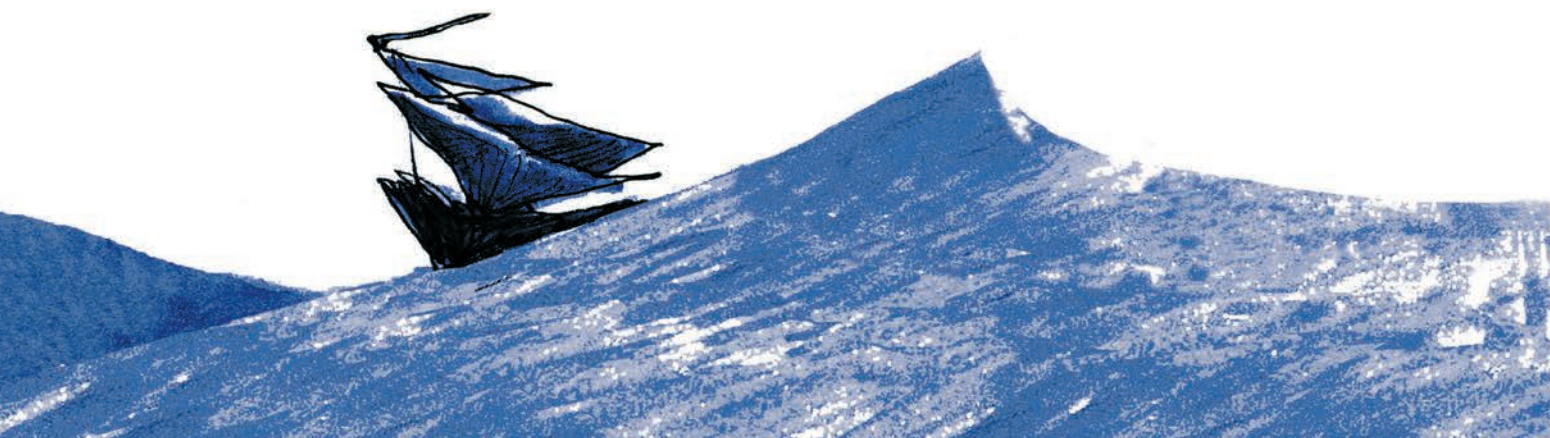




Comecei por esse livro as minhas publicações pela simples razão de que foi o primeiro livro que consegui, não sei porquê, ter organizado e pronto. Como estava pronto incitaram-me a que o publicasse: acedi.



Mas concordo com os fatos que foi a melhor estreia que eu poderia fazer. Precisamente porque essa faceta - em certo modo secundária - da minha personalidade não tinha nunca sido suficientemente manifestada nas minhas colaborações em revistas...



"O infante" - Fernando Pessoa

Deus quere, o homem sonha, a obra nasce.

Deus quis que a terra fosse toda uma,

Que o mar unisse, Já não separasse.



Sagrou-te, e
foste desvendando
a espuma,

E a orla branca
foi de ilha em
continente,



Clareou, correndo,
até ao fim do
mundo,

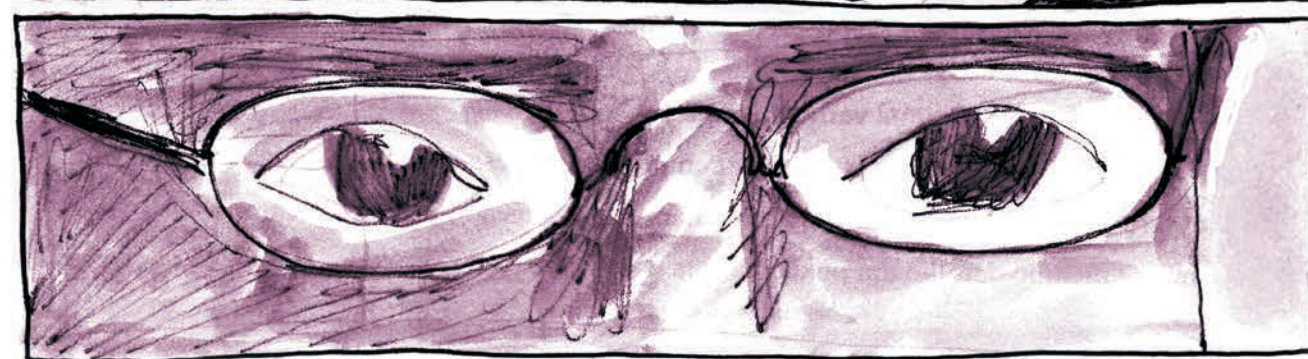
E viu-se a terra inteira, de repente,
Surgir, redonda, do azul profundo.



Quem te sagrou criou-te português.



Do mar e nós
em ti nos deu sinal.



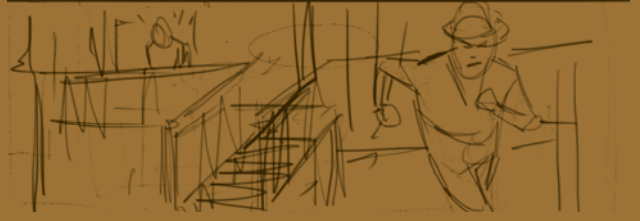
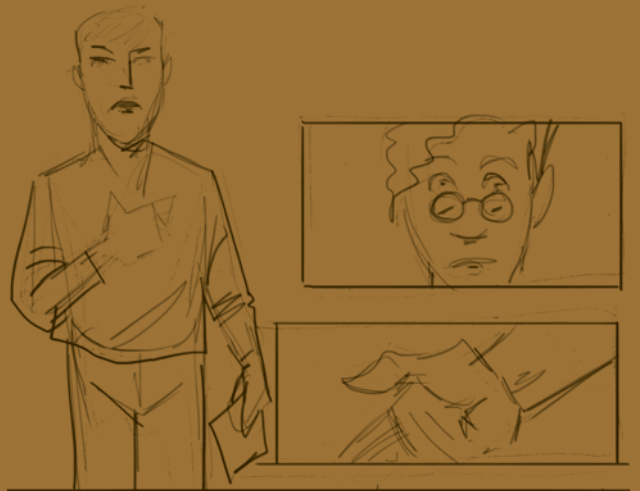
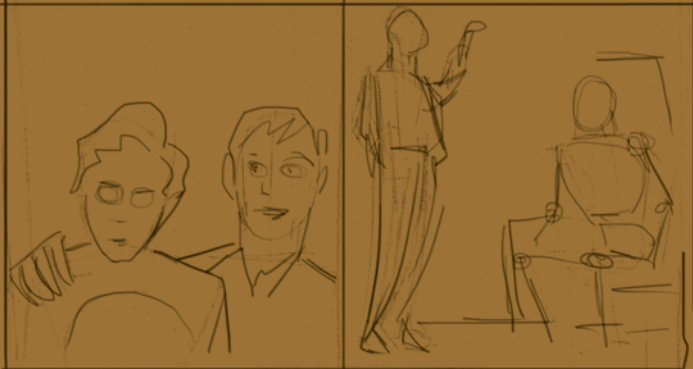
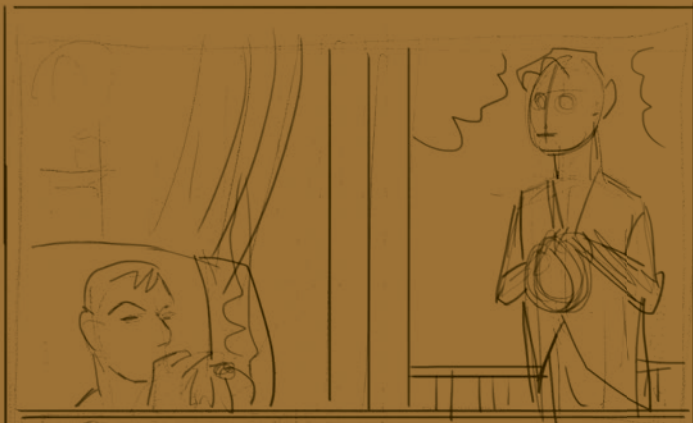
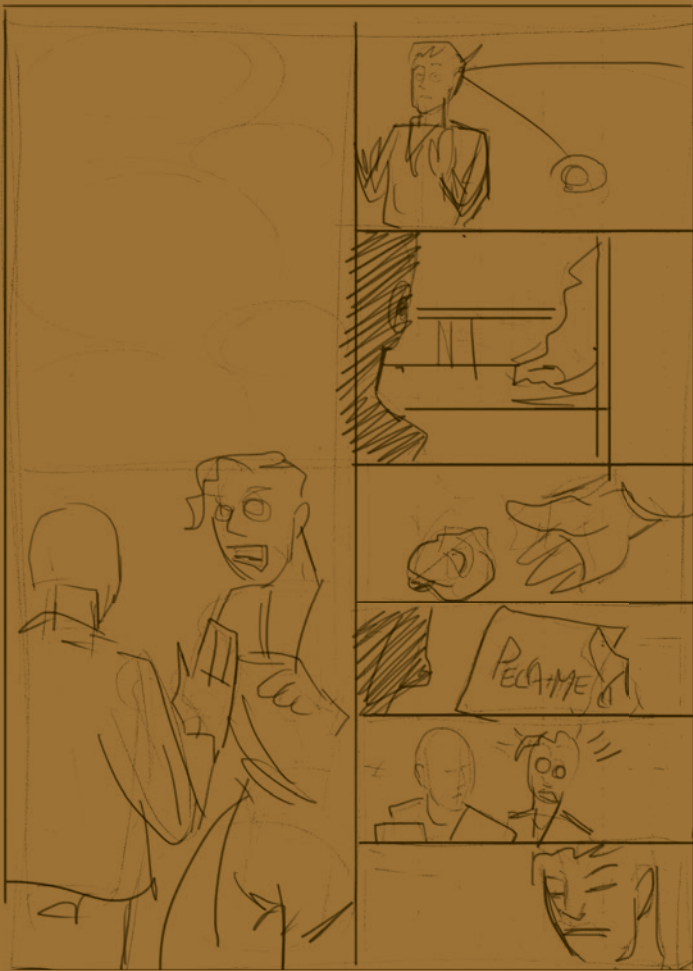
Cumpriu-se o Mar,



e o Império se
desfez.



Senhor, falta cumprir-se Portugal!



A MÃO DE LUVA

EM QUADRINHOS

DE
MACHADO DE ASSIS

POR
ALEX MIR &
ALEX GENARO



clássicos
em HQ

EDITORA
Peirópolis

A mão e a luva

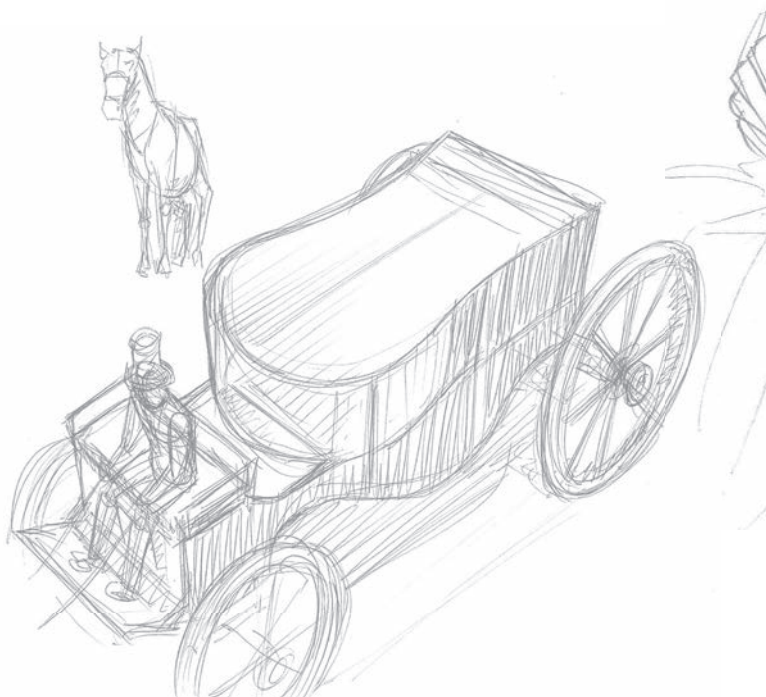
A mão e a luva foi publicado originalmente em capítulos diários, em 1874, no então popular formato de folhetim, pelo jornal *O Globo*. Precursor das novelas de rádio e televisão, o romance de folhetim era apresentado em capítulos que geralmente acabavam em suspense, deixando um “gancho” para forçar o leitor a comprar a próxima edição do periódico de maneira a descobrir os acontecimentos seguintes da trama.

Influenciado pelo movimento romântico da literatura, tão em voga à época, *A mão e a luva* traz um estilo um tanto diferente daquele que marcaria a obra de Machado de Assis. Porém, os críticos e estudiosos do autor notam que uma de suas características mais marcantes, o sarcasmo, já se fazia presente. A obra também se destaca pela apresentação de personagens femininas complexas e bem delineadas.

Afilhada órfã de uma rica baronesa, a astuta e decidida Guiomar, de 17 anos, é disputada por três pretendentes que, a rigor, não parecem merecedores de uma personagem tão forte quanto ela. A tônica da trama é a ambição e o desejo de ascensão social no rigoroso estatuto social burguês da época.

O enredo cheio de meandros e reviravoltas conquista com facilidade o leitor, que desejará saber quem será o escolhido de Guiomar, aquele que lhe cabe na mão como luva. Em meio a uma batalha de palavras, intrigas, sentimentos e ressentimentos, também tem papel importante a ardilosa governanta inglesa Mrs. Oswald, que tenta influenciar o desfecho da história e os destinos de todos.

Com rara sensibilidade, o roteirista Alex Mir e o desenhista Alex Genaro, fãs da obra machadiana, utilizam os vastos recursos das histórias em quadrinhos para transpor *A mão e a luva* para uma mídia que guarda muitas semelhanças, em suas origens, com o próprio folhetim. Entre esses recursos, estão a divisão desta adaptação em dezenove capítulos que recriam a estrutura da obra original e uma apurada recriação visual do Rio de Janeiro no período do Império, elementos que trazem à vida de maneira inédita um dos livros mais apaixonantes de Machado de Assis.



Machado de Assis



Machado de Assis (1839–1908) nasceu no Rio de Janeiro ainda no período da escravidão. Filho de mãe escrava, é considerado, pelo crítico literário Harold Bloom, um verdadeiro milagre das letras brasileiras. Até alcançar o respeito de seus pares, Machado trabalhou como tipógrafo e, mais tarde, como revisor. Em 1873, entrou para o Ministério da Agricultura, onde trabalhou até a aposentadoria, poucos anos antes da sua morte. Cultivou quase todos os gêneros literários, destacando-se como ficcionista. Alguns de seus romances mais conhecidos, como *A mão e a luva* (1874), *Helena* (1876) e *Iaiá Garcia* (1878), foram lançados inicialmente no formato de folhetim. *Memórias póstumas de Brás Cubas* (1881), também surgido como folhetim, é considerado o marco inicial do realismo brasileiro. Sua obra mais conhecida é *Dom Casmurro*.

Meus primeiros contatos com o Machado foram na escola. Enquanto a maioria achava chato ler aquelas obras, eu ficava curioso para saber mais. Infelizmente ficava muito restrito à biblioteca da escola pública, que não tinha muita coisa. Fui ter um contato mais profundo quando comecei a trabalhar e comprava meus próprios livros.

Alex Genaro

Alex Genaro



Alex Genaro (1975)

Alex Genaro é ilustrador dos livros de RPG *Maytreia e Rebelião – ascensão e queda* e seus suplementos (Editora Daemon) e colaborador da revista *Coquetel* da Ediouro Publicações. Teve trabalhos publicados em revistas independentes como *Escribas do Inferno*, *Impacto*, *Tempestade Cerebral* e *Lorde Kramus*. Recentemente participou da coletânea *Imaginários HQ* com uma história da personagem Valkíria em conjunto com Alex Mir. Quando não está desenhando, gosta de assistir, na madrugada, a filmes de terror B e ficção científica dos anos 1950-1960.

Quando o camarada Alex Mir me convidou para quadrinizar *A mão e luva*, de Machado de Assis, a minha primeira reação foi de receio. Afinal, eu nunca havia feito uma HQ desse calibre. Já tinha ilustrado para livros de RPG e histórias independentes, mas nunca uma adaptação literária. O peso do “Machado” me deixou apreensivo.

Resolvi ler a obra antes de me decidir. Sim, meu primeiro contato com *A mão e a luva* foi este, tardio, admito, mas não consigo imaginar um melhor momento para ter ocorrido. Ao iniciar a leitura, fui fisgado por aquele universo e pela figura de Guiomar.

Guiomar...

Guiomar pode não ter os “olhos de cigana oblíqua e dissimulada” de Capitu, mas sabe o que quer e as maneiras de conseguir. Não chega a ser uma vilã nem a heroína, mas ao final da história tem-se a impressão de que ela já sabia como iria terminar, antes mesmo do próprio Machado.

Peço desculpas ao autor por ter rabiscado seu livro, e agradeço a Alex Mir e ao pessoal da Peirópolis pela oportunidade. Espero que curtam a história tanto quanto eu curti ilustrá-la.



Entrevista

Qual a sua relação com os clássicos da literatura?
Desde novo eu tenho o hábito da leitura. Acho que, nesse caso, a culpa foi dos quadrinhos, pois os primeiros contatos que tive com os clássicos foi por meio de adaptações em quadrinhos. Lembro-me bem de uma série da Ebal que tinha algumas como *Iracema* e *A Moreninha...* Depois disso comecei a procurar os livros.

Poderia nos contar um pouco sobre seu processo de criação de *A mão e a luva em quadrinhos*?

Enquanto o Alex Mir tratava da adaptação do roteiro, estava lendo a obra original. Acho que é obrigatório nesse caso; o artista precisa ver aquele universo na sua mente antes de começar a desenhar. Depois é feito um esboço da obra completa, a definição do visual dos personagens – tudo isso tem que ser feito antes de começar a se trabalhar nas páginas. Feito isso, é sentar na prancheta e desenhar.

Você é um leitor da literatura brasileira ou foi esta específica obra que conquistou você?

Na verdade eu já havia lido outras obras nacionais, *Iracema*, *Noite na taverna*, *Dom Casmurro*, só para citar algumas, mas para ser sincero só conheci *A mão e a luva* por causa dessa adaptação. Felizmente foi me dada a oportunidade de conhecê-la da melhor maneira possível. Meus primeiros contatos com o Machado de Assis foram na escola. Enquanto a maioria achava chato ler aquelas obras indicadas pela professora, eu ficava curioso para saber mais. Infelizmente ficava muito restrito à biblioteca da escola pública, que não tinha muita coisa. Fui ter um contato mais profundo quando comecei a trabalhar e comprar meus próprios livros.

E que técnicas escolheu para trabalhar *A mão e a luva em quadrinhos*?

No álbum usei a técnica tradicional nos desenhos, papel, lápis, pincel e nanquim, e o digital para as cores. O digital te dá mais liberdade para modificar algo que não esteja de acordo no resultado final, como a cor de um vestido ou a pele de um personagem, mas, para o desenho, os lápis e pincéis ainda são imbatíveis. Faço tudo digital quando preciso ser mais rápido.

Como é trabalhar em parceria com um roteirista?
É sempre mais fácil para o desenhista quando alguém se propõe a roteirizar uma obra como essa. Às vezes podemos nos prender em detalhes que o escritor sabiamente suprime para que a obra fique mais fluida para os quadrinhos. Nesse caso em específico, o Alex Mir fez um excelente trabalho. Além de um grande escritor, o Mir aceita sugestões numa boa e isso facilita muito o trabalho – o fato de sermos amigos já há um bom tempo também foi “agravante” (risos).

Qual o papel deste álbum na sua trajetória de quadrinista?

Vejo esse álbum como uma porta que se abriu num período em que eu já andava desacreditando do nosso mercado de quadrinhos. Saber que editoras como a Peirópolis acreditam e investem nos artistas nacionais nos dá uma esperança de que no futuro próximo surjam mais oportunidades como esta. Já existem muitas obras do Machado adaptadas para os quadrinhos. O nosso objetivo era fazer uma obra menos conhecida para que os leitores tivessem a oportunidade de conhecer outras obras.

ALEX GENARO

Alex Mir



Alex Mir (1975)

Alex Mir nasceu em São Bernardo do Campo, São Paulo. É escritor, roteirista e editor. Seus primeiros trabalhos foram os independentes *Defensores da pátria* e *Tempestade cerebral*, nos quais atuou como editor e roteirista. Entre outros trabalhos nos quadrinhos, é responsável pelo roteiro dos álbuns *O mistério da mula sem cabeça* e *Orixás – do Orum ao Ayê*. Este último integra a lista do PNBE 2013. É vencedor do Prêmio HQMix 2010 como roteirista revelação. Como escritor, tem contos publicados em livros como *Asgard: A saga dos nove reinos*, *Tratado secreto de magia*, *Moedas para o barqueiro*, *O Grimoire dos vampiros* e *Histórias liliputianas*. Vive em Mauá, São Paulo, com esposa e filha.

“*Está longe, mas um dia chega.*” Foi com essa frase que meu professor de Língua Portuguesa da 6ª série terminou a lista de livros para leitura naquele ano, no primeiro dia de aula. Eram quatro livros, um por bimestre. A frase era uma alusão àquela mania que quase todo brasileiro (ser humano?) tem de deixar tudo para a última hora. Era como se ele dissesse *Estou passando os livros do ano inteiro no início de fevereiro. Vejam se não deixam pra ler tudo em cima da hora!*

Na lista, entre outros que não me recordo, estava *A mão e a luva*, de Machado de Assis. Na época, a leitura chata do ano e, por pura coincidência, o livro a ser lido para uma das provas do último bimestre.

Lembro que o comprei uma semana antes da prova. Reticente, comecei a ler. E qual não foi minha surpresa, já nas primeiras linhas, quando o livro prendeu minha atenção! O diálogo tenso entre Estêvão e Luís Alves, quando Luís tenta convencer o amigo de que não valia a pena se matar por mulher nenhuma, me ganhou. Sempre gostei de histórias de amores impossíveis, e *A mão e a luva* se mostrava um prato cheio. Devorei o livro em dois dias. Começava ali minha paixão pela obra machadiana.

Quando decidi adaptar uma obra literária para os quadrinhos, a escolha de *A mão e a luva* foi muito natural. Transportar a história de Guiomar, uma mulher à frente de seu tempo, e de seus três pretendentes para a nona arte foi uma responsabilidade que dividi com o parceiro de longa data, Alex Genaro, que deu vida às personagens de forma competente.

E o resultado desse prazeroso trabalho é o que você tem em mãos. Espero que tenha gostado.

Agradeço ao Laudo Ferreira Jr., que nos apresentou à editora, e ao pessoal da Peirópolis, que nos recebeu de braços abertos e confiou em nosso trabalho. E agradecimentos especiais a Machado de Assis, pois sem ele esta obra não existiria.



Entrevista

Você faz parte de um grupo bem restrito ainda no país – o de roteirista de HQ. Pode nos dizer o que é ser, no Brasil, roteirista de HQ?

Hoje em dia, o Brasil já conta com ótimos roteiristas de HQ, coisa que há dez anos era coisa rara. O *boom* dos quadrinhos independentes na segunda metade dos anos 2000 foi providencial para revelar novos talentos e mostrar que temos, sim, bons roteiristas. Até aquele momento, com raras exceções, os roteiristas eram os próprios desenhistas. O roteirista de quadrinhos tem ainda a possibilidade de trabalhar em outras mídias, como TV, teatro, Internet etc.

Você aprendeu a ler incentivado pelos quadrinhos? Pode nos contar a respeito?

Meu pai começou a comprar quadrinhos pra mim logo que entrei na pré-escola. A vontade de ler o que estava escrito nos gibis fez que eu aprendesse a ler bem mais rápido que o normal. Com seis anos já sabia ler de tudo.

Li numa biografia sua que aos onze anos achou que só ler HQs não era o bastante, que queria criar histórias. Pode falar mais a respeito?

Esse processo foi muito natural. Eu assistia a muitos filmes e lia muito. As ideias fervilhavam na minha cabeça. Um dia pensei: *Por que não escrever minhas próprias histórias, criar meus próprios personagens?* Foi só começar. De lá pra cá, não parei mais.

Como você pensa um roteiro?

A ideia para um roteiro pode vir a qualquer momento. Quando estou andando num shopping, na rua, no

trabalho, vendo um filme, lendo um livro, em casa, no trem, enfim... É bom sempre ter papel e caneta ou qualquer coisa em que se possa anotar as ideias. Já escrevi um roteiro inteiro em um *smarthphone*. Quando tenho algo definido pra escrever, faço uma tempestade de ideias. Anoto tudo o que vem à mente e depois vou selecionando aquilo que pode ser utilizado. A partir daí começa uma nova etapa onde ocorre o desenvolvimento da história.

E Machado de Assis na sua vida de leitor, como é que entrou?

Conheci Machado de Assis justamente através do romance *A mão e a luva*, que li no ginásio, na época para uma prova de Língua Portuguesa. Lembro que comecei a ler o livro de má vontade, mas logo nas primeiras páginas a história me ganhou. Daí em diante, fui atrás de seus outros trabalhos. Seus contos são maravilhosos.

Quais os desafios de roteirizar Machado de Assis?

Primeiramente, é uma baita responsabilidade, por tudo o que o Machado representa para nossa literatura. Ele é muito detalhista, e isso ajuda na hora de transpor a história para os quadrinhos. Por ser uma história de época, a maior dificuldade foi referente aos cenários, roupas, utensílios e meios de transporte daqueles tempos. O Alex Genaro fez um extenso trabalho de pesquisa, de forma muito competente, para compor a arte da maneira mais fidedigna possível. Como ele mora no Rio de Janeiro, cenário da história, pôde ainda visitar alguns locais e museus, que contribuíram muito para o resultado final.

ALEX MIR



HÁ DOIS ANOS QUE NÃO NOS VEMOS, CREIO EU? JÁ ESTÁ FORMADO, NÃO? LEMBRA-ME TER LIDO O SEU NOME...

ESTOU FORMADO. SABE QUE ERA O DESEJO MAIOR DE MINHA TIA...

NÃO A VEJO HÁ MUITO TEMPO. EU SAÍ DO COLÉGIO LOGO DEPOIS QUE O SENHOR SEGUIU PARA SÃO PAULO. SAÍ A CONVITE DA BARONESA, MINHA MADRINHA, QUE LÁ FOI BUSCAR-ME UM DIA, ALEGANDO QUE EU JÁ NÃO TINHA QUE APRENDER E QUE NÃO ME CONVINHA ENSINAR.

DECERTO. MINHA TIA É QUE NÃO DEIXOU NEM PODIA DEIXAR DE ENSINAR. ACABOU NO OFÍCIO.

ACABOU?

MORREU HÁ CERCA DE UM ANO.

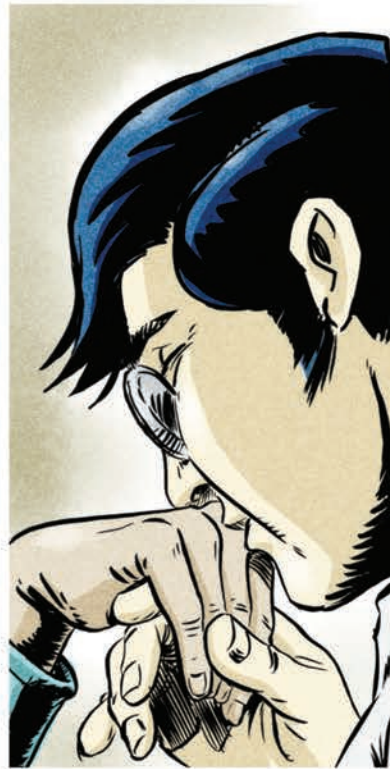
ERA UMA BOA CRIATURA. MUITO CARINHOSA E MUITO PRENDADA. DEVO-LHE O QUE APRENDI.

O SENHOR FEZ-ME PERDER MUITO TEMPO. HÁ TALVEZ UMA HORA QUE ESTAMOS AQUI A CONVERSAR. ERA NATURAL, DEPOIS DE DOIS ANOS. DOIS ANOS! MAS O QUE NÃO ERA NATURAL ERA ATREVER-ME A FALAR COM UM ESTRANHO NESTE DÉSHABILLÉ² TÃO POUCO ELEGANTE.

ELEGANTÍSSIMO, PELO CONTRÁRIO.

O SENHOR TEM SEMPRE UM CUMPRIMENTO DE RESERVA. VEJO QUE NÃO PERDEU O TEMPO NA ACADEMIA. VOU-ME EMBORA. SÃO HORAS DA BARONESA DAR O SEU PASSEIO PELA CHÁCARA.





Capítulo IV Latet anguis

PARECE-ME MUITO TARDE, GUIOMAR.

E É, MADRINHA. DEMOREI-ME HOJE MAIS DO QUE COSTUMO POR CAUSA DE UM ENCONTRO QUE TIVE AQUI NA CHÁCARA.

UM ENCONTRO?

UM HOMEM.

ALGUM LADRÃO?

NÃO SENHORA. NÃO ERA LADRÃO. A MINHA MESTRA DE COLÉGIO... SABE QUE MORREU?

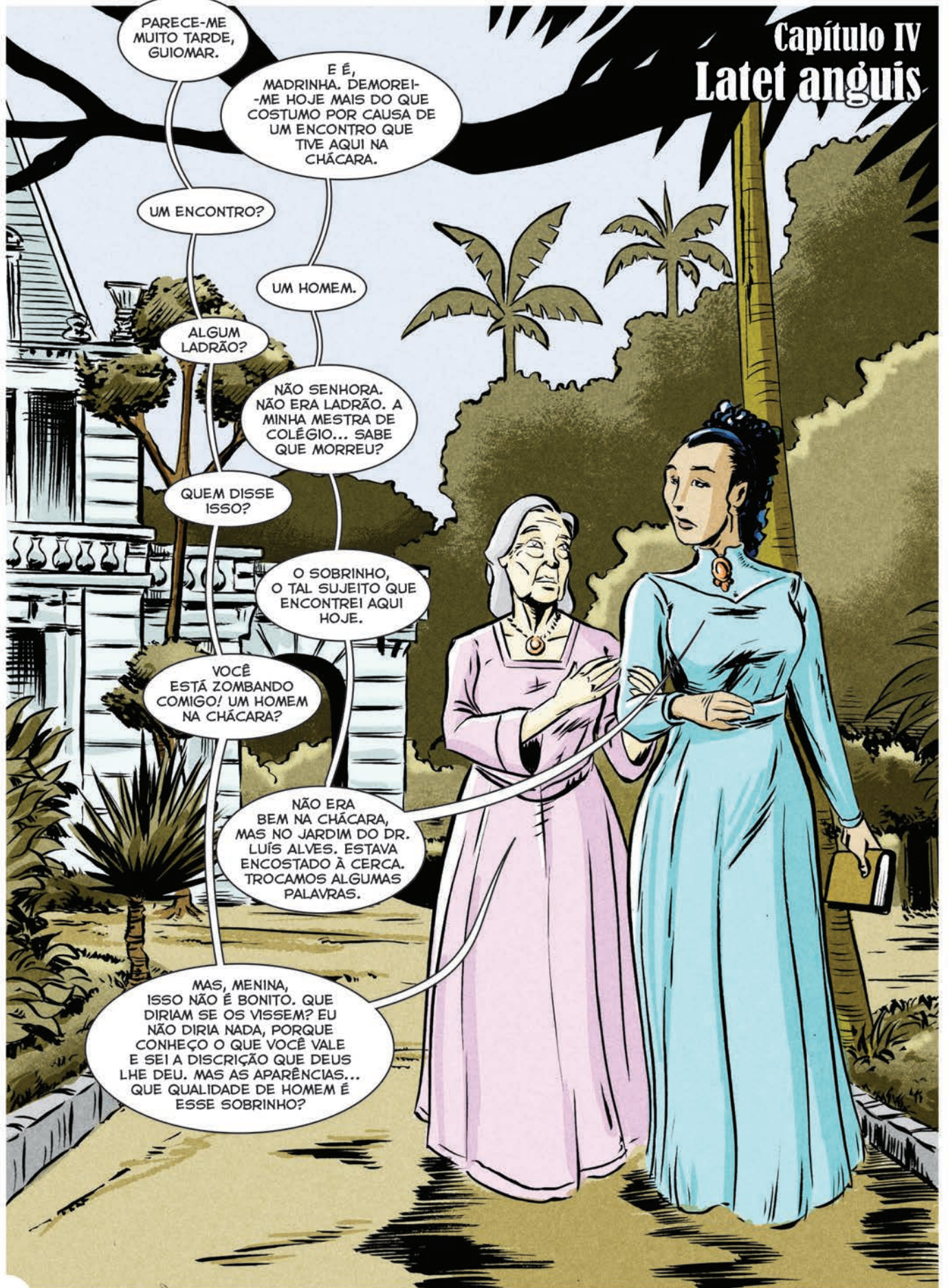
QUEM DISSE ISSO?

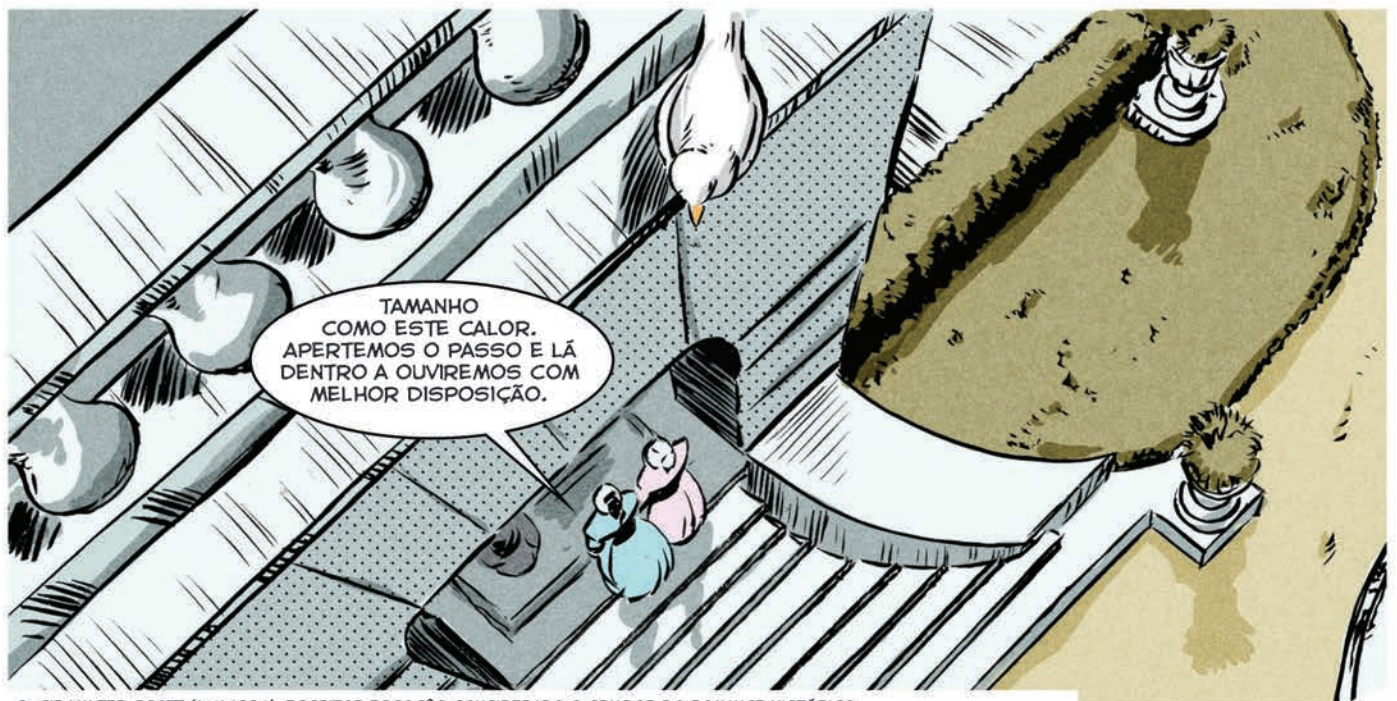
O SOBRINHO, O TAL SUJEITO QUE ENCONTREI AQUI HOJE.

VOCÊ ESTÁ ZOMBANDO COMIGO! UM HOMEM NA CHÁCARA?

NÃO ERA BEM NA CHÁCARA, MAS NO JARDIM DO DR. LUÍS ALVES. ESTAVA ENCOSTADO À CERCA. TROCAMOS ALGUMAS PALAVRAS.

MAS, MENINA, ISSO NÃO É BONITO. QUE DIRIAM SE OS VISSEM? EU NÃO DIRIA NADA, PORQUE CONHEÇO O QUE VOCÊ VALE E SEI A DISCRICÃO QUE DEUS LHE DEU. MAS AS APARÊNCIAS... QUE QUALIDADE DE HOMEM É ESSE SOBRINHO?





3. SIR WALTER SCOTT (1771-1832), ESCRITOR ESCOCÊS CONSIDERADO O CRIADOR DO ROMANCE HISTÓRICO
4. JOHN MILTON (1608-1674), POETA E ESCRITOR INGLÊS, AUTOR DE OBRAS CLÁSSICAS COMO O POEMA ÉPICO "PARAÍSO PERDIDO"

CHEGUE-SE
MAIS PERTO.
PRECISO FALAR-LHE
A SÓS.

MRS. OSWALD,
PARECE ESTAR ESCRITO
QUE NÃO SEREI COMPLETAMENTE
FELIZ. NENHUM SONHO ME FALHOU
NUNCA. ESTE, PORÉM, NÃO
PASSARÁ DE SONHO E ERA
O MAIS BELO DE MINHA
VELHICE.

MAS POR QUE
DESESPERA? TENHA ÂNIMO
E TUDO SE HÁ DE ARRANJAR.
PELA MINHA PARTE, OXALÁ PUDESSE
CONTRIBUIR PARA A COMPLETA
FELICIDADE DESTA FAMÍLIA,
A QUEM DEVO TANTOS E
TAMANHOS BENEFÍCIOS.

BENEFÍCIOS?

E QUE
OUTRA COISA SÃO
OS SEUS CARINHOS,
A PROTEÇÃO QUE ME TEM
DADO, A CONFIANÇA...

ESTÁ BOM,
ESTÁ BOM. FALEMOS
DE OUTRA
COISA.

DELA, NÃO É?
DIZ-ME O CORAÇÃO QUE
COM ALGUMA PACIÊNCIA TUDO
SE ALCANÇARÁ. TODOS OS MEIOS
SE HÃO DE TENTAR. E TODOS ELES
SÃO BONS SE SE TRATA DE FAZER
A FELICIDADE SUA E DELA. BEM
ESTÁ O QUE BEM ACABA, DISSE
UM POETA NOSSO, HOMEM DE
JUÍZO. POR ENQUANTO, SÓ
VEJO UM OBSTÁCULO: A
POUCA DISPOSIÇÃO...

SÓ ESSE?

QUE OUTRO
MAIS?

TALVEZ OUTRO.
PODE SER QUE NÃO,
MAS TÃO INFELIZ SOU
NESTE MEU DESEJO, QUE
HÁ DE VIR A SER
OBSTÁCULO, TALVEZ.

MAS
QUE É?

UM HOMEM,
UM MOÇO, NÃO SEI
QUEM, SOBRINHO DA MESTRA
QUE FOI DE GUIOMAR... ELA
MESMA CONTOU-ME TUDO
HÁ POUCO.

TUDO O
QUÊ?

NÃO SEI SE
TUDO, MAS ENFIM,
DISSE-ME QUE, ESTANDO A
PASSEAR NA CHÁCARA, VIRA O
TAL SOBRINHO DA MESTRA, JUNTO À
CERCA DO DR. LUÍS ALVES, E FICARA A
CONVERSAR COM ELE. QUE SERÁ ISTO,
MRS. OSWALD? ALGUM AMOR QUE CONTINUA
OU RECOMEÇA AGORA, QUE ELA
JÁ NÃO É A SIMPLES HERDEIRA DA
POBREZA DE SEUS PAIS, MAS A
MINHA FILHA, A FILHA
DO MEU CORAÇÃO.



ENFIM, CUSTA-ME CRER QUE ELA AME A ALGUÉM NESTE MUNDO.

POR ENQUANTO, ESTOU QUE NÃO GOSTA DE NINGUÉM E A NOSSA VANTAGEM NÃO É OUTRA SENÃO ESSA.

PASSA FACILMENTE DO ENTUSIASMO À FRIEZA E DA CONFIANÇA AO RETRAIMENTO.

HÁ DE VIR A AMAR, MAS NÃO CREIO QUE TENHA GRANDES PAIXÕES, AO MENOS, DURADOURAS.

SUA AFILHADA TEM UMA ALMA SINGULAR.

EM TODO O CASO, POSSO RESPONDER-LHE ATUALMENTE PELO SEU CORAÇÃO, COMO SE TIVESSE A CHAVE NA MINHA ALGIBEIRA.

QUANTO A ESSE HOMEM, SABEREMOS QUEM É ELE E QUE RELAÇÕES DE AFETO HOUVE NO PASSADO.

PARACE-LHE POSSÍVEL?

NATURALMENTE.



HÁ OCASIÕES EM QUE EU QUASE CHEGO A SENTIR REMORSOS DO AMOR QUE TENHO A GUIOMAR.

ELA VEIO PREENCHER NA MINHA VIDA O VÁCUO DEIXADO POR AQUELA POBRE HENRIQUETA, A FILHA DAS MINHAS ENTRANHAS, QUE A MORTE LEVOU CONSIGO, PARA MAL DE SUA MÃE.

SE HAVIA DE SER INFELIZ, MELHOR É QUE A CHORE MORTA, COM A ESPERANÇA DE A IR ENCONTRAR NO CÉU.



MAS NÃO LHE QUIS MAIS, NEM TALVEZ TANTO, COMO A ESTA CRIANÇA, QUE LEVI À PIA E DE QUEM DEUS ME FEZ MÃE...

VIVA A MINHA RAINHA DA INGLATERRA!



NÃO PRECISA FALAR. JÁ SEI QUE ME ACHA BONITA.

É O QUE ME DIZ TODOS OS DIAS, COM RISCO DE ME PERDER...

...PORQUE SE EU ACABO VAIDOSA, ADEUS, MINHAS ENCOMENDAS.



NINGUÉM MAIS PODERÁ COMIGO.



VAMOS! O ALMOÇO ESTÁ SERVIDO.

Capítulo V Meninice

Relanceemos os olhos ao passado e vejamos quem era esta Guiomar, tão gentil, tão buscada e tão singular, como dizia Mrs. Oswald.

Guiomar era uma criaturinha galante e delicada, assaz inteligente e viva, um pouco travessa, decerto, mas muito menos do que é usual na infância.



Guiomar tivera humilde nascimento. Era filha de um empregado subalterno de uma repartição do Estado. Homem probo, que morreu quando ela contava apenas sete anos.

Sua mãe não tinha outro cuidado na Terra, nem outra ambição mais que a de vê-la prendada e feliz. Ela mesma lhe ensinou a ler mal, como ela sabia, e a coser e bordar.



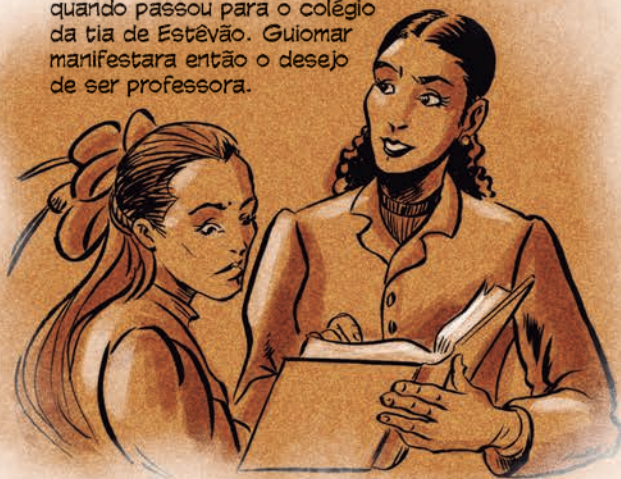
Aos treze anos ficou órfã. Este fundo golpe em seu coração, foi o primeiro que ela verdadeiramente pôde sentir e o maior que a fortuna lhe desfechou. Já então a madrinha a fizera entrar para um colégio, onde aperfeiçoava o que sabia e onde lhe ensinavam muita coisa mais.

Vivia ainda então a filha da baronesa, uma interessante criança de treze anos, que era toda a alma e encanto de sua mãe.



Guiomar visitava a casa da madrinha. A idade quase igual das duas meninas, a afeição que as ligava, a beleza e meiguice de Guiomar, a graciosa compostura de seus modos, tudo apertou entre a madrinha e a afilhada os laços puramente espirituais que as uniam antes.

Tinha a moça dezesseis anos quando passou para o colégio da tia de Estêvão. Guiomar manifestara então o desejo de ser professora.



Pouco tempo depois padeceu a baronesa o golpe quase mortal: a filha morreu de repente. Ninguém mostrou sentir mais do que Gulomar a morte de Henriqueta. Ninguém consolou tão dedicadamente a infeliz que lhe sobrevivia.



Um dia em que a afilhada fora visitar a madrinha, esta lhe disse que a iria em breve buscar para sua casa.

Você será a filha que eu perdi. Ela não me amou mais, nem eu já agora teria outra consolação.

Oh! Madrinha!



Pouco depois estabeleceu-se Guiomar definitivamente em casa da madrinha, onde a alegria reviveu, gradualmente, graças à nova moradora, em quem havia um tino e sagacidade raros. A educação, que nos últimos tempos recebera, fez muito, mas não fez tudo. A natureza incumbira-se de completar a obra, melhor diremos, começá-la.

Ninguém adivinharia, nas maneiras finamente elegantes daquela moça, a origem mediana que ela tivera. A borboleta fazia esquecer a crisálida.

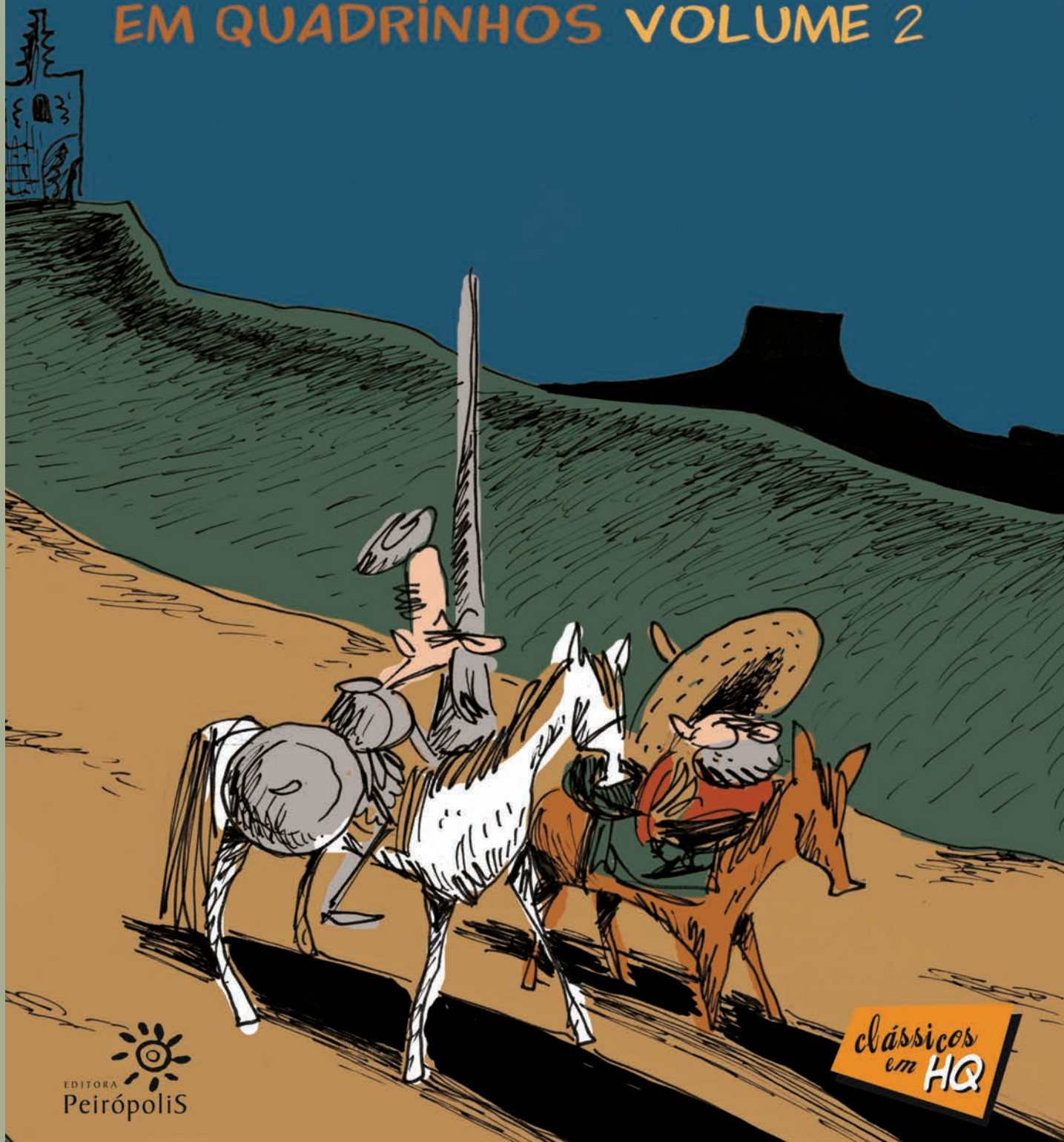




@ GALHARDO

DOM QUIXOTE

EM QUADRINHOS VOLUME 2



EDITORA
Peirópolis

clássicos
em HQ

Dom Quixote volume 2

Escrito por Miguel de Cervantes, *O engenhoso fidalgo D. Quixote de La Mancha* é considerado por muitos críticos literários ao redor do mundo como a melhor obra de ficção de todos os tempos.

Tão grande foi o sucesso do livro na Espanha que, dez anos depois, Cervantes lançou um segundo volume com novas e fantásticas aventuras do chamado Cavaleiro da Triste Figura, que voltou à ação, conheceu figuras peculiares e enfrentou situações estranhas e divertidas.

Da mesma forma, a adaptação em quadrinhos do primeiro volume também não foi o fim de D. Quixote para Caco Galhardo. Após adaptar de maneira primorosa a primeira metade da obra e receber inúmeros elogios por seu trabalho, Caco nos apresenta agora – por coincidência, também dez anos depois – sua versão das aventuras seguintes do fidalgo. A arte imita a arte?

Com um estilo artístico aprimorado e um domínio narrativo invejável, que condensa de maneira heroica uma obra de 700 páginas, Caco faz de seu novo álbum uma obra única e lírica, que não apenas dá vida nova a um personagem que sempre fará parte do imaginário popular como ainda proporciona a ele um final emocionante, que permanece na memória muito tempo após a leitura.



Miguel de Cervantes



Miguel de Cervantes Saavedra é considerado o mais influente escritor da língua espanhola. Nascido em 1547, teve uma infância muito pobre, da qual tentava fugir através da leitura. Por volta de 1570, enquanto tentava uma carreira como escritor, se alistou no exército e participou da Batalha de Lepanto, contra o Império Otomano, na qual foi seriamente ferido. Enquanto tentava voltar para casa, em 1575, foi capturado pelos turcos e passou cinco anos como prisioneiro e escravo em diversos navios. Várias vezes tentou fugir, mas só conseguiu a liberdade quando sua família pagou um resgate por ele. De volta à Espanha, publicou seu primeiro romance, *La Galatea*, em 1585. O sucesso, porém, só chegou com *O engenhoso fidalgo D. Quixote de La Mancha*, lançado em 1605. Considerado o precursor do romance moderno, esta sátira aos cavaleiros andantes finalmente trouxe fama e fortuna ao escritor. O segundo volume de *D. Quixote* foi publicado em 1615, um ano antes da morte de Cervantes.

O que eu recomendo, feroso leitor: vai atrás das gravuras do Doré, vai atrás dos livros do Cervantes, este clássico em quadrinhos não passa de um portal para todas essas obras incríveis.

Caco Galhardo

Caco Galhardo



Caco Galhardo (1967)

Cartunista, roteirista e ilustrador, Caco Galhardo publica sua tira diária no jornal *Folha de S.Paulo* desde 1996. Paulista, iniciou sua carreira na década de 1980, publicando quadrinhos em fanzines. Seu traço certo e irreverente já passou pela MTV e Cartoon Network e mereceu até uma citação de José Saramago em *Cadernos de Lanzarote II*. Mais sobre seu trabalho pode ser acompanhado no site dentro da estação de humor do UOL: <www.cacogalhardo.com.br>.

No primeiro volume do Quixote, o Cervantes dá o raio X de toda a humanidade e no segundo ele dá o desfecho. Passaram-se dez anos entre um e outro e, coincidência ou não, foi o mesmo intervalo entre as adaptações para os quadrinhos dos dois volumes. Eu não pensava em fazer esse segundo volume, um só estava bom, mas depois que mergulhei mais uma vez nessa obra-prima é que vi a importância desse desfecho. É bom completar algumas coisas na vida, ir até o fim. Faltava o segundo volume, não falta mais.

Sobre a adaptação, além da diferença no traço, que o leitor do primeiro volume vai notar, me debrucei especialmente nas gravuras geniais do Gustave Doré, o ilustrador "oficial" do Quixote. Então tem várias releituras das ilustrações do Doré, quem conhece essas gravuras vai sacar no ato. Aliás, é o que eu recomendo, feroso leitor, vai atrás das gravuras do Doré, vai atrás dos livros do Cervantes, este clássico em quadrinhos não passa de um portal para todas essas obras incríveis. Eu só dei uma filtrada em tudo isso, com muito respeito a esses grandes mestres, muito entusiasmo e muita liberdade, sempre. Essa adaptação foi feita em uma época conturbada da minha vida e por isso este livro é dedicado a Paula, que segurou minha onda por tanto tempo. Agradeço a Renata Borges, minha editora querida, e é sempre bom lembrar da Denyse Cantuária, que deu o pontapé inicial em toda essa história. *Eia pois, à mão de Deus!*



Entrevista

Qual a sua relação com os clássicos da literatura? Leio muita literatura e os clássicos são aqueles livros, vamos dizer assim, “garantidos”. São sempre bons.

E a opção de Clássicos em HQ, o que lhe parece? Como é criar um álbum a partir de uma obra clássica?

As adaptações de clássicos em HQ funcionam como portais para as obras originais. É uma bela maneira de estabelecer um primeiro contato com essas obras, principalmente para a molecada. Sou um cartunista de tiras diárias; adaptar clássicos me dá a chance de trabalhar em narrativas mais longas.

Você terminou agora – cerca de dez anos após *D. Quixote em quadrinhos* – um segundo trabalho a partir da mesma obra de Cervantes, um novo álbum em que lê o volume 2 da obra de Cervantes (que também ele demorou dez anos para publicar a segunda parte). Pode nos falar a respeito?

Depois de adaptar o primeiro volume, é natural que em algum momento viesse o desfecho, a adaptação do segundo volume. Teve um intervalo grande entre os

dois trabalhos, então o traço mudou bastante. Além disso, na adaptação do segundo volume, trabalhei muito em cima das gravuras originais do Doré.

Poderia nos contar um pouco sobre seu processo de criação do novo álbum?

É parecido com o do primeiro volume, uma espécie de colagem de vários trechos do livro, compondo uma narrativa curta, muito condensada, em 50 e poucas páginas.

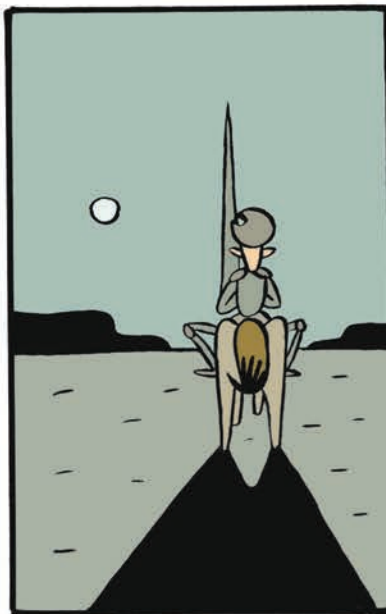
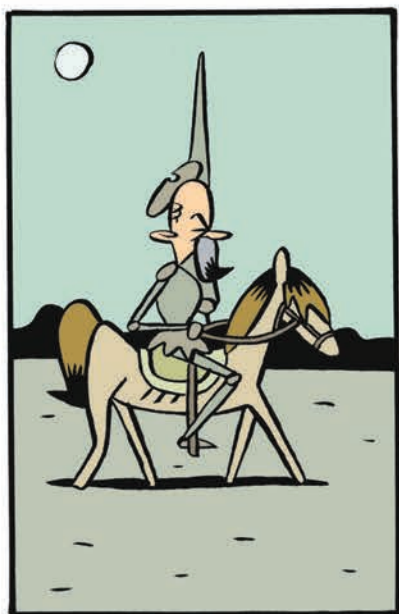
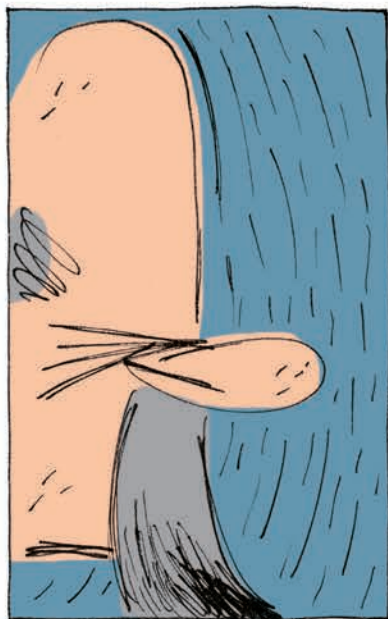
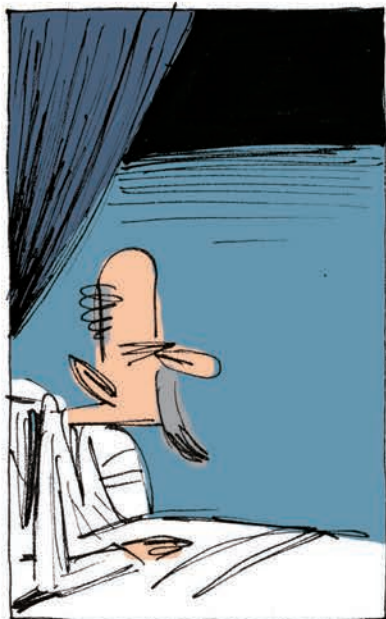
O que em Cervantes fisgou você quando fez a primeira leitura da obra?

Principalmente o humor, a beleza do texto e a história de um fidalgo que decide seguir um destino heroico.

Pensando em termos de roteiro, pode nos dizer como decidiu o que ficava em termos de texto na forma final do trabalho?

É um processo de colagem de vários trechos ao longo de um fio narrativo. Na adaptação do segundo volume, esse fio narrativo é a história do Quixote no intuito de desfazer o encantamento de Dulcineia del Toboso, e tudo gira em torno disso.

CACO GALHARDO



DOM QUIXOTE

Volume 2

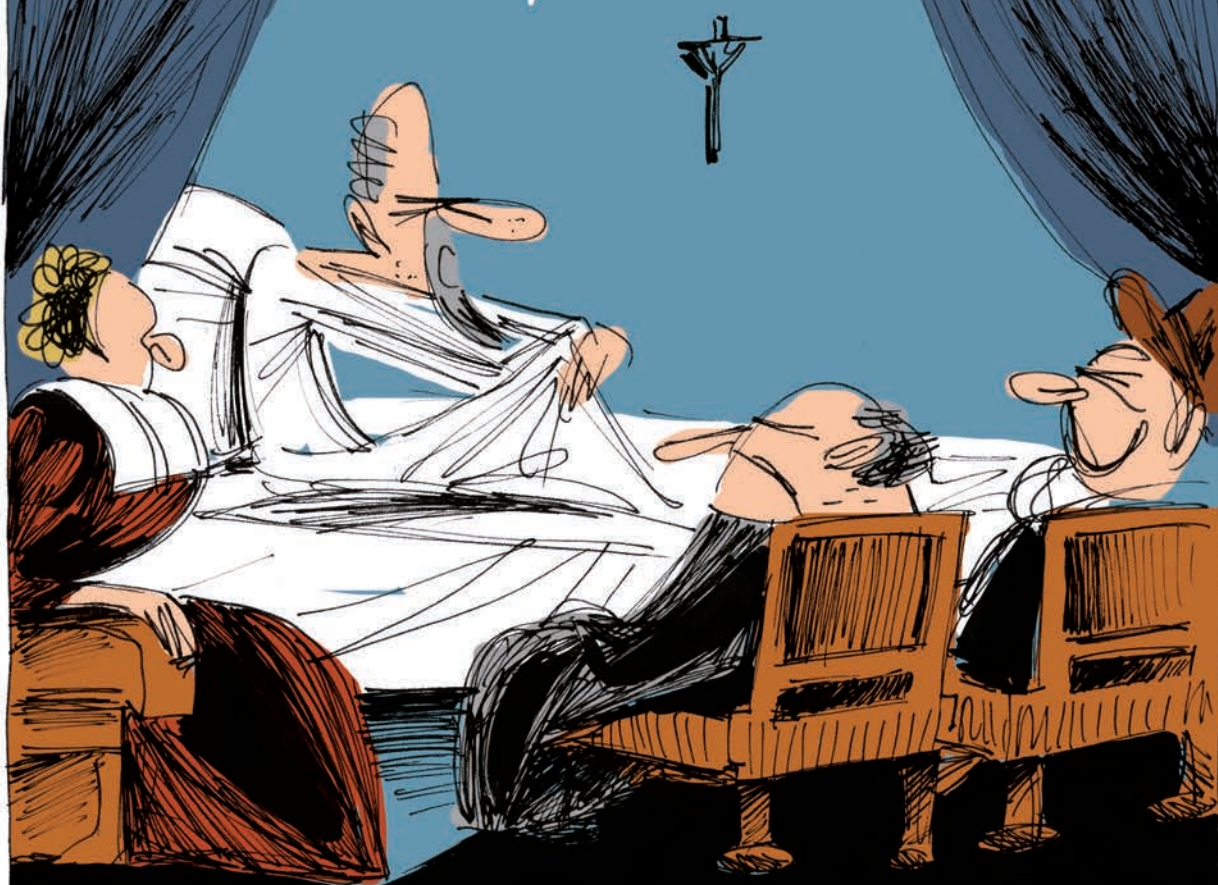


CONTA CIDE HAMETE BENENGELI, NA SEGUNDA PARTE DESTA HISTÓRIA E TERCEIRA SAÍDA DE D. QUIXOTE, QUE O PADRE E O BARBEIRO PASSARAM QUASE UM MÊS SEM O VER, PARA NÃO RENOVAR NEM LHE TRAZER A MEMÓRIA AS COISAS PASSADAS.

VISITARAM-NO ENFIM.

EU, SENHOR BARBEIRO, NÃO SOU NETUNO, O DEUS DAS ÁGUAS, NEM QUERO QUE NINGUÉM ME TOME POR DISCRETO SEM O SER. MEU ÚNICO EMPENHO É DAR A ENTENDER AO MUNDO O ERRO EM QUE ESTÁ POR NÃO RENOVAR EM SI O FELICÍSSIMO TEMPO EM QUE CAMPEAVA A ORDEM DA ANDANTE CAVALARIA.

MAS NÃO É MERECEDORA A DEGENERADA IDADE NOSSA DE GOZAR TANTO BEM COMO GOZARAM AS IDADES EM QUE OS ANDANTES CAVALÉIROS TOMARAM A SEU CARGO E PUSERAM SOBRE SEUS OMBROS A DEFESA DOS REINOS, O AMPARO DAS DONZELAS, O SOCORRO DOS ÓRFÃOS, O CASTIGO DOS SOBERBOS E O PRÊMIO DOS HUMILDES. OS MAIS DOS CAVALÉIROS QUE AGORA SE USAM PREFEREM RANGER DAMASCOS, BROCADOS E OUTROS RÍCOS PANOS COM QUE SE VESTEM, QUE NÃO A COTA DE SUA ARMADURA.



E NISSO OUVIRAM GRANDES VOZES NO PÁTIO, E TODOS ACUDIRAM AO RUÍDO.


QUE QUER ESSE MONSTRENGO NESTA CASA?
IDE A VOSSA, IRMÃO, QUE SOIS VÓS, E NÃO OUTRO,
QUEM DESGARRA E DESCAMINHA O MEU SENHOR E
O LEVA POR ESSES ANDURRIAIS.

AMA DE SATANÁS, O DESCAMINHADO E O DESGARRADO
E O LEVADO POR ESSES ANDURRIAIS SOU EU, E NÃO TEU AMO.
FOI ELE QUEM ME LEVOU POR ESSES MUNDOS; FOI ELE QUEM
ME TÍROU DE CASA COM ENGODOS, PROMETENDO-ME UMA
ÍNSULA QUE CONTÍNUO A ESPERAR.


POIS QUE MÁIS ÍNSULAS TË AFOGUEM,
SANCHO MARDITO. E QUE SÃO ÍNSULAS?
ALGUMA COISA DE COMER, GULOSO E
COMILÃO COMO ÉS?



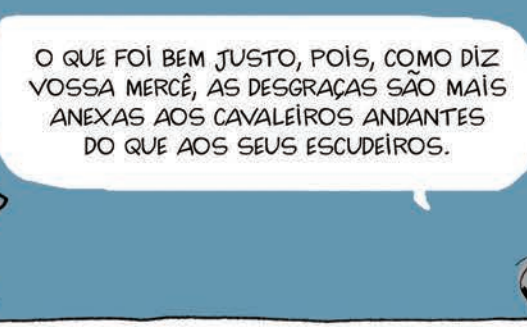
GRANDE GOSTO RECEBIAM O PADRE E O BARBEIRO EM OUVIR O COLÓQUIO DOS TRÊS,
MAS D. QUIXOTE, TEMEROSO DE QUE SANCHO DESPEJASSE ALGUM MONTE DE MALÍCIASAS
NECEDADES E TOCASSE EM PONTOS QUE EM NADA ABONARIAM SEU CRÉDITO,
CHAMOU-O E MANDOU QUE O DEIXASSEM ENTRAR.




MUITO ME PESA, SANCHO, QUE TENHAS DITO E DÍGAS QUE FUI EU QUEM TE DESVIÓ DOS TEUS TERMOS, SABENDO QUE EU NÃO FIQUEI NOS MEUS.




JUNTOS SAÍMOS, JUNTOS FOMOS E PEREGRINAMOS; UMA MESMA FORTUNA E UMA MESMA SORTE CORREU PARA OS DOIS. SE FOSTE MANTEADO UMA VEZ, EU FUI MOÍDO CEM, E ESTA É A VANTAGEM QUE LEVO SOBRE TI.




O QUE FOI BEM JUSTO, POIS, COMO DIZ VOSSA MERCÊ, AS DESGRAÇAS SÃO MAIS ANEXAS AOS CAVALEIROS ANDANTES DO QUE AOS SEUS ESCUDEIROS.




SANCHO AMIGO, QUE É O QUE DIZEM DE MIM PELO POVOADO. EM QUE OPINIÃO ME TEM O VULGO, E OS FIDALGOS, E OS CAVALEIROS?




QUE DIZEM ELES DA MINHA VALENTIA, DAS MINHAS FAÇANHAS E DA MINHA CORTESIA?




POIS O PRIMEIRO QUE DIGO É QUE O VULGO TEM VOSSA MERCÊ POR GRANDÍSSIMO LOUCO, E A MIM POR NÃO MENOS MENTECAPTO.



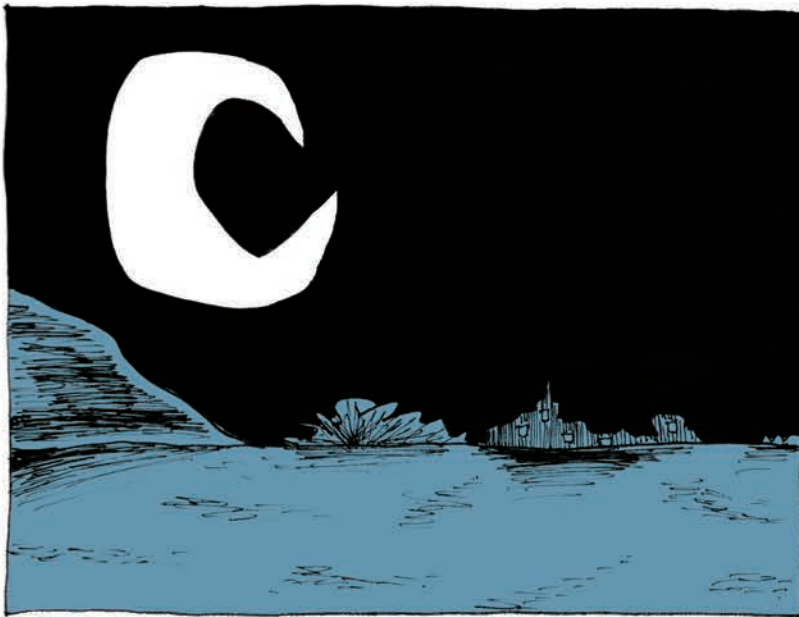
OLHA, SANCHO, ONDE QUER QUE A VIRTUDE ESTEJA EM SUBIDO GRAU, É ELA PERSEGUIDA.



ONTEM CHEGOU O FILHO DE BARTOLOMÉ CARRASCO, FEITO BACHAREL, E ÍNDO EU LHE DAR AS BOAS-VÍNDAS, ME DISSE QUE A HISTÓRIA DE VOSSA MERCÊ JÁ ANDAVA EM LIVROS, COM O NOME DE ENGENHOSO FIDALGO D. QUIXOTE DE LA MANCHA.



SE VOSSA MERCÊ QUER QUE O TRAGA AQUI, IREI PROCURÁ-LO EM BOLANDAS.



ERA O BACHAREL, BEM QUE SE CHAMASSE SANSON, AMIGO DE TROÇAS E DE BURLAS, COMO O MOSTROU EM VENDO D. QUIXOTE, PONDO-SE DIANTE DELE DE JOELHOS.



DÊ-ME VOSSA GRANDEZA AS MÃOS, SENHOR D. QUIXOTE DE LA MANCHA. BEM HAJA CIDE HAMETE BENENGELI, QUE A HISTÓRIA DE VOSSAS GRANDEZAS DEIXOU ESCRITAS, PARA O UNIVERSAL ENTRETENIMENTO DAS GENTES.



ENTÃO É VERDADE QUE HÁ HISTÓRIA MINHA E QUE FOI MOURO E SÁBIO QUEM A COMPÔS?

TÃO VERDADE, SENHOR, QUE TENHO PARA MIM QUE O DIA DE HOJE JÁ VÃO IMPRESSOS MAIS DE DOZE MIL LIVROS DE TAL HISTÓRIA.

E CUIDO QUE LOGO NÃO HÁ DE HAVER NAÇÃO NEM LÍNGUA ONDE NÃO SE TRADUZA.



SEGUNDO IMAGINO, NÃO HÁ NO MUNDO HISTÓRIA HUMANA QUE NÃO TENHA SEUS REVESES, ESPECIALMENTE AS QUE TRATAM DE CAVALARIAS.



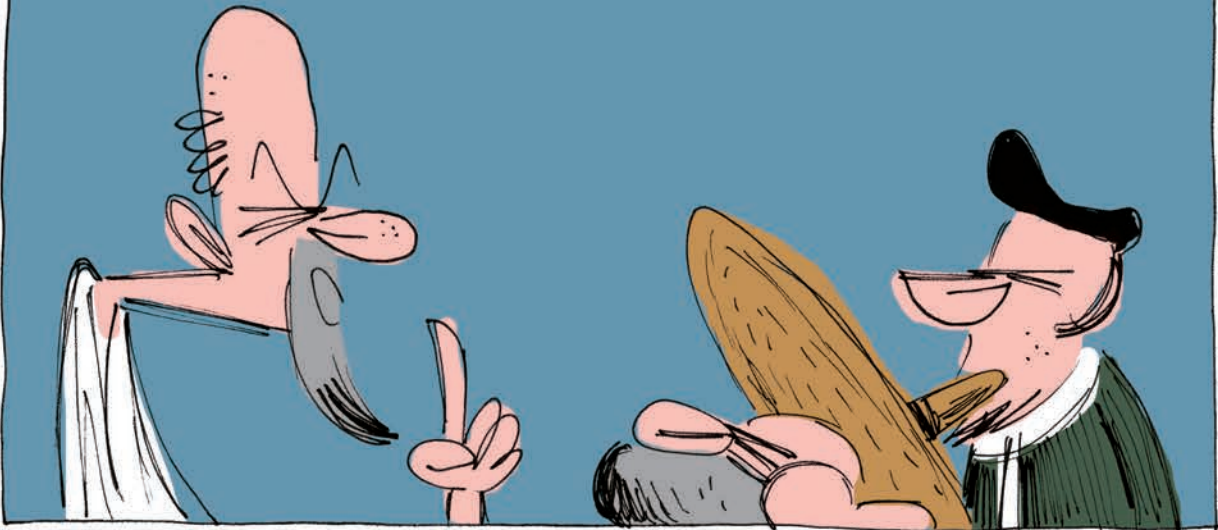
DIZEM ALGUNS DOS QUE LERAM A HISTÓRIA QUE FOLGARIAM SE OS AUTORES DELA TIVESSEM ESQUECIDO ALGUMAS DAS INFINITAS PAULADAS QUE EM DIFERENTES ENCONTROS DERAM NO SENHOR D. QUIXOTE.



AÍ ENTRA A VERDADE DA HISTÓRIA.



DE FEÍTO, O QUE EU ALCANÇO, SENHOR BACHAREL, É QUE PARA
COMPOR HISTÓRIAS E LIVROS, DE QUALQUER SORTE QUE SEJAM,
É MÍSTER UM GRANDE JUÍZO E UM MADURO ENTENDIMENTO.
DIZER GRAÇAS E ESCREVER DONAÍRES É PRÓPRIO DE GRANDES
ENGENHOS: A MAIS DISCRETA FIGURA DA COMÉDIA É A DO BOBO,
PORQUE O NÃO SERÁ QUEM DEIRA A ENTENDER QUE É SIMPLES.
A HISTÓRIA É COMO COISA SAGRADA, PORQUE HÁ DE SER
VERDADEIRA, E ONDE ESTÁ A VERDADE ESTÁ DEUS, ENQUANTO
VERDADE; MAS, NÃO OBSTANTE, HÁ ALGUNS QUE ASSIM
COMPÕEM E BOTAM LIVROS DE SI COMO
SE FOSSEM BOLINHOS.



MAL ACABARA DE DIZER TAIS
RAZÕES, QUANDO CHEGARAM
A SEUS OUVIDOS RELINCHOS
DE ROCINANTE, OS QUAIS
RELINCHOS TOMOU D. QUIXOTE
POR FELICÍSSIMO AGOURO...



... E DETERMINOU DE DALI
A TRÊS OU QUATRO
DIAS FAZER OUTRA
SAÍDA.

"BENDITO SEJA O PODEROSO ALÁ!", DIZ HAMETE BENENGELI. "BENDITO SEJA ALÁ!", REPETE TRÊS VEZES, E DIZ QUE DÁ ESSAS BÊNÇÃOS POR VER QUE JÁ TEM A D. QUIXOTE E SANCHO EM CAMPANHA E QUE OS LEITORES DE SUA AGRADÁVEL HISTÓRIA PODEM FAZER CONTA QUE DESTE PONTO EM DIANTE COMEÇAM AS FAÇANHAS E DONAÍRES DE D. QUIXOTE E SEU ESCUDEIRO.



Álbuns em produção

Odisseia

A obra

A *Odisseia* tem início quando a Guerra de Troia termina. Dela participou, como nos lembramos, Odisseus (mais conhecido, pela tradução latina, como Ulisses), que deixara seu reino e sua família para lutar na guerra, ao lado de seus companheiros. Sua viagem de regresso à casa, longa e repleta de aventuras, é o tema central da *Odisseia*. Enquanto Ulisses tenta voltar para Ítaca, sua esposa Penélope o espera, mas é fortemente pressionada por nobres locais, ansiosos por seus bens e terras, a se casar novamente. Para ganhar tempo, diz que precisa tecer uma mortalha para Laerte, o pai de Ulisses e que poderá se casar quando terminar o trabalho. Ardilosa, tece o manto durante o dia, à vista de seus pretendentes, e o destece à noite, recomeçando o trabalho na manhã seguinte. O reencontro de Ulisses e Penélope, cercado de circunstâncias emocionantes, encerra as aventuras do navegador.

O autor

Sabemos pouco sobre **Homero**, que parece ter sido um “aedo” ativo no século VIII antes de Cristo. “Aedo” é o nome dado ao artista que, na Grécia, cantava, acompanhado de um instrumento musical, longas histórias heroicas, as epopeias. A Homero são atribuídas a *Ilíada* e a *Odisseia*, dois textos fundadores da literatura ocidental. Os estudiosos se dividem entre considerar Homero um “aedo”, um compilador de histórias muito antigas, ou um autor. Há mesmo os que consideram que Homero possa não ter existido. Talvez um dia tenhamos a resposta a essa indefinição. Por agora, temos o nome: Homero, e duas obras incríveis.

Quadrinista

O quadrinista e grafiteiro **Piero Bagnariol (1967)** nasceu na Itália e se mudou para o Brasil em 1992, indo viver em Minas Gerais. Sua formação, de profundos traços humanistas, se reflete nos quadrinhos que cria a partir de clássicos da literatura ocidental.

Roteirista

A professora de grego **Tereza Virgínia Ribeiro Barbosa (1956)** trabalha também como tradutora, com teatro e como roteirista da *Odisseia em quadrinhos*. Gostando de quadrinhos desde criança, ela encontrou neste trabalho a oportunidade de conjugar sua paixão pelo mundo grego com a possibilidade de colaborar para levar o conhecimento de uma grande obra a um público leitor de HQs.



Entrevista

No momento, você trabalha em *A Odisseia*, de Homero. Pode nos falar a respeito?

Uma apresentação da *Comédia* na UFMG, há dois anos, levou-me até Homero. O convite veio de um grupo de estudos de grego da Faculdade de Letras, encabeçado pela professora Tereza Virgínia Ribeiro Barbosa. A abordagem era inusitada e original: professores e estudantes de literatura querendo realizar uma tradução por imagens das figuras de linguagem de Homero: símiles, metonímias e quiasmas em quadrinhos. Fizemos uma primeira experiência muito interessante com a *Iliada* e, agora, tentamos uma abordagem mais audaciosa com a *Odisseia*.

Qual o papel que você considera ter o seu trabalho a partir de referências imagéticas que são bem conhecidas por um jovem europeu, mas desconhecidas para um jovem brasileiro?

Acredito que a tradução por imagens permite justamente diminuir a distância que um idioma coloca entre pessoas de épocas e lugares distintos. A produção de imagens de toda época tende a perpetrar modelos antigos, resignificando-os. A figura do bom pastor adotada pelos primeiros cristãos para representar Cristo, por exemplo, corresponde ao Hermes Crióforo grego. Da mesma forma, experiências de justaposição de imagens, como as da coluna Trajana ou do estandarte de Baieux, contribuíram para sedimentar características das modernas HQs. Traduzir um texto da antiguidade clássica em quadrinhos e, ao mesmo tempo, visitar a iconografia daquela época permite elaborar diferentes níveis de leitura e potencializa nosso entendimento da obra e do contexto em que foi produzida.

PIERO BAGNARIOL

Qual a sua relação com as histórias em quadrinhos? Nunca fui aluna brilhante. Desde muito cedo e rapidamente perdia o interesse na aula. Pegava a primeira frase da professora, entendia (ou pensava que entendia), me punha a viajar nos meus entendimentos, e logo estava a construir sonhos. O resultado era às vezes perigoso... Precisava de pontos para passar e devia estudar muito. Meu irmão mais velho me prendia no quarto de estudos e dizia: estuda! (E para controle me olhava da janela.) Eu, para sobreviver, tinha sempre uma revista da Luluzinha dentro do caderno... Presa ficava horas “estudando” a Memeia...

Você acha que a antiga ideia de que quadrinhos são “deseducativos” está superada?

Acho essa ideia meio boba, nasceu como um abortivo, os gregos pensavam em quadrinhos com suas “métopas” (ilustrações das histórias dos deuses que ficam no friso dos templos). E eles foram os fundadores da filosofia ocidental...

Neste momento, você está roteirizando *A Odisseia em quadrinhos*. Como está sendo o processo?

É divertido, é preso ao texto homérico (o que me dá muito prazer porque o texto – sobretudo a partir do grego – é belíssimo), mas é, ao mesmo tempo, livre e solto. Há trocas o tempo todo, ele dá palpite no roteiro, eu sugiro formas para o desenho. No conjunto, incorporamos ao texto grego modinhas brasileiras e imagens culturais fortes que auxiliam no entendimento da Grécia homérica. Concebemos a história a partir da situação de retorno – após longa ausência – de um homem para casa. Trata-se de um marinheiro no mar aberto da vida.

TEREZA VIRGÍNIA RIBEIRO BARBOSA

O HOMEM VERSÁTIL,
O VIAGEIRO ODISSEUS,
MUSA, CANTA!

VIU CIDADES, VIU
O PENSAMENTO
DAS GENTES.

OD. 1, 44

ΟΔΥΣΣΕΥΣ ΤΡΑΣΙΟΡΡΟΝΟΣ/ ODISSEU RESOLUTO
O NINGUÉM DE POLIFEMO.
OD. 1, 87

ΑΝΔΡΑ
ΜΟΙ
ΕΝΝΕΠΕ
ΜΟΥΣΑ

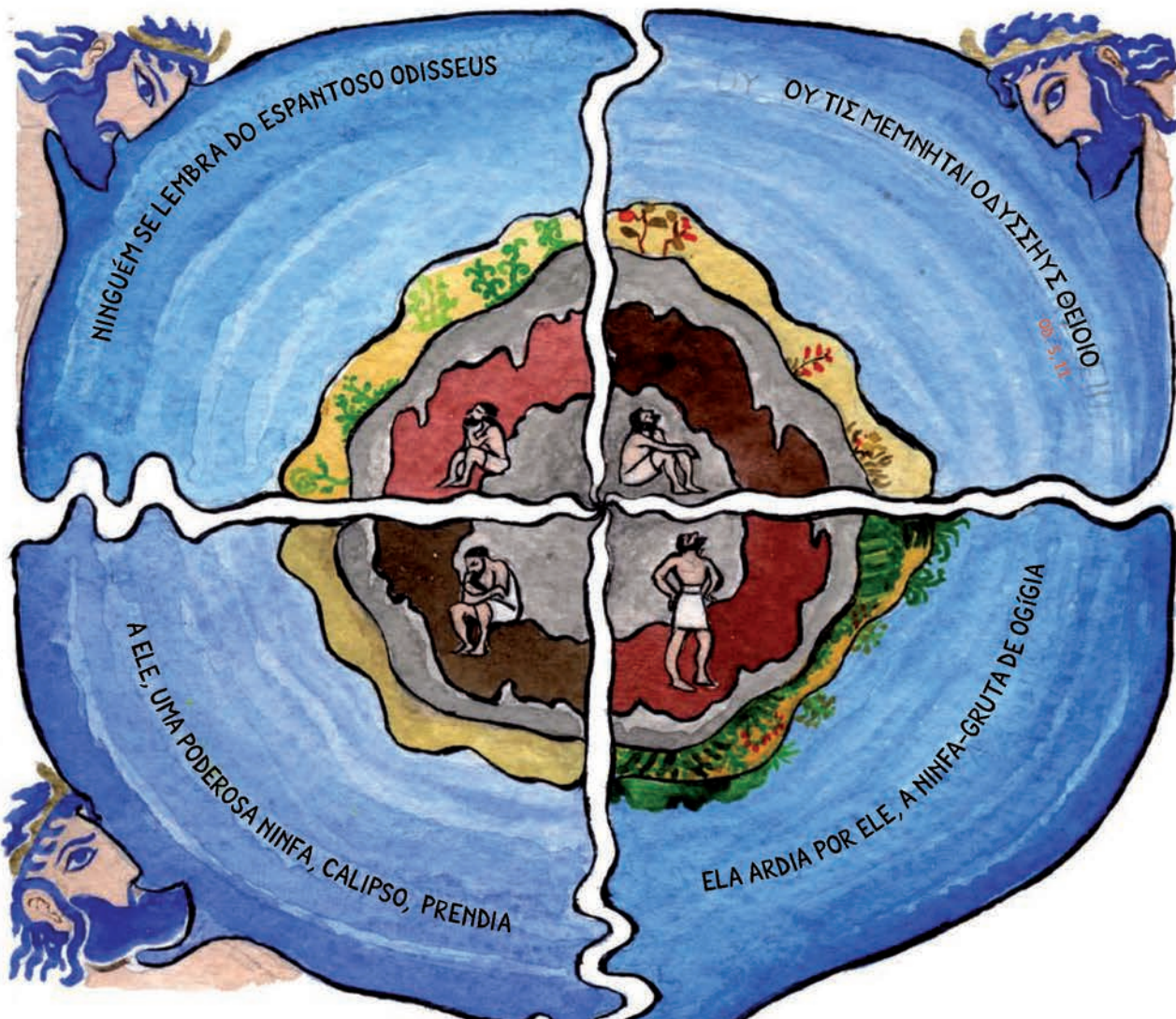
UM NINGUÉM!
ODISSEUS!

ΚΥΡΗ ΕΥΤΙΛΟΚΑΜΟΣ/ CIRCE CABELO RASTA/RKI
OD. 10, 136

Ο ΦΟΡΤΕ ΠΟΛΙΦΕΜΟ DE UM OLHO 56 / ΚΡΑΤΕΡΟΣ ΠΟΛΥΦΗΤΟΣ

SOFREU NO MAR
DORES, PERDEU
TODOS OS SEUS
COMPANHEIROS.



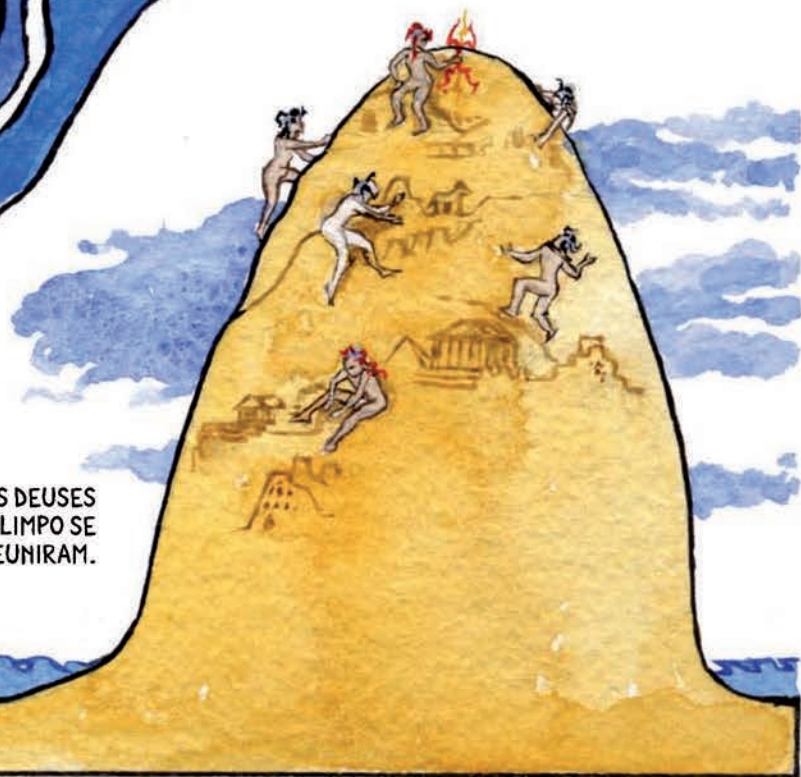


ΑΛΛ' ΟΤΕ ΔΗ ΕΤΟΣ... ΜΑΣ QUANDO CUMPRIO
O ANO, POSEIDON TIROU FÉRIAS...

OD. 1, 22.



...E OS DEUSES
NO OLIMPO SE
REUNIRAM.



Ω ΠΟΠΟΙ! ΑΙΤΙΟΩΝΤΑΙ ΘΕΟΥΣ! *Od. 1, 32*
ÔPA! E ACUSAM OS DEUSES! OS MORTAIS, POR SEUS MALES, ACUSAM OS DEUSES!!! SÃO ELES, OS LOUCOS, NÃO NÓS. ELES CAÇAM SEUS PRÓPRIOS SOFRIMENTOS!

PAI NOSSO, CRÔNIDA CHEFE MOR, COM CERTEZA!
MAS ODISSEUS NÃO MERECEIA. MEU PEITO ARDE POR ELE. A FILHA DE ATLAS RETÉM O DESGRAÇADO NUMA ILHA QUE FICA NO UMBIGO DO MAR...

ZEUS MANDACHUVA/ ZEYS KERAYNOTIHE, Od. 12, 416

BROTO MEU, QUE PALAVRA VAZOU OS MUROS DOS TEUS DENTES? JAMAIS ME ESQUECEREI DO DOÍDO ODISSEUS! AJUSTEMOS SEU RETORNO!

FOI ELE QUEM NOS DEU JUNTO ÀS NAUS GORDOS SACRIFÍCIOS?

SEM TRÉGUAS, POSEIDON PERSEQUE O INFELIZ!

É QUE ELE, COM VARA QUENTE, CEGOU A VISTA DO CICLOPE POLIFEMO FILHO DE TOOSA E POSEIDON.

HERMES AUXILIADOR/ ΕΠΙΜΗΣ ΕΡΙΟΥΝΗΣ, Od. 8, 322

HERA, SANDALINHAS DOURADAS/ ΗΡΑ ΧΡΥΣΟΓΕΙΑΝΟΣ, Od. 11, 604

HEFE STO, O CARBO, ΗΦΑΙΣΤΟΣ ΗΠΕΔΑΝΟΣ, Od. 8, 311

PAI NOSSO, CRÔNIDA CHEFE MOR, AGRADA AO CORAÇÃO DOS DEUSES A VOLTA DO FILHO DE LAERTES, O ESPANTOSO ODISSEUS. IREI A ÍTACA, MOTIVAR TELÊMACO, O FILHO DO LAERTIDA. QUE O MOÇO CONVOQUE ASSEMBLEIA E SE PONHA A BUSCAR O PAI PERDIDO!

ΓΛΑΥΚΩΠΙΣ ΑΘΗΝΗ



ANTIMOO

DISCRETA PENELOPE / ΠΕΡΙΦΡΩΝ ΠΗΝΕΛΟΠΕΙΑ, Οδ. 1, 329

SALVE, FORASTEIRO!
OS PRETENDES SE
BANQUETEIAM.



TELEMACHO JULIADO / ΤΗΛΕΜΑΧΟΣ ΤΕΤΙΝΥΜΕΝΟΣ, Οδ. 3, 20

ATENA VISO-MURUCUTUTU SE MUDOU EM MENTOR...

TELÊMACO
CORRE PERIGO

INDÍZIVEL MARTÍRIO
SOFRE ODISSEUS;

COM A NINFA DE
BELAS TRANÇAS?

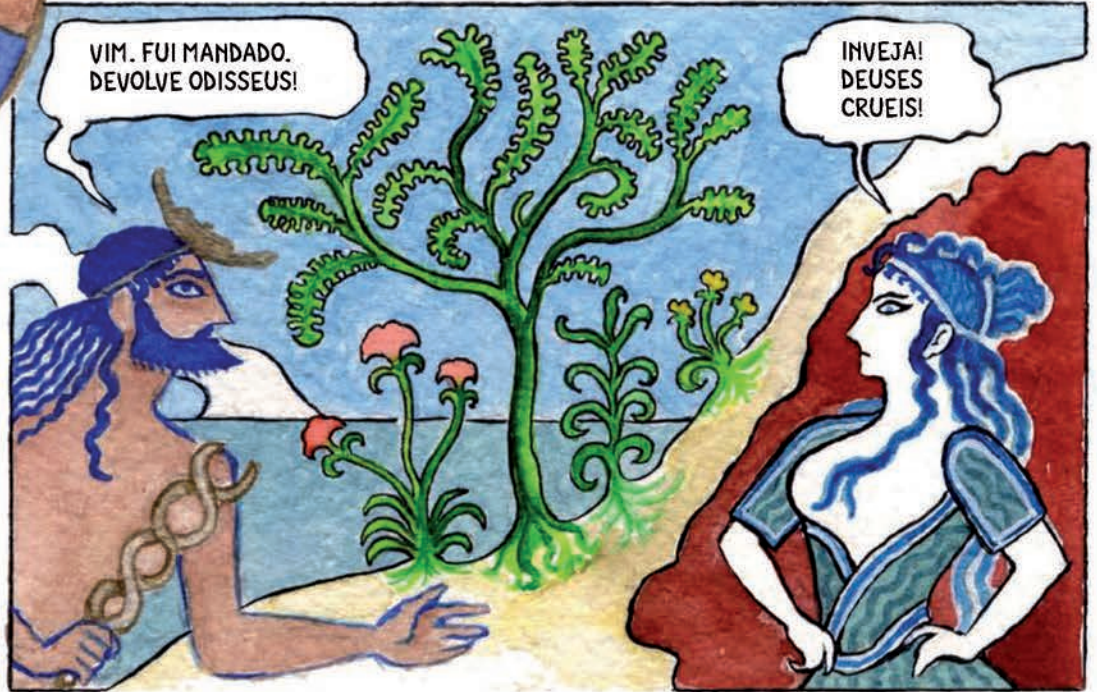
NINGUÉM SE LEMBRA
DO ESPANTOSO
ODISSEUS.

ΟΥ ΤΙΣ
ΜΕΜΝΗΤΑΙ
ΟΔΥΣΣΗΥΣ ΘΕΙΟΙΟ *1;
BROTO MEU, QUE PALAVRA VAZOU
OS MUROS DOS TEUS DENTES?*2
VAI HERMES, AVISA CALIPSO:
É HORA DE LIBERTAR
ODISSEUS!



VIM. FUI MANDADO.
DEVOLVE ODISSEUS!

INVEJA!
DEUSES
CRUEIS!



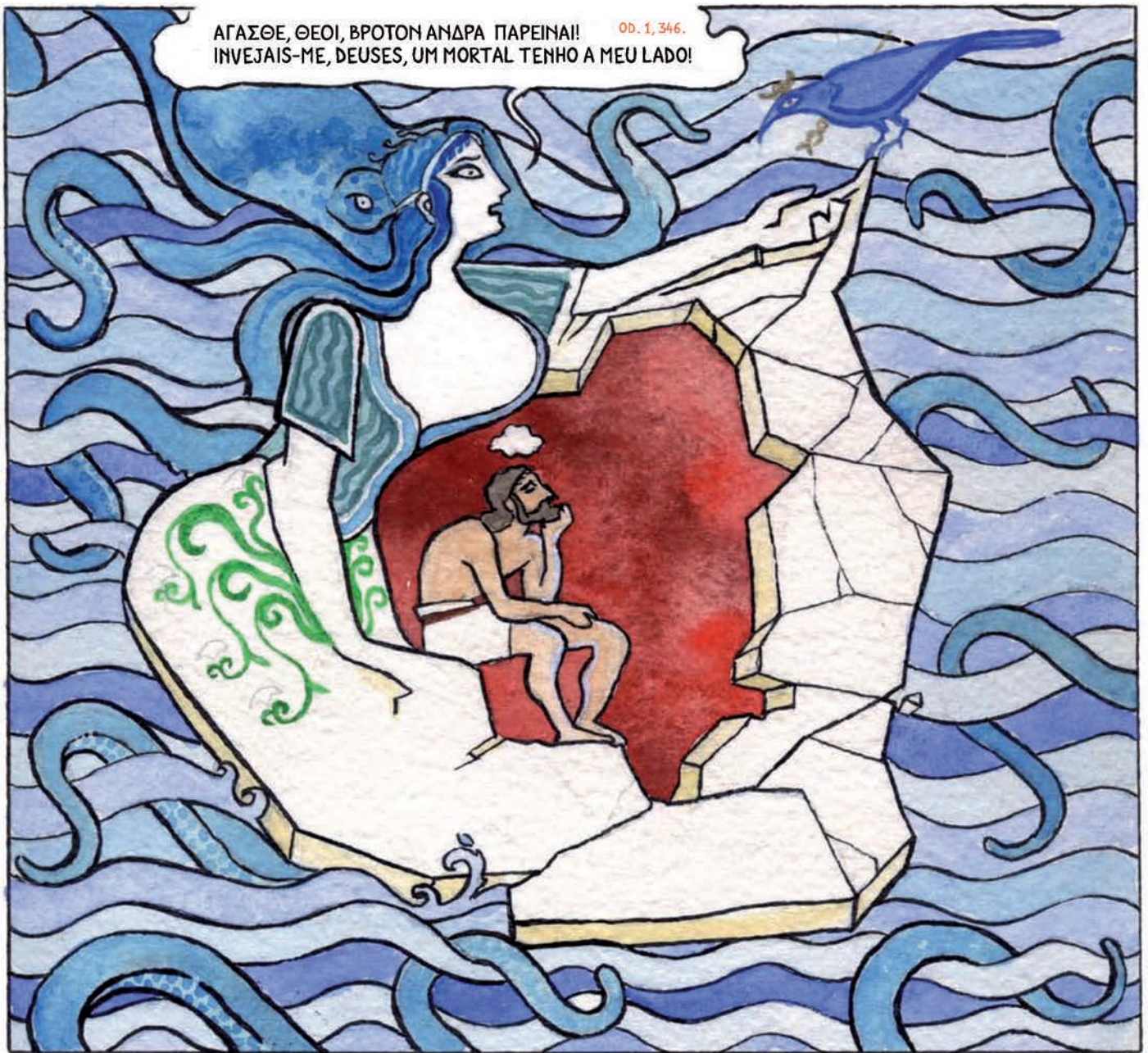
ESTES SÓ SE
OCUPAM DE VINHO,
MULHER E
MÚSICA!

ODISSEUS
FAZ
FALTA,

VAI PROCURAR
TEU PAI,
TELÊMACO!



ΑΓΑΣΘΕ, ΘΕΟΙ, ΒΡΟΤΟΝ ΑΝΔΡΑ ΠΑΡΕΙΝΑΙ! Od. 1, 346.
INVEJAIS-ME, DEUSES, UM MORTAL TENHO A MEU LADO!






ODISSEUS CHEGOU ABRACADO AOS DESTROÇOS DA NAU QUE ZEUS MANDACHUVA, COM UM RAI, PARTIU NO MEIO. DO MAR VIOLENTO EU O SALVEI!!

LAERTÍDA, PARTE FELIZ! MAS ANTES, DORME COMIGO ESTA NOITE... SE SOUBESSES O BEM QUE TE QUERO E QUANTO SOFRERÁS, FICARIAS AQUI E SERIAS IMORTAL COMIGO...

SEI, DEUSA, ÉS MUITO MAIS QUE A DISCRETA PENELOPE DE BELEZA ACANHADA E MORTAL, MAS ANSEIO O DIA DA VOLTA...



TECE, FIA, ENREDA, MÃE!

TELEMACO,
OS PRETENDENTES
CULPADOS NÃO SÃO,

MAS A TUA MÃE, QUE SABE MUITAS TRAMAS TRAMAR! É JÁ O TERCEIRO ANO, CHEGA O QUARTO E ELA, A TODOS, FAZ ESPERAR. FAZ PROMESSAS E JURAS, MANDA RECADOS, DEPOIS ESQUECE... TECE ENORME TECIDO, MORTALHA DE LAERTES, AO FIM DO TECIDO, HÁ DE ESCOLHER UM DE NÓS! MAS, QUAL QUÊ, À NOITE ELA TUDO DESTECE, MORTALHA NÃO HÁ!

ΗΜΟΣ Δ'ΗΡΙΓΕΝΕΙΑ ΦΑΝΗ ΡΟΔΙΔΑΚΤΥΛΟΣ ΗΩΣ MAS QUANDO ALVORADA SURGIU, AURORA DEDIROSA...

AJUDA-ME,
DEUSA

DÁ-ME OS MEIOS DE
NO MAR NAVEGAR!



CONVOQUEI ASSEMBLEIA,
QUERO, SAIR DE VIAGEM,
SABER SE MEU PAI ESTÁ
MORTO!



A morte de Ivan Ilitch

A obra

A morte de Ivan Ilitch, obra do escritor russo Lev Tolstói publicada em 1886, é a história de um juiz de instrução bem posicionado socialmente, com a vida nos trilhos, que cai doente de uma hora para outra. A narrativa, célebre pela profundidade que atinge em menos de cem páginas, concentra-se no período de agonia da personagem. Ao se confrontar com a morte, Ivan Ilitch começa a perceber o vazio de uma vida baseada em aparências. Sua percepção se amplia à medida que observa a reação da família e dos colegas, para quem ele havia se tornado um estorvo, frente à doença e à aproximação da morte. A narrativa é um acerto de contas de Ivan Ilitch consigo mesmo, quando se vê na mais absoluta solidão.

O autor

Lev Nikoláievitch Tolstói (1828–1910) nasceu em 1828 em Iásnaia-Poliana, na Rússia. Um dos principais nomes da literatura russa do século XIX, Tolstói tem entre suas obras mais conhecidas os romances *Guerra e paz* e *Ana Karenina*. Membro da nobreza, serviu no exército durante as guerras do Cáucaso, experiência que lhe converteu ao pacifismo. De espírito inquieto e idealista, passou por várias crises até se tornar um cristão libertário, criticando as instituições eclesásticas e sendo excomungado. Tentou renunciar às suas propriedades em favor dos pobres, mas foi impedido pela família. Faleceu aos 82 anos de idade, na estação ferroviária de Astapovo, após fugir de casa para isolar-se em um mosteiro. Seus pensamentos de anarquismo cristão foram uma grande influência para Mahatma Gandhi, com quem Tolstói trocou cartas até sua morte.

Quadrinista e roteirista

Caeto (1979) É artista plástico, ilustrador e quadrinista. Estudou quadrinhos no Estúdio Pinheiros com o professor Domingos Takeshita. No mercado editorial desde 2000, colaborou com publicações culturais e trabalhou como ilustrador para diversas editoras. Foi editor das revistas independentes de HQs *Sociedade Radioativa* e *Glamour Popular*, nas quais publicou suas histórias em quadrinhos autobiográficas. Realizou também oficinas de ilustração, cursos de HQs, palestras, curadorias e pinturas ao vivo para o SESC. Em 2010 lançou, pela editora Cia das Letras, sua HQ autobiográfica *Memória de elefante*.





Entrevista

Qual a sua relação com os clássicos da literatura?

Em algum momento da vida a maioria das pessoas depara com um clássico da literatura. Num primeiro momento me pediram pra ler algum livro na escola, depois fui ler por interesse próprio, e hoje, trabalhando como quadrinista, já recebi alguns convites de trabalho que envolvem clássicos da literatura.

Porque sua escolha recaiu sobre *A morte de Ivan Ilitch*?

Recebi o convite para participar da coleção "Clássicos em HQ" e a Renata Borges sugeriu esse texto. Eu li e gostei bastante, tem tudo a ver com os temas pelos quais costumo me interessar; acho que o texto é um relato profundo de certos comportamentos humanos e creio que vai ser sempre atual.

Poderia nos contar um pouco sobre o processo de criação deste álbum?

Como a proposta da coleção é manter o texto original do tradutor, inicialmente fiz uma edição do texto que iria entrar no livro e do que iria se transformar em imagem, tentando eliminar a maior quantidade de texto. Como o livro é muito bem escrito, fica difícil tirar muita coisa, porque a graça do texto está na construção sofisticada das ideias e observações de Tolstói sobre a alta sociedade de aristocratas na Rússia do século XIX. Na segunda etapa do trabalho, interpretei todas as cenas e os personagens, tendo fotografado. Usei essas fotos para fazer os desenhos e todo o planejamento

de imagens da HQ. Foquei os desenhos na emoção dos personagens, deixando objetos e cenários em segundo plano. Fiz isso pensando em imprimir na HQ a ideia de que esses sentimentos não precisam necessariamente fazer parte de uma época, eles podem tomar conta de qualquer pessoa que esteja enquadrada no contexto cultural que se apresenta.

Como foi o balanço entre o álbum autobiográfico e *A morte de Ivan Ilitch em quadrinhos*?

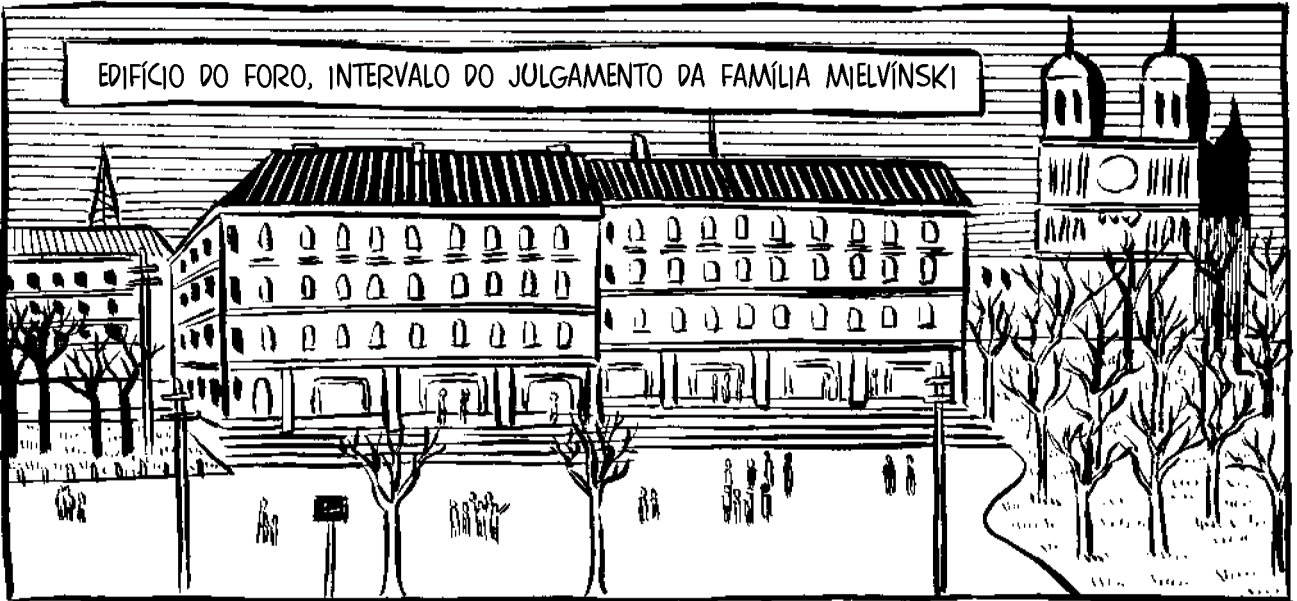
Fazendo o livro, inevitavelmente me coloquei mais na pele do meu pai, que passou os últimos dias da vida doente numa cama, assim como o personagem do livro. Talvez se tivesse lido o livro antes teria conduzido nossas últimas conversas de outra forma. Mas assim como no texto, mesmo diante da morte ainda existe uma esperança de cura, e às vezes a gente não se dá conta de que aquelas serão suas últimas conversas com determinada pessoa.

Qual o significado deste álbum para o conjunto de sua obra até agora?

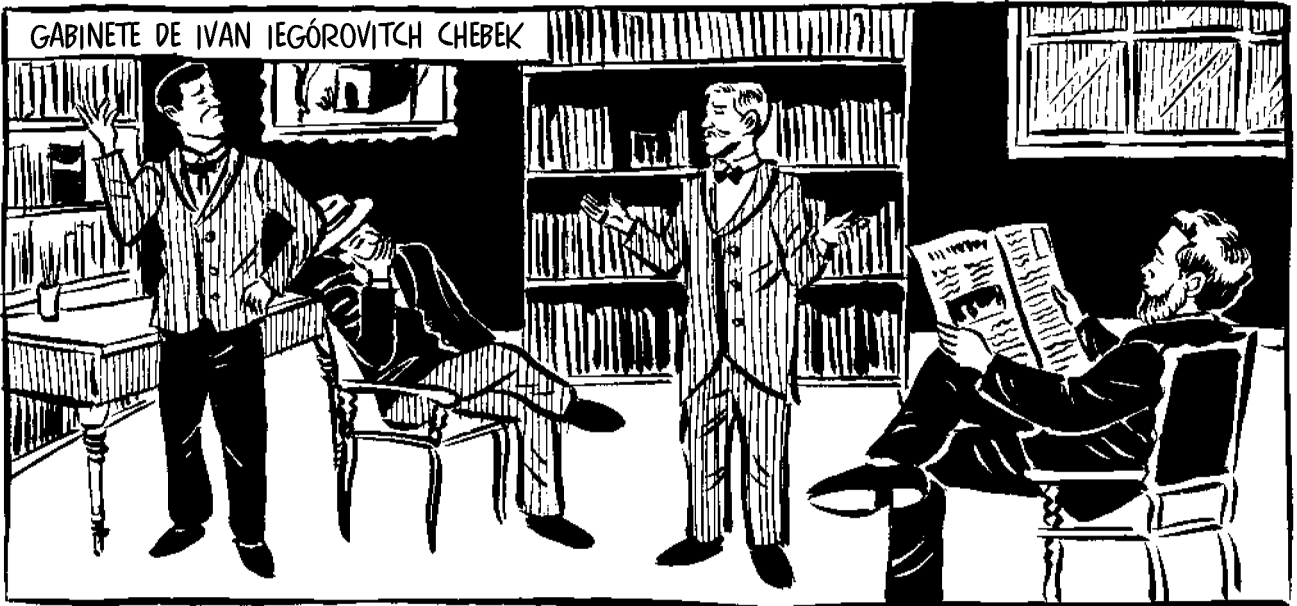
Foi uma experiência bem legal trabalhar na adaptação de um texto clássico. No *Memória de elefante* escrevi o roteiro e fiz os desenhos, e recentemente escrevi um roteiro para uma HQ de mortos-vivos que está sendo desenhada pelo Fabio Lyra. No caso do Tolstói, fiz a edição do texto e os desenhos. É como se completasse um ciclo de funções variadas no meu trabalho como quadrinista.

CAETO

EDIFÍCIO DO FORO, INTERVALO DO JULGAMENTO DA FAMÍLIA MIELVÍNSKI



GABINETE DE IVAN IEGÓROVITCH CHEBEK



SENHORES!
MORREU IVAN
ILITCH.

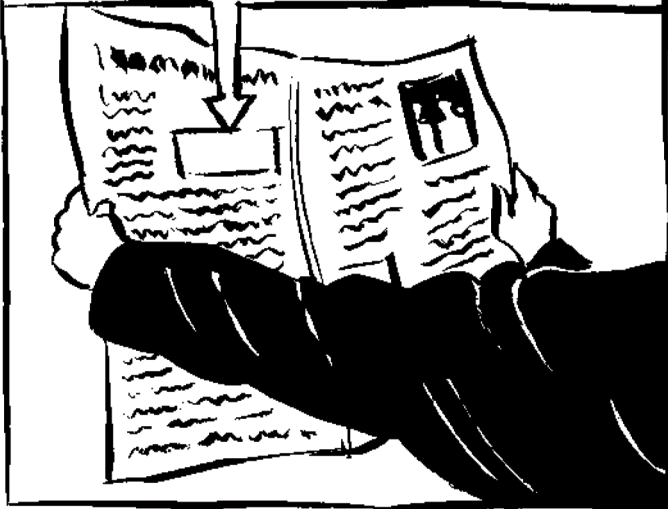


SERÁ
POSSÍVEL?

AQUI ESTÁ,
LEIA.



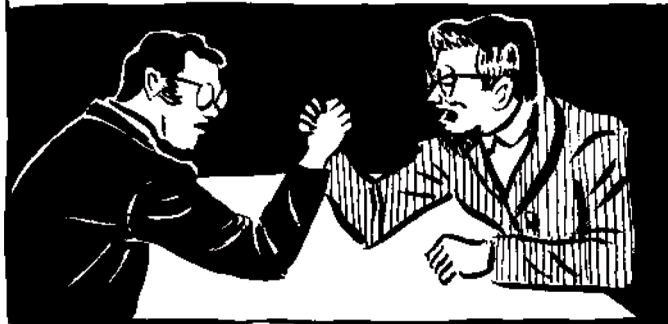
"PRASCÓVIA FIÓDOROVNA GOLOVINA COMUNICA, COM DOR NA ALMA, A SEUS PARENTES E CONHECIDOS O FALECIMENTO DO SEU AMADO ESPOSO, O JUIZ IVAN ILITCH GOLOVIN, OCORRIDO EM 04 DE FEVEREIRO DO CORRENTE ANO DE 1882. O FÉRETRO SAÍRÁ SEXTA-FEIRA, À UMA DA TARDE"



IVAN ILITCH ERA COLEGA DOS CAVALHEIROS AÍ REUNIDOS, E TODOS GOSTAVAM DELE. ESTIVERA DOENTE ALGUMAS SEMANAS; DIZIA-SE QUE A SUA DOENÇA ERA INCURÁVEL. NÃO FORA SUBSTITUÍDO NO CARGO DURANTE A MOLÉSTIA, MAS SUGERIA-SE QUE, NO CASO DE SUA MORTE, SERIA PROVAVELMENTE SUBSTITUÍDO POR ALEKSIÉV



E ESTE, NO SEU CARGO, POR VÍNIKOV OU STÁBEL.



BEM QUE EU PENSAVA QUE ELE NÃO SE LEVANTARIA MAIS, É PENA.



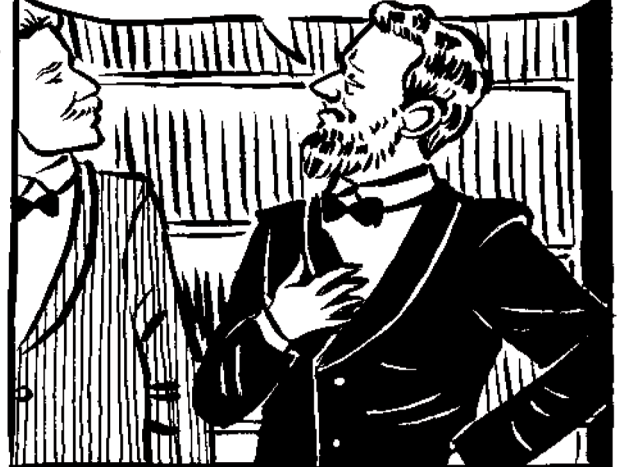
MAS O QUE FOI MESMO QUE ELE TEVE?

OS MÉDICOS NÃO SOUBERAM PRECISAR. OU MELHOR, PRECISARAM, MAS DE DIFERENTES MANEIRAS. QUANDO EU O VI PELA ÚLTIMA VEZ, TIVE A IMPRESSÃO DE QUE IA FICAR BOM.

AGORA, CERTAMENTE RECEBEREI O POSTO DE STÁBEL OU DE VÍNIKOV ISTO JÁ ME FOI PROMETIDO HÁ MUITO TEMPO, E ESTA PROMOÇÃO SIGNIFICA UM AUMENTO DE OITOCENTOS RUBLOS, ALÉM DA CHANCELARIA.



SERÁ PRECISO AGORA PLEITEAR QUE MEU CUNHADO SEJA TRANSFERIDO DE KALUGA. MINHA MULHER FICARÁ MUITO CONTENTE E NÃO SE PODERÁ DIZER QUE EU NUNCA FIZ NADA PELOS PARENTES DELA.



EU NÃO ESTIVE NA CASA DELE DESDE O ÚLTIMO FERIADO. ESTAVA SEMPRE ME PREPARANDO PARA VISITÁ-LO.

ELE TINHA PORESSES?



PARECE QUE A MULHER TEM ALGO, PORÉM MUITO POUCO. QUALQUER COISA DE TODO INSIGNIFICANTE.

ALÉM DAS CONSIDERAÇÕES SUSCITADAS EM CADA UM POR ESTA MORTE, SOBRE TRANSFERÊNCIAS E POSSÍVEIS ALTERAÇÕES NO SERVIÇO, O PRÓPRIO FATO DA MORTE DE UM CONHECIDO TÃO PRÓXIMO DESPERTOU COMO DE COSTUME, EM CADA UM QUE TEVE DELA CONHECIMENTO, UM SENTIMENTO DE ALEGRIA PELO FATO DE QUE MORRERA UM OUTRO E NÃO ELE.



AÍ ESTÁ, MORREU, E EU NÃO.

DEPOIS DE COMUNICAR À MULHER, DURANTE O JANTAR, A NOTÍCIA DA MORTE E ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE A POSSIBILIDADE DA TRANSFERÊNCIA DO CUNHADO PARA A MESMA COMARCA



SIM, TEMOS QUE FAZER UMA VISITA. ELES MORAVAM TREMENDAMENTE LONGE.

ISTO É, LONGE DA SUA CASA, MAS TUDO FICA LONGE DA SUA CASA.



AÍ ESTÁ UM QUE NÃO PODE PERDOAR-ME O FATO DE MORAR NA OUTRA MARGEM DO RIO.

PASSARAM A COMENTAR AS GRANDES DISTÂNCIAS NA CIDADE, DEPOIS FORAM À SALA DAS SESSÕES.

QUANTO AOS CONHECIDOS MAIS PRÓXIMOS, OS ASSIM CHAMADOS AMIGOS DE IVAN ILITCH, PENSARAM QUE PRECISAVAM CUMPRIR UMAS OBRIGAÇÕES MUITO CACETES, IR ÀS EXÉQUIAS E FAZER UMA VISITA DE PÉSAMES À VIÚVA. OS MAIS CHEGADOS AO EXTINTO ERAM FIÓDOR VASSÍLIEVITCH E PIOTR IVÁNOVITCH. ESTE ÚLTIMO FORA SEU COLEGA NA FACULDADE DE DIREITO E CONSIDERAVA-SE COM CERTAS OBRIGAÇÕES PARA COM IVAN ILITCH.



DIRIGIU-SE À CASA DE IVAN ILITCH.





IRMÃ DE IVAN ILITCH

SCHWARTZ, COLEGA DE PIOTR IVANOVITCH, ESTAVA VINDO DE CIMA.



E TENDO VISTO DE UM DEGRAU SUPERIOR AQUELE QUE ENTRAVA. PAROU E PISCOU-LHE UM OLHO, COMO QUE DIZENDO: "O QUE IVAN ILITCH FEZ FOI UMA TOLICE; VOCÊ E EU SOMOS DE ESTOFO". O ROSTO DE SCHWARTZ, EXPRESSAVAM COMO SEMPRE UMA SOLENIDADE ELEGANTE, E ESTA SOLENIDADE, TÃO CONTRADITÓRIA COM O GÊNIO BRINCALHÃO DE SCHWARTZ, TINHA ALI UM SABOR PECULIAR. PROVAVELMENTE, QUERIA COMBINAR UMA PARTIDA DE UÍSTE PARA AQUELA NOITE.



SCHWARTZ FEZ A PIOTR IVANOVITCH UM SINAL COM AS SOBRANCELHAS, NA DIREÇÃO DA DIREITA, DO QUARTO DO DEFUNTO.



PIOTR IVANOVITCH ENTRARA NAQUELA CASA SEM SABER, COMO SEMPRE ACONTECE, O QUE DEVERIA FAZER ALI. SABIÁ UMA COISA: QUE Nesses CASOS NUNCA É DEMAIS FAZER O SINAL DA CRUZ.





PIOTR IVANOVITCH SENTIU NO MESMO INSTANTE UM ODOUR LIGEIRO DO CADÁVER EM DECOMPOSIÇÃO.



POR OCASIÃO DA SUA ÚLTIMA VISITA A IVAN ILITCH, ELE VIRA AQUELE COPEIRO NO ESCRITÓRIO; EXERCIÁ ENTÃO A FUNÇÃO DE UMA ENFERMEIRA E IVAN ILITCH GOSTAVA PARTICULARMENTE DELE.

O MORTO ESTAVA DEITADO COMO SEMPRE FICAM DEITADOS OS MORTOS, DE MANEIRA PARTICULARMENTE PESADA, AFOGADO NO FORRO DO CAIXÃO, OS MEMBROS ENDURECIDOS, A CABEÇA PARA SEMPRE APOIADA NO TRAVESSEIRO.



MUDARA MUITO, EMAGRECERA AINDA MAIS DESDE A ÚLTIMA VEZ EM QUE PIOTR IVANOVITCH O VIRA.

MAS, COMO TODOS OS DEFUNTOS, TINHA O ROSTO MAIS BELO E, SOBRETUDO, MAIS SIGNIFICATIVO DO QUE FORA EM VIDA. ESSE ROSTO EXPRESSAVA QUE FORA FEITO O QUE SE DEVIA FAZER, E QUE SE FIZERA CORRETAMENTE. ADEMAIS, NESSA EXPRESSÃO, HAVIA AINDA UMA CENSURA OU UMA LEMBRANÇA AOS VIVOS.

TEVE UMA SENSACÃO DESAGRADÁVEL, POR ISTO PERSIGNOU-SE MAIS UMA VEZ RAPIDAMENTE, EM SEGUIDA VIROU-SE E CAMINHOU PARA A PORTA, SEGUNDO LHE PAREceu COM DEMASIA RAPIDEZ, QUE CONTRARIAVA AS REGRAS DA DECÊNCIA.

UM SIMPLES OLHAR PARA A FIGURA BRINCALHONA, ASSEADA E ELEGANTE DE SCHWARTZ CONSEGUIU REFRESCAR PIOTR IVANOVITCH.



COMPREENDEU ENTÃO QUE SCHWARTZ ESTAVA ACIMA DAQUILO E NÃO SE ENTREGAVA ÀS IMPRESSÕES ACABRUNHANTES. O SIMPLES ASPECTO DELE JÁ DIZIA: O INCIDENTE DAS EXÉQUIAS DE IVAN ILITCH NÃO PODE DE MODO ALGUM SERVIR DE PRETEXTO SUFICIENTE PARA SE CONSIDERAR ALTERADA A ORDEM DA SESSÃO, ISTO É, NADA PODERÁ IMPEDI-LO DE FAZER ESTALAR, NAQUELA MESMA NOITE, UM BARALHO DE CARTAS, AO DESEMBRULHÁ-LO, ENQUANTO UM CRIADO COLOCARÁ QUATRO VELAS NOVAS; E EM GERAL, NÃO HAVIA MOTIVO PARA SE SUPOR QUE AQUELE INCIDENTE PUDESSE IMPEDI-LOS DE PASSAR AGRADAVELMENTE TAMBÉM AQUELA NOITE.

CHEGOU A DIZE-LO NUM MORMÚRIO A PIOTR IVANOVITCH QUANDO ESTE PASSOU POR ELE, E CONVIDOU-O A FAZER PARTE DO GRUPO QUE JOGARIA EM CASA DE FIÓDOR VASSÍLIEVITCH.

MAS, SEGUNDO PARECE NÃO ERA DESTINO DE PIOTR IVANOVITCH JOGAR UÍSTE NAQUELA NOITE.





AS EXÉQUIAS SERÃO AGORA; PASSEM PARA LÁ.

EU SEI QUE O SENHOR FOI UM AMIGO DE VERDADE DE IVAN ILITCH...

PIOTR IVANOVITCH SABIA QUE, ASSIM COMO ANTES FORA NECESSÁRIO FAZER O SINAL DA CRUZ, AGORA ERA PRECISO APERTAR AQUELA MÃO, SUSPIRAR E DIZER:



CREIA-ME!

E, DEPOIS DE FAZÊ-LO, SENTIU QUE OBTIVERA O EFEITO DESEJADO: AMBOS FICARAM COMOVIDOS.



VAMOS, ENQUANTO AQUILO AINDA NÃO COMEÇOU: PRECISO CONVERSAR COM O SENHOR, DE-MAE O BRACO.

AÍ TEM VOCÊ O UÍSTE! NÃO FIQUE SENTIDO MAS VAMOS CONVIDAR OUTRO PARCEIRO.

SE VOCÊ CONSEGUIR LIVRAR-SE, JOGAREMOS EM CINCO.



ENTRANDO NA SUA SALA DE VISITAS FORRADA DE CRETONE COR-DE-ROSA E COM UM ABAJUR SOMBRIO.



PIOTR IVANOVITCH LEMBRU-SE DE QUANDO IVAN ILITCH ESTAVA INSTALANDO ESTA SALA DE VISITAS E ACONSELHARA-SE COM ELE JUSTAMENTE SOBRE O CRETONE COR-DE-ROSA COM FOLHAS VERDES.

Fausto

A obra

Início do século XIX. No céu, Mefistófeles e Deus fazem uma aposta pela alma de Henrique Fausto, um sábio alemão que tem como maior ambição a obtenção de todo o conhecimento, motivo pelo qual iniciou estudos sobre a magia. O demônio alega que pode corromper a alma do homem, que se tornou o humano favorito de Deus, e, para prová-lo, se aproxima de Fausto e firma um acordo com ele: todos os desejos de Fausto serão realizados por Mefistófeles e, em troca, o sábio servirá ao senhor do inferno após sua morte. O primeiro pedido de Fausto a Mefistófeles acontece quando conhece e passa a desejar ardentemente a bela Margarida. Fausto quer a moça, mas a tarefa se mostrará de difícil realização para o senhor do submundo, já que Margarida é uma jovem de alma e coração puros. Assim têm início as experiências esotéricas de Fausto e uma trama que reflete a mentalidade do homem moderno, sua busca por tocar o eterno e compreender o universo que o cerca.

O autor

Poeta e escritor, **Johann Wolfgang von Goethe** nasceu em 28 de agosto de 1749 em Frankfurt. Apesar de estudar Direito, por vontade do pai, apaixonou-se pela literatura. Em 1774, escreveu *Os sofrimentos do jovem Werther*, que o deixou mundialmente famoso. Mais de vinte anos depois, publicou seu segundo romance, *Os anos de aprendizado de Wilhelm Meister*, aclamado pelos críticos da época. A primeira parte da tragédia esotérica *Fausto*, provavelmente sua obra mais importante, surgiu em 1808. Durante os anos seguintes, dedicou-se a outras atividades e obras, inclusive a publicação de tratados científicos. Passou décadas trabalhando na segunda parte de *Fausto* e completou-a em 1832, mas não viveu o bastante para ver sua publicação, pois faleceu em 22 de março daquele ano.

Quadrinista

Rom Freire (1973). Nascido no Maranhão, começou a desenhar desde cedo, inspirado pelas revistas em quadrinhos que trocava nos sebos locais. Integrante do grupo de quadrinistas maranhenses *Singular/Plural*, em 2009 deixou a publicidade de lado para trabalhar exclusivamente com HQs. É quadrinista, *designer*, viciado em cinema e fotografia. Atualmente trabalha para o mercado internacional de quadrinhos.

Roteirista

Leo Santana (1973). Roteirista pernambucano, vive hoje na cidade de Olinda. Começou a publicar seus trabalhos no início do século XXI em diversas revistas independentes. Em 2005, ganhou o 3º Prêmio DB Artes Independentes de Melhor Roteirista. Em 2006, 2007 e 2008 recebeu os troféus de Melhor Roteirista. Ainda em 2007, recebeu também o troféu de Melhor Roteirista no 1º Troféu Alfaiataria de Fanzines. Em 2012, ganhou o prêmio de Melhor Roteirista e de Melhor HQ com o álbum *Abraços por R\$ 0,50*, desenhado por Laudo, na 12ª Feira de HQ. Dentre as séries que criou, destacam-se *F.D.P.*, *Metrópoles*, *Renegado 3000*, *As novas amazonas*, *Andrômeda* e *Egotrip*.

Colorista

Dinei. Nascido em Cabo Verde (MG), Dinei foi para São Paulo e se formou em publicidade e propaganda pela PUC-SP. Trabalhou em agências de propaganda por dez anos antes de abrir seu estúdio próprio de desenho e ilustração.

Entrevista

Como foi sua história pessoal com a leitura literária? E com a leitura de HQ?

Desde criança eu lia muitos livros, influenciado por minha avó e minha mãe, professoras da rede municipal de ensino. Lembro-me de ter lido clássicos como *Pinóquio* (a pesada versão original, não a açucarada da Disney), *Robinson Crusóé*, *O livro das maravilhas de Marco Polo*, *As viagens de Gulliver*, entre outros... Nas HQs comecei lendo *Brasinha*, *Recruta Zero*, *Turma da Mônica*, *Pato Donald*, *Luluzinha*... e clássicos do terror como *Espectro*, *Kripta*, *Sobrenatural*, *Calafrio* e *Mestres do Terror*. Também lia muita coisa da saudosa Ebal, como *Tarzan* e *Fantasma*, e os heróis Marvel.

Como você está construindo as imagens para *Fausto*?

O Leo Santana me enviou várias imagens de referência que ele achou na internet. Nelas, Fausto sempre é retratado como um senhor de longas barbas, então, seguindo a orientação do Santana, tentei me afastar o máximo dessa personificação, para evitar o clichê. Então desenhei o bom doutor como um senhor alto e imponente, mas com o rosto marcado pelas rugas e longas costeletas.

O que é o *Fausto* para você?

É um texto forte e muito lindo. Esse é o projeto mais importante do qual já participei. Já faço HQ para os EUA desde 2009, mas ainda não tinha pego um trabalho tão grande, baseado em uma grande obra da literatura mundial. Espero poder comparecer e divulgar o álbum em alguma próxima edição do FIQ (Festival Internacional de Quadrinhos de BH).

ROM FREIRE

Você faz parte de um grupo bem restrito ainda no país – o de roteirista de HQ. Pode nos dizer o que é ser, no Brasil, roteirista de HQ?

Roteirista de quadrinhos no Brasil é, antes de tudo, uma profissão de fé. Ainda perdura a cultura de que basta o desenhista para se ter uma boa HQ. É óbvio que existem alguns bons desenhistas que são também bons roteiristas, mas eles são mais raros do que os roteiristas.

Como você pensa um roteiro?

Um roteiro pode surgir de várias formas: a partir de uma palavra, uma frase, uma música, um tema etc. Depois da ideia básica, faço uma pesquisa para ter mais elementos acerca do que quero escrever. Até esse momento, não existe nenhuma história ainda.

Depois da pesquisa, começo a jogar ideias estruturadas para saber sobre o que eu quero falar (uma HQ pode ser, por exemplo, de um super-herói, mas eu posso querer falar da dificuldade por que passa a família desse super-herói), como ela deve começar, se desenvolver e terminar. Essa segunda fase normalmente termina com uma sinopse bem sucinta da história (normalmente em um ou dois parágrafos).

Depois da sinopse, que contém o que pretendo falar na HQ, esmiúço a ideia geral num texto de algumas páginas, identificando com uma única sentença o que deve ocorrer nessa página. Depois disso tudo pronto, eu parto para a versão final do roteiro, que pode ou não seguir o que foi planejado inicialmente. Achei que a adaptação de *Fausto* de Goethe faria mais sentido se eu procurasse fazer algo que resgatasse essa obra, que é realmente importante.

LEO SANTANA

DO SOL E DAS ESTRELAS
EU NADA COMPREENDO,
ATORMENTAR OS HOMENS
E SÓ O QUE ENTENDO...

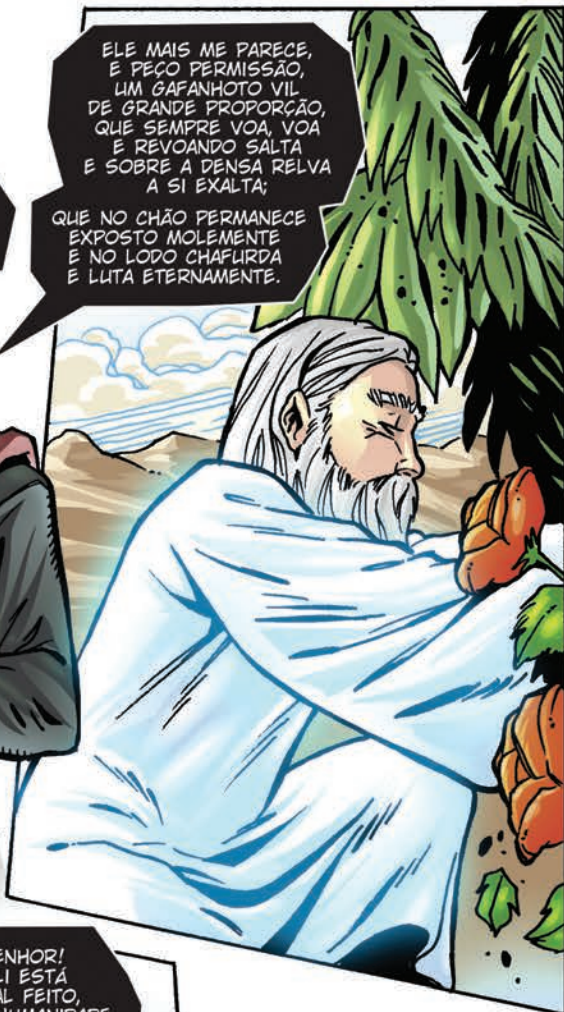
...E O HOMEM HÁ DE SER
SEMPRE UM TOLEIRÃO,
COMO NO DIA PRIMEIRO
EM QUE HOLIVE A CRIAÇÃO.

BEM MELHOR VIVERIA
UM SER QUE É TÃO FRANZINO,
NÃO LHE TIVESSES DADO
O LAMPEJO DIVINO,
QUE SE CHAMA RAZÃO...

...E QUE O FAZ MAIS BRUTAL
DO QUE TODOS OS BICHOS
DO REINO ANIMAL.

ELE MAIS ME PARECE,
É PEÇO PERMISSÃO,
UM GAFANHOTO VIL
DE GRANDE PROPORÇÃO,
QUE SEMPRE VOA, VOA
E REVOANDO SALTA
E SOBRE A DENSE RELVA
A SI EXALTA;

QUE NO CHÃO PERMANECE
EXPOSTO MOLEMENTE
E NO LODO CHAFURDA
E LUTA ETERNAMENTE.

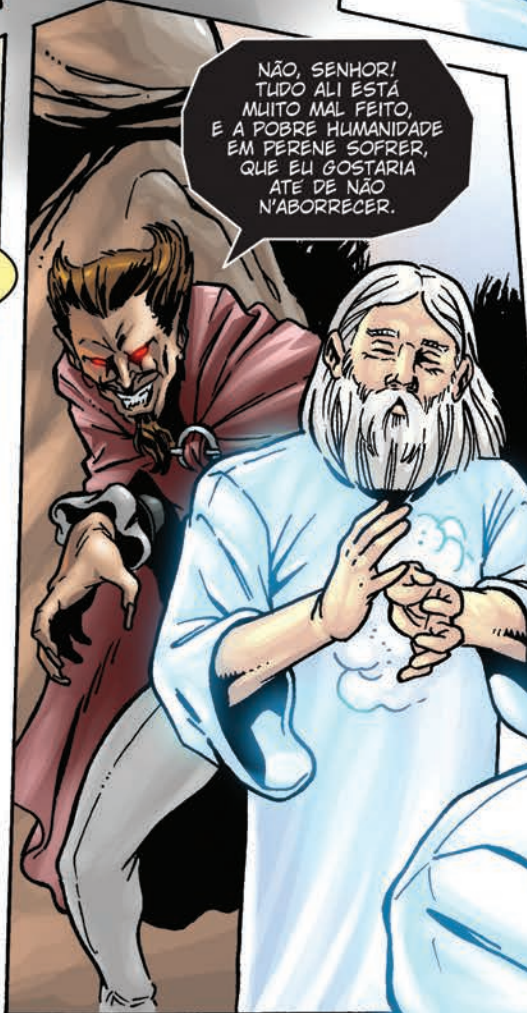


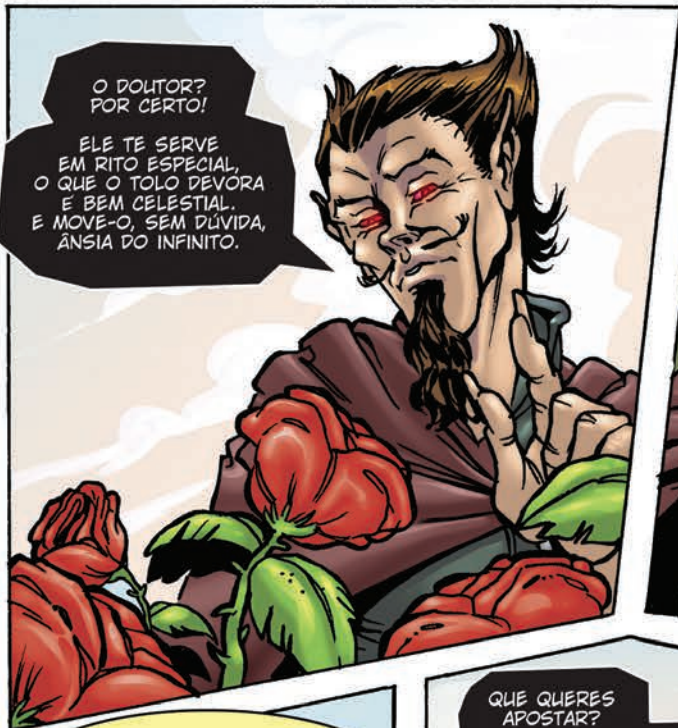
NÃO TENS COISA
ALGUMA AGORA A ME DIZER?
SURGES SEMPRE COM QUEIXAS
TANTAS A FAZER?

NO MUNDO
NADA HÁ JUSTO, EXATO,
NEM PERFEITO?

NÃO, SENHOR!
TUDO ALI ESTÁ
MUITO MAL FEITO,
E A POBRE HUMANIDADE
EM PERENE SOFRER,
QUE EU GOSTARIA
ATE DE NÃO
N'ABORRECER.

CONHECES
FAUSTO?





O DOUTOR?
POR CERTO!

ELE TE SERVE
EM RITO ESPECIAL,
O QUE O TOLO DEVORA
E BEM CELESTIAL.
E MOVE-O, SEM DÚVIDA,
ANSIA DO INFINITO.



DE QUE É LOUCO TALVEZ ANDE MESMO CIENTE,
QUER DO CEU AS ESTRELAS, ESSE POBRE AFLITO,
E DA TERRA OS PRAZERES TODOS BUSCA E SENTE.

DE TUDO O QUE HÁ NA TERRA
OU CEU, EM ALTO RITO,
NADA HÁ QUE O CONSOLE
OU QUE O APASCENTE.



SE ME SERVE
INDECISO OU SE ACASO
VASQUEJA, EM BREVE LHE DAREI
A BELA LUZ DIVINA!

CONHECE
O SEMEADOR, NA PLANTA
QUE VERDEJA. A FLOR
OU MESMO O FRUTO
QUE DESAPONTA
E MINA.



QUE QUERES
APOSTAR?

PERDÊ-LO-ÁS, A RUÍNA
DELE SERÁ FATAL.
SE ME DÁS PERMISSÃO DE LEVÁ-LO
COMIGO E DE TRAZER-LHE A SINA.



QUERO TE AGRADECER,
DOS QUE A MORTE ELIMINA
NUNCA ME AGRADARA MUITO
A COMPANHIA.

QUERO VIVOS TENTAR,
GORDAS FACES ROSADAS,
CADÁVERES DESPREZO
SEMPRE COMO GATO:
VENDO A PRESA MORRER,
LOGO ABANDONA O RATO.



TERÁS DE MIM,
E JÁ, TODA AUTORIZAÇÃO,
ENQUANTO ELE NA TERRA
A SUA VIDA ARRUINA.

DO HOMEM
E PRÓPRIO O ERRAR,
TENDO TANTA
AMBIÇÃO.



ORA SEJA!
PERMITO A DURA EXPERIÊNCIA!
VÊ SE AFASTÁ-LO TENTAS DA ORIGEM DIVINA,
CONDUZE-O SE PODES, COM TUA DILIGÊNCIA,
PARA, DOS TEUS TERRENOS INVIOS,
A VERTIGEM.



MAS FICARÁS VENCIDO,
AO FIM DE TANTA LIDA,
SE VIRES QUE UM HOMEM PURO,
EMBORA COM AMBIGÕES,
CONHECENDO O TRILHAR
DE TAIS ASPIRAÇÕES,
SEGURO ESTÁ DO RUMO
A PERCORRER NA VIDA.



DOU-TE SEM
RESTRICÕES A LIBERDADE EXTREMA.
PODES AQUI ENTRAR.

A SERES
TEUS IGUAIS NÃO PERTUBO;
E ENTRE OS QUE RECUSAM A FE SUPREMA,
SOIS AO CERTO LINS VILÕES
QUE NUNCA ME PESAIS.



VER O ETERNO,
DE PERTO,
OH QUE IMENSO
PRAZER!

POR ISSO JAMAIS BRIGO
E LEVO-O NO EMBRULHO,
COM TÃO ALTO SENHOR,
FALAR E CONVIVER,
PARA UM SIMPLES DIABO
E MOTIVO DE ORGULHO.



HA HA HA
HA HA HA



HA HA HA
HA HA HA
HA HA HA



A tragédia inicia, noite

ESTUDEI COM ARDOR
TANTA FILOSOFIA, DIREITO E MEDICINA,
E INFELIZMENTE ATE MUITA TEOLOGIA,
A TUDO INVESTIGUEI COM ESFORÇO E DISCIPLINA,
E ASSIM ME ENCONTRO EU, QUAL POBRE TOLO, AGORA,
TÃO SÁBIO E TÃO INSTRUÍDO QUANTO
FORA OUTRORA!

NÃO TENHO MAIS SABER
QUE OS TOLOS E DOUTORES,
NEM SEI MAIS DO QUE OS MESTRES,
PADRES E ESCRITORES.

DÚVIDAS? ESCRÚPULOS?
DE TUDO JÁ DEI CABO.
NÃO MAIS ME ASSOMBRA
O INFERNO E NEM MESMO
O DIABO...

...FUGIU TODO
O PRAZER DA MINHA ADOLESCÊNCIA,
NÃO ME INTERESSA MAIS DO DIREITO A CIÊNCIA,
NEM TAMPOUCO A TAREFA ÁRDUVA DE ENSINAR,
AOS HOMENS CONVERTER E TANTO
DOUTRINAR.



DINHEIRO NÃO GANHEI, NÃO TENHO QUASE HAVERES, NEM A GLÓRIA DO MUNDO E SEUS DOÇES PRAZERES;



POR QUE TANTO VIVER COMO SE FORA UM CÃO! APEGO-ME A MAGIA. E UMA SALVAÇÃO.

PELA FORÇA DO ESPÍRITO E O VIGOR DO VERBO, AS FORÇAS NATURAIS, SECRETAS, EXACERBO, QUE O AMARGO ESFORÇO EU TENTEI REVELAR NÃO CONSEGUINDO NUNCA A VERDADE ALCANÇAR.



EM VÃO CONSULTO AGORA OS ESTRANHOS SINAIS, QUE DA TERRA E DO CEU QUEREM EXPLICAR A LEI.

VÓS, OH ESPÍRITOS, VÓS, QUE ORA ME CERCAIS, RESPONDEI, SE ME OLIVIS, RESPONDEI! RESPONDEI!



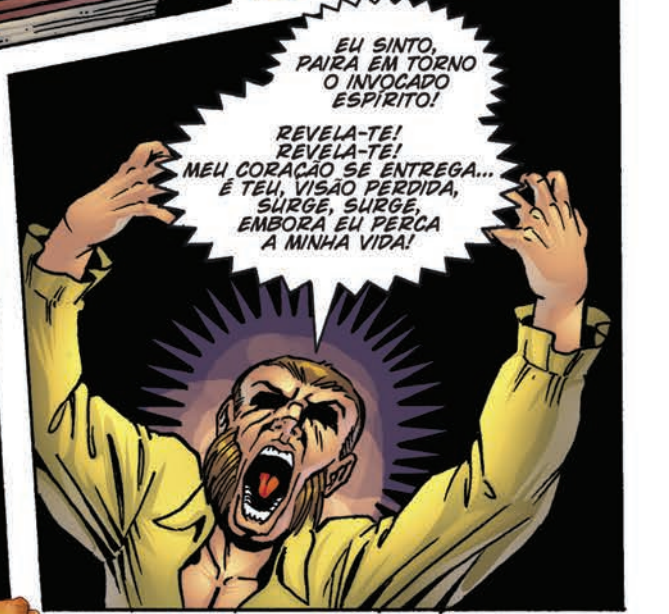
COMO TE ALCANÇO EU, OH NATURA, EM TUAS CENAS? E VÓS, REGAÇOS, ONDE?

FONTES DE TODA VIDA, QUE O CEU E A TERRA JUNTOS SEMPRE SUSTENTAIS E ESTE MEU FRACO PEITO HUMANO ATORMENTAIS! JORRAI! LOGO INUNDAIS MINHA ALMA RESSEQUIDA!



HÁ SOMBRAS A BAILAR NERVOSAS EM REDOR. FUMEGA TUDO EM VOLTA!

E RUBROS RAIOS FULGEM EM REDOR DA CABEÇA! E IMPIEDOSO SOPRA DO ALTO UM CALAFRIO, QUE ME DOMINA E ENVOLVE!



EU SINTO, PAIRA EM TORNO O INVOCADO ESPÍRITO!

REVELA-TE! REVELA-TE! MEU CORAÇÃO SE ENTREGA... É TEU, VISÃO PERDIDA, SURGE, SURGE, EMBORA EU PERCA A MINHA VIDA!





HAAAAA!!!!



QUEM ME INVOCA ASSIM? AGORA ESTOVI VISÍVEL. CHAMASTE-ME COM FORÇA E COM TANTA INSISTÊNCIA. DA ESFERA LONGÍNQUA ONDE TENHO EXISTÊNCIA. E AGORA...



NÃO POSSO OLHAR-TE. É INCRÍVEL!



ONDE ESTÁS, DOUTOR FAUSTO, A VOZ QUE ME CHAMOU, E COM FORÇAS DA ALMA ATÉ AQUI ME ARRASTOU?

ES TU? QUE COM MEU SOPRO LOGO EMPALIDEÇES, MERGULHADO DA VIDA EM VÃOS, LOUCOS TEMORES, E QUAL HUMILDE VERME, A TREMER, APAREÇES?



DEVO EU RECEAR-TE, OH! FIGURA INFERNAL! SIM, SOU EU; DOUTOR FAUSTO, AO CERTO TEU IGUAL!

ÉS IGUAL AO ESPÍRITO QUE IMAGINAS. JAMAIS IGUAL A MIM!



NÃO SOU IGUAL A TI? A QUEM SEREI ENTÃO? EU, FEITO À IMAGEM REAL DA ETERNA DIVINDADE, NÃO SER IGUAL A TI!

TOA! TOA! TOA!



Os sofrimentos do jovem Werther

A obra

Em *Os sofrimentos do jovem Werther*, publicado originalmente em 1774, Goethe inaugura o Romantismo alemão. Neste pequeno e valioso romance, o jovem e talentoso protagonista, de personalidade introspectiva e emotiva, narra, por meio de cartas dirigidas a um amigo, a história de uma paixão avassaladora, e de uma tragédia.

Com forte teor autobiográfico, a obra expressa as angústias da juventude da sua época, comuns aos jovens de todos os tempos, como a busca pelo autocohecimento e a construção de um lugar autêntico na sociedade.

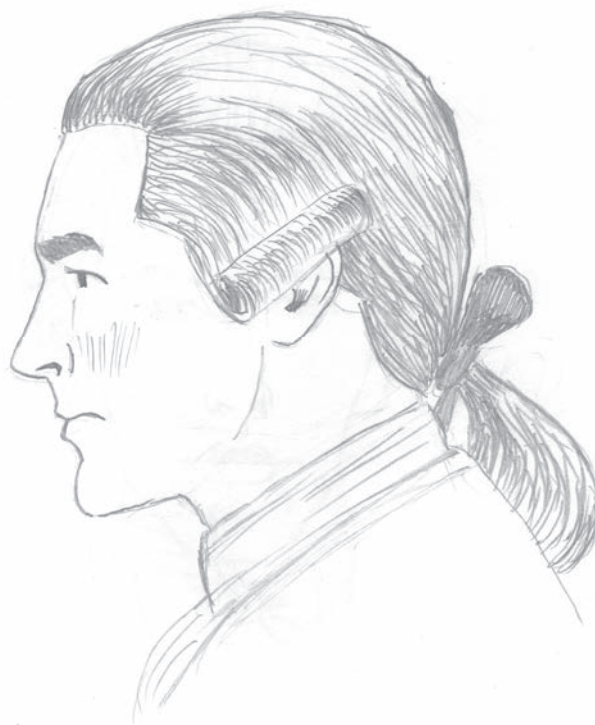
Na adaptação para os quadrinhos, as descrições e relatos de Werther foram transformados em ação dos personagens e em diálogos, ganhando um dinamismo próprio da linguagem das histórias em quadrinhos.

O autor

Poeta e escritor, **Johann Wolfgang von Goethe** nasceu em 28 de agosto de 1749 em Frankfurt. Apesar de estudar Direito, por vontade do pai, apaixonou-se pela literatura. Em 1774, escreveu *Os sofrimentos do jovem Werther*, que o deixou mundialmente famoso. Mais de vinte anos depois, publicou seu segundo romance, *Os anos de aprendizado de Wilhelm Meister*, aclamado pelos críticos da época. A primeira parte da tragédia esotérica *Fausto*, provavelmente sua obra mais importante, surgiu em 1808. Durante os anos seguintes, dedicou-se a outras atividades e obras, inclusive à publicação de tratados científicos. Passou décadas trabalhando na segunda parte de *Fausto* e completou-a em 1832, mas não viveu o bastante para ver sua publicação, pois faleceu em 22 de março daquele ano.

Quadrinista e roteirista

Daniel Gisé (1978) é formado em Artes Plásticas pela Unesp (2005). Trabalha como quadrinista, ilustrador e *designer*. Também dá aulas e oficinas de histórias em quadrinhos e desenho. De 1999 a 2008, colaborou com a revista de histórias em quadrinhos independente *Sociedade Radioativa*. Em 2003 criou o site *The Doors comics*, no qual publicou histórias em quadrinhos de humor sobre a banda de rock The Doors. Em 2007, publicou as HQs do site em formato de revista de bolso, que recebeu indicação ao 20º Troféu HQMix. Em 2011, publicou a história em quadrinhos "Desvio" no livro *1001-1* (Editora Barba Negra/Leya), que reuniu histórias em quadrinhos de seis autores brasileiros.





Entrevista

O que é um clássico para você?

Para mim um clássico é um livro que lida com questões humanas universais e fundamentais que continuam as mesmas com o passar dos anos.

Qual a sua relação com os clássicos da literatura? Como leitor e como professor?

Eu adoro ler clássicos, ver filmes clássicos, ler HQs clássicas, para mim é essencial ter contato com obras de outras épocas, é enriquecedor em termos de estética, visão de mundo e autoconhecimento. Seria uma limitação muito grande focar somente na arte produzida hoje. Percebo que muita coisa que é vendida como novidade hoje, na verdade vem evoluindo há muito tempo. Gostaria de aprofundar mais a questão da leitura com meus alunos. Sempre passo uma lista de sugestão de leitura e comento com eles sobre coisas de que eu gosto, mas fica nisso, e nós acabamos trabalhando mais o desenho e a linguagem das HQs. Foi surpreendente ver alunos usando referências como Machado de Assis e Edgar Allan Poe em um curso de quadrinhos que ministrei.

Quando você leu pela primeira vez *Os sofrimentos do jovem Werther*? O que significou então?

Na época eu estava na faculdade de Artes Plásticas e estava estudando a teoria das cores do Goethe. Adorei a visão do Goethe sobre as cores e busquei uma obra de literatura para conhecer mais e escolhi *Werther*. Eu tinha mais ou menos a mesma idade do Werther – 21 ou 22 anos – e vivia angústias parecidas com as do personagem. O tema central do livro é o amor impossível por uma mulher casada e o conseqüente suicídio por amor, mas também mostra o jovem que reflete sobre

a vida, o conflito entre fazer o que gosta ou abrir mão disso para trabalhar em uma carreira promissora por pressão da família, a busca por uma personalidade autêntica... Foi com essa parte que me identifiquei. Acho que estas questões não envelhecem.

Poderia nos contar um pouco sobre seu processo de criação deste álbum?

O trabalho começou com a leitura do livro e, ao mesmo tempo, pesquisei sobre a moda da época. Assisti a muitos filmes e pesquisei livros de história da moda. Li o livro várias vezes. Na primeira leitura fiz anotações e produzi um pequeno resumo do livro. Desde o início fui tentando perceber quais eram os momentos-chave da história e fui acrescentando detalhes e cortando passagens desnecessárias até produzir o primeiro tratamento do roteiro. Ao mesmo tempo eu fazia um rascunho das páginas desenhadas, dividindo trechos do roteiro em páginas e quadrinhos. No momento estou fazendo o desenho definitivo das páginas a lápis.

Como foi roteirizar Goethe?

Foi ótimo roteirizar o livro. Procurei ver todas as cenas do ponto de vista de cada personagem, entendendo suas motivações. Após isso, pude voltar a um ponto anterior da história e rever um trecho em que uma frase que antes parecia dita ao acaso adquiriu um novo sentido. Lendo e relendo o livro, resumi a narrativa em alguns momentos principais que serviram como uma espécie de mapa para me orientar na síntese da história. Tudo o que fosse imprescindível para levar a narrativa a estes momentos estaria dentro do roteiro; o resto ficaria de fora.

DANIEL GISÉ

Édipo Rei

A obra

Édipo Rei é uma peça de teatro grega escrita por Sófocles e encenada pela primeira vez no ano 427 antes de Cristo. É uma tragédia que narra a vida de Édipo, que ao nascer recebe uma profecia: mataria o seu pai e se casaria com sua mãe. A luta contra o destino profetizado constitui o cerne desta tragédia imortal.

O autor

Sófocles (495–406 a.C.) nasceu e morreu na cidade grega de Atenas, na Grécia. Foi um dos maiores intelectuais conhecidos da Antiguidade clássica e se notabilizou como dramaturgo. Teria composto cerca de 120 peças teatrais, das quais chegaram aos nossos dias apenas sete.

Quadrinista

Laudo Ferreira (1964). Laudo Ferreira começou a publicar seus primeiros quadrinhos no início dos anos 1980. Ganhou o Troféu HQMix pelo álbum *À meia-noite levarei a sua alma* (1997) e pela minissérie *Depois da meia-noite* (2008, em parceria com o arte-finalista **Omar Viñole**) e o Troféu Ângelo Agostini de melhor desenhista (2008 e 2009) e de melhor roteirista (2010). *Histórias do Clube da Esquina*, a série da personagem Tianinha e a trilogia de álbuns *Yeshuah* são alguns de seus trabalhos mais conhecidos. Além da produção autoral, Laudo atua também como ilustrador para o mercado publicitário, editorial e de eventos e mantém o seu estúdio Banda Desenhada em parceria com o colorista e arte-finalista Omar Viñole.



Entrevista

Sua história pessoal com o *Auto da barca do inferno* nós conhecemos. Agora, você está trabalhando sobre *Édipo Rei*, de Sófocles. Do humanismo português para a matriz da civilização ocidental, os gregos. Como foi isso?

Tranquilo. Sempre tive toda tranquilidade de passar de um universo para outro. Antes de qualquer coisa, me interessa mostrar e contar através de uma história em quadrinhos, desde obras espirituais como a trilogia *Yeshuah*, em que o humano predomina, como histórias reais de talentos da música, tal qual *Histórias do Clube da Esquina*, meu interesse é sempre o elemento humano e sua atuação nas veredas da vida, como se manifesta, como age e reage. Por isso, a preocupação em desenvolver visualmente os personagens com características fortes, marcantes; é fundamental que exista uma sensação inconsciente no leitor de que existiu uma vida daquela personagem antes da história que ele irá ler e, caso o personagem sobreviva a essa história, uma vida posterior. *Édipo Rei* então está carregado disso, em todos seus personagens, a ação e o drama que move. O enredo é puro sentimento e ação humana, então, mesmo sendo um universo diferente de *Auto da barca do inferno*, estarei falando de emoções, de causa e efeito. O desafio é transpor isso de um modo verdadeiro.

Você leu *Édipo Rei* pela primeira vez em que época da vida? Ou seu primeiro contato foi assistindo a uma montagem teatral? O que significou então este primeiro momento com a obra? E agora? Vi uma montagem teatral há muitos anos e uma versão cinematográfica do diretor italiano Pier Paolo

Pasolini, do qual sou grande fã e por quem sou muito influenciado. O tema dos erros, enganos, armadilhas da vida; a coisa do filho casar com a mãe e matar o pai, que, então, já se encontra morto no decorrer do tempo da peça, torna essa ambiguidade emocionante. São dois momentos na cabeça do protagonista: a mulher de meia-idade, sua mulher e depois a sua mãe, são coisas completamente distintas dentro de um mesmo momento, vivenciado por um mesmo homem. Uma pessoa que ele matou num momento qualquer, ele depois vem a saber ser seu pai. Tremenda história!

Pode nos contar um pouco do processo de criação das personagens para *Édipo*?

Existe aquela questão do humano que sempre busca nos personagens. Como disse anteriormente, é fundamental criar um aspecto visual, um *model sheet* como se diz no meio de ilustração, onde se crie uma empatia com o leitor, algo que o cativa imediatamente ou que, no mínimo, não o obrigue a passar por um processo de digerir visualmente, o que às vezes pode acontecer. Às vezes o leitor até está embalado na leitura da HQ, mas os personagens não estão lhe ganhando, então ele vai somente ao sabor da leitura. Minha preocupação é gerar esse interesse. No caso de *Édipo Rei*, entra o exercício de gerar personagens fortes, densos como a trama pede.

Qual o significado deste álbum para sua obra?

Como tem acontecido com meus últimos trabalhos, existe sempre aquela dedicação, aquele carinho durante a criação do trabalho. Isso é intenso e traz resultados gratificantes.

LAUDO FERREIRA

Orlando

A obra

Orlando (1928), de Virginia Woolf, teve adaptações reconhecidas para o cinema e o teatro, mas nunca para quadrinhos. A obra, que como todo clássico atravessa os tempos sem envelhecer, é complexa, fragmentada, inovadora, e discute questões que permanecem vivas ainda hoje, como a dos gêneros e das identidades. Orlando é um incomum nobre inglês, cuja trajetória o leitor acompanha por cerca de quatro séculos, do XVI ao XX.

Ao mesmo tempo em que nos revela a existência repleta de reviravoltas, peripécias e intempéries amorosas do duplo protagonista, Virginia Woolf desenha rupturas literárias no cenário da literatura do início do século XX e discute o papel da mulher na sociedade, trazendo em seu bojo questões como a androginia e a homossexualidade.

A autora

Virgínia Woolf (1882–1941) foi uma das maiores expressões do da literatura inglesa no início do século XX. Estreou na literatura em 1915. Foi notável romancista (*Mrs. Dalloway*, *Rumo ao farol*, *Orlando*), ensaísta, e editora, tendo sido responsável por publicar T. S. Elliot e Katherine Mansfield. Suas reflexões sobre a liberdade de criação e o prazer da leitura estão reunidas em *O leitor comum*. Foi pioneira ao pensar na condição feminina nos tempos modernos em *Um teto todo seu*.

Luciana Penna (1974) é formada em Letras pela PUC-SP e tem formação em psicanálise pelo Instituto Sedes Sapientiae. Escreve, roteiriza e edita livros. No cinema, desde 1990 tem trabalhos em direção de arte, roteiro e direção. Seu filme *Padedê*, de 8mm, foi premiado na Mostra Internacional do Minuto em 1999. No meio editorial desde 2004, comentou e editou muitos

autores de literatura brasileira. Mantém o blog *Sorriso de medusa*, presente na exposição *Blooks* de literatura digital (Sesc Pinheiros 2009), sob curadoria de Heloisa Buarque de Hollanda. Integrou a antologia *Sesc Literatura Celular*, com curadoria de Marcelino Freire e escreveu o romance coletivo *Circunvago*, realizado no Laboratório Literário do escritor mexicano Mario Bellatin, Selo Demônio Negro.

Em 2011, ganhou o edital do Proac como roteirista para realização do documentário *Palavra: Balada na tela*. Escreveu, com Marcela Lordy, o argumento do documentário *Por este mundo de águas*, baseado em carta homônima de Mário de Andrade a Manuel Bandeira sobre a cidade de Belém. Desde 2011, roteiriza o romance *Uma aprendizagem ou Livro dos prazeres*, de Clarice Lispector, para longa-metragem.

Luana Geiger (1974) sempre gostou de desenhar, e, desde criança, prestava atenção nas ilustrações dos livros que lia. Estudou Arquitetura na USP e Mídias Interativas no Senac. Está no mercado editorial desde 2001, com livros publicados pelas editoras CosacNaify, Companhia das Letrinhas, Saraiva, Oficina de Textos, Hedra e Peirópolis. É membro da Sociedade dos Ilustradores do Brasil (SIB) e colaboradora da revista *Pesquisa da Fapesp* desde 2007. Recebeu o prêmio de melhor trabalho em 1999 no Projeto Nascente 9, no Centro Universitário Maria Antônia. Em 2002, participou do catálogo *Images 26* da AOI, Londres, UK. Em 2004, realizou documentação fotográfica e ilustrações no evento *Em Trânsito* pelo Instituto Goethe e Centro Português de Design, Lisboa, Portugal. Desde 2005, participa do fanzine *Charivari*, contemplado pelo programa *Conexão Artes Visuais MinC/Funarte/Petrobras* em 2007. Em 2009 e 2010, realizou painéis de ilustração e ambientações para as unidades do Sesc Pompeia, Pinheiros, Vila Mariana e CineSesc.



Entrevista

Qual a sua relação com os clássicos da literatura?

Ler um clássico é sempre pagar para conferir se o livro é tudo aquilo mesmo, descobrir, a partir da própria experiência pessoal da leitura, o valor daquela obra considerada um clássico, antes de entender sua importância contextual na história da literatura.

Virgínia Woolf foi das primeiras escritoras a falar sobre a vida das mulheres. O que isso significa para você como mulher?

O papel da mulher hoje, que se desenvolveu desde então, está muito próximo do papel masculino e, de certa forma, existe uma transcendência da ideia de gênero na sociedade contemporânea. Usufruímos disso como mulheres sem nos darmos conta. Somos chefe de família, fumamos, fazemos sexo com liberdade, viajamos sozinhas. Tudo isso somado aos papéis desempenhados no lar e como cuidadoras. Estamos sobrecarregadas na sociedade produtiva; compramos valores do começo do século XX e os utilizamos cotidianamente. Na contramão, o Laerte tenta fazer o que já fizemos por todo um século.

Como está sendo o processo de criação de *Orlando em quadrinhos*, e o papel da roteirista nele?

A criação do álbum está sendo um exercício para pensar essas questões que o clássico apresenta de forma tão contemporânea. O papel do roteiro é fundamental pra revelar nossa leitura da obra, que vai além da mera mudança de mídia. O trabalho com a roteirista é de aproximação e afastamento voluntários, movimentos necessários para criação, mas sempre muito afinados. Intermináveis discussões de como ler a obra!

LUANA GEIGER

Qual a sua relação com os clássicos da literatura?

Tenho uma profunda relação com os clássicos, não à toa sou formada em Letras. Acredito que o escritor contemporâneo ou roteirista sempre está em diálogo com os escritores e livros que o precederam, numa certa dívida até. No momento, trabalho com a adaptação de *Orlando*, de Virginia Woolf, para HQ e *Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres*, de Clarice Lispector, para longa-metragem. E tenho vontade de fazer mais outras adaptações.

Como está sendo o processo de criação de *Orlando em quadrinhos*?

É um processo bastante complexo, pelo fato de ser Virginia Woolf, o que já é uma grande responsabilidade. Mas também por ser uma obra que se passa em três séculos, pela personagem mudar de sexo e “o espírito” de todas as épocas retratadas no livro pedirem pesquisa. O conceito de mulher e de mulher escritora muda durante o tempo do livro e Virgínia ironiza criticamente isso, é preciso acompanhá-la. Como eu escrevo, tenho tentado me acercar ao máximo de outros livros de Virgínia e do universo de seus contemporâneos e o dela. Também tenho buscado referências visuais para o roteiro, de forma a afinar meu diálogo com Luana.

Quais têm sido os principais desafios da adaptação para os quadrinhos?

A linguagem da Virginia é muito vigorosa e as passagens de tempo e espaço se dão de forma bastante brusca. Transpor uma linguagem para outra é muito delicado. A HQ pede uma linguagem enxuta que a Virginia, neste livro, não dá de bandeja.

LUCIANA PENNA



Pescando imagens com rede textual: HQ como tradução

Andreia Guerini e Tereza Virgínia Ribeiro Barbosa (Orgs.)

112 p. 18 x 24 cm
ISBN 978-86-7596-299-2

Não é de hoje que as artes se cruzam, inventando releituras, adaptações e recriações. A relação entre texto e imagem na tradução de clássicos da literatura universal para quadrinhos, que teve destaque durante o século XX e ganha novo ímpeto neste começo de milênio, baseia-se, como o título deste livro já diz, numa divertida pescaria de imagens poéticas na rede das letras, bem à maneira dos gregos antigos, que viam imagens nas palavras dos poetas.

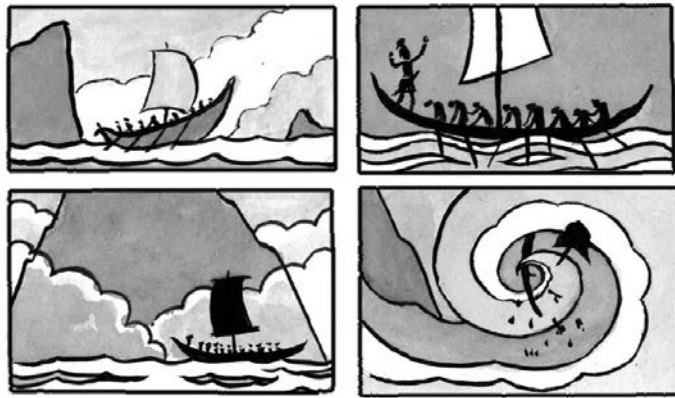
A literatura decorrente desses antigos poetas seguiu o mesmo caminho em todos os cantos e tempos do mundo ocidental: criou imagens que brotam dos livros e da boca dos artistas. Pescar as imagens de um texto, fazê-las de linhas e cores é, então, uma aventura divertida e uma forma muito expressiva e eficiente de narrar histórias.

Neste livro, pesquisadores que transitam pelas fronteiras entre a literatura e a tradução – Teresa Virgínia Ribeiro Barbosa, dos estudos literários, e Andreia Guerini, teórica da tradução – elevam ao estatuto de “tradução” a prática de narrar em quadrinhos obras clássicas da cultura ocidental. Para oferecer diferentes perspectivas do tema, as organizadoras reuniram especialistas, roteiristas e quadrinistas que revelam aqui a poderosa interação entre a literatura e os quadrinhos.

Mais do que uma mera reprodução de roteiros canônicos em imagens, as conversas entre literatura e quadrinhos criam um novo texto que busca não apenas o que a história narra, mas também, e principalmente, como ela é narrada, podendo enriquecer sobremaneira a leitura da obra original.

Ao desvendar as funções retóricas do texto, as estratégias textuais de persuasão e convencimento, os quadrinhos encontram a essência dos clássicos e ultrapassam muito a missão pouco justificável de facilitar o acesso de um suposto leitor despreparado a obras fundadoras do pensamento humano.

Aqui o leitor trilhará um caminho ainda pouco explorado na compreensão desse jogo entre imagem e palavra, mas perceberá – devido ao profundo respeito dos autores à autonomia dos quadrinhos e da literatura como linguagens independentes – as melhores paisagens para o exercício da quadrinização de obras clássicas e as perspectivas mais enriquecedoras de contextualização pedagógica dessas obras, que vêm sendo cada vez mais adotadas nas escolas brasileiras.



Os autores

TEREZA VIRGÍNIA RIBEIRO BARBOSA é professora de grego na Universidade Federal de Minas Gerais desde 1980. Tem experiência na área de Letras e Teatro. Foi tradutora colaboradora no *Dicionário Grego Português* (Editora Ateliê). É tradutora do drama satírico remanescente de Sófocles, *Incultas, os sátiros rastreadores* (Editora UFMG, 2012).

ANDREIA GUERINI é professora na Universidade Federal de Santa Catarina. Tem experiência na área de Letras, Teoria da Tradução, Literatura Italiana, Literatura Traduzida, Literatura Comparada. Atua também como professora visitante na Università per Stranieri di Siena/Itália. É autora de *Gênero e tradução no Zibaldone de Leopardi* (Edusp, 2007).

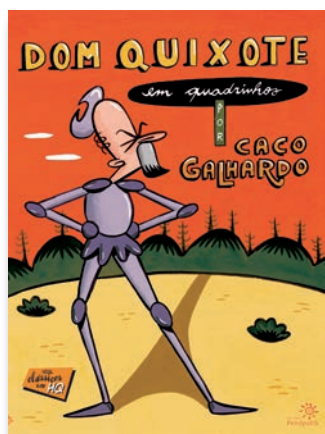
PIERO BAGNARIOL é quadrinista e trabalha com arte-educação. Editor da revista *Graffiti 76% Quadrinhos*, publicou, com Fabiano Barroso, o livro *Guia ilustrado de graffiti e quadrinhos* (2004) e a graphic novel *Um dia uma morte* (2007). Com Giuseppe Bagnariol, produziu *A Divina Comédia em quadrinhos* (Editora Peirópolis, 2011).

ANDREZA CAETANO é uma admiradora das artes plásticas e do teatro. Kursou o bacharelado em Letras Clássicas na Universidade de Barcelona e também na Universidade Federal de Minas Gerais. É autora do romance *Entre o céu e o inferno* (Editora Multifoco, 2011).

PAULO CORRÊA é roteirista. Em 2001 estudou Roteiro de Quadrinhos e Desenho Artístico no extinto Emcomum Estúdio Livre. De 2006 a 2008 aperfeiçoou-se em Elaboração de Roteiro, Ilustração e Arte Sequencial na Escola Planet Comics. É graduando na Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais.

FABIANO AZEVEDO BARROSO é quadrinista, artista gráfico e arte-educador. Foi editor da revista independente *Graffiti 76% Quadrinhos* (1996-2012). Roteirista do álbum *Um dia uma morte*, desenhado por Piero Bagnariol, publicou, também em parceria com Piero, o *Guia ilustrado de graffiti e quadrinhos*.

classics
in **COMICS**



Don Quijote in comics

Miguel de Cervantes

Translated by Sérgio Molina
Adapted by Caco Galharado
48 p. 20,5 x 27 cm 4 colors
ISBN 978-85-7596-028-8

Recommended to: proficient young and adult readers
Featured themes: reality, imagination, utopia, behavior
Transversal topics: ethics

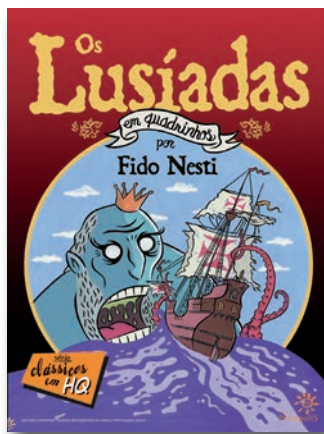


- ★ Selected to the Reading Room Program / State Secretariat for Education of São Paulo (*Programa Salas de Leitura / Secretaria de Estado da Educação de São Paulo*) – 2009.
- ★ Selected to the More Culture Program of the National Library (*Mais Cultura da Biblioteca Nacional*) – 2008
- ★ Selected to the National Program of Didactic Books of São Paulo, 2006 (*Programa Nacional do Livro Didático de São Paulo – PNLD-SP*) – 2006
- ★ Selected to the National Program of School Libraries (*Programa Nacional Biblioteca na Escola – PNBE*) – 2006
- ★ Highly recommended by the National Foundation for Youth and Children Books (*Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil – FNLIJ*) – Youth Translation/Adaptation Category – 2005

Caco Galharado's humorous drawings takes readers to the most significant passages of Cervantes' classical work, from the initial musings that led to the transformation of the peaceful gentleman into the visionary knight-errant to the imposing battles of this hero whose adventures survived through the centuries. In this wonderful adaptation of the story to comics, the famous fight against windmills is highlighted in ten colorful pages.

Miguel de Cervantes Saavedra is regarded as one of the most influential writers of the Spanish language. Born in 1547, he read intensely to escape the poverty of his childhood. Around 1570, while trying to pursue a writing career, he enlisted in the army and took part in the Battle of Lepanto against the Ottoman Empire. Seriously injured, in 1575, as he attempted to return home, Cervantes was captured by the Turks and spent five years as prisoner and slave in several ships. He tried to break free several times, but was released only upon the payment of a ransom by his family. Back to Spain, he published his first novel – *La Galatea* – in 1585. However, it was not until the release of *El ingenioso hidalgo Don Quijote de La Mancha* (The Ingenious Gentleman Don Quixote of la Mancha) in 1605 that he would experience success. Regarded as the first modern novel, this satire of knight-errants finally brought him fame and richness. The second volume of *Don Quijote* was published in 1615, one year before his death.

Caco Galharado is a cartoonist, with daily strips published by the newspaper *Folha de S. Paulo*, and some characters featured in animations of the Cartoon Network. He has published four books, including *Crêsh!*, his first one dedicated to children.



Os Lusíadas in comics

Luís de Camões

Adapted by Fido Nesti
48 p. 20,5 x 27 cm 4 colors
ISBN 978-85-7596-073-8

Recommended to: proficient young and adult readers
Featured themes: overseas exploration and discoveries, maritime journeys, discovery of India, Vasco da Gama's travels
Transversal topics: ethics, cultural plurality



- ★ Selected to the collection of the City Library Coordination (*Coordenadoria Municipal de Bibliotecas – SMC/PMSP*).
- ★ Selected to My Library Program (*Programa Minha Biblioteca*) – 2010.
- ★ Selected to the Reading Room Program / State Secretariat for Education of São Paulo (*Programa Salas de Leitura / Secretaria de Estado da Educação de São Paulo*) – 2009.
- ★ Selected to the More Culture Program of the National Library (*Mais Cultura da Biblioteca Nacional*) – 2008.
- ★ Selected to the National Program of School Libraries (*Programa Nacional Biblioteca na Escola – PNBE*) – 2008.

Selected episodes of the Portuguese language classic *Os Lusíadas*, written by Camões, inspired cartoonist Fido Nesti to write this book. The colorful exaggeration of his drawings, with lines both bold and delicate, provides readers with an anthological perspective of this Portuguese masterpiece –a fundamental example of how to adapt two apparently irreconcilable formats. The creative script brings readers closer to the Vasco da Gama's world in an elegant feast of originality.

Luís Vaz de Camões is considered Portugal's –and the Portuguese language –greatest poet, as well as one of the masters of epic literature worldwide. Details of his life are generally unknown, including his place and date of birth –either Lisbon or Coimbra, sometime between 1517 and 1525. He lived intensely the transformations of Renaissance Europe immersed in maritime travels and the discovery of new lands and cultures. He died quite poor in 1580.

Fido Nesti was born in São Paulo in 1971. He started drawing rather early –first on the walls of his bedroom, with the full consent of his artist parents. His professional career started in the late 80s, when he developed animations for TV commercials. After a few years working in advertising agencies and playing rock'n'roll in nightclubs, he decided to move to illustration, art painting and cartoons. He collaborated with many books and magazines, including *Cybercomix*, and is one of the authors of *Heroína*, a highly praised and awarded magazine.





The Raven in comics

Edgar Allan Poe

Adapted by Luciano Irrthum
48 p. 20,5 x 27 cm 4 colors
ISBN 978-85-7596-168-1

Recommended to: proficient young and adult readers
Featured themes: reality, imagination, utopia, behavior
Transversal topics: ethics

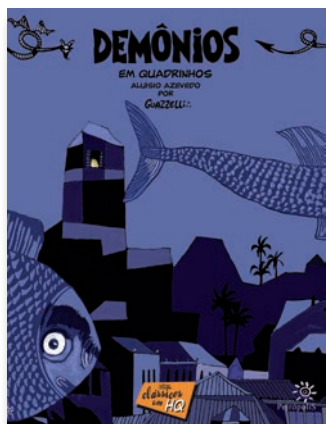


In 2009, amid celebrations of the 200th anniversary of American writer Edgar Allan Poe's birth, his famous poem *The Raven* was released as a graphic novel. First published in 1945 by a mature Poe, and close to his untimely death at 40 years of age, this poem was widely praised for its musical pace and metaphysical content, being translated by such literary stars as Baudelaire, Mallarmé, Fernando Pessoa and Machado de Assis. In this version of "Classics in comics", *The Raven* was shaped by the hands of cartoonist Luciano Irrthum, who expresses his reverence for Poe's work through the lyrical strength and vigor of his drawings.

Edgar Allan Poe (1809-1849) is recognized as one of the world's earliest practitioners of the science fiction and fantastic genres. Born in Boston to actor parents, he was raised by the well-to-do Allan family after the death of his mother. Poe wrote poems, short stories and novels, influencing a number of important authors such as Baudelaire, Maupassant and Dostoyevsky. Regarded as a masterpiece, this poem gave Poe the success and fame he had sought by writing and publishing prose, inspiring the admiration of his most notable peers throughout the centuries.

Luciano Irrthum was born in Belo Horizonte, where he graduated in Graphic Design at the Federal University of Minas Gerais. He works as an illustrator, cartoonist and artist, publishing his comics and drawings in independent magazines such as *Grafitti 76% Quadrinhos*, *Legend* and *Front*, as well as in the newspaper *O Tempo*. Luciano has participated in several collective exhibitions in Brazil and abroad, as is also the author of the graphic novel *A comadre do Zé*, published by Grafitti.





Demônios in comics

Aluísio Azevedo

Adapted by Guazzelli

56 p. 20,5 x 27 cm

ISBN 978-85-7596-183-4

Recommended to: proficient young and adult readers

Featured themes: reality, imagination, utopia, behavior

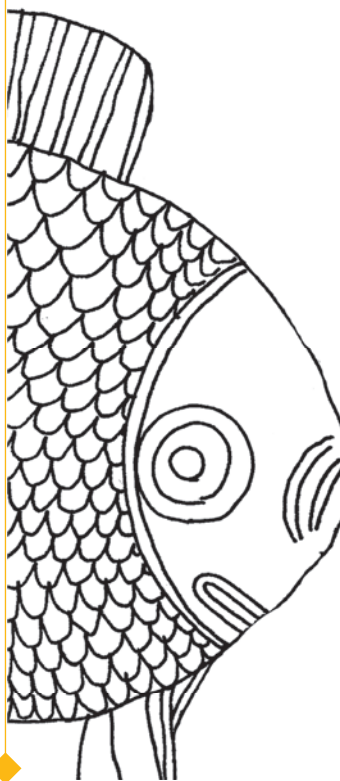
Transversal topics: ethics

- ★ Highly recommended by the National Foundation of Youth and Children Book (*Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil – FNLIJ*) –Youth/comics Category – 2011
- ★ Selected by FNLIJ to the 48th Bologna’s Children Book Fair – 2011
- ★ Short-listed to the Cartoon Mix Award (*Prêmio HQMix*) –Cartoon Adaptation Category – 2011

In the new title of the “Classics in comics” collection, the prized cartoonist Eloar Guazzelli transposes the short story *Demônios*, by Aluísio Azevedo, into the universe and language of comics. A long-term admirer of the fantastic genre, Guazzelli dived into the vast naturalist production of this renowned author to find a vigorous story that placed Azevedo as one of the earliest practitioners of the fantastic literature in Brazil. Guazzelli’s artful adaptation of *Demônios in comics* balances the tones and colors of the terrible night described by Azevedo, keeping the mystery and voice of the original text. And with his unmistakable style, Guazzelli brings to readers a little known masterpiece of this impressive Brazilian author.

Aluísio Azevedo is best known as a realist author of the classic novels *O mulato* (1881) and *O cortiço* (1890). He nevertheless exercised his craft in a range of esthetic genres, including the fantastic –and his short story *Demônios* is considered one of the first of its kind in Brazil.

Eloar Guazzelli was born in Vacaria, in the South of Brazil. Working as a cartoonist since the 1990s, he received a number of important awards, most notably at the Yomiuri International Cartoon Contest (1991) and at the *Salão Internacional de Piracicaba* in 1991, 1992 and 1994. He also received the HQMix Award in the New Artist Category. His works have been featured at *Fierro* and at *Lapiz Japones* in Argentina and at *Ojo Clínico* in Spain. In Brazil, he published the graphic novels *Túnel de letras e o rei de pedra* and *O primeiro dia*, among other books.





Auto da barca do inferno in comics

Gil Vicente

Gil Vicente

Adapted by Laudo Ferreira

56 p. 20,5 x 27 cm 4 colors

ISBN 978-85-7596-208-4

Recommended to: proficient young and adult readers

Featured themes: reality, imagination, utopia, behavior

Transversal topics: ethics

- ★ Selected to the Reading Room Program / State Secretariat for Education of São Paulo (*Programa Salas de Leitura / Secretaria de Estado da Educação de São Paulo*) – 2011.

In this graphic novel version of *Auto da barca do inferno in comics*, Laudo Ferreira dives into Gil Vicente's work to bring his characters to life. The social types created by the Portuguese author –the Gentleman, the Madam, the Priest, the Hangman, the Loan Shark, the Cobbler, the Fool, the Jew and the Justice Men –have become strangely modern in the cartoonist drawings, together with the timeless allegories of the Devil and the Angel. Readers are transported to Portuguese society around 1500, when Brazil was being colonized, enjoying Gil Vicente's perception of the times through his wit and sarcasm. This comics edition of the classical medieval story counted on the literary consulting of Maurício Soares Filho, literature professor, theater director and playwright, who has also staged Vicente's play with young students as actors. Omar Viñole, who has partnered with Laudo Ferreira in many of his works, is responsible for the book's cartoon coloring.



Laudo Ferreira started publishing his first comics in the early 80s. His many awards include the HQMix for the graphic novel *À meia-noite levarei sua alma* (1997) and the mini-series *Depois da meia-noite* (2008, together with colorist Omar Viñole), as well as the Ângelo Agostini Award as best cartoonist (2008 and 2009) and scriptwriter (2010). *Histórias do Clube da Esquina*, a series featuring his character Tianinha and the comics trilogy Yeshuah are among his best known works. Besides his own production, Laudo also works in advertising, publishing and events. He has a studio – Banda Desenhada –in partnership with Omar Viñole, who was responsible for the coloring and final version of the graphic novel *Auto da barca do inferno*.

To know more about Laudo and Omar's work, go to: <www.bandadesenhada.com.br>.

You may also visit Laudo Ferreira's blog: <<http://blog-mamao.blogspot.com/>>.

Gil Vicente. As Europe's chief playwright of his time, Gil Vicente's (c.1465-c.1536), wonderful talent and originality were duly recognized while he was alive. In his inventory of notable events of the 15th and 16th centuries, Garcia de Resende regarded Vicente's plays as some of the world's greatest wonders. Between 1502 and 1536, Gil Vicente wrote around 50 plays, including comedy and drama. The huge success of his works – which lasts until today –may be credited to his unique ability to observe and impersonate different social types, perfectly built and developed often based on tiny, albeit critical, elements.



Conto de escola in comics

Machado de Assis

Adapted by Silvano
52 p. 20,5 x 27 cm 4 colors
ISBN 978-85-7596-200-8

Recommended to: proficient young and adult readers
Featured themes: values, society, behavior
Transversal topics: ethics

- ★ Short-listed to the Cartoon Mix Award (Prêmio HQMix), in the Cartoon Adaptation Category – 2012
- ★ Listed as one of the 100 books not to be missed by teachers and parents to read with their students/children at the special edition of Nova Escola magazine.

An authoritarian father, a circumspect teacher, a fearful boy and his audacious and curious friend; a sunny street and a school at a time children were punished with rattan canes or ferules –these are the characters and scenarios of the famous “Conto de escola”, by Machado de Assis. Silvano, a profound admirer of Machado’s work, translated into images the elegance and wit of the original story. Including the integral text, Silvano counted on the valuable help of literature professor Maurício Soares Filho, who also writes the comic book’s foreword.

Machado de Assis was born in Rio de Janeiro to a slave mother at a time slavery still prevailed. Because of that, Harold Bloom, the American literary critic, considered him a true miracle of the Brazilian literature. Before achieving the respect of his peers as a writer, Machado worked first as a typographer and then as proof-reader. In 1873, he started working for the Ministry of Agriculture, where he stayed until retirement a few years before his death. He experimented with most genres, but was better known in fiction. *Memórias póstumas de Brás Cubas* (1881), initially published in chapters at a local newspaper, is considered to be the first novel of Brazilian realism, while *Dom Casmurro* is his most famous work.

Silvano was born in Recife, state of Pernambuco, graduating in Geography. After traveling around the most exotic parts of Brazil, he decided to devote himself to illustrations and comics, replacing the freedom of different sceneries for a four-walled studio. Since then, Silvano has been working for newspapers across the Northeast, national magazines and children, youth and didactic books.





La Divina Commedia in comics

Dante Alighieri

Adapted by Piero Bagnariol and Giuseppe Bagnariol

72 p. 20,5 x 27 cm 4 colors

ISBN 978-85-7596-229-9

Recommended to: proficient young and adult readers

Featured themes: reality, imagination, utopia, behavior

Transversal topics: ethics

La Divina Commedia in comics transposes into graphic novel the epic religious poem of Dante Alighieri. Through the watercolors of Piero Bagnariol, this classic of Italian literature is seen from a new perspective – an impressive translation into images of one of the greatest works of the world’s literature and a rich source of medieval allegories and cosmovision, depicted by masters such as Botticelli, Doré and Dali. While dedicating his time to the iconographic research, Piero counted on the expertise of his father, Giuseppe Bagnariol, to develop scripts that would link the original parts of the text. The parts selected to be featured in this book were chosen by them with support from Maria Teresa Arrigoni, who specializes in Dante’s work. She also helped them choose the translations into Portuguese to be used: Jorge Wanderley’s for the Inferno, Haroldo de Campos’ for the Paradise, and Henriqueta Lisboa’s for the Purgatory. Exceptional talent and effort have been put together to bring readers the best version of *La Divina Commedia* in every sense. Piero and Giuseppe Bagnariol have also created a blog to share with readers all the research they have done in order to prepare for this book. To access it, go to: <http://divinacomediahq.blogspot.com/>.

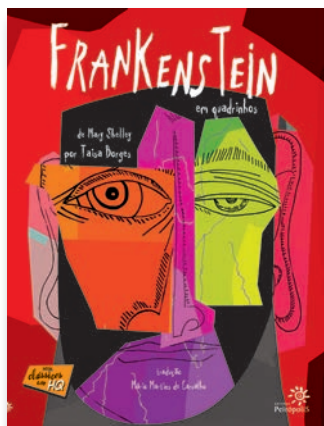
*Henriqueta Lisboa’s rights are represented by Editora Peirópolis.

Dante Alighieri (Florence, 1265 – Ravenna, 1321) was born in a family of the Italian low-caste nobility. His first work of some importance was *Vita Nuova*, dedicated to his childhood love Beatriz, who would later become a character in *La Divina Commedia*. His public life was rather intense, resulting in an exile during which he wrote in Latin *De Vulgari Eloquentia*, defending the use

of the emerging Italian language, and in *volgare italiano Convivio*, compiling the knowledge of that time. It is assumed that he started writing the *Commedia* around 1306-1307. A few years later (1313-14) he wrote in Latin *Monarchia*, a paper in which he defended the total separation between Church and State. The *Commedia* took 14 years to be written, which he did until his death.

Piero Bagnariol and Giuseppe Bagnariol – Piero Bagnariol was born in Italy and came to Brazil in 1992, at the age of 20. Cartoonist and graffiti artist, he is one of the magazine *Graffiti 76% Comics* founders, which he’s been editing since 1995. He’s also the author of the graphic novel *Um dia uma morte*, based on the script of Fabiano Barroso. Together with Barroso and other writers, he has published the *Illustrated Guide of Graffiti and Comics*. In partnership with his father, Giuseppe Bagnariol, a doctor highly knowledgeable about *La Divina Commedia*, he has taken on the challenge to transpose Dante’s masterpiece into comics.





Frankenstein in comics

Mary Shelley

Adapted by Taisa Borges
56 p. 20,5 x 27 cm 4 colors
ISBN 978-85-7596-251-0

Recommended to: proficient young and adult readers

Featured themes: relation between science and nature, scientific challenges, friendship, family, fear

Transversal topics: ethics

- ★ Selected to the National Program of School Libraries (*Programa Nacional Biblioteca na Escola – PNBE*) – 2013

In this comics version of Mary Shelley's novel, the impressive journey of Victor Frankenstein is pictured through delicate and yet powerful images to ensure the underlying themes that pervade the story are fully captured: the contradictions between science and the mysteries of nature, the longing for greatness in contrast with an uneventful domestic life, and the difficulties in accepting those radically different from us.

Mary Shelley (1797-1851) was born in London to Mary Wollstonecraft –one of the first militant feminists, who died only 10 days after giving birth to her –and to William Godwin, an illustrious philosopher of illuminist ideas, who raised his daughter alone. At 19, she married the poet Percy Bysshe Shelley after the suicide of his first wife. Mary's life was difficult and full of setbacks –including the premature death of three of her four children and the untimely death of her 30-year-old husband –and in itself would be valuable material for a romantic novel. And it was as a romantic author that she became famous, soon after the release of *Frankenstein*, her first and best known novel, published in 1818 when she was only 21 years old.

Taisa Borges is an artist who studied in Paris at the *École des Beaux-Arts* and in the fashion institute *Studio Berçot*. She authored four books recreating fairy tales through images alone, among which *The Emperor and the Nightingale*, elected the "Best Image Book of 2005" by FNLIJ. Taisa also illustrates works from different contemporary Brazilian authors such as José Arrabal and Elias José. In 2012, she made her *entrée* in the comics arena with the release of *Frankenstein in comics*.





I-Juca Pirama in comics

Gonçalves Dias

Adapted by Silvino
48 p. 20,5 x 27 cm 4 colors
ISBN 978-85-7596-295-4

Recommended to: proficient young and adult readers
Featured themes: reality, imagination, utopia, behavior
Transversal topics: ethics

One of the most renowned indigenous poems of Brazilian romanticism – “I-Juca Pirama”, by Gonçalves Dias – has been turned into a graphic novel. Originally published in 1851, the ten sonnets of this poem tell the story of “I-Juca Pirama”, the mighty warrior of the Tupi indian tribe, who was captured by the rival indian tribe of Timbiras. In this story, “I-Juca Pirama”, or “the one who shall be killed” in Tupi language, after finishing the ritual of singing his death song before being sacrificed and eaten by his enemies, asked to be spared so he could take care of his sick father. His request was perceived as cowardice, and he was released. From then on, he embarked on a quest to prove his courage so he could recover the honor he had lost. In this beautiful book, Silvino excelled in his choice of colors, texture and atmosphere. Maurício Soares Filho’s contribution to the script helped bring to the younger generations a fresh perspective on this romantic classic, which expresses the rigid ethical code of such a special people.

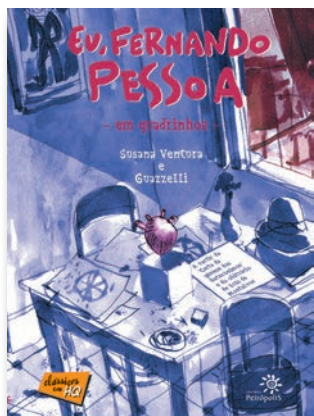
Born in the state of Maranhão, **Antônio Gonçalves Dias (1823-1864)** was the son of a Portuguese tradesman and a mulatta. His contact with his biological mother was brief, as his father left her taking his son with him. After his father died, his stepmother helped him fulfill his dream of studying in Coimbra. While in Portugal, he needed the support of his peers to finish his Law studies, and came in contact with the first generation of Portuguese romantics, which would greatly influence his poems later on.

Upon his return to Brazil, he settled in Rio de Janeiro, where he taught Latin and History, as well as took part in the launching of the *Guanabara* magazine. Appointed as officer of the Secretariat for Foreign Affairs, he re-

turned to Europe for study and research assignments. He later conducted the same activities in Brazil as head of the Commission for Scientific Exploration, travelling along the rivers Madeira and Negro. These journeys resulted in the *Dictionary of the Tupi Language*, showing his knowledge of and involvement with the indian culture.

His poetic *Primeiros cantos* (1847) were highly praised by Alexandre Herculano. “I-Juca Pirama” is part of the *Últimos cantos*, published in 1850. His works were published in Germany, including the Dictionary. His most popular poem – “Canção do exílio” – was written during a trip to Coimbra in 1862. Gonçalves Dias died two years later at 41 years old during a shipwreck near the coast of the state of Maranhão.

Silvino was born in Recife, state of Pernambuco, graduating in Geography. After traveling around the most exotic parts of Brazil, he decided to devote himself to illustrations and comics, replacing the freedom of different sceneries for a four-walled studio. Since then, Silvino has been working for newspapers across the Northeast, national magazines and children, youth and didactic books: <www.laertesilvino.com.br>.



Eu, Fernando Pessoa in comics

Susana Ventura (script) and Guazzelli (art)

80 p. 20,5 x 27 cm

ISBN 978-85-7596-305-0

Recommended to: young and adult readers

Featured themes: codes and languages, literary creation, Pessoa's heteronyms, Pessoa's work and biography, epistolography, life in urban Europe in the 30s

Transversal topics: ethics, cultural pluralism.

In this album in the collection of "Classics in comics", the poet Fernando Pessoa is depicted through his works and a letter to his friend João Gaspar Simões in which he explained the creation and life of his main heteronyms –Alberto Caeiro, Ricardo Reis and Álvaro de Campos –and his semi-heteronym Bernardo Soares. Susana Ventura was responsible for the writing and script based on historical documents (i.e., letters and obituaries from period newspapers), which were then wonderfully transposed into visual format by Guazzelli.

Eloar Guazzelli was born in Vacaria, in the South of Brazil. Working as a cartoonist since the 1990s, he received a number of important awards, most notably at the Yomiuri International Cartoon Contest (1991) and at the *Salão Internacional de Piracicaba* in 1991, 1992 and 1994. He also received the HQMix Award in the New Artist Category. His works have been featured at *Fierro* and at *Lapiz Japones* in Argentina and at *Ojo Clínico* in Spain. In Brazil, he published the graphic novels *Túnel de letras e o rei de pedra* and *O primeiro dia*, among other books. He also published at Peirópolis the graphic novel *Demônios in comics*, a transposition into comics of the fantastic short story by Aluísio Azevedo.

Susana Ventura has a PhD in Comparative Studies of Portuguese Language Literature by the University of São Paulo (USP). As a teacher and researcher, she has worked in different universities, not only in Brazil, but also in Portugal and France, with special ties to the *Núcleo de Estudos Ibéricos* (USP, Brazil) and to the *Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas e Europeias* (University of Lisbon, Portugal). She has also worked with actors, musicians, graffiti artists and other players of the artistic scene to disseminate literature to broader audiences. Susana worked as a consultant to the Ministry of Culture (*Programa Mais Cultural/ MinC – 2008*) as curator of several exhibitions and projects (*Linguaviagem*, in 2010, at Itamaraty/Museu da Língua Portuguesa, and Sesc-SP), and organizer of important literary events – more notably the *I Jornada Luso-Brasileira de Literatura para Crianças e Jovens* (Lisbon, 2010) and *Colóquio Internacional de Literaturas de Língua Portuguesa para Crianças e Jovens* (Lisbon, 2011).



A mão e a luva in comics

Machado de Assis

Alex Mir (script) and Alex Genaro (art)

64 p. 20,5 x 27 cm

ISBN 978-85-7596-307-4

Recommended to: young and adult readers

Featured themes: values, society, status quo, love relations, life, death

Transversal topics: ethics

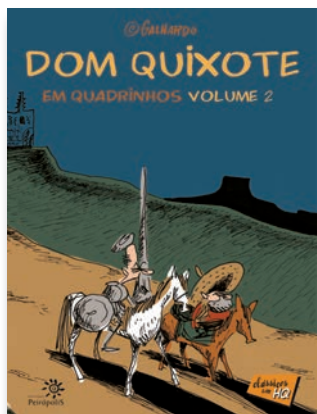
Orphaned and having the rich Baroness as god-mother, the clever and strong Guiomar and her three suitors are the leading characters of *A mão e a luva* (1874), an early novel by Machado de Assis. Focusing on the themes of ambition and social climbing in the strict class system of the *bourgeoisie*, readers dwell on who Guiomar will choose for a husband, who will “fit her like a glove”. Written to be published in chapters of even length and balanced structure, the story develops gradually to reach its climax and closing. The same resources are transposed to this graphic novel version, visually conceived to bring to readers the very feeling of a time long gone.

Machado de Assis was born in Rio de Janeiro to a slave mother at a time slavery still prevailed. Because of that, Harold Bloom, the American literary critic, considered him a true miracle of the Brazilian literature. Before achieving the respect of his peers as a writer, Machado worked first as a typographer and then as proof-reader. In 1873, he started working for the Ministry of Agriculture, where he stayed until retirement a few years before his death. He experimented with most genres, but was better known in fiction. *Memórias póstumas de Brás Cubas* (1881), initially published in chapters at a local newspaper, is considered to be the first novel of Brazilian realism, while *Dom Casmurro* is his most famous work.

Born on September 6, 1975 in São Bernardo do Campo, São Paulo, **Alex Mir** is a writer, scriptwriter and editor. His first works include the independent publications *Defensores da pátria* and *Tempestade cerebral*, where he worked both as scriptwriter and editor. His cartoons have been published in several magazines –i.e., *Subver-*

os, *Lorde Kramus*, *Orixás*, *Almanaque gótico*, *Prismarte*, *4º Mundo* –and in books such as *Prática de escrita – Histórias em Quadrinhos*, *Quadrinhos em História* and *Imaginários HQ*. He has developed the script for the cartoon albums *O Mistério da mula sem cabeça* and *Orixás –do orum ao ayê*, the latter being shortlisted for the PNBE 2013. He was awarded the HQMix Award 2010 in the New Scriptwriters category. As a writer, his short stories have been published in several books, including *Draculea II*, *UFO –Contos não identificados*, *Asgard – a saga dos nove reinos*, *Tratado secreto de magia*, *Moedas para o barqueiro*, *Zumbis –será que eles estão mortos?*, *O Grimoire dos vampiros*, *Metamorfose – A fúria dos lobisomens*, *Marcas na parede*, *Dias contados II e III*, *Quimera – contos fantásticos e Histórias liliputi-anas*. Alex enjoys writing while listening to rock’n’roll, as well as watching movies and reading horror stories and thrillers. He now lives in the city of Mauá, in the state of São Paulo, with his wife and daughter.

Alex Genaro is the illustrator of RPG books *Maytreia* and *Rebelião – Ascensão e queda* (Daemon Publishing). He collaborates with several magazines, including *Coquetel* (Ediouro Publishing), and some of his work has been featured in independent magazines such as *Escrebas do inferno*, *Impacto*, *Tempestade cerebral* and *Lorde Kramus*.



Don Quijote in comics volume 2

Miguel de Cervantes

Translated by Sérgio Molina

Adapted by Caco Galhardo

? p. 20,5 x 27 cm 4 colors

ISBN 978-85-7596-312-8 [In press]

Recommended to: proficient young and adult readers

Featured themes: reality, imagination, utopia, behavior

Transversal topics: ethics

Cartoonist Caco Galhardo once more lends his humorous style to picture Cervantes' classic work. While the first graphic novel focused on the transformation of the peaceful gentleman into a knight-errant, following some of his adventures, this second album is centered on the insane and desperate mission of saving Dulcinea, who had been at the mercy of evil wizards. Along this master plot, Galhardo illustrates other adventures to complement the adaptation showed in the first volume of *Don Quijote* released in 2005.

Miguel de Cervantes Saavedra (1547-1616) was born in Spain, and is regarded as one of the greatest writers, poets, and playwrights of all times. His classic work *El ingenioso hidalgo Don Quijote de La Mancha* (The Ingenious Gentleman Don Quixote of la Mancha), satirizing chivalry novels, was first published in 1605, and has since been considered the founding work of modern Western literature. Cervantes also published *Exemplary Novels* (1613), a series of 12 short stories, and the second part of *Don Quijote* (1615).

Caco Galhardo is a cartoonist, with daily strips published by the newspaper *Folha de S. Paulo*, and some characters featured in animations of the Cartoon Network. He has published four books, including the first volume of *Don Quijote in comics*, which was listed as "Highly Recommended" by the National Foundation of Youth and Children Book (FNLIJ) in the Youth Translation/Adaptation Category in 2005, and *Crêsh!*, his first book dedicated to children.



Copyright© 2013 das imagens: Caco Galhardo, Fido Nesti, Luciano Irrthum, Luana Geiger, Rom Freire, Dinei, Daniel Gisé, Piero Bagnariol, Caeto, Eloar Guazzelli, Alex Genaro, Laerte Silvino, Taisa Borges, Laudo Ferreira.

Esta publica o tem distribu o gratuita e, por acordo com os autores, não pode ser comercializada. Todos os direitos estão reservados. Nenhuma parte desse volume pode ser reproduzida sem a autoriza o da Editora Peirópolis.

Equipe de produ o deste volume

Editora Renata Farhat Borges
Editora assistente Lilian Scutti
Projeto gráfico Alexandra Abdala
Entrevistas e colabora o Susana Ventura
Capa e diagrama o Tereza Kikuchi
Revisão Mineo Takatama
Ana Luíza Couto

Dados Internacionais de Cataloga o na Publica o (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Clássicos em HQ / organizado por Renata Farhat Borges.
– São Paulo: Peirópolis, 2013.
il., color.

ISBN: 978-85-7596-323-4

1. Histórias em quadrinhos 2. Borges, Renata Farhat.
13-0636 CDD 741.5

 ndices para catálogo sistemático:

1. Histórias em quadrinhos



Editora Peirópolis Ltda.
Rua Girassol, 128 – Vila Madalena
05433-000 – São Paulo – SP
tel.: (11) 3816-0699 | fax: (11) 3816-6718
vendas@editorapeiropolis.com.br
www.editorapeiropolis.com.br